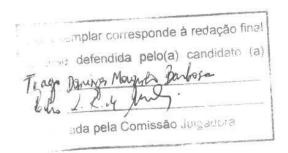


## UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

#### INSTITUTO DE BIOLOGIA

#### Tiago Domingos Mouzinho Barbosa

# "A família Lauraceae Juss. no município de Santa Teresa, Espírito Santo"



Dissertação apresentada ao Instituto de Biologia para obtenção do Título de Mestre em Biologia Vegetal.

Orientador(a): Prof. Dr. Pedro Luís Rodrigues de Moraes

Campinas, 2009

#### FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE BIOLOGIA – UNICAMP

B234f

Barbosa, Tiago Domingos Mouzinho

A família *Lauraceae* Juss. no município de Santa Teresa, Espírito Santo / Tiago Domingos Mouzinho Barbosa. – Campinas, SP: [s.n.], 2009.

Orientador: Pedro Luís Rodrigues de Moraes. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Biologia.

Lauraceae.
 Florística.
 Santa Teresa, ES. I.
 Moraes, Pedro Luís Rodrigues de. II. Universidade
 Estadual de Campinas. Instituto de Biologia. III. Título.

(rcdt/ib)

**Título em inglês:** The *Lauraceae* Juss. family in the municipality of Santa Teresa, Espírito Santo.

Palavras-chave em inglês: Lauraceae; Floristic; Santa Teresa, ES, Brazil.

Área de concentração: Biologia Vegetal.

Titulação: Mestre em Biologia Vegetal.

Banca examinadora: Pedro Luís Rodrigues de Moraes, João Semir, João Batista Baitello.

Data da defesa: 03/06/2009.

Programa de Pós-Graduação: Biologia Vegetal.

#### BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pedro Luís Rodrigues de Moraes (Orientador)	Kales L. K. Che lund. Assinatura
Profa. Dr. João Semir	Assinatura
Prof. Dr. João Batista Baitello	João Semya Assinatura
Prof(a). Dr(a) . Luiza Sumiko Kinoshita	Assinatura
Prof(a). Dr(a) . Marcos Eduardo Guerra Sobral	Assin atu ra

...e o nome que o homem desse a cada ser vivo, esse seria o seu nome.

Gn 2: 19

#### **Agradecimentos**

A Deus, o alicerce sobre o qual construo minha vida, que me deu paz e força em todos os momentos.

Ao Dr. Pedro Luís Rodrigues de Moraes, excelente orientador, paciente, que me ensinou a trabalhar e também não só o que hoje sei sobre as lauráceas, mas grande parte do que sei sobre pesquisa. Desde a Iniciação Científica e até agora grande amigo e conselheiro.

Aos membros da pré-banca e banca: Dr. João Batista Baitello, Dra. Luíza Sumiko Kinoshita, Dr. João Semir e Dr. Marcos Eduardo Guerra Sobral, pela leitura do manuscrito e pelas valiosas sugestões que enriqueceram sobremaneira este trabalho.

Aos professores e funcionários do Departamento de Botânica, amigos presentes no dia-a-dia, pela participação em minha formação acadêmica.

Ao Dr. Pedro Luís Rodrigues de Moraes, Dr. João Batista Baitello, Dr. Alexandre Quinet, doutorando Flávio Macedo Alves e doutorando Leandro Assis, meus amigos especialistas em Lauraceae pelos conselhos, sugestões e contribuições que tanto ajudaram na construção deste trabalho.

Aos meus amigos de Pós-Graduação do Departamento de Botânica da UNICAMP, que tanto contribuíram com sugestões para o trabalho, e descontrações nos momentos cansaço.

A toda minha família......não tenho palavras para agradecer, nem acho que a língua portuguesa tenha ferramentas suficientes para isso. Só o que posso dizer é que amo todos.

Ao Dr. Marcos Eduardo Guerra Sobral e à doutoranda Karina Fidanza que gentilmente me cederam suas teses para que pudesse usar como modelo.

À FAPESP, pelo apoio financeiro.

A todos do Museu de Biologia Mello Leitão: Hélio, Rosenberg, Ludovic e Rose; André e Clara; Kaio, Teresinha e muitos outros, sem eles este trabalho se quer teria sido imaginado, nem tão pouco começado e muito menos concluído.

Á minha família que tanto me amou e incentivou para que este trabalho fosse construído e á meu Pai do céu que me capacitou.

# Sumário

Abstract	 11
Resumo	 12
Introdução	 14
Material e Métodos	 18
Área de Estudo	 18
Metodologia	 23
Resultados e Discussão	 25
Lauraceae Juss.	 25
Chave de identificação dos gêneros	 27
Descrição dos gêneros e das espécies	 29
Índice dos coletores	 140
Lista de materiais coletados em Santa Teresa não examinados neste trabalho	 146
Referências Bibliográficas	 148
Ilustrações	 154

# Índice dos táxons

Aiouea laevis (Mart.) Kosterm.	30
Aiouea saligna Meisn.	31
Aniba firmula (Nees & Mart.) Mez	33
Beilschmiedia fluminensis Kosterm.	35
Beislchmiedia linharensis Sa. Nishida & van der Werff	36
Beislchmiedia taubertiana (Schwacke & Mez) Kosterm.	37
Cinnamomum estrellensis (Meisn.) Kosterm.	39
Cinnamomum glaziovii (Mez) Kosterm.	41
Cinnamomum riedelianum Kosterm.	42
Cinnamomum sp. 1	43
Cinnamomum sp. 2	44
Cryptocarya aschersoniana Mez	47
Cryptocarya micrantha Meisn.	49
Cryptocarya riedeliana P.L.R. Moraes	50
Cryptocarya saligna Mez	51
Cryptocarya velloziana P.L.R. Moraes	53
Cryptocarya wiedensis P.L.R. Moraes	54
Endlicheria paniculata (Spreng.) J.F. Macbr.	56
Licaria bahiana Kurz	60
Licaria sp. 1	61
Mezilaurus aff. itauba (Meisn.) Taubert ex Mez	63
Nectandra grandiflora Nees & Mart.	65
Nectandra membranacea (Sw.) Griseb.	66
Nectandra nitidula Nees & Mart.	68
Nectandra oppositifolia Nees & Mart.	69

Nectandra psammophila Nees & Mart.	71
Ocotea aciphylla (Nees & Mart.) Mez	. 77
Ocotea argentea Mez	79
Ocotea aff. bicolor Vattimo-Gil	. 80
Ocotea brachybotra Mez	81
Ocotea catharinensis Mez	. 82
Ocotea complicata (Meisn.) Mez	. 84
Ocotea cryptocarpa Baitello	. 85
Ocotea daphnifolia (Meisn.) Mez	. 87
Ocotea dispersa (Nees & Mart.) Mez	. 89
Ocotea divaricata (Nees) Mez	. 90
Ocotea domatiata Mez in Taubert	92
Ocotea elegans Mez	. 93
Ocotea glauca (Nees) Mez	. 95
Ocotea glaziovii Mez	96
Ocotea indecora (Schott) Mez	. 98
Ocotea lancifolia (Schott) Mez	. 99
Ocotea longifolia Kunth	101
Ocotea magnilimba Kosterm.	102
Ocotea nitida (Meisn.) Rohwer	103
Ocotea odorata (Meisn.) Mez	105
Ocotea odorifera (Vell.) Rohwer	106
Ocotea pluridomatiata A. Quinet	108
Ocotea polyantha (Nees) Mez	109
Ocotea puberula (Rich.) Nees	110
Ocotea silvestris Vattimo-Gil	111
Ocotea spectabilis (Meisn.) Mez	113

Ocotea spixiana (Nees) Mez	114
Ocotea teleiandra (Meisn.) Mez	116
Ocotea aff. velutina (Nees) Rohwer	117
Ocotea venulosa (Nees) Baitello	118
Ocotea sp. 1	120
Ocotea sp. 2	121
Ocotea sp. 3	122
Ocotea sp. 4	123
Ocotea sp. 5	124
Ocotea sp. 6	125
Ocotea sp. 7	126
Ocotea sp. 8	127
Ocotea sp. 9	127
Persea alba Nees & Mart.	130
Persea caesia Meisn.	131
Persea major (Meisn.) L.E. Kopp	132
Persea rufotomentosa Nees & Mart.	133
Persea sp. 1	134
Phyllostemonodaphne geminiflora (Mez) Kosterm.	135
Rhodostemonodaphne macrocalyx (Meisn.) Rohwer ex Madriñán	136
Williamodendron cinnamomeum van der Werff	138

# Índice das figuras

Figura 1: Placa na entrada da cidade de Santa Teresa	13
Figura2: Localização de Santa Teresa. Escala: 1000 km (Sobral 2007)	21
Figura 3: Santa Teresa, vista da ValsuganaVelha	22
Figura 4: Aiouea laevis (Mart.) Kosterm.	155
Figura 5: Aiouea saligna Meisn.	156
Figura 6: Aniba firmula (Nees & Mart.) Mez	157
Figura 7: Beilschmiedia fluminensis Kosterm.	158
Figura 8: Beislchmiedia linharensis Sa. Nishida & van der Werff	159
Figura 9: Beislchmiedia taubertiana (Schwacke & Mez) Kosterm.	160
Figura 10: Cinnamomum estrellensis (Meisn.) Kosterm.	161
Figura 11: Cinnamomum glaziovii (Mez) Kosterm.	162
Figura 12: Cinnamomum riedelianum Kosterm.	163
Figura 13: Cinnamomum sp. 1	164
Figura 14: Cinnamomum sp. 2	165
Figura 15: Cryptocarya aschersoniana Mez	166
Figura 16: Cryptocarya micrantha Meisn.	167
Figura 17: Cryptocarya riedeliana P.L.R. Moraes	168
Figura 18: Cryptocarya saligna Mez	169
Figura 19: Cryptocarya velloziana P.L.R. Moraes	170
Figura 20: Cryptocarya wiedensis P.L.R. Moraes	171
Figura 21: Endlicheria paniculata (Spreng.) J.F. Macbr.	172
Figura 22: Licaria bahiana Kurz	173
Figura 23: Licaria sp. 1	174
Figura 24: Mezilaurus aff. itauba (Meisn.) Taubert ex Mez	175
Figura 25: Nectandra grandiflora Nees & Mart.	176
Figura 26: Nectandra membranacea (Sw.) Griseb.	177
Figura 27: Nectandra nitidula Nees & Mart.	178
Figura 28: Nectandra oppositifolia Nees & Mart.	179

Figura 29: Nectandra psammophila Nees & Mart.	. 180
Figura 30: Ocotea aciphylla (Nees & Mart.) Mez	181
Figura 31: Ocotea argentea Mez	182
Figura 32: Ocotea aff. bicolor Vattimo-Gil	183
Figura 33: Ocotea brachybotrya Mez	184
Figura 34: Ocotea catharinensis Mez	185
Figura 35: Ocotea complicata (Meisn.) Mez	186
Figura 36: Ocotea cryptocarpa Baitello	187
Figura 37: Ocotea daphnifolia (Meisn.) Mez	188
Figura 38: Ocotea dispersa (Nees & Mart.) Mez	189
Figura 39: Ocotea divaricata (Nees) Mez	190
Figura 40: Ocotea domatiata Mez in Taubert	191
Figura 41: Ocotea elegans Mez	192
Figura 42: Ocotea glauca (Nees) Mez	193
Figura 43: Ocotea glaziovii Mez	194
Figura 44: Ocotea indecora (Schott) Mez	195
Figura 45: Ocotea lancifolia (Schott) Mez	196
Figura 46: Ocotea longifolia Kunth	197
Figura 47: Ocotea magnilimba Kosterm.	198
Figura 48: Ocotea nitida (Meisn.) Rohwer	199
Figura 49: Ocotea odorata (Meisn.) Mez	200
Figura 50: Ocotea odorifera (Vell.) Rohwer	201
Figura 51: Ocotea pluridomatiata A. Quinet	202
Figura 52: Ocotea polyantha (Nees) Mez	203
Figura 53: Ocotea puberula (Rich.) Nees	204
Figura 54: Ocotea silvestris Vattimo-Gil	205
Figura 55: Ocotea spectabilis (Meisn.) Mez	206
Figura 56: Ocotea spixiana (Nees) Mez	207
Figura 57: Ocotea teleiandra (Meisn.) Mez	208
Figura 58: Ocotea aff. velutina (Nees) Rohwer	. 209

Figura 59: Ocotea venulosa (Nees) Baitello	210
Figura 60: Ocotea sp. 1	211
Figura 61: Ocotea sp. 2	212
Figura 62: Ocotea sp. 3	213
Figura 63: Ocotea sp. 4	214
Figura 64: Ocotea sp. 5	215
Figura 65: Ocotea sp. 6	216
Figura 66: Ocotea sp. 7	217
Figura 67: Ocotea sp. 8	218
Figura 68: Ocotea sp. 9	219
Figura 69: Persea alba Nees & Mart.	220
Figura 70: Persea caesia Meisn.	221
Figura 71: Persea major (Mesin.) L.E. Kopp	222
Figura 72: Persea rufotomentosa Nees & Mart.	223
Figura 73: Persea sp. 1	224
Figura 74: Phyllostemonodaphne geminiflora (Mez) Kosterm.	225
<b>Figura 75:</b> <i>Rhodostemonodaphne macrocalyx</i> (Meisn.) Rohwer ex Madriñán	226
Figura 76: Williamodendron cinnamomeum van der Werff	227

#### **Abstract**

This study provides a taxonomic study of the species of the family Lauraceae from the municipality of Santa Teresa, located in central part of the Espírito Santo state in the Atlantic Forest biome. A total of 73 species belonging to 14 genera - 56 species identified at specific level, four more as *affinis*, and 13 as morphospecies not yet recognized, were described based on the complete collection of the family deposited in the herbarium MBML with about 680 vouchers: *Aiouea* (2 spp.), *Aniba* (1 sp.), *Beilschmiedia* (3 spp.), *Cinnamomum* (5 spp.), *Cryptocarya* (6 spp.), *Endlicheria* (1 sp.), *Licaria* (2 spp.), *Mezilaurus* (1 sp.), *Nectandra* (5 spp.), *Ocotea* (39 spp.), *Persea* (5 spp.), *Phyllostemonodaphne* (1 sp.), *Rhodostemonodaphne* (1 sp.) and *Williamodendron* (1 sp.). In addition to species description, dichotomous keys to identify genera and species, comments on the morphology, taxonomy, geographical range, phenology, use, vernacular names, and photographs of the species are provided.

#### Resumo

Como resultado do estudo taxonômico das espécies da família Lauraceae procedentes do município de Santa Teresa, localizado na meso região Central Espírito-Santense, estado do Espírito Santo, dentro do bioma da floresta atlântica, foram descritas, a partir da coleção completa de Lauraceae do herbário MBML, com cerca de 682 exsicatas, 73 espécies - 56 espécies identificadas em nível específico, mais quatro como *affinis*, e 13 como morfo-espécies ainda não reconhecidas -, pertencentes a 14 gêneros: *Aiouea* (duas espécies), *Aniba* (uma espécie), *Beilschmiedia* (três espécies), *Cinnamomum* (cinco espécies), *Cryptocarya* (seis espécies), *Endlicheria* (uma espécie), *Licaria* (duas espécies), *Mezilaurus* (uma espécie), *Nectandra* (cinco espécies), *Ocotea* (39 espécies), *Persea* (cinco espécies) e *Phyllostemonodaphne*, *Rhodostemonodaphne* e *Williamodendron* com uma espécie cada. Além da descrição das espécies, são apresentadas chaves dicotômicas para identificação de gêneros e espécies, discussões e comentários sobre morfologia, taxonomia, distribuição geográfica, dados fenológicos, usos e nomes populares, bem como fotografias das espécies.



Figura 1. Placa na entrada da cidade de Santa Teresa.

#### 1. Introdução

As florestas úmidas tropicais ocupam 7% da superfície da terra e são considerados os ambientes mais ricos em biodiversidade (Myers *et al.* 2000). Quando a floresta tropical é destruída, a perda em termos de biodiversidade, complexidade e originalidade não é apenas maior que a de outros ecossistemas: é incalculável (Dean, 1996).

O complexo de florestas chamado Mata Atlântica brasileira estendia-se entre 08 e 28° de latitude sul, interiorizava-se a cerca de cem quilômetros da costa norte e alargava-se a mais de quinhentos quilômetros no sul. No total, a floresta cobria cerca de 1 milhão de quilômetros quadrados. A Mata Atlântica era em si mesma de uma diversidade extraordinária e continha um número impressionante de espécies endêmicas (Dean, 1996). Atualmente restam apenas de 7 a 8% da floresta original, distribuídos em fragmentos bastante dispersos (Galindo-Leal & Câmara, 2005).

No estado do Espírito Santo restam 30,28% (1.398.435 ha) de remanescentes florestais (Fundação SOS Mata Atlântica, 2002). Com exceção do Parque Nacional do Caparaó e da Reserva Biológica do Sooretama, que são duas grandes áreas protegidas sob a forma de unidades de conservação. Os demais remanescentes florestais no estado, de uma maneira geral, caracterizam-se por pequenos fragmentos. Estes fragmentos estão mais concentrados em regiões específicas, como a Serra das Torres, as regiões serranas de Domingos Martins e a de Santa Teresa (IPEMA, 2005). Nesta última, encontra-se o município de Santa Teresa onde foram coletadas as Lauraceae foco do presente estudo.

Apesar de ter perdido grande parte de seus ecossistemas originais, o estado tem um número grande de unidades de conservação, se comparado ao da maioria dos estados brasileiros (Fundação SOS Mata Atlântica, 1998). Entretanto, de acordo com Mendes & Padovan (2000), a maioria dessas unidades são pequenas para a preservação dos processos ecológicos naturais.

Na região serrana de Santa Teresa destacam-se a Reserva Biológica Augusto Ruschi e a Estação Biológica de Santa Lúcia, que representam zonas de grande importância biológica, cuja diversidade de espécies arbóreas constitui uma das maiores do mundo de acordo com Mendes & Padovan (2000) e Thomaz & Monteiro (1997). Essa grande diversidade fez com que Santa Teresa fosse considerada, na avaliação da Conservation International do Brasil *et al.* (2000), como área de extrema importância biológica. Ainda na região merece destaque um conjunto de pequenos e médios fragmentos florestais ricos em espécies raras, endêmicas e ameaçadas, que se distribuem pelos municípios vizinhos de Santa Maria de Jetibá e Santa Leopoldina. São fragmentos que conectam, parcialmente, as Unidades de Conservação de Santa Teresa com a Reserva Biológica

de Duas Bocas, em Cariacica, a APA de Goipaba-Açu em Fundão e a APA de Mestre Álvaro, na Serra (IPEMA, 2005).

Lauraceae é uma família com distribuição, principalmente, pantropical, embora algumas espécies sejam restritas às regiões subtropicais e poucas alcançam latitudes temperadas (Madriñan, 2004). Atualmente, de acordo com a APG II (2003), Lauraceae pertence à ordem Laurales que, em associação com Canellales, Piperales e Magnoliales, formam a Superordem Magnoliidae. A família é composta por ca. 52 gêneros, com 2500 a 3000 espécies de arbustos e árvores, com exceção de espécies do gênero *Cassytha*, que são herbáceas parasitas (Rohwer, 1993a, 1993b; Moraes & Oliveira 2007). O número total de espécies é baseado na soma das espécies pertencentes a cada gênero. No entanto, a maioria dos gêneros (principalmente os maiores) não foi revisto nos últimos cem anos. A circunscrição genérica em Lauraceae é baseada na combinação de algumas poucas características, o que resulta em táxons politéticos (Madriñan, 2004). Desta forma, mesmo o número exato de gêneros é motivo de discussão entre os especialistas da família (Rohwer, 1993a, 1993b; van der Werff & Richter, 1996).

É no Brasil que se encontra a maior diversidade de espécies da família dos Neotrópicos (ca. 360 espécies conhecidas - número provavelmente subestimado - distribuídas em 21 gêneros). Essas espécies são importantes componentes da composição funcional e estrutural da Floresta Atlântica, Cerrado e Floresta Amazônica (Moraes, 2007). Trabalhos como os de Rizzini (1979), Veloso (1992), Guedes-Bruni *et al.* (1997), Mori *et al.* (1983) e Oliveira-Filho & Fontes (2000) incluem Lauraceae entre as famílias vegetais que apresentam maior riqueza em espécies na Mata Atlântica. Hueck (1972) cita *Ocotea, Nectandra* e *Cinnamomum* na lista dos principais gêneros do bioma. Em outros trabalhos realizados na Mata Atlântica como, por exemplo, Thomaz & Monteiro (1997), em Santa Teresa, *Ocotea* está entre os gêneros mais importantes. Kurtz & Araújo (2000) obtiveram resultado semelhante em levantamento realizado em Cachoeira de Macacu (RJ), onde *Ocotea* esteve entre os gêneros mais representativos.

O potencial econômico da família é conhecido desde tempos remotos, através de documentos da China de 2800 a.C., onde já era empregado o óleo extraído de *Cinnamomum camphora* (L.) J. Presl, e de outras espécies do gênero na medicina. (Kostermans, 1952). Atualmente muito utilizado na culinária, o "louro" (*Laurus nobilis* L.) figurou na mitologia grega: Apolo, deus do sol, perseguia Daphne, uma das ninfas; em seu desespero, Daphne apelou para Peneu, que a transformou no "louro" (Daphne = louro, em grego). Desde então, o louro foi utilizado para coroar estátuas de deuses e, posteriormente, os atletas vencedores das olimpíadas. Mais tarde, os imperadores romanos também usaram coroas de louro. (Coe-Teixeira, 1980). No Brasil, as espécies de Lauraceae conhecidas pelos nomes vulgares de canelas, louros, paus-rosa, e embuias são referenciadas por inúmeros autores por apresentarem diversas formas de utilização, tais como: o fornecimento de madeira para os mais variados fins, a extração de óleos essenciais com finalidades diversas, pela existência de princípios medicinais e ação farmacológica, pelo uso por populações indígenas, para reflorestamento, adensamento e

enriquecimento vegetal, para cultivo em jardim botânico, alimentação de aves e mamíferos, como inibidores de germinação de sementes, repelentes de insetos, atividade antimicrobiana, e para arborização urbana (Moraes *com. pess.*).

Quinet (2002) em estudo das espécies de Lauraceae na Reserva Biológica de Macaé de Cima (RJ) apresenta um histórico da família desde as primeiras espécies descritas por Linnaeus em 1753 até a revisão de *Beilschmiedia* feita por Nishida em 1999. Outros trabalhos relevantes sobre a família foram publicados recentemente, a saber:

Kurz (2000) que, em sua revisão do gênero neotropical, *Licaria*, dividiu-o em três subgêneros com base no modo de abertura dos locélos nos estames; e documentou 38 espécies, das quais quatro espécies e uma subespécie foram descritas como novas.

Rohwer (2000) que, baseado em dados moleculares, encontrou diversidade genética muito baixa dentro de Lauraceae; constatou que a separação de táxons com inflorescências involucradas ou não (característica usada na subdivisão da família) não apresenta suporte; e, quando considerando as três tribos propostas por van der Werff & Richter (1996), sustentou Cryptocaryeae, mas uniu Perseeae e Laureae em um clado bem sustentado, embora não resolvido.

Chanderbali *et al.* (2001) que publicaram um trabalho de filogenia e biogeografia histórica de Lauraceae, utilizando genomas de cloroplasto e nuclear. Segundo os autores a maioria das Lauraceae ainda hoje existentes teria surgido na Laurasia, com considerável número de representantes neotropicais derivados da radiação, no Mioceno Inferior, do complexo *Ocotea* alcançando a América do Sul.

Baitello (2003) reconheceu no estado de São Paulo a existência 91 espécies pertencentes a 13 gêneros. Descrições da família, gêneros e espécies são apresentadas, bem como pranchas ilustrativas e comentários sobre as espécies e suas respectivas distribuições geográficas, fenologia e usos.

Chanderbali (2004) revisou as espécies de *Endlicheria* neotropicais. Gênero pertencente ao complexo *Ocotea* com centro de diversidade na América do Sul; e com a vantagem de dados moleculares mostrou que seus membros estão incluídos dentro de *Rhodostemonodaphne* e *Ocotea*. Reconheceu 60 espécies, das quais 16 são novas.

Madriñan (2004) revisou as espécies de *Rhodostemonodaphne* neotropicais. Reconheceu 41 espécies, das quais 16 são novas e propôs quatro novas combinações. Além das descrições, história taxonômica do gênero, discussão das variações morfológicas reprodutivas e vegetativas, o autor compara os conceitos de espécies usados por ele com o de outros especialistas em Lauraceae da atualidade.

Rohwer (2005) re-examinou a filogenia de Lauraceae e como resultado obteve que: o gênero africano, monotípico *Hypodaphne* é irmão de todas as outras Lauraceae; *Neocinnamomum* é próximo a *Caryodaphnopsys*; e que *Cassytha*, o gênero de espécies parasitas, não é sub-basal, mas encontra-se dentro das Lauraceae lenhosas como grupo irmão de um clado que inclui todos os gêneros, exceto *Hypodaphnis* e o grupo de Cryptocarya.

Moraes (2007) revisou as espécies brasileiras de *Cryptocarya* em trabalho que apresenta o tratamento sistemático. No qual além de discutir sua tipificação, sinonímia, descrições gerais morfológicas, de distribuição e ecológicas, oferece fotografias de troncos, ramos, flores e frutos de espécimes vivos, que muito auxiliam no reconhecimento das *Cryptocarya* no campo. Como resultado do trabalho, 13 espécies foram reconhecidas, cinco das quais descritas como novas.

Merecem destaque também os trabalhos de van der Werff (2001, 2002a, 2002b, 2003, 2005), nos quais novas espécies foram descritas, espécies já descritas foram combinadas em outros gêneros e uma sinopse das espécies de *Persea* da América Central é apresentada.

Considerando-se a representatividade das Lauraceae na composição florística de grande parte dos ecossistemas florestais do país, dentro dos quais destacam-se por seu elevado número, tanto de espécies quanto de indivíduos, estudos biossistemáticos são necessários. A realização de floras regionais ou locais, revisões taxonômicas, estudos fitogeográficos, entre outros, contribuirão sobremaneira para o acréscimo de informações a respeito desta família de reconhecida complexidade taxonômica. Sendo assim, o presente estudo objetivou: avaliar o número de espécies, fornecer descrições, chaves de identificação, registros fotográficos, bem como comentários sobre a morfologia, taxonomia e a distribuição geográfica das espécies de lauráceas encontradas no município de Santa Teresa, localizado na mesorregião central serrana do estado do Espírito Santo.

#### 2. Material e Métodos

### 2.1. Área de Estudo

Na classificação antiga do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1998 apub. Mendes & Padovan, 2000), o município de Santa Teresa situava-se na microrregião homogênea 206 – Colonial Serrana Espírito Santense. Na classificação atual, o município, com uma área total de 71.110 ha, situa-se na microrregião "Santa Teresa", meso região Central Espírito-Santense, Estado do Espírito Santo, limitando-se ao norte com o município de São Roque do Canaã, a oeste com os municípios de Itaguaçu e Itarana, a leste com os municípios de João Neiva, Ibiraçu e Fundão e ao sul com o município de Santa Leopoldina e Santa Maria de Jetibá. A cidade de Santa Teresa, sede do Município, situa-se nas coordenadas geográficas de 19°56'10''S e 40°36'06''W, estando a 650 m acima do nível do mar. O município de Santa Teresa, atualmente, é constituído pelos distritos de Santa Teresa, Alto Caldeirão, Santa Maria, Santo Antônio do Canaã, São João de Petrópolis e Vinte Cinco de Julho (Mendes & Padovan, 2000).

O município de Santa Teresa está inserido em sua maior parte no clima considerado do tipo *Cwa* de Köppen, ou seja, mesotérmico, com estação seca no inverno e forte pluviosidade no verão (Ruschi, 1973). A precipitação pluviométrica média anual na sede do município (19° 56'S e 40° 36'W) é de 1404 mm (dados de precipitação obtidos, de 1980 a 1998). Em áreas florestadas próximas (Estação Biológica de Santa Lúcia - EBSL - 19° 58' 00"S e 40° 32' 15"W) a precipitação pluviométrica média anual é de 1868 mm (dados de precipitação obtidos, de 1957 a 1997). Sendo o clima dessas áreas melhor classificado como *Cfa*, subtropical úmido, sem estiagem (Mendes & Padovan, 2000). Uma outra porção do município, em altitudes acima de 1000 m, encontrase sob o clima *Cfb*, mesotérmico, com verões frescos, mas sem estação seca. A temperatura média anual no município é de 19,9° C, sendo a média das máximas em 26,2° C e das mínimas em 14,3° C (Thomaz & Monteiro, 1997).

Santa Teresa possui afluentes de três bacias hidrográficas, a do rio Reis Magos e do rio Piraquê-Açu, que deságuam no Oceano Atlântico, e do rio Santa Maria do Rio Doce, que deságua no Rio Doce.

No município predominam o Latossolo Vermelho e o Latossolo Vermelho Amarelo (Mendes & Padovan, 2000). O solo tipo Latossolo Vermelho Amarelo é o solo mais comum no Espírito Santo (45% do estado), sendo encontrado em todos os municípios da região serrana, especialmente acima de 500 m, onde ocorre principalmente nas encostas. (Ruschi, 1950).

O relevo do município é acidentado com altitudes variando entre 100 – 1143 m. Geomorfologicamente o município de Santa Teresa individualiza-se em quatro grandes domínios: (1) *Borda Montanhosa do Planalto*,

com encostas íngremes sub-retilíneas, pequenas várzeas intermontanas e afloramentos rochosos; (2) *Planalto Dissecado em Colinas*, com colinas, várzeas, encostas estruturais íngremes e afloramentos rochosos, que representa a maior área do município, ocupando toda a faixa central, desde o norte até o sul; (3) *Baixo Planalto de Vales e Serranias Paralelas*, que se distribuem em toda a parte noroeste e pequena parte central e subdividem-se em várzeas espraiadas, encostas estruturais, de meias encostas e afloramentos rochosos; e (4) *Planalto Intrusivo*, situado a oeste e sudoeste, que se subdivide em várzeas espraiadas, encostas estruturais, de meias encostas e afloramentos rochosos (Tabacow, 1992 apud. Mendes & Padovan, 2000).

Pela classificação do Radam (1983), o município está enquadrado na região fitoecológica da Floresta Ombrófila Densa e, segundo Rizzini (1979), contido na Província Atlântica, que se situa sobre a imensa cadeia montanhosa que ocorre ao longo de todo litoral, desde o Rio Grande do Sul até o Nordeste, sendo a Serra do Mar e da Mantiqueira nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo sua área central. A área com vegetação nativa, incluindo-se as capoeiras, compreendia em 2000 cerca de 40% do território do município (Mendes & Padovan, 2000). A maior parte desses remanescentes está incluída na Reserva da Biosfera da Mata Atlântica reconhecida pelo programa "O Homem e a Biosfera - MAB", estabelecido pela UNESCO, e reconhecido pelo Governo Brasileiro.

As unidades de conservação no município são a Estação Biológica de Santa Lúcia (EBSL), Reserva Biológica Augusto Ruschi, sob responsabilidade do IBAMA, com 4.733,75 ha, criada através do Decreto-Lei nº 87.598/82, e a Área de Proteção Ambiental do Pico de Goipaba-Açú, com 3.740 ha, criada pelo Decreto Estadual de nº 3.802-N, de 29/12/94, que tem a sua maior parte no município vizinho de Fundão. A Lei Orgânica do Município de Santa Teresa define uma área na bacia do córrego São Lourenço como de proteção permanente, onde o MBML possui um terreno de 22 ha coberto por floresta, que denomina Estação Biológica de São Lourenço ou da Caixa D'Água. (Mendes & Padovan, 2000).

A EBSL, com cerca de 440 ha, encontra-se entre as coordenadas geográficas 19° 57' 10" a 19° 59' 00" S e 40° 31' 30" e 40° 32' 25"W, em altitudes que vão de 550 a 950 m. Sua origem está vinculada ao trabalho de Augusto Ruschi que em 1939 usava a Estação como um sítio de pesquisa. A. Ruschi, a UFRJ, através do Museu Nacional, e a sociedade Amigos do Museu Nacional, estabeleceram uma estação de pesquisa no município de Santa Teresa, que hoje é denominada Estação Biológica de Santa Lúcia. Apesar de ser, na prática, uma unidade de conservação, a EBSL, não está enquadrada no Sistema Nacional de Unidades de Conservação, uma vez que, a legislação brasileira sobre unidades de conservação não contempla a categoria "Estação Biológica", existindo, porém, as categorias "Reserva Biológica" e "Estação Ecológica", que têm, basicamente, as finalidades conservacionistas e científicas, comparáveis a EBSL. Na verdade, trata-se de uma área que se consagrou como de proteção e pesquisa, mas sem instrumentos formais de criação e gestão. A área vem sendo administrada pelo MBML, que conta com um servidor da UFRJ que faz o serviço de vigilância e manutenção dos aceiros (Mendes & Padovan, 2000).

A Reserva Biológica Augusto Ruschi foi criada primeiramente como Reserva Biológica Nova Lombardia. Posteriormente, teve seu nome alterado para Reserva Biológica Augusto Ruschi, como forma de homenagear o cientista, após o seu falecimento, em 1986. A reserva situa-se entre as coordenadas 19° 45' e 20° 00'S e 40° 27' e 40° 38'W, tendo toda área coberta por Floresta Ombrófila Densa Montana. O relevo é formado por encostas íngremes com pequenas várzeas intermontanas e afloramentos rochosos, com altitudes que variam de 780 a 1.050 m (IBAMA, 2002).

A Área de Proteção Ambiental de Goipaba-Açu serve como zona tampão para o Parque Municipal de Goipaba-Açu. O relevo apresenta declives acentuados e altitudes que variam de 200 a 820 m. As áreas baixas são ocupadas por pequenas propriedades rurais, cujos usos predominantes são pastagens, cultura de café, banana e outros usos agrícolas. Os remanescentes florestais apresentam-se no topo das encostas e nas áreas de difícil acesso. Estes remanescentes integram um importante corredor ecológico no contexto regional estabelecendo comunicação entre esta unidade de conservação e a Reserva Biológica Augusto Ruschi (MMA, 2002 apud. IPEMA, 2005).

O Museu de Biologia Mello Leitão vem realizando um intenso trabalho de amostragem dos remanescentes das florestas atlânticas do município de Santa Teresa e arredores. Como resultado desse esforço, diversas novas espécies de plantas têm sido descritas para o município. No entanto, o único tratamento florístico completo de uma família botânica foi elaborado por Sobral em 2007 para a família Myrtaceae.



**Figura 2.** Localização de Santa Teresa. Escala: 1000 km (Sobral 2007).



Figura 3. Santa Teresa, vista da Valsugana Velha.

#### 2.2 Metodologia

No desenvolvimento deste trabalho foi analisada a coleção completa de Lauraceae do MBML. Foram feitas três viagens de campo à Santa Teresa nos meses de julho de 2007, janeiro e novembro de 2008 para coleta de material botânico e visita ao MBML.

As identificações foram feitas através da observação dos espécimes no campo; de comparação com materiais depositados nos herbários BHCB, MBM, MBML, OUPR, RB, SP, SPF, SPSF, UEC e VIES; análise das imagens de materiais coletados no Espírito Santo do herbário CVRD; de espécimes históricos e tipos nomenclaturais dos herbários B, BR, F, K, LE, MG, MO e NY; comparações com materiais identificados por especialistas; consulta às descrições originais; e consulta às revisões e chaves de gêneros e de espécies disponíveis na literatura.

Dentre os trabalhos consultados podem ser citados algumas revisões de gêneros e tratamentos taxonômicos de espécies neotropicais, a saber: *Aiouea* e *Aniba* (Kubitzki & Renner, 1982), *Beilschmiedia* (Nishida, 1999), *Cassytha* (Weber, 1981), *Cinnamomum* (Lorea-Hernández, 1996), *Cryptocarya* (Kostermans, 1937, 1938; Moraes, 2005, 2007), *Dicypellium, Phyllostemonodaphne, Systemonodaphne* e *Urbanodendron* (Rohwer, 1988), *Endlicheria* (Chanderbali, 2004), *Licaria* (Kurz, 2000), *Mezilaurus* (van der Werff, 1987), *Nectandra* (Rohwer, 1993b), *Ocotea* (Rohwer, 1986), *Persea* (Kopp, 1966), *Rhodostemonodaphne* (Madriñán, 2004), e *Williamodendron* (van der Werff, 1991).

Os nomes dos autores de táxons foram citados segundo Brummitt & Powell (1992).

A terminologia utilizada para a descrição da maior parte dos órgãos foi baseada em revisões e trabalhos atuais sobre a família, com exceção do indumento, em que Harris & Harris (2004) foi utilizado.

São apresentadas chaves dicotômicas tanto dos gêneros de Lauraceae encontrados em Santa Teresa quanto das espécies, quando havia mais de uma espécie por gênero.

As descrições foram elaboradas a partir de materiais coletados por pesquisadores do MBML. Foram feitas medidas de largura e comprimento das lâminas foliares, observação das nervuras, disposição no ramo, morfologia do ápice e base, forma da margem, características do limbo abaxial e adaxial, e análise do indumento; pecíolo: medição de comprimento, análise da forma e indumento; inflorescência: tipos de inflorescências, disposição no ramo, presença de brácteas; flores: contagem do número de tépalas, estames e estaminódios; presença de pilosidade nas tépalas, estames, estaminódios, hipanto e ovário; número de locelos nos estames e sua disposição; presença de glândulas nos estames dos verticilos I, II, III; forma das tépalas, estames, estaminódios, ovário e glândulas, disposição locelos nos estames (introrsos ou extrorsos), estaminódios, glândulas e ovário; possibilidade da flor ser unissexuada ou bissexuada.

Ramos com flores ou frutos de todas as espécies encontradas foram fotografados. Os detalhes de folhas, estruturas florais e de frutos representaram os atributos utilizados nas chaves de gêneros e espécies.

Materiais de espécimes coletados nos municípios da microrregião, vizinhos à Santa Teresa, quando coletados também em Santa Teresa, participaram das descrições.

#### 3. Resultados

Como resultado do presente trabalho foram registradas no município de Santa Teresa 73 espécies distribuídas em 14 gêneros, a saber: Aiouea (duas espécies), Aniba (uma espécie), Beilschmiedia (três espécies), Cinnamomum (cinco espécies), Cryptocarya (seis espécies), Endlicheria (uma espécie), Licaria (duas espécies), Mezilaurus (uma espécie), Nectandra (cinco espécies), Ocotea (39 espécies), Persea (cinco espécies) e Phyllostemonodaphne, Rhodostemonodaphne e Williamodendron com uma espécie cada. Também é apresentada uma descrição da família Lauraceae e dos gêneros encontrados no município.

#### LAURACEAE JUSS.

A família Lauraceae compreende árvores ou arbustos, raro trepadeiras parasitas (espécies do gênero Cassytha), em geral perenifólias. Os nós dos traços foliares são uniloculares; com células esféricas esparsas contendo óleos aromáticos (terpenóides aromáticos); frequentemente com taninos; em geral alcalóides benzil isoquinolínicos ou derivados da aporfina. As folhas em geral são alternas espiraladas, raro opostas ou subopostas, verticiladas, simples, freqüentemente inteiras, raro lobadas, venação geralmente peninérvea, às vezes ± acródroma suprabasal, geralmente densamente reticulada, na maioria das vezes coriáceas, sem estípulas. Segundo Kostermans (1957), como regra, a pilosidade é mais densa na superfície abaxial do que na adaxial, contudo, o oposto também é encontrado, como por exemplo, em Nectandra. Esse autor também ressalta que a superfície abaxial da folha pode possuir domácias nas axilas das nervuras secundárias. A micromorfologia da superfície externa de folhas de Lauraceae fornece poucos caracteres de valor diagnóstico. O indumento consiste de tricomas simples, unicelulares, ou nenhum. O tamanho, a forma, a orientação e a densidade dos tricomas (em todas as partes da planta, contudo, especialmente nas folhas) fornecem caracteres específicos importantes. As paredes periclinais externas das células epidérmicas da face adaxial podem ser planas (e as células são consequentemente tabulares), ou mais ou menos convexas, enquanto que as da epiderme abaxial podem ser papilosas. As papilas têm formas constantes, mas podem variar em diâmetro e proeminência dentro das espécies, em diferentes partes do indivíduo e também com a idade. As inflorescências em geral são definidas e axilares, raramente terminais, às vezes pseudoterminais, tirsóideo-paniculadas, ou botrióides, ou pseudo-umbeladas, raro capituladas ou reduzidas a uma única flor, raramente envolvidas por grandes brácteas anteriormente à antese, mais frequentemente com vários grupos umbeliformes, cada um deles rodeado de brácteas decussadas ou inflorescências sem invólucro. As flores em geral são pequenas, 2-10 mm, raro até 20 mm, bissexuadas ou unissexuadas, actinomorfas, pediceladas e bracteadas, em geral trímeras; tépalas 6 ou 4 em dois verticilos, raro 9 em 3 verticilos, iguais a desiguais, caducas precoce ou tardiamente ou persistentes e aumentadas na cúpula do fruto; estames em 4 verticilos, o IV estaminoidal ou ausente; um ou dois dos verticilos externos podendo ser igualmente estaminoidais ou ausentes; verticilo III fértil ou estaminoidal, biglanduloso na base, às vezes glândulas ausentes, raro glândulas nos demais verticilos; anteras 2-4 loceladas, locelos deiscentes por valvas introrsas a extrorsas; filetes presentes ou anteras sésseis ou subsésseis; hipanto geralmente não conato ao ovário, indistinto a conspícuo e urceolado. Segundo Rohwer (1986; 1993a), Heo et al. (1998), Moraes & Oliveira (2007); Judd et al. (2009) o gineceu das Lauraceae é unicarpelar, com um único óvulo, geralmente súpero, óvulos solitários, pêndulos, anátropos, bitegumentados e crassinucleados, com a micrópila sendo formada por ambos tegumentos, 1 estigma, capitado, truncado, lobado ou alongado. O estilete frequentemente apresenta um sulco longitudinal, ao longo de todo o comprimento. No gênero Ocotea têm-se todos os estágios de redução do gineceu, até sua completa ausência. Rohwer (1986) utilizou o termo receptáculo da flor, indicando que seu tamanho é muito variável e apontou ser importante a proporção do mesmo em relação aos demais órgãos florais. O fruto é do tipo bacáceo, nucóide ou drupáceo, livre sobre um pedicelo, revestido pelas tépalas persistentes ou pelo hipanto; semente única, endotestal, constituída por uma única camada de células traqueidais, com espessamento espiral-anular, ± alongado tangencialmente; embrião geralmente pequeno pode crescer e maturar as expensas do endosperma, sem que haja uma alteração de caráter no tegumento da semente, a menos que este seja degenerado.

## CHAVE DOS GÊNEROS DE LAURACEAE EM SANTA TERESA, ES

1. Estames do verticilo I tepalóides
1. Estames do verticilo I não tepalóides.
2. Apenas os estames do verticilo III férteis.
3. Estames 4-locelados
3. Estames 2-locelados.
4. Folhas congestas no ápice dos ramos; inflorescências em duplo-racemo; cúpula quando
presente pequena em relação ao fruto e de margem simples
4. Folhas bem distribuídas no ápice dos ramos; inflorescências paniculiformes com
terminações cimosas; cúpula grande em relação ao fruto e de margem duplaLicaria
2. Pelo menos os estames dos verticilos I e/ou II férteis.
5. Estames 2-locelados, pelo menos os estames dos verticilos I e/ou II
6. Flores unissexuadas
6. Flores bissexuadas.
7. Estaminódios do verticilo IV desenvolvidos, cordado-ovalados a cordado-sagitados, ou
estipitiformes.
8. Hipanto pouco profundo, ciatiforme
8. Hipanto profundo.
9. Hipanto urceolado, contraído no ápice
9. Hipanto obcônico a campanulado
7. Estaminódios do verticilo IV inconspícuos ou ausentes.
10. Hipanto profundamente urceolado ou tubular, pouco maior que as tépalas; filetes
em geral largos, mais longos que as anteras
10. Hipanto pouco profundo, ciatiforme, mais curto que as tépalas; filetes em geral
estreitos, mais curtos que as anteras

11. Flores unissexuadas.
12. Anteras dos verticilos I e II ovado-retangulares ou quadrangulares,
locelos dispostos em dois pares sobrepostos
12. Anteras dos verticilos I e II estreito-retangulares, somente os
locelos superiores introrsos, ou anteras orbiculares, locelos dispostos
em arco
11. Flores bissexuadas.
13. Tépalas das flores fortemente desiguais
13. Tépalas das flores iguais ou subiguais.
14. Estaminódios do verticilo IV bem desenvolvidos, sagitados
14. Estaminódios do verticilo IV ausentes, ou pouco desenvolvidos, raro
desenvolvidos, mas nunca sagitados.
<b>15.</b> Anteras dos verticilos I e II com locelos dispostos em arcoNectandra
15. Anteras dos verticilos I e II com locelos em dois pares sobrepostosOcoted

**5.** Estames 4-locelados, pelo menos os dos verticilos I e II.

#### DESCRIÇÃO DOS GÊNEROS E DAS ESPÉCIES

#### 1. Aiouea Aubl., Pl. Gui. 1: 310, 3: t. 120. 1775.

**Árvores**, maioria das espécies de 7 a 20 m, poucas espécies são arbustos ou pequenas árvores de até 8 m. Folhas simples, alternas, na maioria das vezes glabras, peninérveas ou acródromas suprabasais, presença de domácias em alguns indivíduos; face adaxial mais escura que a abaxial, que geralmente apresenta poucos tricomas ao longo da nervura central; margens espessadas e com uma coloração mais clara do que a lâmina. Inflorescências paniculadas ou tirsóides, axilares, multifloras. Flores bissexuadas, obcônicas, raramente campanuladas ou cilíndricas, pediceladas; hipanto profundo, quase sempre diminutamente hirsuto ou glabro externamente, com o indumento variando consideravelmente entre as espécies, porém quase sempre piloso internamente; 6 tépalas imbricadas, glabras externamente, pilosas internamente; androceu consiste de estames dos verticilos I (3), II (3) e III (3) e dos estaminódios do verticilo IV (3) (contados a partir do exterior em direção ao pistilo); estames férteis 9, 6 ou 3, bilocelares; estames dos verticilos I e II introrsos e do verticilo III extrorsos, apresentando na sua base duas glândulas com forma quase sempre uniforme, variando apenas no modo de inserção; estaminódios do verticilo IV foliosos, com formato triangular, clavado ou estipitiformes, na maior parte pedicelados, às vezes com rudimentos de glândulas na base; pistilo robusto e glabro; ovário globoso ou elíptico, estreitando-se abrupta ou gradualmente em um estilete cilíndrico; estigma discóide, seu tamanho é uma importante característica para diferenciar espécies, contudo, é preciso ter em mente que existe uma forte dicogamia, o que promove tamanhos estigmáticos diferentes dependendo de se as flores estão funcionalmente no estado masculino ou feminino. Frutos bacáceos, 1,0 – 2,0 cm, elipsóides, sobre ou parcialmente envolvido por cúpula lenhosa, rasa, vermelha, de margem inteira, tépalas decíduas (Quinet, 2005; Moraes & Oliveira 2007).

O gênero *Aiouea* é restrito à região neotropical, com cerca de 25 espécies, em sua maior parte ocorrentes na América do Sul, das quais 15 a 16 espécies no Brasil (Kubitzki & Renner, 1982; Lorea-Hernández, 2003; Moraes & Oliveira 2007) e duas no estado do Espírito Santo.

#### CHAVE DAS ESPÉCIES DE AIOUEA

- 1.1 Aiouea laevis (Mart.) Kosterm., Recueil Trav. Bot. Néerl. 35: 84. 1938.

Cryptocarya laevis Mart., Fl. bras. 5(2): 170.1837

Árvores até 11 m. Catáfilos tomentosos. Râmulos cilíndricos a subangulosos, lisos, glabrescentes no ápice, tricomas curtos, retos e adpressos. Folhas alternas; lâmina 10,2 - 15,0 x 2,9 - 4,8 cm, cartácea, elíptica; ápice acuminado; base cuneada; margem rígido-espessada; glabras em ambas as faces, nervura central e nervuras laterais 4 – 7 pares, planas na face adaxial, salientes na face abaxial, reticulação densa. Pecíolo 1,1 – 1,9 cm, glabro. Inflorescências (Kubitzki & Renner, 1982) freqüentemente agrupadas no ápice dos râmulos, avermelhados, hirsuto-pilosos, glabrescentes com o amadurecimento dos frutos. Flores (Kubitzki & Renner, 1982) bissexuadas, 1,5 – 3,0 mm compr., esparso-hirsutas, pedicelos hirsutos; hipanto obcônico a cilíndrico, às vezes estreitados antes da base das tépalas, internamente esparso-piloso; tépalas menores que o hipanto, internamente esparso-pilosas; estames férteis 6 (verticilos I e II), bilocelares, introrsos, anteras com conectivo expandido entre os locelos, ápice obtuso, filetes tão longos quanto ou ligeiramente menores que as anteras, mais estreitos que as anteras, pilosos; estames do verticilo III estaminodiais, bilocelares, extrorsos, anteras com ápice truncado, filetes esparso-pilosos, com par de glândulas basais pequenas; estaminódios do verticilo IV triangulares, à vezes emarginados, sésseis ou curto-pedicelados, pilosos na base; ovário globoso ou elipsóide, atenuado para o estilete, estilete curto, estigma ligeiramente mais largo que o estilete. Frutos (Kubitzki & Renner, 1982) 1,0 x 1,0 cm, atros; cúpula vermelha, hemisférica, atenuada para o pedicelo, esparso-hirsuta; pedicelo 0,6 – 1,0 cm longo, engrossado.

Nome popular: canela.

Distribuição geográfica e ecologia: registrada em Trinidad, Venezuela, Guiana, Suriname e Brasil, na Amazônia, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro, em floresta de terra firme e na floresta pluvial atlântica (Kubitzki & Renner, 1982).

Fenologia: floresce de agosto a janeiro e em abril-maio; frutifica em abril, frutos imaturos coletados em junho, agosto, setembro e outubro (Kubitzki & Renner, 1982).

Usos: desconhecidos.

Material examinado: Espírito Santo: Santa Teresa, 25 de Julho, terreno do Casoti, alt. 450 m, *L. Kollmann & E. Bausen 2695*, 24/VI/1999 (MBML, RB, SPSF, UEC).

Material adicional examinado: Pará: "in silvis non inundatis circa Villa Braga prope cataractis infimis fl. Tapajoz", *A. Ducke 18350*, 24/VIII/1923 (F Neg. No. 3789, US-99423; isótipo de *Aiouea scandens* Ducke). Rio de Janeiro: "Sebastianopolis", *C.F.P. von Martius s.n.* (*Hb. Fl. Bras. n. 237*), s.d. (foto em BR-8686169; holótipo de *Cryptocarya laevis* Mart. e isossíntipo de *Aiouea brasiliensis* Meisn. var. *glabriflora* Meisn.; isótipos: foto em BR-868583, F Neg. No. 3782, MO-145001, NY-354800). Estado não indicado: local não indicado, *L. Riedel s.n.*, s.d. (LE; holótipo de *Aiouea brasiliensis* Meisn. var. *attenuata* Meisn.; isótipos: LE, foto em NY-354799).

#### 1.2 Aiouea saligna Meisn., Prodr. (DC.) 15(1): 82 (1864).

Árvores até 22 metros. Catáfilos tomentosos. Râmulos cilíndricos, delgados, glabrescentes, tricomas ondulados e adpressos. **Folhas** alternas; lâmina 7,4 – 13,5 x 2,5 – 4,2 cm, cartácea, lanceolada ou elíptica; ápice acuminado a longo-acuminado; base atenuada; margem plana, levemente espessada; faces adaxial e abaxial glabras, raramente com tricomas diminutos, glabrescentes; peninérveas, broquidódromas. Pecíolo 1,5 - 2,4 cm, longo, fino e achatado, largamente canaliculado, glabro. Inflorescências axilares, solitárias ou agrupadas em eixo muito curto; pedúnculo longo, glabro, avermelhado. Flores bissexuadas, glabras, às vezes pruinosas; hipanto suburceolado, glabro externamente, seríceo a esparso-seríceo internamente; tépalas tão longas ou menores que o hipanto, as internas pouco maiores; estames férteis 6 (verticilos I e II) bilocelares, introrsos, anteras glabras adaxialmente, filetes do mesmo tamanho das anteras mais conectivos, pilosos; estames do verticilo III estaminodiais, tão grande quanto os outros estames ou levemente maiores, truncados, com par de glândulas basais sésseis; estaminódios do verticilo IV triangulares, sésseis ou curto-pedicelados, pilosos na base; ovário globoso ou ovado, estilete pouco maior que o ovário, estigma com a mesma largura do estilete. Frutos 1,25 - 2,0 x 0,5 - 1,4 cm, elipsóides; cúpula bem desenvolvida, infundibuliforme ou pateliforme, sofrendo um estreitamento abrupto em direção ao pedicelo longo e fino.

Nome popular: canela.

Distribuição geográfica e ecologia: apresenta distribuição principalmente no sul do Brasil, ao longo da costa do Rio Grande do Sul à Bahia, mas também ocorrendo no Maranhão e Ceará em altitudes de 800 m, em áreas de cerrado, matas, áreas perturbadas, margens de estradas e rios (Kubitzki & Renner, 1982).

Fenologia: floresce principalmente de janeiro a abril e julho a setembro, com poucos espécimes coletados em outros meses; frutifica em maio e junho, novembro, dezembro, com frutos imaturos ao longo do ano (Kubitzki & Renner, 1982).

Usos: desconhecidos.

Material examinado: Espírito Santo: Santa Teresa, Aparecidinha, terreno de L. Bringhenti, alt. 800 m, *L. Kollmann et al.* 2573, 16/VI/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, terreno do Boza, *V. Demuner et al.* 159, 26/X/1999 (MBML, RB, SPSF).

Material adicional examinado: Ceará: "ad Barra do Jardim", *G. Gardner 1990*, XII/1838 (foto em NY-354896; isótipo de *Aydendron tenellum* Meisn. e de *Aiouea meissneri* Mez). Minas Gerais: local não indicado, *A.F.M. Glaziou 11460*, s.d. (F Neg. No. 35010; isótipo de *Aiouea warmingii* Mez). Rio de Janeiro: Corcovado, *A.F.M. Glaziou 11475*, 18/I/1879 (foto em B, BR); idem, *A.F.M. Glaziou 15366*, 19/I/1884 (foto em BR); Teresópolis, *A.F.M. Glaziou 12123*, 23/III/1880 (foto em BR); "clausus ad viam inter Joze Dias et Mand.", *L. Riedel s.n.*, 24/I (LE, holótipo; isótipos: LE, foto em NY-354813); local não indicado, *A.F.M. Glaziou 1071*, 1867 (foto em BR, NY-126855); idem, *A.F.M. Glaziou 1128*, 1867 (foto em BR-868574, 868607). Rio Grande do Sul: local não indicado, *C. Gaudichaud-Beaupré s.n.*, s.d. (F Neg. No. 35007; holótipo de *Aiouea gaudichaudii* Mez). São Paulo: Santos, *Mosén 3462*, 1/III/1875 (foto em BR-868538). Estado não indicado: "in sylvis umbrosis pr. Castel Novo", *L. Riedel 494*, XI/1821 (LE; holótipo de *Aiouea elliptica* Meisn.; isótipo: foto em NY-354803).

Tronco com casca lisa, cor bege, quase sem cheiro.

#### **2.** *Aniba* Aubl., Pl. Gui. 1: 327, 2: t. 126. 1775.

Árvores raramente arbustos. Folhas alternas, peninérveas, distribuídas ao longo dos râmulos ou concentradas em seus ápices, ± glabras adaxialmente, glabras, pubescentes, hirsutas, tomentelas, às vezes micropapilosas abaxialmente. Inflorescências tirsóide-paniculadas ou sub-racemosas, raramente botrióides, axilares. Flores bissexuadas, pediceladas, hipanto bem desenvolvido, urceolado, cupuliforme ou tubular; tépalas (6) eretas, iguais a subiguais (as externas menores que as internas); estames férteis (9), bilocelares, verticilos I e II introrsos ou sublateral-introrsos, com filetes geralmente mais longos que as anteras, tão largos ou mais estreitos que as anteras; verticilo III extrorsos ou extrorso-latrorsos, eretos, com duas glândulas grandes, sésseis, na base; estaminódios do verticilo IV (3), estipitiformes ou ausentes; pistilo esguio, ovário elipsóide ou ovóide, glabro ou piloso, estilete distinto, cilíndrico, estigma geralmente diminuto, raramente conspícuo, oblíquo. Frutos elipsóides ou ovóides, lisos, mucronados; cúpula em geral bem desenvolvida, subemisférica, lenticelada, lenhosa, envolvendo cerca de ½ do fruto, margem simples, tépalas decíduas. (Rohwer, 1993a; Quinet, 2005; Moraes & Oliveira 2007).

Gênero distribuído quase inteiramente na região tropical sul-americana, raro na América Central e nas Antilhas. Na região neotropical estão presentes 41 espécies, dessas, 27 são brasileiras (Kubitzki & Renner, 1982; Baitello, 2003; Moraes & Oliveira, 2007) e uma ocorre no estado do Espírito Santo.

2.1 *Aniba firmula* (Nees & Mart.) Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5: 57. 1889. (excl. specim. *Burchell 9620*).

Aydendron firmulum Nees & Mart., Linnaea 8: 36.1833

Árvores até 13 m. Catáfilos estrigosos a tomentosos. Ramos angulosos, glabrescentes, acinzentados. Râmulos jovens sulcados, densamente estrigulosos, tricomas curtos, retos e adpressos. Folhas alternas; lâmina 5,0 - 13,0 x 1,5 - 4,0 cm, cartácea, oblanceolada, lanceolada, oblonga ou elíptica, discolor; ápice agudo ou curto-acuminado; base cuneada; face adaxial glabra, reticulação obscura, nervura central sulcada; face abaxial com papilas conspícuas sob lupa, esparsamente curtoestrigulosa, indumento pouco mais denso sobre as nervuras, nervura central muito saliente, nervuras laterais 9-11 pares, salientes, ascendentes; peninérveas, broquidódromas. Pecíolo 0,7 – 1,5 cm longo, canaliculado, estriado, estriguloso a glabrescente. Inflorescências axilares, submultifloras, curtotomentelas; pedúnculo 3.0 - 4.0 cm longo, menor que as folhas. Flores bissexuadas,  $2.0 - 3.0 \times 1.2 -$ 2,0 mm, densamente tomentelas; hipanto distinto, obcônico, internamente piloso; pedicelos ca. 0,6 mm; tépalas carnosas, côncavas, glabrescentes na face interna, as externas estreito-ovadas, as internas subespatuladas, margem ciliada, pouco papilosas; estames dos verticilos I e II bilocelares, inclusos, ca. 1,0 mm, anteras glabras, papilosas, depresso-ovado-triangulares, subapiculadas; filetes mais largos que as anteras, denso-pilosos; estames do verticilo III bilocelares, lateral-extrorsos, anteras ovadoorbiculares, glabras; filetes pouco mais largos que as anteras, denso-pilosos; estaminódios do verticilo IV ausentes; pistilo densamente piloso, ovário elipsóide, atenuado para o estilete, estigma peltado, papiloso. Frutos  $2.0 - 3.3 \times 1.1 - 1.8 \text{ cm}$ , ovalado-elipsóides; cúpula  $1.0 - 1.7 \times 1.5 - 2.1 \text{ cm}$ , obcônica, sub-hemisférica a campanulada.

Nome popular: canela-rosa, canela-sassafrás.

Distribuição geográfica e ecologia: ocorre no sul da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina; na floresta ombrófila densa da planície e encosta atlânticas e vegetação ciliar associada, e na floresta estacional semidecidual submontana a montana (Baitello, 2003).

Fenologia: floresce e frutifica ao longo do ano todo (Baitello, 2003).

Usos: na região do Vale do Ribeira usa-se a madeira desta espécie em coronha de espingarda; em Ubatuba é ainda utilizada para sombrear plantios do cacaueiro (Baitello, 2003).

Material examinado: ES: Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, parte baixa da cachoeira do Rio Timbuí, W. P. Lopes et al. 607, 05/V/1999 (MBML, SPSF); Santa Teresa, Reserva Biológica da Caixa d'água, Trilha do Caravagem, alt. 750 m, L. Kollmann & E. Bausen 1366, 29/XII/1998 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Reserva Biológica de Santa Lúcia, alt. 600 m, L. Kollmann et al. 625, 29/IX/1998 (MBML, RB, SPSF, UEC); idem, Trilha da Pinguela, W.P. Lopes et al. 761, 27/V/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Santo Antônio, terreno do Boza, alt. 850 m, L. Kollmann et al. 2207, 22/III/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Mata do Martinelli, V. Demuner et al. 903, 11/IV/2000 (MBML, RB); Santa Teresa, São Lourenço, Mata Fria, terreno de C. Loss (valão à direita do asfalto), alt. 800 m, L. Kollmann et al. 2425, 7/IV/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, Estação Biológica de Santa Lúcia, alt. 850 m, L. Kollmann & E. Bausen 2201, 19/III/1999 (MBML, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, Estação Biológica de Santa Lúcia, baixo da cachoeira, alt. 550 m, L. Kollmann et al. 1939, 11/II/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, terreno do Dr. Pedro, alt. 750 m, L. Kollmann & E. Bausen 1599, 19/I/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, Estação Biológica de Santa Lúcia, trilha do Sagüi, alt. 700 m, L. Kollmann et al. 2295, 30/III/1999 (MBML); Santa Teresa, Valsugana Velha, Estação Biológica de Santa Lúcia, trilha do Sagüi, alt. 750 m, L. Kollmann et al. 2305, 30/III/1999 (MBML, RB, SPSF).

Material adicional examinado: Minas Gerais: "Serra da Lapa, prope Ouro Fino", *G. Gardner 5156*, 1842 (foto em NY-354877; isótipo de *Aydendron gardneri* Meisn.). Rio de Janeiro: Corcovado, *A.F.M. Glaziou 861*, 7/IX/1863 (foto em BR); Nova Friburgo, *A.F.M. Glaziou 17193*, II/1888 (foto em BR); Petrópolis, *A.F.M. Glaziou 12118*, 2/II/1880 (foto em BR). Estado não indicado: "Brasil Central, S. Luzia", *J.E. Pohl 962*, 1819 (foto em BR).

Tronco liso, acinzentado, muito aromático. As folhas das árvores no material vivo têm a face abaxial amarelo-esverdeada. O fruto imaturo tem coloração castanho-esverdeada.

### 3. Beilschmiedia Nees, Wallich Pl. Asiat. Rar. 2: 61, 69. 1831.

Árvores, raramente arbustos. Folhas alternas ou opostas, raramente verticiladas, peninérveas. Inflorescências axilares, paniculadas ou racemosas, com os ramos terminais das panículas não estritamente cimosos. Flores bissexuadas, pediceladas, hipanto inconspícuo, em geral pouco profundo a achatado, ciatiforme, mais curto que as tépalas; tépalas 6, iguais ou subiguais, geralmente decíduas; estames férteis 9 ou 6, neste caso o verticilo III estaminodial, subulado; filetes em geral mais curtos que as anteras, estreitos; pelo menos as anteras dos verticilos I e II bilocelares, introrsas, raro tetralocelares; estames do verticilo III extrorsos a lateral-introrsos; estaminódios do verticilo IV conspícuos e sagitados, inconspícuos ou ausentes; ovário súpero. Frutos elipsóides, piriformes ou esféricos, livres, geralmente atro-púrpuros; cúpula ausente; pedicelo lenhoso (Nishida, 1999).

O gênero é pantropical com cerca de 250 espécies; 28 espécies ocorrem nos neotropicos; quatro espécies são registradas para o estado do Espírito Santo (Nishida, 1999).

## CHAVE DAS ESPÉCIES DE BEILSCHMIEDIA

1. Catáfilo	s com tricomas longos e ascendentes a eretos; base das folhas obtusa	
	В.	. taubertiana
1. Catáfilo	s com tricomas adpressos; base das folhas não obtusa.	
<b>2.</b> Folha	as coriáceas, elípticas, ápice agudo-arredondado, nervura central negra na face ab	
<b>2.</b> Folha	s cartáceas, oblongo-elípticas, ápice emarginado, nervura central ferrugínea	
	B.	

### 3.1 Beilschmiedia fluminensis Kosterm., Recueil Trav. Bot. Néerl. 35: 865. 1938.

Árvores até 18 m. Catáfilos estrigosos. Râmulos cilíndricos, levemente comprimidos quando jovens, quase glabros ou esparsamente pubescentes, com tricomas adpressos. Folhas opostas, raro subopostas; lâmina 4,5 – 8,6 x 2,1- 5,0 cm, cartácea, oblongo-obovada, ou largo-elíptica; ápice emarginado, agudo; base cuneada, levemente revoluta; superfície glabra em ambas as faces, ou face abaxial esparsamente estrigulosas; nervura central imersa na face adaxial, saliente na abaxial; nervuras laterais 12-14 pares, salientes em ambas as faces; peninérveas, broquidódromas. Pecíolo 1,0 – 2,0 cm longo, canaliculado, glabro, não estriado, levemente mais escuro que os râmulo. Inflorescências (Nishida, 1999) axilares, paniculadas, multifloras, glabras a esparsamente pubescentes, com tricomas eretos. Flores (Nishida, 1999) bissexuadas, 1,7 – 2,0 x 2,0 – 2,5 mm, esverdeadas, glabras externamente, esparsamente pubescentes com tricomas adpressos internamente; pedicelos ca. 1,0 – 2,5 mm; tépalas iguais, elípticas a ovadas; estames dos verticilos I e II bilocelares, introrsos, anteras 0,7 – 0,9 mm longas, ápice obtuso a truncado e pubescente; filetes ca. 0,2 mm longos, pubescentes; estames do verticilo III bilocelares, filetes ca. 0,4 mm longos, pubescentes, glândulas basais globosas; estaminódios do verticilo IV sagitados, ca. 0,7 mm longos; pistilo glabro, ovário do mesmo tamanho que o estilete, atenuado para o mesmo; hipanto pubescente com tricomas adpressos ao redor da base

dos estames e estaminódios. **Frutos** 4,5 – 5,0 x ca. 3,0 cm, elipsóides, verrucosos ou lisos; pedicelo ca. 2,5 mm diâmetro, espessados até ca. 4,0 mm diâmetro, não constrictos apicalmente.

Nome popular: angelim-doce.

Distribuição geográfica e ecologia: Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo, na floresta atlântica (Nishida, 1999; Baitello *com. pess.*).

Fenologia: floresce em setembro, outubro, novembro; frutifica em abril, maio, julho, agosto e novembro (Nishida, 1999; Quinet, 2002).

Usos: desconhecidos.

Material examinado: Espírito Santo: Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Estrada para Lombardia, *R.R. Vervloet & E. Bausen 199*, 25/IV/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, linha da divisa, lado esquerdo, seguindo córrego, *R.R. Vervloet & E. Bausen 2016*, 20/III/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Trilha da Divisa, saída para Goiapaba-açu, lado direito, *R.R. Vervloet et al. 715*, 21/VIII/2002 (MBML, RB, UEC); idem, *R.R. Vervloet et al. 718*, 21/VIII/2002 (MBML, RB, UEC); idem, *R.R. Vervloet et al. 1845*, 18/II/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Goiapaba-açu, Boeirão, linha de divisa, marco 53 a 52, *R.R. Vervloet et al. 2326*, 29/IV/2003 (MBML, RB, UEC); idem, marco 53 a 55, *R.R. Vervloet et al. 2177*, 9/IV/2003 (MBML, RB, UEC).

3.2 *Beilschmiedia linharensis* Sa. Nishida & van der Werff, Ann. Missouri Bot. Gard. 86(3): 681. 1999.

Árvores até 30 m. Catáfilos estrigulosos. Râmulos cilíndricos, esparsa a densamente pubescentes com tricomas curtos, adpressos, retos. Folhas opostas; lâmina 5,5- – 14,0 x 3,0 – 5,0 cm, coriácea, elíptica a obovada, glabra em ambas as faces; ápice curto-agudo, arredondado ou obtuso; base cuneada, revoluta abaxialmente; nervura central imersa ou levemente impressa adaxialmente, saliente abaxialmente; nervuras laterais 8 - 14 pares, levemente salientes em ambas as faces. Pecíolo 1,5 – 2,0 cm longo, achatado adaxialmente, glabro, levemente mais escuro que os râmulos. Inflorescências (Nishida, 1999) axilares, paniculadas, paucifloras, menores que as folhas, relativamente densopubescentes com tricomas eretos, retos. Flores (Nishida, 1999) bissexuadas, 1,6 – 2,0 x 2,2 mm, depresso-globosas; tépalas iguais, largo-ovadas, esparsamente pubescentes com tricomas eretos externamente, esparsamente pubescentes com tricomas eretos a quase glabras internamente; estames dos verticilos I e II bilocelares, introrsos, anteras com ápices obtusos a truncados e pubescentes, filetes pubescentes; estames do verticilo III bilocelares, extrorsos, anteras e filetes semelhantes aos dos verticilos externos, com um par de glândulas basais globosas; estaminódios do verticilo IV sagitados;

pistilo glabro, ovário do mesmo tamanho que o estilete, gradualmente atenuado; hipanto pubescente com tricomas adpressos a eretos. **Frutos** até 6 x 4 cm, elipsóides a subglobosos, verrucosos; pedicelo ca. 4 mm diâm, espessados até ca. 8 mm, não constrictos apicalmente.

Nome popular: canela-farias.

Distribuição geográfica e ecologia: conhecida apenas de poucas coleções do estado do Espírito Santo e do holótipo procedente da Bahia. Na floresta atlântica.

Fenologia: floresce em outubro; frutifica em fevereiro, agosto e novembro.

Usos: desconhecidos.

Material examinado: Espírito Santo: Santa Teresa, estrada do 25 de julho, terreno do Casotti, alt. 300 m, *L. Kollmann & E. Bausen 1918*, 10/II/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Mata da Caixa D'Água, alt. 650 m, *L. Kollmann et al. 285*, 5/VIII/1998 (MBML, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, Reserva Biológica de Santa Lúcia, divisa a direita depois da Trilha Bonita, alt. 800 m, *L. Kollmann et al. 1115*, 25/XI/1998 (MBML, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, Santo Antônio, terreno do Boza, alt. 800 m, *L. Kollmann et al. 1258*, 08/XII/1998 (MBML, UEC); Santa Teresa, Santo Antônio, terreno do Boza, alt. 850 m, *L. Kollmann et al. 2169*, 16/III/1999 (MBML, RB, UEC).

Material adicional examinado: Bahia: Porto Seguro, Reserva Florestal de Porto Seguro – CVRD/BA, aceiro com posseiro, km 2,1, lado esquerdo, *G.L. Farias 243*, 26/X/1988 (foto em MO; holó e isótipo).

3.3 Beilschmiedia taubertiana (Schwacke & Mez) Kosterm., Rec. Trav. Bot. Néerl. 35: 863. 1938.

Hufelandia taubertiana Schwacke & Mez, Arb. Bot. Gart. Breslau 1: 108. 1892.

**Árvores** até 30 m. **Catáfilos** densamente tomentosos, tricomas adpressos a ascendentes. **Râmulos** cilíndricos a ligeiramente angulosos, pubescentes com tricomas ascendentes, longos, retos ou levemente ondulados. **Folhas** opostas; lâmina 6,0 – 18,5 x 3,0 – 9,0 cm, elíptica a oblongo-lanceolada, rígido-cartácea a coriácea; ápice agudo a acuminado; base truncada a cuneada; face adaxial glabra; face abaxial glabra a esparsamente pubescente com tricomas ascendentes, longos, retos a levemente ondulados; nervura central imersa adaxialmente, proeminente abaxialmente; nervuras laterais 7 – 14 pares, levemente proeminentes ou quase imersas adaxialmente, salientes abaxialmente; margem leverevoluta. Pecíolo 0,6 – 1,6 cm, largo-canaliculado, pubescente com tricomas ascendentes a eretos, longos. **Inflorescências** axilares, paniculadas, paucifloras, pubescentes com tricomas eretos, longos. **Flores** bissexuadas, esparsamente pubescentes; tépalas iguais, ovadas, côncavas, pubescentes externamente com tricomas longos, eretos, ondulados, esparsamente pubescentes internamente com tricomas adpressos a eretos; estames dos verticilos I e II bilocelares, introrsos, anteras pilosas no dorso, com ápices obtusos a truncados e pubescentes, filetes pubescentes; estames do verticilo III bilocelares,

extrorsos, anteras e filetes semelhantes aos dos verticilos externos, com par de glândulas basais globosas, sésseis, glabras; estaminódios do verticilo IV sagitados, densamente hirsutos; pistilo glabro, ovário subgloboso, menor que o estilete, atenuado, estigma pouco nítido; hipanto densamente pubescente com tricomas eretos. **Frutos** até 5,5 x 3,0 cm, elipsóides a piriformes, superfície verrucosa; pedicelo espessado até ca. de 5,0 mm diâm., não constricto no ápice.

Nomes populares: canela.

Distribuição geográfica e ecologia: Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo, na floresta atlântica.

Fenologia: floresce em novembro; frutifica de abril a novembro.

Usos: desconhecidos.

Material examinado: Espírito Santo: Santa Teresa, estrada do 25 de Julho, terreno do Casotti, alt. 450 m, *L. Kollmann et al. 2393*, 6/IV/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, estrada do 25 de Julho, terreno do Casotti, alt. 450 m, *L. Kollmann et al. 2394*, 6/IV/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Reserva Biológica de Santa Lúcia, Mata Atlântica de encosta, alt. 650 a 800 m, *E. Bausen & W. Pizziolo 94*, 23/VII/1998 (MBML, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, Estação Biológica de Santa Lúcia, trilha bonita, alt. 650 m, *L. Kollmann et al. 2093*, 10/III/1999 (MBML, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, Reserva Biológica de Santa Lúcia, alt. 600 m, *L. Kollmann et al. 1735*, 28/I/1999 (MBML, RB, UEC).

# **4.** *Cinnamomum* Schaeff., Botanica Expeditior 74. 1760, nom. conserv.

Árvores ou arbustos, até 30 m. Râmulos geralmente eretos e ± pubescentes. Folhas alternas, geralmente ovadas ou elípticas, glabras ou pilosas, 3-plinervadas, sub-3-plinervadas ou peninervadas. Pecíolos sempre presentes, embora às vezes bem pequenos, canaliculados adaxialmente e arredondados abaxialmente. Inflorescências geralmente tirsóides, cimoso-paniculadas, simples ou em curtos racemos axilares, dispostas nas axilas das folhas ou de pequenas brácteas decíduas, ou na axila de râmulos novos, freqüentemente com brácteas foliáceas na base das divisões principais. Flores bissexuadas, pediceladas, amarelo-esverdeadas, pálidas ou branco-esverdeadas, urceoladas ou estreitamente-campanuladas; hipanto raso ou profundo; tépalas 6, eretas na antese, iguais a subiguais, podendo apresentar-se côncavas, glabras ou pilosas externamente, usualmente seríceas internamente, raro conspicuamente papilosas; estames férteis 9, geralmente seríceos, filetes dos estames dos verticilos I, II e III iguais ou pouco mais longos que as anteras; verticilos I e II tetralocelares, introrsos, sobrepostos aos pares, antera elíptica a ovalada, podendo sofrer estreitamento medial; verticilo III tetra ou bilocelar, com um par de glândulas na base dos filetes; estaminódios do verticilo IV em geral bem desenvolvidos, porém sempre menores que os demais estames, cordiformes ou sagitados, raro estipitiformes, mais largos que o pedicelo; ovário elipsóide a subgloboso, geralmente menor do que o estilete, estigma discóide ou triangular. Frutos bacáceos, elipsóides a subglobosos, atro quando maduros, assentados em uma cúpula

atenuada para o pedicelo, com margem usualmente portando tépalas endurecidas ou carnosas, persistentes (Lorea-Hernández, 2003; Moraes & Oliveira, 2007).

O gênero *Cinnamomum* contém ca. de 200 a 350 espécies (Rohwer, 1993a), a maior parte nos trópicos do Velho Mundo, principalmente no sudeste da Ásia. Nas Américas existem cerca de 50 espécies, 15 no Brasil (Lorea-Hernández, 2003; Moraes & Oliveira, 2007).

# CHAVE DAS ESPÉCIES DE CINNAMOMUM

- 1. Folhas com margem plana; ramos cilíndricos a ligeiramente anguloso.

  - 2. Folhas sem domácias na face abaxial.

    - **3.** Folhas sem pontuações negras na face abaxial das folhas
- 4.1 *Cinnamomum estrellensis* (Meisn.) Kosterm., Reinwardtia 6: 21. 1961.

Oreodaphne estrellensis Meisn., in DC. Prodr. 15(1): 126. 1864.

**Árvores** até 18 m. **Catáfilos** densamente estrigosos a tomentosos. **Râmulos** subcilíndricos, esparso-estrigosos a glabrescentes, tricomas curtos, retos, adpressos a ascendentes. **Folhas** alternas; lâmina 4,8 - 9,1 x 1,4 - 2,9 cm, elíptica, ou estreito-elíptico-obovada, sub-triplinervada, ou peninervada, cartácea; ápice obtuso-acuminado; base atenuada; face adaxial glabra, nervura central achatada, plana a sulcada, nervuras laterais planas a promínulas, pouco mais grossas que a reticulação, reticulação subdensa, saliente, face abaxial com pontuações negras, esparso-estrigosa, tricomas retos, adpressos, nervura central saliente, obscura, nervuras laterais 7 - 10 pares, promínulas, finas, obscuras, reticulação densa, saliente, domácias ausentes. Pecíolo 0,8 - 1,4 cm, estrigoso, subcanaliculado. **Inflorescências** axilares, estrigosas, racemosas, mais curtas que as folhas; pedúnculo 1,0 - 1,7 cm. **Flores** bissexuadas, ca. 4 mm diâm., tomentosas; hipanto curto, internamente denso-estrigoso; tépalas oblongo-ovadas,

ápice agudo, esparso-estrigosas na face interna; filetes dos estames dos verticilos I e II com ½ do comp. das anteras, tomentosos no dorso e na base, anteras ovadas, micropapilosas, esparso-tomentosas no dorso, ou glabras, ápice truncado; filetes dos estames da série III pouco menores que as anteras, glabros, anteras retangulares, ápice truncado a arredondado, locelos superiores laterais, os inferiores lateral-extrorsos; estaminódios do verticilo IV subsagitados a cordado-sagitados, tomentosos na base; pistilo glabro, ou com raros tricomas no estilete, ovário elíptico, atenuado para o estilete, estilete curto aprox. 1/3 a ½ do comp. do ovário, estigma subdiscóide.

Nome popular: desconhecido.

Distribuição geográfica e ecologia: Rio de Janeiro, Serra da Estrela; Espírito Santo, Santa Teresa

Fenologia: floresce em fevereiro.

Usos: desconhecido.

Material examinado: Espírito Santo: Santa Teresa, São Lourenço, Reserva Biológica de São Lourenço, Trilha do Caravagem, alt. 750 m, *L. Kollmann et al. 1781*, 3/II/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Dois pinheiros, terreno do Banestes, alt. 650 m, *L. Kollmann et al. 1762*, 2/II/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Dois Pinheiros, terreno do Banestes, *L. Kollmann et al. 1770*, 02/II/1999 (MBML, RB, SPSF); Santa Teresa, Parque Natural Municipal de São Lourenço, *T. A. Cruz et al. 39*, 22/III/2003 (MBML); idem, *L. Kollmann et al. 2232*, 23/III/1999 (MBML, RB, SPSF, UEC).

Material adicional examinado: Brasil, Rio de Janeiro, "in collib. apicis montis Estrellae", *L. Riedel s.n.*, XII/1823 (LE, holótipo e 2 isótipos de *Oreodaphne estrellensis* Meisn.).

Segundo Lorea-Hernández (1996) Cinnamomum estrellensis seria melhor alocado em Ocotea Aubl. Com base em características tais como folhas peninervadas, flores com tépalas patentes na antese, estaminódios do verticilo IV estipitiformes e tépalas não persistentes nos frutos, Lorea-Hernández considera que algumas espécies formalmente reconhecidas em Cinnamomum pertenceriam, na verdade, à Ocotea. Em seu trabalho de revisão das espécies neotropicais de Cinnamomum o autor exclui Cinnamomum estrellensis e o aponta como Ocotea sp.. No entanto, no presente trabalho, os espécimes encontrados em Santa Teresa ainda foram considerados como pertencentes ao gênero Cinnamomum uma vez que, embora apresentem folhas peninervadas, tépalas patentes e frutos com tépalas caducas, os estaminódios do verticilo IV variam de subsagitados a cordadosagitados, contrastando com os estaminódios, quando presentes, raro desenvolvidos, mas nunca sagitados de Ocotea.

4.2 Cinnamomum glaziovii (Mez) Kosterm., Reinwardtia 6: 21. 1961.

Phoebe glaziovii Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5: 216. 1889.

Árvores até 22 m. Catáfilos densamente estrigosos. Râmulos subangulosos no ápice, depois cilíndricos, denso a esparso-estrigulosos, tricomas curtos, retos, adpressos. Folhas alternas; lâmina  $5.1 - 14.3 \times 2.4 - 6.4 \text{ cm}$ , elíptica, oblongo-elíptica, ou obovada, cartácea; ápice obtuso-acuminado; base atenuada, ou cuneada, pouco revoluta; face adaxial glabrescente, tricomas esparsos principalmente sobre as nervuras de lâminas jovens, triplinervada, nervura central sulcada, nervuras laterais sulcadas a subplanas, reticulação densa, sub-imersa a promínula, inconspícua; face abaxial estrigosa, nervura central fortemente saliente, nervuras laterais 4 - 6 pares, fortemente salientes, reticulação densa, saliente; domácias primárias presentes, barbeladas, não restritas apenas ao par de nervuras basais, domácias secundárias também presentes. Pecíolo 1,0 - 1,4 cm comp., estrigoso a esparso-estrigoso, canaliculado. Inflorescências curtas, axilares, cimoso-paniculadas, paucifloras, esparsoestrigosas; pedúnculo 2,5 cm. Flores bissexuadas, glabrescentes; hipanto internamente denso-seríceo; tépalas ovadas, denso seríceas internamente, ápice obtuso a obtuso-arredondado; filetes dos estames dos verticilos I e II seríceos, pouco menores que as anteras, anteras ovadas, ápice agudo; filetes dos estames do verticilo III seríceos, pouco menores que as anteras, anteras estreito-retangulares, seríceas, tetraloceladas, ápice truncado, locelos superiores laterais, os inferiores lateral-extrorsos; estaminódios do verticilo IV seríceos, cordado-acuminados; pistilo com raros tricomas, ovário elíptico, estilete longo, pouco maior que o ovário, estigma subdiscóide. Frutos 1,3 x 1,1 cm, globosos; cúpula 9 mm diâm., tépalas decíduas, margem ondulada.

Nome popular: desconhecido

Distribuição geográfica e ecologia: espécie registrada para os estados do Rio de Janeiro (Lorea-Hernández, 1996) e Espírito Santo.

Fenologia: Flores em abril, junho, agosto, novembro e dezembro; frutifica de janeiro a março.

Usos: desconhecido.

Material examinado: ES: Santa Teresa, Aparecidinha, Terreno de Luiz Bringhenti, alt. 750 m, *L. Kollmann et al.* 2278, 29/III/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Mata fria, Terreno do Clério Loss, alt. 750 m, *L. Kollmann et al.* 1711, 27/I/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Reserva Biológica da Caixa d'água, trilha do Caravagem, alt. 750 m, *L. Kollmann & E. Bausen 1387*, 29/XII/1998 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Estação Biológica de São Lourenço, trilha do Caravagem, alt. 750 m, *L. Kollmann et al.* 2234, 23/III/1999 (MBML, RB, UEC).

Material adicional selecionado: Rio de Janeiro: Alto Macahé, *A.F.M. Glaziou 18439*, s.d. (foto em BR); local não indicado, *A.F.M. Glaziou 6668*, 1878 (foto em BR-876200; isossíntipo de *Phoebe glaziovii* Mez); idem, *A.F.M. Glaziou 8097*, 1878 (foto em BR-876332; isossíntipo de *Phoebe glaziovii* Mez). Estado não indicado: local não indicado, *Binot 22*, s.d. (foto em BR-876233; 876266; 876299; 876461; isossíntipos de *Phoebe glaziovii* Mez).

Difere das outras espécies de *Cinnamomum* de Santa Teresa por apresentar folhas com nervuras triplinervadas e domácias nas axilas.

#### 4.3 Cinnamomum riedelianum Kosterm., Reinwardtia 6: 23. 1961

Árvores até 13 m. Catáfilos estrigosos. Râmulos cilíndricos, glabros ou com raros tricomas curtos, retos e adpressos, rubrescentes. Folhas alternas; lâmina 5,4 - 11,3 x 2,2 - 5,0 cm, elíptica; ápice obtusoacuminado; base cuneada; face adaxial lisa, nítida, glabra, nervura central sulcada, nervuras laterais sulcadas a planas, reticulação laxa, inconspícua, mesmo quando vista em lupa, face abaxial glabra ou glabrescente, com raros tricomas agrupados sobre a nervura central, tricomas curtos, retos e adpressos, nervura central promínula, escurecida, nervuras laterais 7 - 11 pares, promínulas, tênues, nervuras interlaterais conspícuas, reticulação laxa, promínula. Pecíolo 0,8 – 1,1 cm comp., glabro ou glabrescente, com tricomas esparsos, curtos, retos e adpressos, rubro ou enegrecido. Inflorescências axilares, subterminais, glabras, aproximadamente do mesmo comprimento que as folhas. Flores bissexuadas, glabras; pedicelo 3-6 mm; hipanto largo-obcônico, internamente glabro; tépalas suboblongas a largo ovadas, as internas denso-estrigosas, as externas um pouco menos estrigosas, ápice obtuso, densamente papiloso; filetes dos estames dos verticilos I e II pouco mais curtos que as anteras, estrigosos, anteras tetraloceladas, estreito-elípticas a ovado-triangulares, ápice agudo-arredondado; filetes dos estames do verticilo III pouco menores que as anteras, estrigosos, anteras estreito-retangulares, biloceladas, ou então com os locelos superiores bem reduzidos, locelos lateral-extrorsos, ápice truncado; glândulas basais pediceladas; estaminódios do verticilo IV sagitados, estrigosos, papilosos; pistilo glabro, pontuado-glanduloso, ovário elíptico-globoso, estilete aproximadamente com o mesmo comprimento que o ovário, estigma reduzido, rugoso-glanduloso. Frutos 1,6 – 2,0 x 0,9 – 1,4 cm, elípticos, quando secos com pontuações mais claras; cúpula  $1.2 - 1.4 \times 0.5 - 0.8$  cm, sub-hemisférica, rasa, lenticelada, margem simples, ondulada; pedicelo engrossado.

Nome popular: desconhecido.

Distribuição geográfica: registrada para o Rio de Janeiro, Espírito Santo e Santa Catarina.

Fenologia: Flores em julho; frutos imaturos em setembro e outubro, fruto maduro em junho.

Usos: desconhecidos.

Material examinado: ES: Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, alt. 650 - 800 m, *L.D. Thomaz 1181*, 30/VIII/1994 (MBML, MO, SPSF, UEC); Santa Teresa, Santa Lúcia, Trilha Bonita, alt. 650 m, *L. Kollmann et al. 464*, 3/IX/1998 (MBML); Santa Teresa, Santo Antônio, terreno do Boza, alt. 850 m, *L. Kollmann et al. 2719*, 20/VII/1999 (BHCB, MBML, RB, UEC); idem, *L. Kollmann 6905*, 27/VII/2004 (MBML); idem, *L. Kollmann et al. 6925*, 04/VIII/2004 (MBML); Santa Teresa, Santo Antônio, terreno do Boza, *V. Demuner et al. 1446*, 24/X/2000 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, propriedade particular do Leomir (caseiro "Carlinhos"), *V. Demuner et al. 1149*, 14/VI/2000 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, pousada Passárgada, Alberto Chiffer FP3, *V. Demuner et al. 1376*, 12/IX/2000 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Aparecidinha, terreno de L. Bringhenti, alt. 800 m, *L. Kollmann et al. 2589*, 16/VI/1999 (MBML).

Material adicional selecionado: Rio de Janeiro: "In sylvis antiquis, inter Mandiocca et Porto Estrella", *L. Riedel s.n.*, s.d. (foto em NY- 00355848; possível isótipo de *Persea riedelii* Meisn.). Estado não indicado: local não indicado, sem coletor, s.d. (foto em NY- 00355849; *Persea riedelii* Meisn.).

Lorea-Hernández (1996) citou *Cinnamomum riedelianum* Kosterm. como espécie dúbia por não conhecer os frutos e embora a espécie tenha tépalas eretas na antese e estaminódios bem desenvolvidos, o ovário totalmente imerso no hipanto lembra a condição encontrada em *Aniba* Aubl. e *Cryptocarya* R. Br.. *Cinnamomum riedelianum* difere das espécies de *Aniba* e *Cryptocarya* por apresentar anteras do verticilo I e II tetraloceladas; e de *Cryptocarya* por apresentar fruto não envolto completamente pelo tubo acrescente da flor. As coletas *L. Kollmann et al. 2719, V. Demuner et al. 1446, V. Demuner et al. 1149* e *V. Demuner et al. 1376* foram indicadas pelo Dr. Alexandre Quinet (aquinet@jbrj.gov.br) como *Ocotea* sp. nov.. Neste trabalho, com base na análise da foto do possível isótipo de *Persea riedelii* Meisn. e na combinação das características: tépalas eretas na antese, estaminódios bem desenvolvidos, subsagitados, anteras do verticilo III biloceladas e cúpula do fruto relativamente lenhosa, presentes nos materiais examinados, identificou-se os espécimes encontrados em Santa Teresa como sendo *Cinnamomum riedelianum*. Na foto do possível isótipo de *Persea riedelii* as anteras do verticilo III são tetraloceladas, contrastando com as anteras biloceladas dos materiais oriundos de Santa Teresa. No entanto, é comum que algumas espécies de *Cinnamomum* tenham anteras do verticilo III tanto tetraloceladas quanto biloceladas.

### 4.3 Cinnamomum sp. 1

Árvores até 12 m. Catáfilos estrigulosos. Râmulos subangulosos, rubrescentes, glabrescentes. Folhas alternas; lâmina 17,0 - 33,0 x 6,2 - 13,1 cm, elíptica, oblongo-elíptica; ápice curto-obtuso-acuminado; base atenuada; face adaxial glabra, lisa, nervura central sulcada, nervuras laterais planas ou sulcadas, reticulação subdensa, saliente a quase plana, face abaxial papilosa, glabrescente, com raros tricomas diminutos, retos, adpressos, agrupados principalmente sobre a nervura central, nervura central fortemente saliente, nervuras laterais 6 - 8 pares, salientes, reticulação densa, saliente. Pecíolo 1,5 - 3,5 cm, glabro, ou glabrescente, canaliculado a semicilíndrico. Inflorescências tirsóideo-paniculadas, axilares, ou terminais, fasciculadas, glabrescentes, tricomas diminutos, adpressos, retos; pedúnculo 1,5 - 8,5 cm. Flores bissexuadas, 2 - 3 mm diâm., glabras; hipanto profundo, suburceolado, internamente glabro; tépalas oblongas, ápice agudo a agudo-arredondado, margem micropapilosa, face externa das tépalas externas glabras, face interna serícea, face externa das tépalas internas seríceas nas laterais, glabra no centro, face interna serícea; estames dos verticilos I, II e III tetralocelados, quase do mesmo

comprimento das tépalas; filetes dos estames dos verticilos I e II do mesmo comp. das anteras, tomentosos, anteras papilosas, retangulares, ou ovado-retangulares, ápice agudo; filetes dos estames do verticilo III tomentosos, com aproximadamente o mesmo comp. das anteras, anteras estreitoretangulares, tomentosas, papilosas, ápice arredondado, quase truncado, locelos superiores lateralextrorsos, os inferiores quase extrorsos; estaminódios do verticilo IV sagitados, tomentosos, com quase o mesmo comp. dos filetes dos estames dos verticilos I e II; pistilo glabro, ovário botuliforme, estilete pouco maior que o ovário, estigma subdiscóide.

Nome popular: desconhecido

Distribuição geográfica: ES: Santa Teresa.

Fenologia: Floresce em outubro; frutos imaturos em outubro.

Usos: desconhecido.

Material examinado: ES: Santa Teresa, Alto São Lourenço, Sítio da Cachoeira (Lídio), V. Demuner et al. 1496, 25/X/2000 (MBML, RB, UEC); Santa teresa, Terreno do Boza, V. Demuner et al. 163, 26/X/1999 (MBML, RB, UEC).

A coleta V. Demuner et al. 163 foi indicada pelo Dr. Alexandre Quinet (aquinet@jbrj.gov.br) como Ocotea sp. nov.. No entanto, devido à combinação das tépalas eretas na antese e dos estaminódios do verticilo IV bem desenvolvidos, sagitados, alocou-se os espécimes como pertencentes a Cinnamomum. Contudo, os materiais têm características diferentes das 15 espécies brasileiras citadas por Lorea-Hernández. Difere de C. erythropus (Nees & Mart.) Kosterm., C. hatschbachii (Vatiimo-Gil), C. haussknechtii (Mez) Kosterm., C. quadrangulum Kosterm., C. rubrinervium Lorea-Hernández, C. sellowianum (Nees & Mart.) Kosterm., C. stenophyllum (Meisn.) Vattimo-Gil, C. taubertianum (Mez et Schw.) Kosterm. e C. tomentulosum Kosterm. por apresentar estames do verticilo III tetralocelados, mesmo que as espécies acima possam, às vezes, ter o par superior de locelos presentes, estes são sempre reduzidos. Difere de C. amoenum (Nees & Mart.) Kosterm., C. glaziovii (Mez) Kosterm., C. sp. nov. 1 (Lorea-Hernández, 1996) e C. triplinerve (Ruiz e Pavón) Kosterm. por não apresentar domácias na axila das nervuras na face abaxial das folhas, Difere de C, sp. nov. 2 (Lorea-Hernández, 1996) por não ter os ramos, folhas, inflorescências e flores cobertos por tricomas longos, eretos; e de C. uninervium Lorea-Hernández por ter nervuras laterais conspícuas.

#### 4.4 Cinnamomum sp. 2

Árvores até 17 m. Catáfilos glabérrimos. Râmulos glabros, angulosos. Folhas alternas a subopostas; lâmina 12,0 - 23,5 x 4,5 - 8,4 cm, obovada, cartáceo-coriácea; ápice curto-obtuso, ou

emarginado; base curto-atenuada; face adaxial glabra, nervura central em geral plana, às vezes sulcada, larga na base, nervuras laterais planas a promínulas, reticulação densa, saliente, conspícua, nervuras obscuras; face abaxial glabra, rubrescente quando seca, papilosa, nervura central fortemente saliente, nervuras laterais 7 - 12 pares, promínulas a planas, reticulação densa, conspícua, saliente. Pecíolo 0,5 – 0,9 cm comp., glabro, semicilíndrico, robusto. **Inflorescências** multifloras, glabras, axilares; pedúnculo 5-8 cm. **Flores** bissexuadas, 3 - 4 mm diâm.; hipanto menor que as tépalas, externa e internamente glabro; tépalas glabrescentes externamente, internamente tomentosa, estreito-ovadas, ápice agudo a agudo-arredondado, margem papilosa; filetes dos estames dos verticilos I e II glabros, mais ou menos laminares, pouco menores que as anteras, anteras quadráticas, locelos grandes, ápice apiculado ou curto-apiculado; filetes dos estames do verticilo III glabros, pouco menores que as anteras, anteras retangulares, ápice truncado, ou curto-acuminado, locelos superiores lateral-extrorsos, os inferiores extrorsos, grandes; estaminódios do verticilo IV sagitados, tomentosos na base; pistilo glabro, ovário elíptico, atenuado para o estilete, estilete com aproximadamente mesmo comp. do ovário, estigma subdiscóide, papiloso. **Frutos** 1,5 – 2,1 x 1,0 – 1,2 cm, elipsóides; cúpula 1,0 cm diâm., obcônica, rasa, tépalas persistentes.

Nome popular: desconhecido.

Distribuição geográfica e ecologia: Espécie conhecida apenas em Santa Teresa.

Fenologia: Floresce de janeiro a fevereiro; frutifica de abril a julho.

Usos: desconhecidos.

Material examinado: Espírito Santo: Santa Teresa, Country Club, alt. 750 m, *W.P. Lopes et al.* 662, 06/V/1999 (MBML, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada para Goiapaba-açu, parte final, *R. R. Vervloet & E. Bausen* 2165, 08/IV/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada para Goiapaba-açu, parte final, *R.R. Vervloet & E. Bausen* 1620, 07/I/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada para Goiapaba-açu, segunda trilha, depois da nova sede, *R. R. Vervloet et al.* 247, 09/V/2002 (BHCB, MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, trilha da cachoeira, sede, saindo da sede nova, *R. R. Vervloet et al.* 320, 29/V/2002 (BHCB, MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Estrada de Nova Lombardia, alt. 850 m, *L. Kollmann et al.* 5232, 09/I/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Reserva Biológica Augusto Ruschi, parte final da estrada, para Goiapaba-açu, *J. Rossini et al.* 384, 15/VII/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Country Club, *L. Kollmann et al.* 2000, 22/II/1999 (holótipo – RB; isótipos – MBML, UEC).

Segundo o Dr. A. Quinet (aquinet@jbrj.gov.br) os espécimes acima referidos são espécie nova a serem descritas como *Ocotea*. No entanto, neste trabalho optou-se por alocalos em *Cinnamomum* uma vez que os estaminódios do verticilo IV são bastante desenvolvidos e sagitados, embora as tépalas sejam patentes na antese e as folhas não sejam triplinervadas, características freqüentemente encontradas em *Ocotea*.

# **5.** *Cryptocarya* R. Brown, Prodr. Fl. Novae Hollandie 1: 402. 1810; ed. 2: 258. 1827.

Árvores ou arbustos, até 35 m. Râmulos seríceos a vilosos ou glabros. Folhas espiraladas, alternas ou subopostas, pecioladas; lâmina cartácea a coriácea, glabra ou pubescente. Inflorescências paniculadas e pseudoterminais, às vezes quase cimosas e axilares. Flores bissexuadas, pequenas, trímeras; invólucro ausente; hipanto conspícuo, profundo, encobrindo o ovário e posteriormente o fruto, geralmente delgado, urceolado, comprimido abaixo das tépalas, aumentando abruptamente em direção ao perianto, tépalas 3 + 3, simétricas, geralmente iguais; estames 6 introrsos + 3 extrorsos, laterais ou introrsos, 9 a 6 ou 3 férteis, bilocelares; anteras geralmente grandes; conectivos freqüentemente ultrapassando os locelos; estames do verticilo III com glândulas adnatas à base dos filetes (ou pouco distantes), pediceladas a sésseis; estaminódios do verticilo IV 3, estipitados, cordado-ovados a cordado-sagitados, acuminados, foliáceos; ovário súpero ± séssil, glabro (espécies americanas), imerso no tubo do perianto; estigma pequeno ou inconspícuo, raramente peltado. Frutos nucóides, elipsóides, piriformes ou globosos, uniloculares, monospérmicos, completamente imersos no tubo acrescente da flor, freqüentemente com um pequeno poro no ápice, ás vezes coroado por remanescentes de tépalas. Sementes com cotilédones grandes, plano-convexos; radículas diminutas, geralmente apicais (Moraes, 2007; Moraes & Oliveira, 2007).

Gênero pantropical com cerca de 200 a 350 espécies, com centro de diversidade no Arquipélago Indo-Malaio, ocorrendo também na África, Austrália, Ilhas do Pacífico, sendo 18 ou mais neotropicais. Gênero considerado isolado dentre as lauráceas neotropicais. Treze espécies são reconhecidas para o Brasil, com sete (três espécies novas) para o estado do Espírito Santo (seis para Santa Teresa) (Moraes, 2007).

# CHAVE DAS ESPÉCIES DE CRYPTOCARYA

(adaptada de Moraes, 2007)

- 1. Folhas menores (até 22,0 x 7,0 cm), estreito-elípticas a lanceoladas a obovadas, relativamente mais finas, cartáceas a coriáceas (raramente rígido-coriáceas como em *C. aschersoniana* e *C. riedeliana*), ápice agudo a obtuso a arredondado ou acuminado, pecíolos na maior parte menores (até 18,0 mm comp.), raro maiores (até 29,0 mm comp. em *C. riedeliana*), mais delgados (até 3,3 mm), acanaliculados a levemente ou profundamente canaliculados adaxialmente.

2. Face abaxial de folhas maduras glabra ou glabrescente. 3. Inflorescências e/ou flores glabras a glabrescentes. 3. Inflorescências e/ou flores conspicuamente pubescentes. **5.** Estames e gineceu inclusos. Folhas maduras glabras em ambas as faces. 7. Nervura central promínula adaxialmente. 8. Folhas com ápice acuminado, base aguda, levemente revoluta, nervura central impressa em direção à base, flores na maior parte glabras, glabrescentes em algumas 8. Folhas com ápice agudo a obtuso- ou largo-acuminado, ou caudada e raramente retusa, base aguda a obtusa, nervura central não impressa em direção à base, flores densamente tomentelas. com longos. Folhas maduras glabras adaxialmente, glabrescentes abaxialmente. 9. Folhas coriáceas a rígido-coriáceas, pecíolos longos e grossos (12,0 – 29,0 mm x 1,0 – 9. Folhas cartáceas a coriáceas, pecíolos mais curtos e mais delgados (3,7 – 17,7 mm x 0,7 -2,0 mm). 10. Flores densamente tomentelas, com pêlos ± longos, ± ascendentes, cobrindo 

#### 5.1 Cryptocarya aschersoniana Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5: 11 (1889).

Árvores ca. 18 m. Râmulos lenticelados, glabros, ou com esparsos tricomas, curtos, finos, adpressos, ou ascendentes, cilíndricos. Folhas alternas; lâmina  $6.2 - 9.2 \times 3.0 - 4.2 \text{ cm}$ , concolor, cartáceo-coriácea, elíptica, subovada; ápice curto-obtuso-acuminado; base atenuada; face adaxial opaca, glabra, nervura central promínula, nervuras laterais planas, inconspícuas, reticulação densa, plana, inconspícua a olho nu, face abaxial glabra, densamente papilosa, nervura central saliente, nervuras laterais 6 - 10 pares, salientes, reticulação densa, saliente; margem plana, ligeiramente espessada. Pecíolo 0.7 - 1.3 cm, glabro, enegrecido, semicilíndrico próximo à base da folha, subcanaliculado próximo ao ramo. Inflorescências (Moraes, 2007) axilares ou subterminais, tirsóideo-paniculadas, piramidais, pauci ou multifloras, 2.7 - 9.0 cm de comp., ou glabrescente a glabro ou esparso a densamente pubescente, com tricomas  $\pm$  curtos,  $\pm$  adpressos e  $\pm$  ascendentes, amarelados ou amarelo-ferrugíneos (ferrugíneo-estrigosos), geralmente menores que as folhas; pedúnculos glabrescentes a pubescentes, brácteas e bractéolas diminutas, tomentelas. Flores (Moraes, 2007) bissexuadas, cremes, verdes-

claro, verdes, verde-amareladas, amarelo-esverdeadas, geralmente glabras, glabrescentes em algumas coletas, c. 2,3 – 4,0(-7,0) mm de comp., 1,6 – 3,4 mm diâm. até o ápice; hipanto urceolado a sub-cilíndrico-urceolado; pedicelos geralmente tomentosos ou glabrescentes, 0,26 – 1,2 mm comp.; tépalas subiguais a iguais, côncavas, elípticas ou ovado-elípticas, ápice agudo a obtuso, pilosas ou glabrescentes internamente; estames inclusos; estames dos verticilos I e II introrsos, fortemente encurvados, anteras glabras a esparso pilosas ou ciliadas, ovadas a ovado-oblongas, ápice obtuso, filetes densamente pilosos, tão longos ou mais curtos que as anteras, adnato às tépalas; estames do verticilo III lateral a lateral-extrorsos, eretos, anteras estreito-ovadas a ovadas, glabras, conectivos obtusos a truncados, prolongados sobre os locelos grandes, filetes bastante delgados, iguais ou mais longos que as anteras, pilosos; estaminódios do verticilo IV relativamente pequenos, ovado-agudos, ápice e face abaxial pilosos, filetes conspícuos, geralmente curtos, robustos, pilosos; pistilo imerso no hipanto, glabro, ovário elipsóide, atenuado para o estilete com c. 0,98 – 2,53 mm de comp., cilíndrico, estigma pequeno, discóide. **Frutos** 1,6 -2,8 x 0,8 – 1,1 cm, elipsóides, ligeiramente costados.

Nome popular: armecica, canela-amarela, canela-areia, canela-batalha, canela-branca, canela-cinza, canela-deporco, canela-durão, canela-fogo, canela-lageana, canela-nhotinga, canela-nhutinga, canela-pimenta, canela-pururuca, imbuia, nhutinga (Moraes, 2007).

Distribuição geográfica e ecologia: no sul e sudeste do Brasil, Argentina na Província de Misiones e uma coleta do Uruguai. Essa espécie é quase restrita à áreas do platô leste e norte do Estado do Rio Grande do Sul, em Floresta Ombrófila Mista (Floresta de *Araucaria*). No Rio Grande do Sul a espécie é ainda encontrada em fragmentos remanescentes relativamente bem preservados de Floresta Ombrófila Mista, estando ausentes em fragmentos perturbados como em Vacaria. No platô de Santa Catarina, a espécie tem uma distribuição ampla e abundante geralmente na região de Floresta de *Araucaria*. É freqüentemente encontrada na vegetação de velho aluvião ao longo do Rio Itajaí-mirim. Em floresta higrófila (floresta inundada), a espécie é rara e apenas representada por juvenis. De 3 – 10 m de altitude na Floresta de Planície Costeira, 50 – 1000 m de altitude nas encostas e topos da região de Floresta Ombrófila Densa, 300 – 1100(-1600) m de altitude na Floresta Ombrófila Mista, c. 1100 m de altitude em Floresta Semidecídua, e florestas de galeria (Moraes, 2007).

Fenologia: Floresce de abril a julho, em setembro e geralmente de outubro a dezembro; Frutos imaturos de outubro a março, predominantemente de janeiro a março; frutos maduros de fevereiro a dezembro, mas principalmente de fevereiro a março. Três coletas tanto com flores como com frutos imaturos foram feitas em Outubro e Novembro (Moraes, 2007).

Usos: a madeira é usada na manufatura de remos. A espécie na Serra do Japi, São Paulo, é alimento para borboletas *Eurytides nigricornis* [status atual: *Protesilaus protesilaus nigricornis* (Staudinger, 1884) e várias traças. Sua madeira tem densidade básica moderada (0,550 – 0,600 g/cm<sup>3</sup>), cerne esbranquiçado, ligeiramente róseo. É usada na manufatura de caixas e cestas, molduras, vigas, postes de madeira, pranchas, forro, ripas para

carpintaria, marcenaria, rodapés, etc. Geralmente, não tem sido explorada por ser dificilmente serrada devido a grande quantidade de sílica impregnada na madeira. No entanto, nos anos recentes vem sendo procurada e apreciada como compensados de madeira e tábuas, o que promoveu uma intensa exploração no platô dos Estados do Paraná e Santa Catarina. A espécie é usada para o sombreamento do cacau no tão conhecido "sistema cabruca" no Estado do Espírito Santo. Tem sido relatado atividade de antigerminação dos extratos da semente de *C. aschersoniana* contra *Abutilon theophrasti* Medic., um competidor preocupante de milho e soja (Moraes, 2007).

Material examinado: ES: Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, margem esquerda do Rio Timbuí, floresta pluvial baixo montana, *H.Q.B. Fernandes 2602*, 6/X/1988 (CEPEC, MBML, MO, NY, SPSF); Santa Teresa, Valão de São Lourenço, Estação Biológica da Caixa D'Água, floresta de encosta, *H.Q.B. Fernandes 2418*, 21/III/1988 (ESA, MBML, SPSF, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, Reserva Biológica de Santa Lúcia, Trilha do Sagui, alt. 700 m, *L.J.C. Kollmann et al. 1840*, 4/II/1999 (ESA, MBML, RB, UEC).

Material adicional examinado: ES: Linhares, Fazenda Tapui, D.A. Folli 1368, 4/VII/1991 (CVRD, ESA, MO – 2 exsicatas); idem, P.L.R. de Moraes et al. 2543, 18/V/2005 (UEC); idem, P.L.R. de Moraes et al. 2544 (UEC).

Coletas do Espírito Santo, viz. *Fernandes 2418* (ESA, MBML, SPSF, UEC), 2602 (CEPEC, MBML, MO, NY, SPSF), *Folli 1368* (CVRD, ESA, MO), *Kollmann et al. 1840* (ESA, MBML, RB, UEC), *Moraes et al. 2543* (UEC), 2544 (UEC), foram consideradas por Moraes (2007) como pertencentes à *C. aschersoniana* baseados na completa similaridade vegetativa e características florais com a forma típica, apesar da ligeira diferença no formato do fruto, mas igualmente com a mesma polpa fina firmemente aderida ao pericarpo.

#### 5.2 *Cryptocarya micrantha* Meisn., in *Prodr.* (DC.) 15 (1): 75 (1864).

**Arvoretas** ca. 7 m. **Râmulos** não lenticelados, glabros, ligeiramente angulosos no ápice, logo cilíndricos. **Folhas** alternas, lâmina 5,8 – 9,3 x 1,4 – 2,7 cm, ligeiramente discolor; face abaxial pouco mais escura, cartáceo-membranácea, estreito-elípticas; ápice obtuso-acuminado, base atenuada; face adaxial glabra, nervura central saliente, nervuras laterais salientes, reticulação subdensa, saliente, face abaxial glabra, densamente papilosa, nervura central saliente a promínula, nervuras laterais 10 - 12 pares, salientes, reticulação subdensa, saliente, margem ligeiramente ondulada, espessada. Pecíolo 0,6 – 0,9 cm, glabro, enegrecido, semicilíndrico. **Inflorescências** (Moraes, 2007) axilares e subterminais, tirsóide-paniculadas, pauci a multifloras, 0,5 – 2,4 mm diâm. na base, 1,2 – 10 cm de comp., laxas, largamente piramidais, amarelo a ferrugínea-tomentelas; pedúnculo curto, liso; brácteas e bractéolas diminutas, ovadas, agudas, densamente amarelo-tomentelas, sub-persistentes. **Flores** bissexuadas, densamente amarelo-tomentelas, com tricomas ± longos, ±

ascendentes, 2,6-3,2(-4,3) mm compr., 1,2 – 2,0(-2,2) diâm. no ápice; hipanto cilíndrico, sub-urceolado, glabro internamente; pedicelos nulos ou até 1,3 mm de comp.; tépalas iguais, côncavas, eretas e ligeiramente curvadas no ápice, ovadas, arredondadas a agudas, pilosas internamente; estames inclusos; filetes dos estames dos verticilos I e II tão longos ou menores que as anteras, adnatos ás tépalas, anteras glabras, largo-triangulares-ovadas, ápice obtuso ou agudo, filetes dos estames do verticilo III tão longos ou pouco menores que as anteras, pilosos, anteras glabras, ápice truncado; estaminódios do verticilo IV triangular-ovados, agudos, ápice e face abaxial longo-pilosos, quase sésseis; pistilo elipsóide, glabro, ovário ovóide, estilete cilíndrico-cônico, estigma pequeno, truncado, obtuso. **Frutos** 2,8 x 2,3 cm, globosos, ligeiramente costados.

Nome popular: canela-batalha, goiaba-de-mico (Moraes, 2007).

Distribuição geográfica e ecologia: espécie restrita aos Estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Na maioria das vezes em Floresta Ombrófila Densa, mas também coletada nas Florestas Semideciduais de Minas Gerais, de 10 – 900 m altitude. Moraes (2007) com base em suas próprias coletas na Serra da Juréia e Serra da Estrela e o escasso material de herbário, acredita ser provável que a espécie ocorra em baixas freqüências e baixa densidade nas populações conhecidas.

Fenologia: Floresce em janeiro, maio, junho, agosto, setembro, outubro, e novembro. Frutos imaturos em abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, novembro e dezembro; frutos maduros em junho, julho, outubro, e novembro (Moraes, 2007).

Usos: desconhecido.

Material examinado: ES: Santa Teresa, São Antonio, sítio do Boza, alt. 700 m, *L.J.C. Kollmann et al. 4186*, 12/VII/2001 (MBML, RB, UEC).

#### 5.3. Cryptocarya riedeliana P.L.R. Moraes, ABC Taxa 3: 94. 2007.

Árvores até 28 m. Râmulos glabros, angulosos no ápice, logo cilíndricos. Folhas alternas ou opostas; lâmina 12,5 – 17,2 x 3,5 – 5,2 cm, concolor, coriácea, estreito-elíptica, sublanceolada; ápice curto-acuminado; base atenuada; face adaxial nítida, glabra, nervura central promínula, nervuras laterais promínulas, reticulação densa, plana, face abaxial glabra, papilas inconspícuas, nervura central saliente, nervuras laterais 8 – 10 pares, salientes, reticulação densa, saliente, margem ondulada, ligeiramente espessada. Pecíolo 1,0 – 1,3 cm, glabro, enegrecido, subcanaliculado. Inflorescências axilares e subterminais, paniculadas, pauci a multifloras, laxas a densas, esparso a predominantemente amarelo a ferrugíneo-tomentelas, tricomas ± curtos, ± adpressos e ± ascendentes; bractéolas ovadas, densamente amarelo-tomentelas, decíduas a sub-persistentes. Flores bissexuadas, densamente amarelo ou ferrugíneo-tomentelas; hipanto urceolado; tépalas iguais a subiguais, côncavas, ovado-elípticas, ápice agudo a arredondado, internamente pilosas; estames inclusos, filetes dos

estames dos verticilos I e II tão longos ou mais curtos que as anteras, pilosos, adnatos às tépalas, anteras esparsopilosas ou ciliadas, ovadas, ápice obtuso a truncado; filetes dos estames do verticilo III iguais ou mais longos que as anteras, pilosos, anteras esparsamente pilosas, estreito-ovadas; estaminódios do verticilo IV ovadoagudos, sagitados, ápice e face abaxial pilosos, filetes conspícuos, relativamente curtos, pilosos; pistilo glabro, ovário elipsóide, atenuado para o estilete, estilete ca. 1,9 mm comp., estigma pequeno, discóide. **Frutos** 2,0-2,4 x 1,3 – 1,5 cm, globosos, costados.

Nome popular: canela-branca, canela-murici, canela-noz-moscada, nosca-moscada-do-brasil, nox-moscado-do-brasil, noz-moscada, noz-moscada-do-brasil (Moraes, 2007).

Distribuição geográfica e ecologia: espécie somente conhecida por poucas coletas da Bahia, Espírito Santo, e Rio de Janeiro. Na Floresta Ombrófila Densa, de 35 – 1100 m altitude (Moraes, 2007).

Fenologia: Floresce em março, julho, agosto, setembro, e outubro. Frutos imaturos em fevereiro, abril, maio, junho, e novembro; frutos maduros em março, junho, julho, agosto, setembro, e outubro (Moraes, 2007).

Material examinado: ES: Santa Teresa, Rio Saltinho, estrada para Goiapaba-açu, *L.J.C. Kollmann & E. Bausen 4413*, 29/VIII/2001 (MBML, UEC).

C. riedeliana assemelha-se a C. aschersoniana Mez. O caráter chave para distinguir C. riedeliana de C. aschersoniana é a combinação de folhas coriáceas a rígido-coriáceas, adaxialmente nítidas e geralmente obsoletas, abaxialmente mais claras, opacas, com papilas inconspícuas, nervura central impressa adaxialmente, promínula em direção à base, promínula a proeminente em direção à base abaxialmente, pecíolos longos e robustos, quase sempre acanaliculados, flores com tépalas mais estreitas, hipanto menor e mais estreito, estames dos verticilos I e II do androceu menores devido aos filetes menores, estames do verticilo III maiores devido aos filetes maiores, e frutos estritamente prolatos, maiores, claramente costados. O córtex dessas árvores é, marromescuro a marrom-acinzentado, áspero, rugoso, lenticelado, não escamoso (adaptado de Moraes, 2007).

#### 5.4 Cryptocarya saligna Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5: 13 (1889).

Árvores até 21 m. **Râmulos** pouco lenticelados, os mais jovens com tricomas ferrugíneos, ondulados, ascendentes, logo glabros; angulosos no ápice, logo cilíndricos. **Folhas** alternas; lâmina 4,2 – 9,8 x 1,6 – 3,2 cm, discolor, cartáceo-membranácea, oblongo-elíptica; ápice curto a longo-obtuso-acuminado; base aguda, cuneada a arredondada; face adaxial glabra, nervura central fortemente sulcada, nervuras laterais sulcadas, ou ligeiramente salientes, pouco mais espessas que a reticulação, reticulação densa, sulcada, ou ligeiramente salientes, face abaxial glauca, com papilas inconspícuas, lâminas jovens com raros tricomas, ferrugíneos, ondulados, adpressos, na nervura central, face abaxial das lâminas adultas glabras, nervura central saliente, nervuras laterais 8 – 11 pares, salientes, tênues, reticulação subdensa, saliente; margem ligeiramente ondulada, pouco espessada ou não.

Pecíolo 0,6 – 1,1 cm, com tricomas ferrugíneos, ondulados, nas lâminas jovens, glabro nas adultas, enegrecido, subcanaliculado. **Inflorescências** axilares, tirsóide-paniculadas, multifloras, pouco menores a pouco maiores que as folhas, densamente pubescentes nas inflorescências mais jovens, esparsamente pubescentes nas inflorescências mais velhas, tricomas curtos, adpressos, ondulados, ferrugíneos; bractéolas sub-persistentes, ovadas, côncavas, pubescentes. **Flores** bissexuadas, esparso-tomentelas, com tricomas curtos, adpressos; hipanto obcônico, sub-urceolado, internamente glabro; tépalas subiguais, eretas, côncavas, curvadas no ápice, ovadas, ápice agudo, margem e internamente com tricomas eretos, ondulados; estames inclusos; filetes dos estames dos verticilos I e II com aproximadamente o mesmo comp. das anteras, adnatos às tépalas, denso a esparso-hirsutos, anteras glabras, largo-ovadas, ápice agudo; filetes dos estames do verticilo III pouco maiores que as anteras, densamente hirsutos, anteras glabras, estreito-ovadas, ápice obtuso, locelos latrorsos; estaminódios do verticilo IV subsagitados, esparso-hirsutos na base ou glabros; pistilo glabro, ovário elipsóide, atenuado para o estilete, estilete estreitando-se em direção ao estigma diminuto, truncado, estigma no mesmo plano horizontal que os estames. **Frutos** imaturos 4,3 x 1,9 cm, elipsóides, ligeiramente costados.

Nome popular: anhuvinha-branca, canela-ameixa, canela-bosta, canela-gosmenta, canela-oiti, canela-sassafraz, canela-sebosa, canelinha, tabucuva-preta (Moraes, 2007).

Distribuição geográfica e ecologia: espécie somente conhecida no sudeste do Brasil, principalmente coletada na Floresta ombrófila Densa, mas também nas florestas Semidecíduas de Minas Gerais, do nível do mar (?) – 150 m a 700 – 1125 m altitude. É relativamente pouco coletada, o que pode indicar sua baixa freqüência na Floresta Tropical Atlântica. No entanto, algumas populações encontradas no Estado de São Paulo em Pariqüera-Açu, E.E. de Juréia-Itatins, P.E. da Cantareira, e P.E. da Serra do Mar, Núcleo Picinguaba, apresentam uma densidade relativamente alta de indivíduos adultos em alguns fragmentos de florestas (Moraes, 2007).

Fenologia: Floresce de agosto a janeiro com apenas uma coleta em maio, mas o pico de floração parece ser de outubro a novembro. Fruto através do ano, mas principalmente frutos imaturos; frutos maduros principalmente de setembro a dezembro. Algumas coletas tanto com flores quanto com frutos foram feitas em setembro e outubro (Moraes, 2007).

Usos: extratos da folha de *C. saligna* coletados na E.E. Juréia-Itatins, SP, exibiram atividades antimicrobiana e destrutivas do DNA. A espécie apresentou apenas uma baixa atividade no exame de bioautografia com *Cladosporium sphaerospermum*. Também é usada no sombramento do cacau no sistema de cabruca no Estado do Espírito Santo (Moraes, 2007).

Material examinado: ES: Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, trilha da divisa, sentido norte, terreno do Vanildo Bragacha, *R.R. Vervloet et al.* 732, 27/VIII/2002, (MBML, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Mata fria, terreno de Clério Loss, alt. 750 m, *L.J.C. Kollmann et* 

al. 815, 28/VIII/1998 (MBML, UEC); Santa Teresa, Valão de São Lourenço, Mata Fria, terreno de Clério Loss, alt. 750 m., L. Kollmann et al. 2013, 23/II/1999 (MBML, UEC).

Material adicional examinado: Domingos Martins, rodovia BR-252, próx. Rio Araguaia, *G.G. Hatschbach et al.* 58221, 11/X/1992 (SPSF); Linhares, Reserva Florestal de Linhares, estrada Peroba Osso, km 3,305, *D.A. Folli* 88, 2/VIII/1979 (CVRD, ESA, MO n.v., SPSF).

As coletas *R.R. Vervloet et al.* 732 e *L. Kollmann et al.* 815 apresentam, na face adaxial, nervuras laterais e reticulação sulcadas e base das folhas de cuneada a arredondada. Essas características diferem daquelas expostas por Moraes (2007). Neste trabalho, *C. saligna* tem, na face adaxial nervuras laterais e reticulação ligeiramente salientes e base das folhas aguda a atenuada.

Cryptocarya saligna difere das outras espécies de Cryptocarya encontradas em Santa Teresa pela combinação das seguintes características: folhas: geralmente oblongo-elípticas, discolores, freqüentemente glaucas abaxialmente e quase glabras.

#### 5.5 Cryptocarya velloziana P.L.R. Moraes, ABC Taxa 3: 118. 2007

Informações abaixo copiadas de Moraes (2007).

Árvores até 16 m, tronco cilíndrico, DAP 6 – 35 cm, córtex castanho-amarronzado-claro, ligeiramente rugoso, lenticelado. Ramos cilíndricos, brilhantes, relativamente lisos, estriados, glabros. Râmulos 5 cm abaixo da gema terminal c. 2,0 – 3,9 mm de diâm., claro-amarelados a marrom-escuros, inicialmente angulosos, lisos a ligeiramente estriados a rugosos, com lenticelas longitudinais, glabros. Folhas alternas; lâmina 7,2 – 24,0 x 4,0 – 11,7 cm, largo-ovada, rígido-coriácea, espessura até 1,3 mm (mensurada na base), glabra em ambas as faces; ápice largo-agudo a arredondado; base obtusa; face adaxial ligeiramente brilhante, reticulação promínula; face abaxial mais clara, com papilas conspícuas; nervura central promínula a impressa em direção ao ápice adaxialmente, promínula a proeminente abaxialmente, nervuras laterais 6 – 10 pares, patentes, promínulas em ambas as faces; nervuras terciárias laxas, promínulo-reticuladas em ambas as faces; padrão de venação camptódromo-broquidódromo; margem plana a recurvada, esclerificada. Pecíolo 1,0 – 1,96 cm de comp., 0,22 – 0,4 cm de espessura, acanaliculado e plano adaxialmente, arredondado abaxialmente, rugoso, glabro, escuro (seco). Inflorescências desconhecidas, entretanto, os pedúnculos remanescentes são axilares, subterminais, 1,4 – 2,6 mm de diâm. na base, pubescentes, com tricomas ± curtos, ± adpressos. Flores desconhecidas. Frutos imaturos verdes, ligeiramente costados. Frutos maduros, piriformes a elipsóides, c. 3,16 – 3,46 cm de comp., 2,34 – 2,54 cm de diâm., lisos.

Material examinado: ES: Santa Teresa, Valsugana Velha, Estação Biológica de Santa Lúcia, c. 19°58'S, 40°32'W, alt. 600 – 900 m, *E. Bausen & M.F. dos Santos 28*, 24/IX/1991 (holótipo: MBML; isótipos: MO, RB, SPSF); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, Trilha Bonita, *W.P. Lopes et al. 676*, 12/V/1999

(parátipos: ESA, MBML, UEC); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, Trilha do Palmiteiro, *V. Demuner et al. 55*, 30/IX/1999 (parátipos: MBML, RB, UEC).

Nome popular: desconhecido.

Distribuição geográfica e ecologia: espécie conhecida por poucas coletas na Estação Biológica de Santa Lúcia, Santa Teresa, em Floresta Ombrófila Densa, de 600 – 900 m altitude e na Reserva Natural da Companhia Vale do Rio Doce, Linhares, em Mata de Tabuleiro (Baitello *com. pess.*).

Fenologia: florescimento desconhecido até o presente. Frutos imaturos em maio e setembro; frutos maduros em setembro.

Usos: desconhecido.

Cryptocarya velloziana difere das outras espécies de Cryptocarya encontradas em Santa Teresa por apresentar folhas rígido-coriáceas e espessas, ápice largo-agudo arredondado, base obtusa; a aparência geral das folhas assemelha-se a B. linharensis Sa. Nishida & van der Werff, no entanto o fruto liso difere do fruto verrucoso de B. linharensis. As folhas de C. velloziana quando amaçadas tem cheiro muito forte, enquanto que B. linharensis tem folhas com cheiro fraco.

#### 5.6 Cryptocarya wiedensis P.L.R. Moraes, ABC Taxa: 3: 121. 2007

Informações adaptadas de Moraes (2007).

Árvores ou freqüentemente arvoretas, 6 – 25 m. Râmulos densamente indumentados, tricomas curtos, ondulados, adpressos, amarelados, achatados ou angulosos no ápice, logo cilíndricos. Folhas alternas; lâmina 3,7 – 11,0 x 1,3 – 4.24 cm, ligeiramente discolor, face adaxial pouco mais escura, coriácea, elíptica a ovada; ápice agudo a curto-acuminado; base cilíndrica; face adaxial esparso-pubescente, com tricomas curtos, finos, adpressos, amarelados, nervura central impressa a plana, nervuras laterais ligeiramente impressas, inconspícuas, reticulação densa, impressa, bastante inconspícua, face abaxial esparso-pubescente, com tricomas curtos, finos, adpressos, amarelados, conspicuamente papilosa, nervura central saliente, nervuras laterais 4 – 7 pares, inconspícuas a ligeiramente salientes, reticulação bastante densa, saliente; margem plana a ligeiramente revoluta. Pecíolo 0,8 – 1,1 cm, enegrecido, ligeiramente canaliculado a acanaliculado adaxialmente, achatado, arredondado abaxialmente, pubescente, com tricomas curtos, adpressos, amarelados. Inflorescências nas axilas das folhas distais, subterminais, paniculadas, paucifloras, diminuto-pubescentes, 1,9 – 3,8 cm de comp.; pedúnculo curto, densamente seríceo-tomentelos. Flores bissexuadas, diminuto-pubescentes, com tricomas curtos, ± adpressos; hipanto urceolado; tépalas subiguais, ligeiramente côncavas, eretas e pouco encurvadas para dentro no ápice, largamente ovadas a ovado-elípticas, ápice agudo ou obtuso, esparsamente pilosa internamente;

estames inclusos, filetes dos estames dos verticilos I e II tão longos quanto ou pouco menores que as anteras, adnato as tépalas, pilosos, anteras glabras, subtriangulares, ápice arredondado a obtuso, filetes dos estames do verticilo III tão longos quanto as anteras, pilosos, anteras glabras, estreito-ovadas, conectivo espesso, obtuso, bastante prolongado além dos locelos, locelos extrorso-latrorsos; estaminódios do verticilo IV grandes, sagitados, agudos, ápice e face abaxial pilosas, face adaxial achatada, glabra, com duas protuberâncias elípticas, conspícuas na base na face lateral/abaxial, filetes conspícuos, robustos, pilosos; pistilo glabro, ovário elipsóide, atenuado para o estilete, estilete cilíndrico-cônico, glabro, estigma pequeno, discóide. **Frutos** imaturos, elipsóide-ovados, costados.

Nome popular: desconhecido.

Distribuição geográfica e ecologia: até o momento conhecido pelas coletas em Santa Maria de Jetibá e Santa Teresa, Espírito Santo. Na Floresta Ombrófila Denso Montana, de 750 a 850 m altitude.

Fenologia: material florido é conhecido apenas pelo tipo coletado em Abril e parátipo com botões florais em Fevereiro. Frutos imaturos apenas conhecidos por dois parátipos coletados em Julho.

Usos: desconhecido.

Materiais examinados: ES: Santa Maria de Jetibá, Rio Nove, terreno de L. Kollmann, alt. 850 m, *L.J.C. Kollmann et al.* 2464, 13/III/1999 (holótipo: MBML; isótipos: RB, SPSF, UEC); Santa Maria de Jetibá, Rio Nove, *V. Demuner et al.* 781, 24/II/2000 (parátipo: MBML); Santa Teresa, Dois Pinheiros, Mata de D. Bonfim, alt. 750 m, *L.J.C. Kollmann et al.* 266, 16/VII/1998 (parátipo: MBML, SPSF); idem, *L.J.C. Kollmann et al.* 269, 16/VII/1998 (parátipo: MBML, SPSF).

Cryptocarya wiedensis pode ser confundida com C. aschersoniana Mez. No entanto, esta espécie difere de C. aschersoniana por apresentar indumento conspícuo de tricomas curtos, adpressos cobrindo quase sempre a epiderme dos râmulos, inflorescências, e flores, e por suas folhas coriáceas, esparso pubescentes em ambas as faces, base obtusa, face adaxial opaca e reticulação obsoleta, enquanto que C. aschersoniana tem râmulos glabros, ou com tricomas esparsos, inflorescências ou glabrescentes a glabras ou esparso a densamente pubescentes, flores geralmente glabras e folhas cartáceo-coriáceas, glabras em ambas as faces.

#### **6.** Endlicheria Nees, Linnaea 8: 37. 1833, nom. cons.

Árvores dióicas, maioria menor que 25 m, podendo alcançar até 40 m. Folhas simples, alternas, geralmente ovadas a obovadas, peninérveas, raramente tri-plinérveas, pilosas em ambas as faces; variações de cor, tamanho, forma, densidade e orientação dos tricomas são características importantes para identificar espécies; ápice geralmente acuminado, podendo também ser caudado ou apiculado; base cuneada ou aguda. Inflorescências paniculadas ou tirsóides. Flores unissexuadas; 6 tépalas

imbricadas, iguais, pilosas; flor masculina com 9 estames férteis, bilocelares, verticilo I (3) e II (3) introrsos, verticilo III (3) bilocelares, extrorsos ou latrorsos, com um par de glândulas na base do filete, verticilo IV estaminodial, geralmente ausente; pistilódio presente ou ausente; flor feminina com estames estéreis, semelhantes ao da flor masculina, reduzidos, com vestígios de anteras bilocelares, ovário elipsóide ou subgloboso, estilete curto e espessado. **Frutos** elipsóides, obovóides ou ovóides; geralmente de cúpula rasa, hemisférica, margem simples, tépalas decíduas, raro persistentes (Rohwer, 1993a; Chanderbali, 2004; Quinet, 2005; Moraes & Oliveira, 2007).

Gênero neotropical com centro de diversidade na América do Sul, ocorrendo também na Costa Rica, Guadalupe e Ilhas do Caribe. Possui cerca de 60 espécies, 40 das quais ocorrem no Brasil e 1 registrada para o estado do Espírito Santo (Chanderbali, 2004).

6.1 *Endlicheria paniculata* (Spreng.) J.F.Macbr., Publ. Field Mus. Nat. Hist., Bot. Ser. 13 (2, 3): 850. 1938.

Citrosma paniculata Spreng., Syst. Veg. 2: 545. 1825.

Arvoretas e árvores dióicas, de 6 a 10 m. Catáfilos densamente indumentados, tricomas eretos a adpressos. Râmulos finos a robustos, densamente pubescentes, tricomas castanho-claros, eretos a adpressos. Folhas alternas; lâmina 5,0 – 14,0 x 2,2 – 12,0 cm, cartácea a subcoriácea, estreito a largoelíptica ou ovada; ápice agudo, caudado, obtuso, obtuso-acuminado ou acuminado; base atenuada ou cuneada; face adaxial glabra a glabrescente na epiderme e seríceo-tomentosa nas nervuras, nervuras impressas; face abaxial tomentosa, mais densa sobre as nervuras, nervuras salientes; peninérveas, broquidódromas; margem espessada, plana ou sutilmente revoluta. Pecíolo 0,6 – 2,1 x 0,12 – 0,20 cm, robusto, canaliculado, densamente tomentoso a glabrescente. Inflorescências axilares, submultifloras a multifloras, densamente estrigosas quando jovens, esparsamente estrigosas quando adultas; pedúnculo médio a longo. Flores esparsa a densamente estrigosas externamente, tricomas esbranquiçados ou dourados; hipanto infundibuliforme, densamente dourado a cinza-piloso internamente; pedicelos longos e delgados; tépalas subiguais, ovaladas, ápice obtuso a arredondado. Flores masculinas com estames dos verticilos I e II bilocelares, introrso-latrorsos, estipitados, densamente tomentosos no filete e na base; anteras ovadas a orbiculares, pontuado-glandulosas, ápice obtuso, emarginado ou truncado; estames do verticilo III bilocelares, largo-estipitados, extrorso-latrorsos, anteras ovado-triangulares a quase retangulares, ápice obtuso a truncado, filetes iguais ou levemente mais estreitos que as anteras, com um par de glândulas globosas, sésseis; estaminódios do verticilo IV ausentes; pistilódio diminuto,

fusiforme, glabro; flores femininas um pouco menores; tépalas mais estreitas; androceu estéril; ovário glabro, ovóide, estilete bastante curto e espessado, estigma largamente trilobado. **Frutos** 1,4 – 2,5 x 0,8 – 1,2 cm, elipsóides; cúpula bem desenvolvida, hemisférica, glabra externamente, estrigosa internamente, margem inteira, rasa a envolvendo ca. ½ da baga, com ou sem rudimentos das tépalas.

Nome popular: canela, canela-amarela, canela-branca, canela-burra, canela-caroba, canela-cernuta, canela-de-cantagalo, canela-de-veado, canela-frade, canela-garuva, canela-guajaba, canela-jacuá, canela-peluda, canela-cheirosa, canela-do-brejo, canela-sebo, canelão, canelinha, canela-da-folha-miúda, canela-de-folha-miúda, canela-de-papagaio, canela-preta, louro, madeira-de-rei (Baitello, 2003; Chanderbali, 2004; Moraes & Oliveira, 2007).

Distribuição geográfica e ecologia: árvores predominantemente pequenas a medianas, distribuídas nas florestas da encosta Atlântica do sudeste brasileiro, nas encostas baixas dos Andes, na América do Sul tropical, até o Panamá, na América Central. Ocorre em altitudes de 50 a 1.000 m ao longo de sua amplitude geográfica, atingindo altitudes acima dos 2.000 m nos Andes (Chanderbali, 2004).

Fenologia: floresce e frutifica ao longo do ano todo.

Usos: madeira indicada para obras internas em construção civil, como caibros, vigas, ripas, tabuado para paredes, marcos de portas, para marcenaria, forros, caixotaria, bem como para lenha e carvão. A casca e as folhas são aromáticas e adstringentes. Frutos procurados por pássaros (Moraes & Oliveira, 2007). A cúpula do fruto no material vivo é vermelha, com o fruto atro, dá à espécie excelente efeito ornamental (Baitello, 2003).

Material examinado: ES: Santa Maria de Jetibá, Belém, terreno de Paulo Seik (área 1), alt. 700 m, L. Kollmann et al. 5895, 14/I/2003 (MBML, RB, UEC); idem, L. Kollmann et al. 5906, 14/I/2003 (MBML, RB, UEC); idem, L. Kollmann 6000 & M. V. S. Berger, 17/II/2003 (MBML, RB); Santa Teresa, Aparecidinha, ter. de L. Bringhenti, alt. 750 m, L. Kollmann et al. 2287A, 29/III/1999 (MBML, SPSF); Santa Teresa, cachoeira do Rio Bonito, Radar, alt. 1.000 m, L. Kollmann et al. 4361, 15/VIII/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Estação Biológica Caixa D'Água, alt. ~700 m, W. A. Hoffmann 179, 14/VIII/1984 (MBML); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, Trilha do Palmiteiro, V. Demuner et al. 51, 30/IX/1999 (MBML, RB, UEC); idem, Trilha do Tapinoã, V. Demuner et al. 444, 30/XII/1999 (MBML, RB, UEC); Fundão, Goiapaba-açu, estrada 2, trilha por cima da lagoa, topo do Mirante, A.P. Fontana et al. 476, 31/XII/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Lombardia, Terreno de João Furlani, L. Kollmann et al. 7378, II/2005 (MBML); Santa Teresa, Mata do Country Club, W. Boone 1038, 21/I/1986 (MBML, RB, SPSF, UEC); idem, L. Kollmann et al. 1964, 22/II/1999 (MBML, RB, UEC); idem, L. Kollmann et al. 1978, 22/II/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Mata Fria, Terreno do Clério Loss (lado esquerdo), V. Demuner & E. Bausen 533, 13/I/2000 (MBML, RB, SPSF); idem, V. Demuner & E. Bausen 539, 13/I/2000 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Estrada Marlene, R.R. Vervloet et al. 1771, 5/II/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada para Goiapaba-açu, parte final, R.R. Vervloet & E. Bausen 1605, 7/I/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Divisa, Represa, R.R. Vervloet et al. 1702, 21/I/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, próximo ao córrego, R.R. Vervloet et al. 1709, 22/I/2003 (MBML, RB,

UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Trilha Vale do Palmito, R.R. Vervloet et al. 1825, 13/II/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Penha, Sítio de R. Pizziolo, L. Kollmann & R. L. Kollmann 7279, 22/I/2005 (MBML); Santa Teresa, Penha, Tabajara, L. Kollmann & R. Britto 8542, 18/I/2006 (MBML); Santa Teresa, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Estrada de Nova Lombardia, alt. 850 m, L. Kollmann et al. 5250, 9/I/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Reserva Biológica Augusto Ruschi, parte final da estrada, para Goiapaba-açu, J. Rossini et al. 368, 15/VII/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Trilha da Cachoeira, sede nova, alt. 800 m, L. Kollmann & E. Bausen 5368, 29/I/2002 (MBML, RB, UEC); idem, L. Kollmann & E. Bausen 5385, 29/I/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Reserva Biológica de Nova Lombardia, estrada de Alto São Antônio, divisa da Tracomal, alt. 800 m, L. Kollmann et al. 5501, 6/II/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Rio Saltinho, Bueirão, beira da estrada Fundão-Santa Teresa, L. Kollmann et al. 3746, 29/V/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Rio Saltinho, terreno de Jonas Tranhago, L. Kollmann & A. P. Fontana 8369, 21/X/2005 (MBML); Santa Teresa, Santa Lúcia, Mata Atlântica de encosta, alt. 650 - 800 m, L. D. Thomaz 1531, 08/XII/1992 (MBML); Santa Teresa, Santo Antônio, Estação Biológica Caixa d'Água, altitude 700 m, L. Kollmann et al. 2041, 5/III/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Santo Antônio, terreno do Boza, alt. 750 m, L. Kollmann & E. Bausen 1505, 7/I/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Country Club, alt. 750 m, L. Kollmann et al. 1993, 22/II/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Estação Biológica de São Lourenço, trilha do Caravagem, L. Kollmann & E. Bausen 4371, 21/VIII/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Reserva Biológica Caixa d'Água, E. Bausen & W. Pizziolo 125, 30/VII/1998 (MBML, RB, SPSF, UEC); idem, L. Kollmann et al. 2030, 5/III/1999 (MBML, RB, UEC); idem, L. Kollmann & E. Bausen 2652, 23/VI/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valão de São Lourenço, Estação Biológica Caixa d'Água, E. Bausen 68, 16/VIII/1994 (MBML, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, Valão de São Lourenço, Henrique Tonn, V. Demuner & E. Bausen 1439, 10/X/2000 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, divisa da Estação Biológica de Santa Lúcia, L. Kollmann 8429, 11/XI/2005 (MBML).

Material adicional selecionado: ES: Castelo, Parque Estadual do Forno Grande, alt. 1200 m, L. Kollmann 6381, 27/I/2004 (BHCB, MBML); Castelo, Parque Estadual do Forno Grande, L. Kollmann et al. 7135, 30/X/2004 (MBML); Minas Gerais: "ad Caldas", A.F. Regnell II-2411/2, 1867 (foto em BR); idem, A.F. Regnell II-141½, 1867 (foto em BR); idem, G.A. Lindberg 457a, 8/X/1854 (foto em BR); local desconhecido, P. Claussen 454, VIII/1840 (foto em BR; isossíntipo de Goeppertia hirsuta (Schott) Nees var. coriacea Meisn.). Rio de Janeiro: "Canta Gallo", T. Peckolt 115, 1859 (foto em BR; holó e isótipos de Goeppertia cantagallana Meisn.); Rio de Janeiro, J. Miers 4270, s.d. (foto em B); Rio de Janeiro, Comes Raben 837, 1839 (foto em BR); Rio de Janeiro, "San Cristovão", J.E. Pohl 5611, s.d. (F Neg. No. 19260; isolectótipo de Cryptocarya hirsuta Schott ≡ Endlicheria hirsuta (Schott) Nees = Goeppertia hirsuta (Schott) Nees); idem, "Tijuca e Corcovado", A.F.M. Glaziou 3092, 19/X/1868 (foto em BR; isossíntipo de Endlicheria hirsuta (Schott) Nees var. glabrata Glaziou); idem, "road to Macaco, near Vista Chineza", A.F.M. Glaziou 16315, 26/XII/1886 (foto em BR; isossíntipo de Endlicheria hirsuta (Schott) Nees var. glabrata Glaziou); idem, "ad S. Cristovão prope Sebastianopolis Bras.", A.C.V. Schott s.n., 1822 (foto em BR-880679). Local desconhecido: F. Sellow s.n., s.d. (foto em B); idem, F. Sellow s.n., s.d. (foto em B); idem, F. Sellow s.n., s.d. (foto em BR-880712); idem, F. Sellow s.n., s.d. (foto em BR-880634); idem, A.F.M. Glaziou 12120, s.d. (foto em BR); idem, A.F.M. Glaziou 22056, s.d. (foto em BR, RB). Paraguai: "Caaguazu", B. Balansa 2026, 12/XI/1874 (foto em BR). Peru: Cuchero, E.F. Poeppig 1520, XI/1821 (LE; isossíntipo de Goeppertia longifolia Nees e de Endlicheria longifolia (Nees) Mez); Loreto: "Maynas, Yurimaguas", E.F. Poeppig 2298, VI/1831 (LE; isótipo de *Goeppertia hirsuta* (Schott) Nees var. *hirsutior* Meisn.).

Troncos de casca lisa, madeira dura e cheirosa.

Espécie com alta variabilidade na forma, tamanho e indumento das folhas. Apesar dessa variação intraespecífica, é facilmente reconhecida dentro do gênero por sua venação pinada, uma vez que outras espécies com flores rotadas e estames estipitados com ápices de antera truncado (*E. acuminata* e *E. gracilis*) têm folhas acródromas suprabasais (Chanderbali, 2004). Vegetativamente é muito semelhante à *Rhodostemonodaphne macrocalyx* e ocorrem na mesma área geral. No entanto, em *E. paniculata* na maioria das vezes os tricomas são adpressos, as vezes ascendentes e raro eretos. Em *R. macrocalyx* os tricomas são ascendentes, mas sempre mais curtos.

#### 7. Licaria Aubl., Hist. Pl. Guiane 313. 1775.

Árvores medianas, raramente até 40 m. Folhas alternas a opostas, glabras adaxialmente, glabras a pilosas abaxialmente, sem domácias. Inflorescências tirsóide-paniculadas, raramente botrióides, capituliforme, ou reduzidas a uma única flor. Flores bissexuadas, 1,0 – 8,0 mm, geralmente esféricas a obcônicas, com 6 tépalas freqüentemente fechadas, verdes, amarelas ou muito raramente avermelhadas; hipanto maior ou mais breve que as tépalas, profundo e urceolado, internamente glabro a longo-piloso; tépalas subiguais; estames férteis 3 (apenas os do verticilo III), freqüentemente biglandulosos; bilocelados, locelos apicais; verticilos I e II estaminodiais ou ausentes; estaminódios do verticilo IV, quando presentes, subulados. Frutos elipsóides, lisos, com cúpula de margem dupla, raramente simples ou tripla; tépalas persistentes ou não sobre a margem (Rohwer, 1993a; Baitello & Esteves, 2003; Quinet, 2005).

O gênero é típico da América tropical com aproximadamente 40 espécies (Kurz, 2000; Baitello & Esteves, 2003); três espécies são registradas para o estado do Espírito Santo.

#### CHAVE DAS ESPÉCIES DE LICARIA

### 7.1 *Licaria bahiana* Kurz, Mitt. Inst. Allg. Bot. Hamburg 28-29: 146. 2000.

Árvores até 22 m. Catáfilos tomentelos. Râmulos subangulosos, densamente adpressopubérulos. Folhas alternas a subopostas; lâmina 11,0 - 17,5 x 3,5 - 7,0 cm, elíptica a oblongo-elíptica, cartáceo-coriácea; ápice obtuso-acuminado, base atenuada a cuneada, ligeiramente revoluta; face adaxial glabrescente ou glabra, quando glabrescente com tricomas esparsos sobre as nervuras, principalmente sobre a nervura central, tricomas retos, curtos, quase adpressos, nervura central sulcada, nervuras laterais promínulas, reticulação densa, ligeiramente sulcada, reticulação e nervuras laterais mais claras, nervura central um pouco mais escura, face abaxial glabrescente, com tricomas curtos, retos e adpressos, agrupados principalmente sobre as nervuras, nervura central saliente, nervuras laterais 9 - 11 pares, promínulas a salientes, reticulação densa. Pecíolo 1,0 - 2,0 cm comp., ligeiramente canaliculado, robusto, denso-tomentoso nas folhas jovens, glabrescente nas adultas. Inflorescências terminais, ou subterminais, robustas, tomentosas, pouco maiores que as folhas; pedúnculo até 2,5 cm. Flores bissexuadas, 2 – 3 mm, glabras; tépalas eretas na antese, largo-ovadas, ápice agudo a agudoarredondado; hipanto largo-obcônico, internamente tomentelo; estaminódios dos verticilos I e II foliáceos, esparso-tomentelos, ápice agudo; estames do verticilo III livres, tomentelos, locelos apicalextrorsos; glândulas dos estames do verticilo III laterais, filiformes, com aprox. ¾ do comp. do filete; estaminódios do verticilo IV filiformes, tomentelos; pistilo glabro, ovário estreito-elíptico, atenuado para o estilete, estilete pouco maior que o ovário; estigma subdiscóide. Frutos 2,5 x 1,6 cm, elípticos; cúpula 1,2 x 3,0 cm, campanulada, lenticelada, hexalobada, margem dupla; pedicelo 1,5 cm, obcônico.

Nome popular: Louro sabão

Distribuição geográfica e ecologia: Alagoas, Bahia (Kurz, 2000), Espírito Santo.

Fenologia: Flores em janeiro; frutos imaturos em fevereiro e abril, maduros em outubro.

Usos: desconhecido.

Material examinado: ES: Santa Teresa, Alto Lombardia (Cabeceira do Vinte e Cinco de Julho), mata do Durval Furlani, *V. Demuner et al. 964*, 27/IV/2000 (BHCB, MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Aparecidinha, terreno de Luiz Bringhenti, alt. 750 m, *L. Kollmann et al. 1746*, 28/I/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valão de São Lourenço, Mata Fria, Terreno de Clério Loss, alt. 750 m, *L. Kollmann et al. 2008*, 23/II/1999 (MBML, RB, SPSF, UEC).

Material adicional selecionado: Bahia: Una, Reserva Biológica do Mico-leão (IBAMA), 15°09'S, 39°05'W, *J.L. Hage et al.* 2366, 11/III/1993 (MBML). Espírito Santo: Linhares, Reserva Florestal de Linhares, *D.A. Folli* 505, 13/VII/1984 (foto em CVRD); idem, *M.F. Freitas* 268, 4/XI/1999 (foto em CVRD); Santa Cruz- Caieiras Velha-Aldeia Tupiniquins, *M.A. Assis* 614, 11/X/1995 (HRCB).

### 7.3 Licaria sp. 1

Árvores até 12 m. Catáfilos estrigosos ou tomentosos. Râmulos glabros. Folhas alternas; lâmina 5,4 – 17,1 x 1,7 – 5,6 cm, subcoriácea a cartácea, nítida, elíptica a lanceolada, suboblonga ou ovada, glabrescente; ápice longo-acuminado a acuminado; base atenuada, cuneada ou subarredondada; face adaxial glabra, nervura central sulcada a promínula, nervuras laterais subsulcadas, reticulação ligeiramente saliente, face abaxial glabrescente, tricomas retos e adpressos, papilosa, nervura central saliente, nervuras laterais 6 – 11 pares, salientes, reticulação densa; margem engrossada. Pecíolo 1,0 – 1,3 cm longo, glabro a glabrescente, canaliculado. Inflorescências apicais, paniculadas, paucifloras a submultifloras, pouco menores que as folhas, denso-tomentosas, tricomas acinzentados. Flores bissexuadas, 1,0 – 3,0 mm; hipanto pouco distinto, infundibuliforme, internamente glabro a esparso-estrigoso, tricomas longos, adpressos; tépalas ovadas, glabras; estaminódios dos vertícilos I e II foliáceos, quase panduriformes a retangulares, ápice truncado ou obtuso, glabros na base; estames do vertícilo III livres, filetes pilosos, locelos apicais, subextrorsos, biglandulares; glândulas achatadas; estaminódios do vertícilo IV presentes ou ausentes, quando presentes em número de 1 a 3, obcônicos, pilosos; pistilo glabro, ovário elipsóide, estilete fino, longo, estigma mínimo. Frutos 1,9 – 2,8 x 1,1 – 1,9 cm, elipsóides, lisos; cúpula 0,4 – 1,6 cm compr., subemisférica, margem dupla, patente; pedicelo 1,3 – 1,9 cm, afunilado e engrossado.

Nome popular: desconhecido.

Distribuição geográfica e ecologia: Espírito Santo; Santa Teresa.

Fenologia: floresce entre setembro e janeiro; frutifica entre setembro e julho.

Usos: desconhecidos.

Material examinado: ES: Santa Teresa, Alto São Lourenço, Sítio da Cachoeira (Lídio), V. Demuner et al. 1489, 25/X/2000 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia. Trilha do Tapinoã, V. Demuner et al. 434, 30/XII/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Mata da prefeitura, V. Demuner 284 & E. Bausen, 08/XII/1999 (MBML, RB, SPSF); Santa Teresa, Mata Fria, terreno de Clério Loss, lado direito do asfalto, V. Demuner & E. Bausen 316, 9/XII/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, alt. 800 m, L. Kollmann & E. Bausen 4835, 16/X/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, beira de estrada, alt. 800 m, L. Kollmann & E. Bausen 4946, 6/XI/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada para Goiapaba-açu, alt. 850 m, L. Kollmann et al. 5177, 11/XII/2001 (MBML, RB, UEC); idem, L. Kollmann et al. 5181, 11/XII/2001 (MBML, RB, UEC); idem, R.R. Vervloet et al. 1265, 24/X/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada para João Neiva, R.R. Vervloet et al. 1060, 24/IX/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada de Nova Lombardia, alt. 850 m, L. Kollmann et al. 5229, 9/I/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Goiapaba-Açu (marcos 78, 77, 76), R.R. Vervloet et al. 1317, 29/X/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, linha de divisa, marco 108, R.R. Vervloet et al. 1451, 10/XII/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, próximo ao terreno do Sr. Henrique Bonfim, J. Rossini et al. 351, 10/VII/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Trilha da

Cachoeira, partindo da sede, R.R. Vervloet & E. Bausen 1430, 4/XII/2002 (MBML, RB, UEC); idem, R.R. Vervloet & E. Bausen 1967, 11/III/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Trilha da Preguiça, R.R. Vervloet & E. Bausen 1396, 3/XII/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Trilha da Tronqueira, alt. 800 m, L. Kollmann et al. 4939, 30/X/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, valão à direita da sede velha, alt. 800 m, L. Kollmann et al. 5102, 29/XI/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Reserva Biológica Augusto Ruschi, R.R. Vervloet et al. 1341, 5/XI/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Reserva Biológica de Santa Lúcia, divisa à direita depois da Trilha Bonita, alt. 750 m, L. Kollmann et al. 1109, 25/XI/1998 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Santo Antônio, terreno do Boza, alt. 750 m, L. Kollmann et al. 734, 7/X/1998 (MBML, RB, SPSF, UEC); idem, L. Kollmann et al. 739, 7/X/1998 (MBML, RB, UEC); idem, L. Kollmann et al. 1034, 17/XI/1998 (MBML, RB, SPSF, UEC); idem, V. Demuner et al. 173, 26/X/1999 (MBML, RB, UEC); idem, V. Demuner et al. 1454, 24/X/2000 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Caixa d'Água, V. Demuner 276 & W. Pizziolo, 30/XI/1999 (MBML, RB, SPSF); Santa Teresa, São Lourenço, estrada do Caravage, reserva da prefeitura, alt. 750 m, L. Kollmann et al. 809, 27/X/1998 (MBML, UEC); Santa Teresa, terreno do Boza, V. Demuner et al. 154, 26/X/1999 (MBML, RB, SPSF); Santa Teresa, São Lourenço, terreno de Clério Loss, alt. 750 m, L. Kollmann et al. 830, 28/X/1998 (MBML, RB, SPSF).

Os râmulos de *Licaria* sp. são, no material vivo, muito nítidos e de cor cinza-azulada. O tronco da árvore tem o córtex pouco aromático.

*Licaria* sp. 1 assemelha-se a *L. armeniaca* (Nees) Kosterm., no entanto o hipanto em *L.* sp. 1 é pouco distinto, infundibuliforme e glabro a esparso-estrigoso; as tépalas são glabras e eretas na antese, enquanto que *L. armeniaca* tem hipanto distinto, urceolado ou profundamente urceolado e internamente estrigoso; as tépalas são internamente pilosas e reflexas na antese.

#### 8. Mezilaurus Taubert, Bot. Centralbl. 50: 21. 1892

Arbustos ou arvoretas (espécies de cerrado) a árvores altas. Râmulos geralmente espessos, com cicatrizes foliares conspícuas, e freqüentemente revestidos por uma casca espessa. Folhas alternas, em geral congestas no ápice dos râmulos, quase sempre elípticas a obovadas, cartáceas, ou às vezes coriáceas, sem ou com poucas papilas na epiderme abaxial. Pecíolo geralmente mais espessado na base. Inflorescências axilares ou, às vezes, aparentemente terminais, do tipo racemos compostos (dibótrios), paucifloras a multifloras. Flores bissexuadas; hipanto profundamente urceolado, não comprimido abaixo das tépalas, tépalas 6, em geral eretas, iguais a subiguais, escamiformes, face interna sem papilas. Androceu com 3 estames férteis (apenas os estames do verticilo III); filetes mais delgados ou indiferenciados das anteras, as vezes unidos; pares de glândulas na base dos filetes ausentes (presentes em *M. mahuba* (Sampaio) van der Werff); anteras bilocelares (nas espécies brasileiras), latrorsas, extrorsas ou apicais, em geral exsertas; estaminódios dos verticilos I, II e IV, em geral, ausentes, ocasionalmente bem desenvolvidos (3, 6 ou 9); ovário elipsóide a ovóide, incluso no hipanto. Frutos

drupáceos, elipsóides; cúpula diminuta, discóide, de margem simples, tépalas decíduas; pedicelo pouco engrossado (van der Werff, 1987; Rohwer, 1993a; Moraes & Oliveira, 2007).

*Mezilaurus* é um gênero neotropical com ca. 20 espécies (Rohwer, 1993a) que ocorrem desde a Costa Rica até o sudeste do Brasil (van der Werff, 1987). No Brasil são apontadas 13 espécies, distribuídas na sua maioria na região amazônica (Quinet, 2005). No estado do Espírito Santo ocorrem duas espécies, sendo elas *Mezilaurus crassiramea* (Meisn.) Taubert ex Mez e *Mezilaurus* aff. *itauba* (Meisn.) Taubert ex Mez.

8.1 Mezilaurus aff. itauba (Meisn.) Taubert ex Mez. Arb. Konig. Bot. Gart. Breslau 1: 112. 1892.

Acrodiclidium itauba Meisn., in DC., Prodr. 15(1): 86. 1864.

Árvores até 13 m. Ramos com esparsos tricomas curtos e adpressos. Râmulos angulosos, negros, com lenticelas claras. Folhas congestas no ápice dos ramos; lâmina 9,0 – 15,0 x 3,0 – 7,0 cm, obovadas, cartáceomembranácea a cartácea; ápice agudo-arredondado; base atenuada; face adaxial glabra ou glabrescente, com poucos tricomas curtos e adpressos principalmente sobre as nervuras, nervura central plana a subsulcada, nervuras laterais promínulas, reticulação subdensa, saliente, face abaxial pouco papilosa, glabra a glabrescente, tricomas curtos e adpressos, nervura central saliente, nervuras laterais 9 – 14 pares, salientes, reticulação densa, saliente. Pecíolo 0,7 – 2,8 cm, esparso-seríceo nas lâminas mais novas, glabrescente nas adultas. Inflorescências duplo-racemos, até 5 cm, com tricomas retos e adpressos esparsos. Flores bissexuadas, ca. de 1 x 0,8 mm, glabras; tépalas glabras, ovadas, pouco côncavas, eretas, as externas levemente menores que as internas, margem pouco ciliada; estames 3, bilocelados, opostos às tépalas mais externas, com os locelos apical-extrorsos sobre o ápice agudo das anteras; estaminódios ausentes; ovário glabro, depresso-globoso, estilete pouco menor que o ovário, estigma diminuto. Frutos ca. 3 x 3 cm, drupas, ± globosas, com tépalas diminutas persistentes na base, mas não formando uma cúpula distinta.

Nome popular: Tapinhoã.

Distribuição geográfica e ecologia: Venezuela, Peru, Suriname, Bolívia. Brasil, nos estados do Amazonas, Pará, Mato Grosso (van der Werff, 1987).

Fenologia: flores em dezembro; frutos em março e novembro.

Usos: madeira de excelente qualidade. Madeira dura usada em construções.

Material examinado: ES: Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, Mata Atlântica de encosta, alt. 650 – 800 m, *L.D. Thomaz 1530*, 08/XII/1992 (MBML); idem, *L.D. Thomaz 1571*, 05/V/1993 (MBML, RB); idem, *L.D. Thomaz 1572*, 09/XI/1993 (MBML, RB); idem, *L.D. Thomaz no. (1573?)*, 07/III/1995 (MBML, RB).

*Mezilaurus* aff. *itauba* diferencia-se de *Mezilaurus itauba*, pelas flores e filetes dos estames glabros enquanto que em *M. itauba* são pubescentes.

As árvores maiores, na altura do dossel, no fim da estação da estação seca, estão sem folhas, enquanto que as árvores menores, no sub-bosque, mantém as folhas. No começo da estação chuvosa, folhas e inflorescências começam a nascer nos indivíduos de dossel. Os indivíduos de sub-bosque permanecem em estado vegetativo.

# 9. Nectandra Rol. ex Rottb., Descr. Rar. Pl. Surin.: 11. 1776, nom. cons.

Árvores ou raramente arbustos de 8 a 15 m. Folhas alternas, raro opostas e subopostas, peninérveas; ápice geralmente acuminado, raro obtuso ou arredondado; todas pecioladas, podendo ocorrer pecíolos bem curtos. A característica vegetativa mais importante é o indumento, altamente variável entre as espécies. Inflorescências geralmente axilares, tirsóides, paniculadas, raramente botrióide. Flores bissexuadas, 3 – 17 mm de diâmetro; hipanto não comprimido abaixo das tépalas; tépalas 6, em geral reflexas após a antese, iguais a subiguais (as externas maiores), freqüentemente deiscentes como um anel após a antese, em geral densamente papilosas internamente; estames com formas diferenciadas, as vezes papilosos como as tépalas, porém com papilas menores; filetes dos estames maiores que as anteras a ausentes; estames dos verticilos I (3) e II (3) tetralocelares, introrsos, locelos dispostos em arco aberto ou fechado; estames do verticilo III (3) tetralocelares, latrorsos, com duas glândulas na base; estaminódios do verticilo IV (3) presentes ou ausentes, quando presentes são alongados, capitados ou subcapitados e com pilosidade variável; pistilo com poucas características diagnósticas, ovário livre, parcial ou totalmente envolvido pelo hipanto, estilete engrossado; hipanto raso a profundamente urceolado, glabro ou com pilosidade variável. Frutos bacáceos, globosos a elipsóides; cúpula variável; pedicelo às vezes engrossado (Rohwer, 1993a,b; Baitello, 2003; Quinet, 2005; Moraes & Oliveira, 2007).

Gênero abrangendo cerca de 114 espécies, distribuídas nas Américas tropical e subtropical, das quais 43 são brasileiras (Rohwer, 1993b; Baitello, 2003; Moraes & Oliveira, 2007).

### CHAVE DAS ESPÉCIES DE NECTANDRA

- 1. Folhas sem domácia na face abaxial.

  - **2.** Face abaxial com tricomas não ferrugíneos ou glabras.

- **3.** Folhas elípticas, em geral maiores que 10 cm; ápice longo-acuminado; face interna das tépalas densamente papilosas.

# 9.1 Nectandra grandiflora Nees & Mart., Linnaea 8: 49. 1833.

**Árvores** até 15 m. **Râmulos** levemente angulares ou cilíndricos, com tricomas curtos, adpressos próximo do ápice. Folhas alternas; lâmina  $9.8 - 18.0 \times 3.5 - 6.2 \text{ cm}$ ,  $\pm$  elíptica, subcoriácea a rígidocoriácea; ápice geralmente acuminado, agudo a obtuso com pequeno acúmen; base atenuada a aguda; face adaxial glabrescente, nervura central impressa a promínula, nervuras laterais sulcadas, reticulação subsulcada, face abaxial glabrescente, nervura central saliente, nervuras laterais 3 – 8 pares, salientes, reticulação densa, saliente; margem revoluta. Pecíolo 1,2 - 1,4 cm comp., glabrescentes, subcanaliculados, nigrescentes, tricomas curtos e adpressos. Inflorescências subterminais, submultifloras a paucifloras, nigrescentes, esparso-pilosas a glabras, tricomas curtos e adpressos; pedúnculo 1,1 cm. Flores bissexuadas, ca. 10 mm, esparsamente adpresso-pubérulas; hipanto curto, internamente glabro; tépalas subiguais, oblongo-elípticas, face interna denso-papilosa; filetes dos estames dos verticilos I e II curtos a inconspícuos, anteras pentagonais a arredondado-pentagonais, papilosas, conectivo longo, ápice agudo a ligeiramente obtuso; filetes dos estames do verticilo III mais curtos que as anteras, anteras oblongas a retangulares, papilosas, conectivo curto a longo, ápice obtuso a truncado; estaminódios do verticilo IV subclavados, papilosos adaxialmente; pistilo glabro, ovário subgloboso a piriforme, estilete leve a distintamente menor que o ovário, estigma discóide. Frutos (Rohwer, 1993b) 1,4 – 2,0 x 0,7 – 1,5 cm, elipsóides; cúpula trompetiforme; pedicelo gradualmente engrossado para a cúpula.

Nome popular: canela, canela-amarela, canela-fedida, canela-nhuva, caneleira, niúva (Rohwer, 1993b; Baitello, 2003).

Distribuição geográfica e ecologia: ocorre no Espírito Santo, de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul, predominantemente em formações florestais abertas, como matas de galeria ou vegetação secundária. Ocorre, ainda, na floresta de *Araucaria* entre 600 e 1300 m de altitude (Rohwer, 1993b).

Fenologia: floresce de abril a dezembro, com um pico de agosto a outubro; frutifica de outubro a fevereiro.

Usos: desconhecidos.

Material examinado: Espírito Santo: Santa Teresa, Pedra Alegre, propriedade de D. Demuner, V. *Demuner 1586*, 21/IV/2003 (MBML, RB, UEC).

Material adicional selecionado: Minas Gerais: Caldas, *A.F. Regnell II-238*, 1867 (foto em BR-868637, 868670, 868736); idem, *A.F. Regnell II-238bis*, 1867 (foto em BR-868669, 868702, 868735; holó e isótipos de *Gymnobalanus regnellii* Meisn.). Rio de Janeiro: local não indicado, *Houllet s.n.*, 1842 (foto em BR-880692, síntipo de *Nectandra grandiflora* Nees & Mart. var. *cuneata* Meisn.). São Paulo: Santos, *G.A. Lindberg 455*, 25/V/1854 (foto em BR-868681). Estado não indicado: local não indicado, *F. Sellow s.n.*, s.d. (foto BR-868636); idem, *F. Sellow 1241*, s.d. (foto em B; isossíntipo; lectótipo); idem, *F. Sellow 169*, s.d. (foto em B; isossíntipo; lectótipo de *Nectandra grandiflora* Nees & Mart. var. *cuneata* Meisn.); idem, *F. Sellow s.n.*, s.d. (foto em B; provável isossíntipo).

*N. grandiflora* é facilmente reconhecida pela inflorescência glabra e glauca. Poucas espécies apresentam inflorescências glabras e glaucas e nestas as anteras nunca apresentam prolongamento distinto entre aos locelos (Rohwer, 1993b). Em Santa Teresa, no entanto, as inflorescências do único material examinado, apresentam-se glabrescentes. A cúpula do fruto no material vivo é avermelhada (Baitello, 2003).

# 9.2 Nectandra membranacea (Sw.) Griseb., Fl. Brit. W. I. 282. 1860.

Laurus membranacea Sw., Prodr. 65. 1788

Árvores de 12 a 15 m. Râmulos delgados, angulosos, tricomas curtos, adpressos e esparsos. Folhas alternas; lâmina 8,8 – 20,0 x 2,5 – 7,0 cm, cartácea, elíptico-lanceolada a oval-elíptica; ápice curto a longo-acuminado; base atenuada a cuneada, fortemente revoluta; face adaxial glabra a glabrescente, nervura central sulcada, nervuras laterais impressas, nervuras interlaterais conspícuas, reticulação plana, densa, face abaxial glabra a glabrescente, tricomas curtos, retos, adpressos, nervura central saliente, nervuras laterais 5 – 9 pares, salientes, nervuras interlaterais conspícuas, reticulação densa, promínula; margem plana a levemente revoluta. Pecíolo 0,8 – 1,5 cm, delgado, largamente canaliculado, geralmente achatado, superfície esparso a denso-pilosa. Inflorescências axilares, multifloras, mais curtas ou mais longas que as folhas, indumento geralmente consistindo de tricomas ± curtos, ± adpressos, densos a ausentes nos pedúnculos, moderadamente esparsos a densos nas flores; pedúnculos geralmente longos. Flores bissexuadas, 3,0 – 4,0 mm, externamente claro-curto-seríceas; hipanto obcônico a levemente urceolado, internamente seríceo; tépalas subiguais, ovado-oblongas, papilosas na face interna; filetes dos estames dos verticilos I e II pouco menores que as anteras,

glabros, anteras suborbiculares a transverso-elípticas, papilosas, ápice arredondado, conectivo pouco expandido; filetes dos estames do verticilo III pouco menores que as anteras, glabros, anteras arredondadas a obtrapeziformes, papilosas, ápice arredondado a emarginado; estaminódios do verticilo IV estipitados a subtriangulares, com ápice geralmente papiloso e base pilosa ou glabra; pistilo glabro, ovário ± elipsóide, estilete alcançando ¾ do comprimento do ovário, estigma diminuto. **Frutos** 0,8 – 1,4 x 0,8 – 1,5 cm, elíptico-arredondados; cúpula sub-hemisférica, infundibuliforme; pedicelo glabro, delgado, engrossando-se em direção à cúpula.

Nome popular: canela, canela-amarela, canela-branca, canela-do-brejo, canela-branca-do-brejo, canela-branca-miúda, canela-caqui-branca, canela-da-vargem, canela-da-várzea, canela-de-catarro, canela-fogo, canela-jacu, canela-nhoçara, injuva, injuva-branca, louro, louro-graveto, anhuíba-do-brejo, louro-anhuíba, caneleira (Rohwer, 1993b; Baitello, 2003; Moraes & Oliveira, 2007).

Distribuição geográfica e ecologia: espécie de ampla distribuição (América Central, Antilhas, América do Sul). No Brasil ocorre nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul (Baitello, 2003).

Fenologia: floresce de janeiro a maio; frutifica de junho a dezembro, sendo comum flores e frutos ocorrerem à mesma época (Baitello, 2003; Moraes & Oliveira, 2007).

Usos: madeira descrita como relativamente macia, mas durável, utilizada em construção e em móveis. Frutos procurados por pássaros (Moraes & Oliveira, 2007).

Material examinado: Espírito Santo: Santa Teresa, Saltinho, alt. 600 m, *L. Kollmann et al. 3861*, 7/VI/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, valão de São Pedro, alt. 750 m, *L. Kollmann 3565*, 14/II/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, alt. 800 m, *L. Kollmann et al. 4693*, 19/IX/2001 (MBML, RB, UEC).

Material adicional examinado: Amazonas: junto à foz do Rio Embira com o Rio Tarauacá, *B.A. Krukoff's 4th Exp. 4652*, VI/1933 (foto em NY; holó e isótipo de *Nectandra embirensis* Coe-Teixeira). Rio de Janeiro: "Canta Gallo", *T. Peckolt 84*, 1859 (foto em BR, B, F Neg. No. 3776; holó e isótipos de *Nectandra leucothyrsus* Meisn.); Corcovado, *A.F.M. Glaziou 2670*, 1868 (foto em BR). Bolívia: Mapiri, *H.H. Rusby 705*, IV/1886 (foto em NY; isossíntipo de *Nectandra laevis* Mez). Costa Rica: San José, vicinity of El General, alt. 850 m, *A.F. Skutch 2668*, VII/1936 (foto em NY; isótipos de *Nectandra skutchii* C.K. Allen); Alajuela, La Palma de San Ramon, *A.M. Brenes 4061*, 08/VIII/1924 (foto em NY; isótipo de *Nectandra standleyi* C.K. Allen). Peru: "Cajamarca, Prov. Cutervo, Tambillo", *C. Jelski 186*, 13/VII/1878 (foto em BR; isolectótipo de *Nectandra laevis* Mez).

Espécie com ampla circunscrição, englobando uma gama de formas diferentes que certamente deve envolver várias espécies, segundo Rohwer (1993b). A combinação da base fortemente revoluta com os tricomas curtos e adpressos nas partes vegetativas das plantas distingue *N. membranacea* de qualquer outra *Nectandra* em Santa Teresa.

# 9.3 Nectandra nitidula Nees & Mart., Linnaea 8: 48. 1833.

Arvoretas ca. 2 m. Râmulos angulosos, tomentosos. Folhas alternas, lâmina 3,3 - 5,5 x 1,9 -3,3 cm, largo-elíptica, coriácea; ápice obtuso-acuminado; base atenuada a quase cilíndrica, pouco revoluta; face adaxial glabra, nervura central sulcada, nervuras laterais quase planas, inconspícuas, reticulação ligeiramente sulcada, face abaxial glabrescente nas lâminas jovens, tricomas diminutos e adpressos, glabra nas mais velhas, nervura central saliente, nervuras laterais 6 – 8 pares, salientes, reticulação promínula, densa; margem revoluta. Pecíolo 0,4 - 0,7 cm, esparso-tomentoso, canaliculado. Inflorescências em panículas-dicasiais, nas axilas de folhas jovens, mais longas ou pouco mais curtas que as folhas, submultifloras; pedúnculo 2,4 - 5,4 cm, esparso-tomentoso, anguloso. Flores bissexuadas, aprox. 7 mm de diâm.; pedicelo 2 – 5 mm; tépalas elípticas, ápice obtuso a obtusoarredondado, papilosas, principalmente nas margens, externamente glabrescente, internamente glabra; hipanto obcônico, internamente glabro; filetes dos estames dos verticilos I e II muito curtos, anteras pouco papilosas, ovado-pentagonais, pouco mais largas que longas, conectivo pouco expandido, ápice obtuso; filetes dos estames do verticilo III com ½ do comprimento das anteras, anteras pouco papilosas, subretangulares a obtrapeziformes, ápice predominantemente truncado, podendo ser obtuso; estaminódios do verticilo IV subsagitados ou subclavados; pistilo 1,4-1,8 mm, glabro, ovário subgloboso, estilete curto, até ½ do comprimento do ovário, estigma discóide. Frutos (Rohwer, 1993b) até 1,1 x 0,7 cm, elipsóides; cúpula plana, infundibuliforme; pedicelo engrossado.

Nome popular: canela, canela-amarela, canela-do-mato (Rohwer, 1993b).

Distribuição geográfica e ecologia: Brasil, desde o sul da Bahia até o Estado do Paraná. Na mata ciliar em áreas de cerrado, no cerrado típico, na floresta estacional semidecidual e na floresta ombrófila densa montana e alto montana. (Baitello, 2003).

Fenologia: Coletada com flores em quase todos os meses do ano, principalmente em setembro e outubro, e com frutos nos meses finais e iniciais do ano (Baitello, 2003).

Usos: desconhecido.

Material examinado: Espírito Santo: Santa Maria de Jetibá, Garrafão, Pedra do Garrafão, alt. 1275m, *L. Kollmann & Marcos Berger 5730*, 2/X/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, alt. 650 - 800 m, *L.D. Thomaz 1529*, 20/IV/1993 (MBML, SPSF).

Material adicional selecionado: Minas Gerais: Caldas, *Lindberg 458*, X/1854 (foto em BR); idem, *A.F. Regnell II-395*, 1867 (foto em BR); idem, *A.F. Regnell III-89*, 1867 (foto em BR); Cachoeira do Campo, *L. Riedel s.n.*, VIII/1839 (foto em BR-880794); Congonhas do Campo, *M.D. Stephan s.n.*, 1843 (foto em BR-880854); local

não indicado, *P. Claussen s.n.*, 1840 (foto em BR-880785); idem, *Widgren 404*, 1845 (foto em BR). Estado não indicado: "Brasilia", *F. Sellow 1369*, s.d. (foto em B, lectótipo de *Nectandra nitidula* Nees var. *latifolia* Nees); idem, *F. Sellow 28*, s.d. (foto em B, isossíntipo); idem, *F. Sellow s.n.*, s.d. (foto em B, isossíntipo); idem, *F. Sellow s.n.*, s.d. (foto em BR-880847); local não indicado: *A.F.M. Glaziou 17189* e *17190*, 1888 (foto em BR).

N. megapotamica (Spreng.) Mez e N. psammophila Nees podem também parecer com N. nitidula, mas nelas falta o prolongamento distinto no ápice das anteras (Rohwer, 1993b). N. nitidula diferencia-se das outras espécies do gênero pela reduzida papilosidade no ápice curto, mas conspícuo conectivo dos estames dos verticilos I e II (Baitello, 2003).

# 9.4 Nectandra oppositifolia Nees & Mart., Linnaea 8: 47. 1833.

Arvoretas a árvores até 40 m. Râmulos geralmente achatados em direção aos nós, irregularmente angulosos, as partes jovens revestidas por indumento denso, marrom-avermelhado, de tricomas com tamanhos curtos a longos, fortemente enrolados a quase retos,  $\pm$  eretos. Folhas opostas, raro subopostas; lâmina 6,0 - 43,0 x 1,6 - 17,0 cm, ± lanceolada a lanceolado-oblonga, ou elíptica, coriácea ou coriáceo-cartácea; ápice curto a longo-acuminado; base atenuada a aguda, raro ± arredondada; face adaxial glabrescente nas lâminas adultas, ferrugíneo-pubérulas nas lâminas jovens, tricomas crespos, nervuras central e laterais pouco salientes a subimersas, reticulação imersa, obscura; face abaxial vilosa, pubescente a glabrescente, tricomas eretos, crespos a ondulados e ferrugíneos e tricomas curtos, eretos, crespos e acinzentados, ou, presente apenas os tricomas eretos, crespos a ondulados e ferrugíneos, nervuras central e laterais fortemente salientes, nervuras laterais 7 - 17 pares, reticulação saliente; margem revoluta. Pecíolo 0,8 - 2,6 x 0,1 - 0,5 cm, indumento semelhante ao dos râmulos, achatado em folhas jovens, irregularmente arredondado ou triangular abaxialmente, ± sulcado, geralmente canaliculado com sulco ao longo do canalículo central. Inflorescências axilares, submultifloras a multifloras, ferrugíneo-lanosas, mais curtas ou mais longas que as folhas; pedúnculo 1,0 – 14 cm. Flores bissexuadas, 6,5 - 16 mm diâm., ferrugíneo-lanosas a ferrugíneo-vilosas; hipanto conspícuo, suburceolado, internamente glabro ou com tricomas curtos e esparsos; tépalas externas mais largas, elípticas a oblongas, internamente denso-papilosas, ápice ligeiramente obtuso a ligeiramente agudo; filetes dos estames dos verticilos I e II muito curtos a quase ausentes, anteras denso-papilosas, ovadas a ovado-retangulares, com ápice agudo a truncado no verticilo I, ovadas a truladas, com ápice agudo no verticilo II; filetes dos estames do verticilo III curtos, conspícuos, com tricomas esparsos, anteras denso-papilosas, ovadas a quase triangulares, ápice agudo a obtuso; estaminódios do verticilo IV subsagitados a clavados, espessados, papilosos e pilosos na face abaxial, ápice agudo; pistilo glabro, ovário elipsóide a globoso, estilete variando de mais curto ao mesmo tamanho que o ovário, robusto, estigma discóide. **Frutos**  $0.9 - 1.6 \times 0.7 - 1.2 \text{ cm}$ , elipsóides; cúpula hemisférica, subrugosa; pedicelo pouco a muito engrossado para a base.

Nome popular: canela, canela-amarela, canela-amarelinha, canela-branca, canela-cheirosa, canela-darestinga, canela-ferrugem, canela-garuba, canela-garuva, canela-nhioçara, canela-nhoçara, canela-tucano, canela-vermelha, canelão, injuva-vermelha, louro (Rohwer, 1993b).

Distribuição geográfica e ecologia: espécie com distribuição disjunta. Distribuição principal nas regiões Centro-oeste a Sul do Brasil (da Bahia ao Rio Grande do Sul), e distribuição secundária na região de Chocó na Colômbia e Panamá. Em formações florestais abertas, como matas de galeria, restinga, ou vegetações secundárias, até 1.100 m, mas também em florestas primárias (Rohwer, 1993b).

Fenologia: floresce de fevereiro a maio; frutifica de setembro a janeiro.

Usos: madeira de boa qualidade para diversos usos. Seus frutos são apreciados pela avifauna e pequenos mamíferos (Baitello, 2003).

Material examinado: ES: Santa Maria de Jetibá, Caramuru, sítio Jetibá, propriedade de Ademival e Gildo Adeodato, L. Kollmann & M.V.S. Berger 6149, 30/IV/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, alt. 800 m, L. Kollmann et al. 4567, 18/IX/2001 (MBML, RB, UEC); idem, L. Kollmann et al. 4762, 26/IX/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada partindo da Casa de Pedra, R.R. Vervloet et al. 2402, 13/V/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada de Goiapaba-açu, parte mediana, R.R. Vervloet et al. 2292, 22/IV/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Penha, caminho para Reserva Biológica de Santa Lúcia, W. Boone 354, 15/IV/1995 (MBML, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, Santa Lúcia, terreno Sérgio L. Mendes, alt. 650 m, L. Kollmann & E. Bausen 1540, 13/I/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Santo Antônio, terreno do Boza, alt. 750 m, L. Kollmann et al. 2081, 9/III/1999 (MBML, RB, UEC); idem, L. Kollmann et al. 3791, 31/V/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, Estação Biológica Santa Lúcia, alt. 750 m, L. Kollmann et al. 2271, 24/III/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, Estação Biológica de Santa Lúcia. ca. 19°58'S, 40°32'W, alt. 600-900 m, E. Bausen 17, 9/VII/1991 (MBML, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, antes da Estação Biológica de Santa Lúcia (beira de estrada), L. Kollmann & C.V. Mendonça Filho 3091, 18/IX/2000 (MBML, RB, UEC).

Material adicional selecionado: Espírito Santo: "Barra de Jucu", *M.A.P. Wied-Neuwied s.n.*, IV/1816 (foto em BR-868675; 868708; 868745); Córrego do Cavalo, Domingos Martins, *G. Hatschbach & J.M. Silva 49975*, 19/X/1985 (foto em BR). Minas Gerais: Caldas, "Samambaya", *A.F. Regnell 464*, VI/1854 (foto em BR); idem, *A.F. Regnell II-241*, 1867 (foto em BR); idem, *Mosén 1929*, 15/V/1874 (foto em BR); local não indicado, *Ackermann s.n.*, 1832 (foto em BR-868738); idem, *P. Claussen s.n.*, I-IV/1840 (foto em BR-868639). Rio de Janeiro: Petrópolis, *P.M. Binot 142*, s.d. (foto em BR); Rio de Janeiro, *C. Gaudichaud-Beaupré 393*, s.d. (foto em BR); idem, *A.F.M. Glaziou 2672*, 1867 (foto em BR); idem, "S. Luiz", *A.F.M. Glaziou 2673*, 1868 (foto em BR). São Paulo: "Caza Branca", *F. Sellow 1390*, 1819 (fotos em B e BR; holó e isótipo de *Nectandra oppositifolia* Nees & Mart. var. *amplifolia* Nees); "Ypanema", *F. Sellow 433*, s.d. (foto em B; síntipo de *Nectandra canescens* Nees & Mart.). Estado não indicado: local não indicado, *F. Sellow 1010*, s.d. (foto em B); idem, *F. Sellow 4428*, s.d.

(foto em B; síntipo de *Nectandra oppositifolia* Nees & Mart. var. *angustifolia* Nees); idem, *F. Sellow* 5722, s.d. (foto em B; lectótipo; síntipo de *Nectandra oppositifolia* Nees & Mart. var. *angustifolia* Nees); idem, *F. Sellow LVI*, 1829 (foto em BR; isossíntipo de *Nectandra oppositifolia* Nees & Mart. var. *angustifolia* Nees); idem, *F. Sellow s.n.*, s.d. (foto em B); idem, *F. Sellow s.n.*, s.d. (foto em B); idem, *F. Sellow s.n.*, s.d. (foto em BR-880822); idem, *M.A.P. Wied-Neuwied s.n.*, s.d. (foto em B); idem, *A.C.V. Schott s.n.*, s.d. (foto em BR-868705).

N. oppositifolia é confundida com N. reticulata (Ruiz & Pavón) Mez, mas difere desta por apresentar duas aurículas bem desenvolvidas que se dobram para o verso da base da folha e chegam a sobrepor os bordos. O interior do hipanto é glabro ou com esparso tricomas curtos, contrastando com o densamente piloso de N. reticulata (Baitello, 2003).

# 9.5 Nectandra psammophila Nees & Mart., Syst. Laur. 303. 1836.

Árvores 5 - 10 m. Râmulos adpresso-pubérulos, subcilíndricos. Folhas alternas; lâmina 5,9 -11,0 x 1,5 – 3,2 cm, elíptica ou lanceolada, cartácea; ápice obtuso-acuminado a caudado; base atenuada ou cuneada, ligeiramente revoluta a plana; face adaxial nítida ou opaca, glabrescente, tricomas longos, retos e adpressos, principalmente próximo à base, nervura central ligeiramente impressa, nervuras laterais impressas, reticulação subdensa, impressa, face abaxial glabrescente, tricomas retos e adpressos, nervura central saliente, nervuras laterais salientes 5 - 9 pares, reticulação subdensa, saliente; domácias barbeladas na axila das nervuras. Pecíolo 0,5 - 1,1 cm, canaliculado, enegrecido, estrigoso a esparso-estrigoso. Inflorescências cimosas, axilares, paucifloras, mais longas que as folhas, esparso-seríceo-tomentelas; pedúnculo até 7,5 cm. Flores (I.D. Rodrigues 240 & J.H. Borgo) bissexuadas, 3,0 - 4,0 mm diâm., esparso-seríceas; pedicelo de aproximadamente 5,0 mm; hipanto curto-obcônico, conspícuo, internamente glabro; tépalas externas menos denso-papilosas que as internas, oblongas, ápice agudo-arredondado; filetes dos estames dos verticilos I e II inconspícuos, ca. <sup>1</sup>/<sub>4</sub> do comprimento da antera, glabros, anteras subsésseis, transverso-elípticas a transverso-orbiculares, glabras, conectivo pouco expandido, ápice agudo-arredondado, papiloso; filetes dos estames do verticilo III curtos, glabros, tendo preso a sua base glândulas volumosas, anteras quadrangulares a obtrapeziformes, glabras, conectivo de ápice truncado a emarginado, papiloso; estaminódios do verticilo IV subclavados, glandulosos no ápice; pistilo glabro, ovário globoso, estilete muito curto, ca. 1/3 do comprimento do ovário, robusto, estigma subdiscóide. **Frutos** ca. 1,0 x 1,0 cm, globosos; cúpula trompetiforme, levemente costulada; pedicelo pouco engrossado para a base da cúpula.

Nome popular: canela.

Distribuição geográfica e ecologia: Brasil, do sul da Bahia até São Paulo, na vegetação arbórea de vales e planícies litorâneas, associadas ou não às matas ciliares (Baitello, 2003) a florestas úmidas até 650 m alt.

Fenologia: coletada com flores entre novembro e fevereiro e com frutos entre janeiro e abril.

Usos: é uma das espécies mais ameaçadas pela exploração imobiliária em sua área de ocorrência, aumentada nos últimos anos (Baitello, 2003).

Material examinado: Espírito Santo: Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, divisa em frente à sede velha, alt. 850 m, *L. Kollmann et al. 5554*, 19/II/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, linha da divisa, lado esquerdo à casa de pedra, *R.R. Vervloet & E. Bausen 2085*, 27/III/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, trilha Roda d'água, alt. 800 m, *L. Kollmann et al. 4880*, 23/X/2001 (MBML, RB, UEC).

Material adicional selecionado: Espírito Santo: Barra de Jucu, *von Wied-Neuwied s.n.*, III/1816 (foto em BR-880836, lectótipo; foto em B, isolectótipo); Serra, Nova Almeida, restinga, sítio São José, *I.D. Rodrigues 240 & J.H. Borgo*, 28/XII/1999 (VIES). Minas Gerais: Rio Novo, *Araujo ex Herb. Schwacke 6675*, 1889 (foto em B, holótipo de *Nectandra araujovii* Mez).

Os espécimes encontrados em Santa Teresa assemelham-se muito a algumas formas de *N. megapotamica*. No entanto, em *N. psammophila*, as anteras dos estames dos verticilos I e II são transverso-elípticas a transverso-orbiculares, subsésseis, enquanto que as anteras em *N. megapotamica* são, geralmente, subretangulares e apoiadas em filetes mais longos, até metade do comp. das anteras.

## 10. Ocotea Aubl., Hist. Pl. Guiane 780. 1775.

Árvores e arbustos homóicos, dióicos, gimnodióicos. Folhas em geral alternas, raramente subverticiladas, peninérveas, raramente opostas, subopostas ou acródromas suprabasais. Inflorescências tirsóide-paniculadas ou racemiformes. Flores unissexuadas por redução ou aborto, bissexuadas ou polígamas; tépalas (6) iguais ou subiguais, face interna raro conspicuamente papilosa; estames férteis (9), estaminodiais nas flores femininas; estames dos verticilos I (3) e II (3) tetralocelares, introrsos ou raramente latrorsos, locelos dispostos em dois pares sobrepostos, ou o par superior disposto pouco acima e entre os locelos inferiores, formando um arco fechado; anteras ovalretangulares ou quadrangulares; estames do verticilo III (3) tetralocelares, em geral locelos inferiores extrorsos e superiores latrorsos, filetes mais longos ou mais curtos que as anteras, biglandulosos; estaminódios do verticilo IV (3) nulos ou estipitiformes, raramente bem desenvolvidos e subsagitados, pilosos ou não; hipanto raso, achatado ou profundamente tubular; pistilódio da flor masculina estipitiforme a ausente. Frutos globosos a elipsóides; cúpula envolvendo parcialmente (totalmente em *Ocotea cryptocarpa*) a base do fruto em graus variados, margem simples ou dupla, tépalas decíduas ou persistentes após a antese (Moraes & Oliveira, 2007).

Gênero com aproximadamente 350 espécies, a maioria na América Tropical e Subtropical (sul da Flórida e México até Argentina), cerca de 50 espécies em Madagascar, sete na África e uma nas Ilhas Canárias (Baitello, 2003; Moraes & Oliveira, 2007). No município de Santa Teresa são registradas 39 espécies aqui descritas.

# CHAVE DAS ESPÉCIES DE OCOTEA

1. Folhas opostas a subopostas na porção terminal dos râmulos.
2. Flores ca. 4 mm; tépalas internamente não papilosas; folhas com domácias; frutos com
cúpula de margem simples
2. Flores ca. 8mm; tépalas papilosas; folhas sem domácias; frutos com cúpula de margem dupla
conspícua
1. Folhas alternas em toda a extensão dos râmulos.
3. Tricomas ferrugíneos na face abaxial das folhas.
4. Flores femininas ca. 8 mm; pistilo densamente tomentoso; reticulação impressa na face
adaxial das folhas
4. Flores femininas ca. 4 mm; pistilo glabrescente; reticulação saliente na face
adaxial das folhas
3. Tricomas não ferrugíneos ou ausentes na face abaxial das folhas.
<b>5.</b> Face abaxial das folhas plissada
5. Face adaxial das folhas lisa, não plissada.
6. Domácias presentes na axila das nervuras na face abaxial das folhas.
7. Nervuras basais tri ou subtriplinervadas.
8. Inflorescências glabras
8. Inflorescências indumentadas.
9. Face abaxial das folhas denso-estrigosas.
10. Folhas coriáceas; reticulação conspícua na face adaxial; bractéolas
subpersistentes nas inflorescências
10. Folhas cartáceas; reticulação inconspícua na face adaxial; bractéolas caducas

nas inflorescencias
9. Face abaxial das folhas esparso-pubérulas a glabras.
11. Inflorescências nas axilas de brácteas foliáceas
11. Inflorescências na axila de folhas.
12. Flores subsésseis
12. Flores conspicuamente pediceladas
7. Nervuras basais peninervadas.
13. Face adaxial das folhas não buladas sobre as domácias.
14. Flores unissexuadas
14. Flores bissexuadas
13. Face adaxial das folhas buladas sobre as domácias.
<b>15.</b> Hipanto internamente glabro
<b>15.</b> Hipanto internamente tomentoso.
16. Inflorescências agrupadas no ápice dos râmulos
<b>16.</b> Inflorescências laterais
6. Domácias ausentes na face abaxial das folhas.
17. Flores bissexuadas.
18. Inflorescências estritamente agrupadas no ápice dos râmulos.
19. Folhas subverticiladas na porção terminal dos râmulos
19. Folhas alternas, regularmente distribuídas ao longo dos râmulos.
<b>20.</b> Folhas conduplicadas; base curto-atenuada
20. Folhas não conduplicadas; base atenuada ou cuneada.
<b>21.</b> Inflorescências e ramos densamente pilosos
21. Inflorescências e ramos tomentosos a glabros.
22. Hipanto internamente tomentoso; Catáfilos densamente
tomentosos
22. Hipanto internamente esparso-piloso a glabro; Catáfilos
glabrescentes
18. Inflorescências axilares, regularmente distribuídas ao longo dos râmulos; e
subterminais.
23. Ramos, folhas e inflorescências com tricomas eretos
23. Ramos, folhas e inflorescências com tricomas adpressos ou ausentes.

24. Folhas lanceoladas, estreito-elítpticas; ápice acuminado; reticulação
inconspícuaO. aciphylla
24. Folhas obovadas; ápice emarginado; reticulação conspícuaO. cryptocarpa
17. Flores unissexuadas.
25. Inflorescências glabras a glabrescentes.
26. Filetes dos estames dos verticilos I e II com aprox. o mesmo comp. das anteras
ou mais longos.
27. Ramos nitidamente angulosos; folhas com 9 ou mais pares de nervuras
laterais; face abaxial das folhas com tricomas retos e adpressos
O. longifolia
27. Ramos cilíndricos a ligeiramente angulosos; folhas com até 6 pares de
nervuras laterais, face abaxial das folhas glabras ou com tricomas
ondulados, eretos a ascendentes.
28. Folhas glabras; reticulação laxa
28. Folhas denso a esparso-pubérulas; reticulação densa
26. Filetes dos estames dos verticilos I e II com ½ do comp. das anteras ou
menores.
<b>29.</b> Catáfilos glabrescentes
<b>29.</b> Catáfilos densamente indumentados.
30. Folhas avermelhadas no material seco; Catáfilos com tricomas
dourados e avermelhados
30. Folhas verde-amareladas no material seco; Catáfilos com tricomas
prateados e sem tricomas avermelhados.
31. Reticulação das folhas robusta
31. Reticulação das folhas tênue
25. Inflorescências denso a esparso-indumentadas.
<b>32.</b> Filetes dos estames dos verticilo I e II menores que ½ do comp. das anteras.
<b>33.</b> Folhas conduplicadas; pecíolo bastante achatado dorso-ventralmente
33. Folhas não conduplicadas; pecíolo cilíndrico a semicilíndrico.
<b>34.</b> Inflorescência racemosa; flores aprox. 2 mm, subsésseisO.glauce
34. Inflorescência paniculada; flores maiores que 3 mm, pediceladas.

35. Catafilos globosos; ramulos acinzentados, lenticelados,
bastante angulosos
35. Catáfilos ovóides; râmulos negros, não lenticelados, pouco
angulosos.
36. Flores congestas no ápice das inflorescências; inflorescências
menores que ½ do comp. das folhas
36. Flores não congestas no ápice das inflorescências; inflorescências
maiores que as folhas
32. Filetes dos estames dos verticilos I e II pouco menores a mais longos que
as anteras.
<b>37.</b> Brácteas persistentes nas inflorescências
37. Brácteas caducas nas inflorescências.
38. Tricomas das inflorescências dourados.
<b>39.</b> Folhas tri ou subtriplinervadas
<b>39.</b> Folhas peninervadas.
40. Face abaxial das folhas glabras ou com tricomas retos e
adpressos; folhas enegrecidas quando secasO. silvestris
40. Face abaxial das folhas com tricomas ondulados e eretos; folhas
verde-claras a verde-escuras quando secas
38. Tricomas das inflorescências prateados.
41. Face abaxial das folhas densamente adpresso-pubérulas
41. Face abaxial das folhas glabrescentes a glabras.
<b>42.</b> Inflorescências com tricomas curtos, eretos e crespos
42. Inflorescências com tricomas adpressos, retos a ondulados.
43. Flores densamente estrigosas; venação das folhas
peninérveas; inflorescências pouco menores a maiores
que as folhas
43. Flores glabrescentes; venação das folhas
broquidódromas; inflorescências menores que 1/2 do
comprimento das folhas

10.1 Ocotea aciphylla (Nees & Mart.) Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5: 243. 1889.

Oreodaphne aciphylla Nees & Mart. ex Nees, in Linnaea 8: 43. 1833.

Árvores de 7 a 25 m. Catáfilos densamente estrigosos. Râmulos delgados, superfície serícea, gema do ápice densamente áureo-serícea. Folhas alternas; lâmina 7,5 – 11,7 x 2,7 – 5,7 cm, cartácea a coriácea, lanceolada a oval-lanceolada a estreito-elíptica; ápice longo-acuminado; base geralmente cuneada, fortemente revoluta; margem espessa, revoluta; face adaxial glabra, brilhante, nervura central impressa a promínula, nervuras laterais sulcadas, reticulação densa, sulcada, inconspícua; face abaxial esparso a denso-áureo-serícea, opaca, nervura central saliente, nervuras laterais salientes 5-9 pares, reticulação densa, promínula; broquidódromas. Pecíolo 0,7 - 1,8 x 0,15 - 0,40 cm, espessado, recurvado na direção da face abaxial, canaliculados, esparso a densamente áureo-seríceo. Inflorescências axilares, multifloras, subseríceo-tomentosas, menores que as folhas; pedúnculo curto. Flores bissexuadas, coloração creme-amarelada a castanho-claro; hipanto conspícuo, suburceolado, com ligeira constrição no ápice, internamente esparso-tomentoso; tépalas ovadas, as externas mais largas, ápice obtuso, raro arredondado, externamente densamente áureo-serícea, internamente glabrescente a esparsamente áureo-seríceo-tomentosa, papilosa; filetes dos estames dos verticilos I e II curtos, tomentosos, anteras ovaladas a elípticas, micropapilosas, ápice agudo ou obtuso ou truncado; filetes dos estames do verticilo III tomentosos, anteras retangulares, ápice obtuso a truncado; estaminódios do verticilo IV, filiformes a clavados, pilosos no dorso; pistilo glabro, ovário elipsóide, estilete cônico variando ca. de ½ a 1/3 do comprimento do ovário, atenuado para este, estigma subdiscóide, de coloração mais escura. Frutos  $1,1-3,0 \times 1,0-1,5$  cm, elípticos; cúpula ca.  $0,6-1,8 \times 1,0-1,5$  cm, elípticos; cúpula ca. 1,1 – 1,8 cm, sub-hemisférica, lenticelada, comprimida abaixo da margem, aparentando estar inflada no meio, pedicelo afunilado.

Nome popular: canela-amarela, canela-amarela-de-cheiro, canela-branca, canela-poca, canela-porca, louro-amarelo-de-cheiro, louro-inamuí-da-terra-firme (Moraes & Oliveira, 2007).

Distribuição geográfica e ecologia: de ampla distribuição, ocorrendo na Venezuela, Guiana, Suriname e praticamente em todas as regiões brasileiras. Na floresta ombrófila densa montana e submontana da encosta atlântica e do Planalto Atlântico, na planície litorânea e matas ciliares associadas e, ainda, na floresta estacional semidecidual (Moraes & Oliveira, 2007).

Fenologia: floração de outubro a novembro; frutificação de dezembro a janeiro.

Usos: madeira amarela, aromática, resistente a insetos, principalmente aos cupins, própria para a construção civil e taboado de assoalhos. É utilizada como tônico e estomáquico, fazendo-se infusão

com as folhas, enquanto a casca é utilizada como anti-reumático e depurativo. Índios do Xingu utilizam a folha para enrolar o cigarro usado pelo pagé em rituais de cura. A folha quando queimada pode ter efeito narcótico (Moraes & Oliveira, 2007).

Material examinado: ES: Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, L.D. Thomaz 1772, 09/VIII/1994 (MBML, HRCB, SPSF); idem, L.D. Thomaz 1774, 18/I/1995 (MBML, HRCB, SPSF); Santa Teresa Estação Biológica de Santa Lúcia, trilha do Indainhaçu, V. Demuner & E. Bausen 606, 25/I/2000 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, Trilha Bonita alt. 700 m, L. Kollmann et al. 465, 03/IX/1998 (MBML, RB, SPSF, UEC); idem, L. Kollmann et al. 468, 03/IX/1998 (MBML, RB, SPSF, UEC); idem, L. Kollmann et al. 1088, 25/XI/1998 (MBML, RB, UEC); idem, V. Demuner et al. 191, 27/X/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, Trilha do Palmiteiro, V. Demuner et al. 63, 30/IX/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Fundão, Goiapaba-açu, V. Demuner et al. 1245, 25/VII/2000 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Mata do Banestes, V. Demuner & E. Bausen 2, 16/IX/1999 (MBML, RB, UEC); idem, V. Demuner & E. Bausen 6, 16/IX/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Estrada para Goiapaba-açu, parte final, alt. 800 m, R.R. Vervloet et al. 1280, 24/X/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Trilha da Tronqueira, R.R. Vervloet et al. 1160, 08/X/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Penha, Sítio do Zurlo, alt. 750 m, L. Kollmann et al. 210, 09/VII/1998 (MBML, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, Reserva Biológica de Santa Lúcia, divisa a direita depois da trilha Bonita, alt. 750 m, L. Kollmann et al. 1102, 25/XI/1998 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, São Antônio, terreno do Boza, alt. 850 m, L. Kollmann et al. 2700, 20/VII/1999 (MBML, RB, UEC); idem, L. Kollmann et al. 2714, 20/VII/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, Estação Biológica de Santa Lúcia, divisa da porteira, L. Kollmann & E. Bausen 4245, 02/VIII/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, Pousada Passárgada, Alberto Chiffer FP3, V. Demuner et al. 1381, 12/IX/2000 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, propriedade de Ebi José Bringhenti, V. Demuner et al. 1352, 08/VIII/2000 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, propriedade do Leomir (caseiro "Carlinhos"), V. Demuner et al. 1113, 14/VI/2000 (MBML, RB, UEC).

Material adicional selecionado: Amazonas: "Prope San Gabriel da Cachoeira, ad Rio Negro, Brasiliae borealis", *R. Spruce 2093*, jan.-ago. 1852 (foto em BR). Minas Gerais: Caldas, *A.F. Regnell III-84\**, 1867 (foto em BR; isossíntipo de *Nectandra regnellii* Meisn.); idem, *A.F. Regnell III-84*, s.d. (fotos em BR, NY; isossíntipo de *Nectandra regnellii* Meisn.). Rio de Janeiro: sem localidade, *A.F.M. Glaziou 17733*, s.d. (foto em B); idem, *A.F.M. Glaziou 19794*, s.d. (fotos em B e BR). Local não indicado: "Brasilia meridionalis", *F. Sellow 766*, s.d. (foto em B; isótipo de *Oreodaphne aciphylla* Nees & Mart.); "Brasilia", *F. Sellow 253*, s.d. (foto em B); idem, *F. Sellow s.n.*, s.d. (fotos em BR 880704; provável isótipo de *Oreodaphne aciphylla* Nees & Mart.); sem localidade, *A.F.M. Glaziou 18443*, s.d. (fotos em BR); idem, *A.F.M. Glaziou 22055*, s.d. (fotos em BR); idem, *J.E. Pohl 144*, s.d. (fotos em BR); idem, *P.M. Binot 42*, s.d. (fotos em BR); idem, *P.M. Binot 73*, s.d. (fotos em BR).

A base revoluta da folha em contraste com o ápice do pecíolo canaliculado dá um aspecto peculiar à base da folha, sendo uma característica fácil de reconhecer. A cúpula do material vivo é avermelhada.

10.2 Ocotea argentea Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5: 346. 1889

Árvores dióicas, ca. 3 m. Catáfilos densamente lanosos. Râmulos cilíndricos, densamente lanoso.

Folhas alternas; lâmina 6,5 – 9,8 x 2,3 – 4,5 cm, subobovada, coriácea; ápice curto-acuminado; base cuneada a

subcilíndrica; face adaxial esparsamente tomentosa, com pontuações avermelhadas na lâmina, nervura central

impressa, nervuras laterais impressas, reticulação densa, saliente; face abaxial papilosa, densamente lanosa tanto

na lâmina quanto nas nervuras, nervura central saliente, nervuras laterais 5 – 7 pares, salientes, reticulação densa,

saliente. Pecíolo 0,8 - 1,0 cm, semicilíndrico, densamente lanoso. Inflorescências paniculadas, estreitas,

axilares, apicais, submultifloras, aprox. mesmo comprimento das folhas, densamente ferrugíneo-lanosas;

pedúnculo ca. 1,0 cm, densamente lanoso; flores subtendidas por bractéolas estreito-ovadas, lanosas

abaxialmente, glabrescentes adaxialmente, ápice agudo. Flores masculinas ca. 5 mm diâm, lanosas; pedicelo 1 –

3 mm, lanoso; hipanto inconspícuo, lanoso internamente; tépalas estreito ovadas, oblongas, carnosas, ápice curto-agudo, externamente lanosas, glabras internamente; filetes dos estames dos verticilos I e II pouco mais

longos que as anteras, estreitos, com poucos tricomas ou glabros, anteras estreitamente ovado-retangulares a

estreito-ovadas, ápice agudo-arredondado; filetes dos estames do verticilo III mais longos que as anteras, glabros

a glabrescentes, anteras estreitamente ovado-retangulares, ápice truncado; glândulas basais pediceladas;

estaminódios do verticilo IV ausentes; pistilódio clavado, glabro; flores femininas lanosas; hipanto inconspícuo,

internamente lanoso; estaminódios semelhantes aos estames das flores masculinas apenas reduzidos; pistilo

glabrescente, tricomas longos, ondulados e eretos, ovário globoso-elipsóide, estilete pouco menor que o ovário,

estigma largamente discóide. Frutos não vistos.

Nome popular: desconhecido.

Distribuição geográfica e ecologia: Brasil, Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Fenologia: flores em setembro.

Usos: desconhecido.

Material examinado: Espírito Santo: Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, trilha do Palmiteiro, V.

Demuner et al. 69, 30/IX/1999 (MBML, RB, SPSF); Santa Teresa, Lombardia, Reserva Biológica Augusto

Ruschi, alt. 800 m, L. Kollmann et al. 4607, 18/IX/2001 (MBML, RB, UEC).

Assemelha-se vegetativamente à Ocotea velloziana (Meisn.) Mez, no entanto, as inflorescências são

densamente lanosas, com bractéolas persistentes, contrastando com as inflorescências híspidas e frequentemente

menos indumentadas e com bractéolas caducas de O. velloziana. Ainda pode ser confundida com O. spixiana

(Nees) Mez, da qual difere por apresentar inflorescência muito menos robusta, flores menores e pistilo das flores

femininas não cobertos por tricomas.

79

10.3 *Ocotea* aff. *bicolor* Vattimo-Gil, Rodriguésia 18 – 19 (30 – 31): 302. 1956.

Árvores dióicas, até 19 m. Catáfilos estrigosos. Râmulos cilíndricos, esparsamente estrigulosos. Folhas alternas; lâmina 4,0 - 10,4 x 2,4 - 4,2 cm, elíptica, subovada, cartáceo-coriácea; ápice curto a longo acuminado; base cuneada, curto atenuada; face adaxial glabra, nervura central promínula, ou subsulcada, em geral róseoamareladas, mais claras que a lâmina, nervuras laterais promínulas; face abaxial glabrescente, densamente micropapilosa, nervura central saliente, nervuras laterais 5 – 10 pares, salientes, tênues, reticulação subdensa, promínula. Pecíolo 0,6 – 1,2 cm, esparso-estriguloso a glabro. **Inflorescências** (Baitello & Marcovino, 2003) masculinas em panícula tirsiforme, axilares, multifloras, iguais ou mais longas que as folhas, glabras, as femininas mais curtas, paucifloras a submultifloras; pedúnculo 3 - 4 cm, glabro, fino. Flores (Baitello & Marcovino, 2003) masculinas 2,5 – 4,0 x 2,0 – 3,0 mm, glabrescentes; pedicelo fino ca. 3 mm; hipanto obcônico, curto, internamente tomentoso; tépalas ovadas, papilosas na margem, as externas tomentosas no ápice e base da face interna, ápice agudo a obtuso; filetes dos estames dos verticilos I e II 1/3 a ½ do comprimento da antera, base tomentosa, anteras glabras, triangular-quadrangulares a ovado-quadrangulares; filetes dos estames do verticilo III curtos, tomentosos, anteras sub-retangulares a subobovadas, tomentosas a glabras no dorso, locelos superiores introrsos, os inferiores, em geral laterais a quase extrorsos; estaminódios do verticilo IV inconspícuos a ausentes; pistilódio nulo a curtamente filiforme; flores femininas pouco menores, pistilo glabro, ovário globoso, estilete muito curto ou ausente, estigma robusto, lobado. Frutos 0,8 - 1,1 x 0,8 - 1,0 cm, globoso; cúpula trompetiforme, rasa; pedicelo obcônico, engrossado para o ápice.

Nome popular: canela-branca, canela-fedida.

Distribuição geográfica e ecologia: Brasil, região Sudeste: na floresta ombrófila densa do Planalto Atlântico, no cerrado e na mata de araucária do extremo sul e na Serra da Mantiqueira (Baitello & Marcovino, 2003).

Fenologia: Flores entre novembro e maio e frutos de março a dezembro, com pico de frutificação de março a junho (Baitello & Marcovino, 2003).

Usos: desconhecidos.

Material examinado: ES: Fundão, Goiapaba-açu, *V. Demuner et al. 1231*, 25/VII/2000 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, (Mata Atlântica de encosta - 650 a 800 m de altitude), *L.D. Thomaz 1175*, 29/IX/1992 (MBML, MO, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, divisa com a Tracomal, alt. 850 m, *L. Kollmann et al. 5157*, 6/XII/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, São Antônio, sítio do Boza, alt. 700 m, *L. Kollmann et al. 4169*, 12/VII/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Estação Biológica São Lourenço, trilha do Caravagem, *L. Kollmann & E. Bausen 4386*, 21/VIII/2001 (MBML, RB, UEC).

Os espécimes aqui alocados como *O*. aff. *bicolor* assemelham-se vegetativamente a *O*. *bicolor* e *Ocotea corymbosa* (Meisn.) Mez, no entanto a cúpula dos frutos difere de ambas as espécies, pois em *O*. *bicolor* a cúpula apresenta margem hexalobada e em *O*. *corymbosa* a cúpula é hemisférica com margem inicialmente hexalobada ou ondulada, e tépalas caducas tardiamente.

10.4 Ocotea brachybotra (Meisn.) Mez, Jahrb. Bot. Gart. Berl. 5: 332. 1889.

Oreodaphne brachybotra Meisn., in DC., Prodr. 15(1): 127. 1864.

Árvores dióicas, até 8 m. Catáfilos estrigosos. Râmulos glabros, enegrecidos, subcilíndricos. **Folhas** alternas; lâmina  $5.4 - 14.0 \times 2.8 - 4.8 \text{ cm}$ , glabra, ovada a elíptica; ápice curto a médio obtusoacuminado; base cuneada; face adaxial nítida, nervura central plana a subsulcada, nervuras laterais promínulas, reticulação laxa, saliente; face abaxial papilosa, nervura central saliente, nervuras laterais 5 − 6 pares, salientes, reticulação laxa, saliente. Pecíolo 0,6 − 1,1 cm, glabro, semicilíndrico, enegrecido. Inflorescências 1,0 - 3,0 cm, glabrescentes, axilares, racemiformes; pedúnculo até 0,5 cm. Flores masculinas glabrescentes; pedicelo curto, tomentoso; hipanto curto, obcônico, internamente densotomentoso; tépalas ovadas, as externas pouco mais largas que as internas, poucas papilas no ápice da face interna das tépalas externas, face interna das tépalas externas esparso-tomentosas, as internas tomentosas, ápice agudo a agudo-arredondado; filetes dos estames dos verticilos I e II com aproximadamente o mesmo comprimento das anteras, largos, tomentosos no dorso, anteras ovadoquadráticas, ápice curto-obtuso a truncado; filetes dos estames do verticilo III como nos verticilos anteriores, anteras ovadas, ápice agudo, locelos inferiores extrorsos, os superiores latrorsos; estaminódios do verticilo IV ausentes; pistilódio glabro, estipitado, pouco espessado na região do ovário, pouco menor que os estames do verticilo III. Frutos imaturos 0,6 x 0,8 cm globosos; cúpula rasa, margem hexalobada, tépalas caducas tardiamente; pedicelo 0,5 – 1,0 cm, obcônico.

Nome popular: canela, canela-gosmenta, canela-limbosa, canela-tatu (Baitello & Marcovino, 2003).

Distribuição geográfica e ecologia: Brasil, regiões Nordeste (Bahia) e Sudeste: no sub-bosque das florestas ombrófilas densa montana e submontana e da planície, e da floresta estacional semidecidual (Baitello & Marcovino, 2003).

Fenologia: Flores de julho a fevereiro; frutos julho, setembro e de novembro a março.

Usos: a espécie tem potencial ornamental para ambientes sombreados (Baitello & Marcovino, 2003).

Material examinado: Espírito Santo: Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, alt. 650-800 m, *L. D. Thomaz 1201*, 11/VIII/1993 (MBML, RB, SPSF); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, trilha bonita, *V. Demuner et al. 192*, 27/X/1999 (MBML, RB, SPSF).

Ocotea brachybotra distingui-se das outras Ocotea por apresentar a seguinte combinação de características: folhas concolores, verde-oliváceas, reticulação laxa em ambas as faces e tépalas caducas tardiamente nos frutos.

10.5 Ocotea catharinensis Mez, Bot. Jahrb. Syst. 30 (Beibl. 67): 19. 1901.

Árvores até 24 m. Catáfilos densamente estrigosos. Râmulos mais ou menos angulosos, glabros, às vezes lenticelados. **Folhas** em geral opostas, às vezes subopostas; lâmina 5 - 11,8 x 2,4 - 4,0 cm, estreitamente elíptica, às vezes elíptica, raro estreito-obovada, cartáceas, triplinervadas, sub-tri-3plinervadas ou peninervadas; ápice longo-obtuso-acuminado; base cuneada a atenuada, decorrente; face adaxial glabra, nítida ou opaca, nervura central saliente a subplana, nervuras laterais planas, finas, reticulação densa, imersa a promínula, fóveas buladas nas axilas basais; face abaxial esparsamente estrigosa a glabrescente, tricomas em geral retos, adpressos, nervura central saliente, mais ou menos achatada, obscura, nervuras laterais 6 - 11 pares, finas pouco salientes a planas, amareladas, reticulação densa, plana a promínula, domácias nas axilas basais, fóveas de aberturas não contraídas, em geral com tricomas claro-acinzentados. Pecíolo 0,7 - 1,0 cm, levemente achatado, às vezes subcanaliculado, glabrescente. Inflorescências curtas, axilares, ou fasciculadas no ápice dos râmulos, paucifloras, esparsamente estrigoso-tomentosas, tricomas subadpressos; pedúnculo 0,6 - 2,2 cm, fino. Flores bissexuadas, ca. 4 mm diâm., esparsamente estrigoso-tomentosas, tricomas subadpressos, retos a ondulados; pedicelo curto; hipanto conspícuo, suburceolado, internamente tomentoso; tépalas pouco maiores que os estames, estreito-ovadas, as internas mais estreitas, ápice agudo a agudo-arredondado, margem papilosa, face interna tomentosa; filetes dos estames dos verticilos I e II pouco mais curtos que as anteras, tomentosos, anteras largamente ovadas, papilosas, ápice arredondado, pontuadoglandulosos, com tricomas na base; filetes dos estames do verticilo III pouco mais longos que as anteras, tomentosos, anteras subquadráticas, ápice truncado, ou obtuso, com tricomas na base, locelos superiores laterais, os inferiores subextrorsos; estaminódios do verticilo IV conspícuos, filiformes, tomentosos; pistilo glabro, ovário elíptico, estilete fino, pouco mais longo que o ovário, atenuado para o estigma, estigma subcapitado. Frutos 1,5 – 2,0 x 0,9 – 1,1 cm, elípticos; cúpula crassa, hemisférica, lisa, lenticelada, contraída na margem; pedicelo engrossado para o ápice.

Nome popular: canela-amarela, canela-parda, canela-preta (Baitello & Marcovino, 2003).

Distribuição geográfica e ecologia: no nordeste (Bahia), sudeste e sul do Brasil e Paraguai: na floresta ombrófila densa montana da encosta atlântica e do Planalto Atlântico e na floresta estacional semidecidual submontana e de altitude do interior (Baitello & Marcovino, 2003; Quinet, 2002).

Fenologia: floresce o ano todo (Quinet, 2002); contudo, a floração e a frutificação são irregulares (Baitello & Marcovino, 2003). Frutificação de junho a novembro com frutos imaturos e frutos maduros em abril e maio.

Uso: De acordo com Baitello & Marcovino (2003), a madeira da canela-preta é apreciada para o mobiliário em geral, substituindo a imbuia [*Ocotea porosa* (Nees) Barroso] para esse fim. É mais conhecida no mercado como canela-parda. Folhas, casca e lenho acumulam neolignanas, metabólitos do grupo dos arilpropanóides (Lordello & Yoshida, 1997 apud. Baitello & Marcovino, 2003).

Material examinado: Espírito Santo: Fundão, Goiapaba-açu, alt. 880 m, L. Kollmann et al. 220, 15/VII/1998 (MBML, RB, SPSF, UEC); Fundão, Goiapaba-acu, terreno de Paulo Schifler, Serra Comprida, alt. 750 m, L. Kollmann et al. 573, 15/IX/1998 (MBML, RB, SPSF, UEC); Santa Maria de Jetibá, Rio nove, Terreno de L. Kollmann, alt. 850 m, L. Kollmann et al. 2452, 13/IV/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Alto Lombardia, cabeceira do Vinte e Cinco De Julho), mata do Durval Furlani, V. Demuner et al. 969, 27/IV/2000 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Alto São Lourenço, Sítio da Cachoeira (Lídio), V. Demuner et al. 1499, 25/X/2000 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Aparecidinha, terreno de L. Bringhenti, alt. 800 m, L. Kollmann et al. 2588, 16/VI/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Aparecidinha, terreno de L. Bringhenti, alt. 800 m, L. Kollmann et al. 2593, 16/VI/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Aparecidinha, terreno de Bringhenti, V. Demuner et al. 221, 03/XI/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Aparecidinha, terreno de L. Bringhenti, alt. 800 m, L. Kollmann et al. 2581, 16/VI/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Country Club, alt. 750 m, W.P. Lopes et al. 650, 06/V/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, Mata Atlântica de Encosta, alt. 650-800 m, L. D. Thomaz 1154, 04/V/2003 (MBML); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, trilha do Sagüi (are 3, par 24, num 689), alt. 750 m, L. Kollmann et al. 1410, 22/XII/1998 (MBML, RB, SPSF); Santa Teresa, Mata Fria, Terreno do Clério Loss (lado esquerdo), V. Demuner & E. Bausen 510, 13/I/2000 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Pedra da Onça, alt. 650-930 m, A. M. Assis et al. 900, 26/VI/2003 (MBML, RB); Santa Teresa, Penha, Sítio do Zurlo, L. Kollmann et al. 205, 09/VII/1998 (ESA, MBML, RB, SPSF); Santa Teresa, Reserva Biológica de Santa Lúcia, divisa a direita depois da trilha bonita, alt. 800 m, L. Kollmann et al. 1116, 25/XI/1998 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, São Lourenco, Country Club, V. Demuner et al. 333, 16/XII/1999 (MBML, RB, SPSF); Santa Teresa, São Lourenço, Country Club, Trilha da Cachoeira, alt. 850 m, L. Kollmann et al. 1289, 15/XII/1998 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Country Club, alt. 750 m, L. Kollmann et al. 1975, 22/II/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Country Club, alt. 750 m, L. Kollmann et al. 1977, 22/II/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Country Club, Trilha da Cachoeira, alt. 850 m, L. Kollmann et al. 1285, 15/XII/1998 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Mata da Caixa D' água, alt. 650 m, L. Kollmann et al. 291, 05/VIII/1998 (ESA, MBML, SPSF); Santa Teresa, Sítio do Zurlo, alt. 750 m, L. Kollmann et al. 410, 19/VIII/1998 (ESA, MBML, SPSF); Santa Teresa, Valsugana Velha, Estação Biológica Santa Lúcia, trilha à direita da primeira nascente, 19°58'S, 40°32'W, alt. 600 – 900 m, mata de encosta, W. Pizziolo & E. Bausen 356, 18/VI/1991 (MBML, RB, SPSF, UEC).

Material adicional selecionado: Santa Catarina: Blumenau, E. Ule 859, VII/1888 (foto em B-100185266, holótipo).

Os ramos no material seco têm odor leve. *Ocotea catharinensis* pode ser reconhecida pelo par de folhas opostas no ápice dos ramos; pelo par de domácias pilosas na axila das nervuras secundárias, buladas na face adaxial, embora estas podem não estar presentes em algumas folhas, contudo, quando presentes encontram-se principalmente no par de nervuras basal; e pelo fruto com cúpula hemisférica. Assemelha-se muito a *Ocotea oppositifolia* S. Yasuda, espécie que ocorre na Bahia, no entanto difere desta por não apresentar a cúpula do fruto com margem dupla. As *Ocotea catharinensis* de Santa Teresa diferem das outras *O. catharinensis* com distribuição mais ao sul por apresentarem folhas mais rígidas e com as nervuras da face adaxial menos conspícuas, também apresentam folhas com tom mais amarronzado, enquanto que mais ao sul as folhas apresentam tom verde-escuro.

10.6 Ocotea complicata (Meisn.) Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5: 247. 1889.

Mespilodaphne complicata Meisn., in DC., Prodr. 15(1): 103. 1864.

Árvores até 12 m. Catáfilos esparso-estrigosos. Râmulos cilíndricos, glabros, fissurados. Folhas alternas; lâmina 4,6 – 9,8 x 1,9 – 5,0 cm, estreito a largamente ovada; cartáceo-coriácea; ápice curto a longo acuminado; base curto-aguda a subarredondada; face adaxial glabra, nítida, nervuras central e laterais escurecidas, nervura central plana a subimpressa, nervuras laterais promínulas, tênues, reticulação densa e promínula; face abaxial glabra, nítida, nervuras central e laterais escurecidas, nervura central saliente, nervuras laterais 5 – 10 pares, subsulcadas, tênues, reticulação densa e promínula. Pecíolo 0,6 – 1,5 cm, glabro, subcanaliculado, enegrecido. **Inflorescências** (L. Riedel, 766) apicais, fasciculadas, ao redor de catáfilos, quase com o mesmo comprimento das folhas, vilosas a esparso-vilosas, com flores congestas. Flores (L. Riedel, 766) bissexuadas, 5 – 6 mm; hipanto externamente e internamente tomentoso; tépalas patentes durante a antese, externamente glabrescentes, internamente glandulosas, as internas densamente, as externas esparsamente glandulosas, principalmente nas margens e ápice, ápice agudo; filetes dos estames dos verticilos I e II com aproximadamente 1/3 do comprimento das anteras, tomentosos, anteras ovado-quadráticas a suborbiculares, glandulosas, ápice truncado a agudo-arredondado; filetes dos estames do verticilo III com aproximadamente o mesmo comprimento das anteras a pouco maiores, tomentosos, anteras quadráticas, papilosas, ápice truncado, locelos superiores laterais, os inferiores lateral-extrorsos, voltados para baixo; estaminódios do verticilo IV filiformes, tomentosos; pistilo com pouquíssimos tricomas, ovário pontuado-glanduloso, estreito-elíptico, atenuado para o estilete, estilete ½ a pouco menor que o comprimento do ovário, estigma subdiscóide, papiloso. Frutos imaturos inseridos ca. de ¾ na cúpula; cúpula lenticelada, hemisférica, tépalas parcialmente persistentes; pedicelo obcônico.

Nome popular: desconhecido.

Distribuição geográfica e ecologia: Bahia e Espírito Santo. Predominantemente nas matas costeiras e restinga.

Fenologia: Frutos de fevereiro a maio.

Usos: desconhecido.

Material examinado: ES: Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia. Trilha abaixo da cachoeira, *V. Demuner & E. Bausen 1050*, 11/V/2000 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, Estação Biológica de Santa Lúcia, baixo da cachoeira, alt. 550 m, *L. Kollmann et al. 1930*, 11/II/1999 (MBML, RB, UEC).

Material adicional selecionado: Bahia: Ilhéus: "in sylvis arenosis maritimis", L. Riedel 766, s.d. (LE, síntipo de Mespilodaphne complicata Meisn.). Espírito Santo: Barra de São Francisco, Córrego das Palmas, Terreno de Robert Strey, L. Kollmann & E. Bausen 3388, 23/XI/2000 (MBML, RB, UEC);

Ocotea complicata distingui-se das outras espécies de Lauraceae de Santa Teresa por apresentar folhas conduplicadas e base curto-atenuada a subarredondada. As coletas de Ocotea complicata realizadas no município são semelhantes a O. fasciculata Mez, uma espécie com distribuição amazônica. No entanto, diferem destas por terem folhas com base curto-aguda a subarredondada (atenuada em O. fasciculata), na maioria das vezes conduplicada e reticulação menos conspícua em ambas as faces. Mez (1889) quando descreve as flores, com base no mesmo material citado neste trabalho, descreve as flores como sendo brancas, fragrantes, 3-4 mm de comp. e glabrescentes, com tépalas ovadas, anteras com ápice agudo, ovário glabérrimo, obovado-triangular. Rohwer (1986) sinonimizou Ocotea mosenii Mez em O. complicata e ainda considerou Ocotea conferta Coe-Teixeira como provável sinônimo. Neste trabalho Rohwer ilustra o fruto imaturo de Ocotea complicata com a cúpula do fruto com margem dupla; e tépalas persistentes e reflexas. Semelhantemente ao fruto de O. mosenii descrito por Mez (1889). Baitello & Marcovino (2003) considerou O. mosenii como espécie válida, uma vez que o tipo de O. complicata é da restinga baiana e o tipo de O. mosenni é de São Paulo e embora ambos tenham hábitos muito semelhantes, as coletas de São Paulo têm folhas maiores, mais rigidamente coriáceas, nervuras central, laterais e reticulação conspícuas, características essas não observadas no material da Bahia, o que o levou a manter O. mosenii para o estado de São Paulo até novos estudos, especialmente o confronto dos frutos. No presente trabalho O. complicata e O. mosenii foram consideradas espécies distintas e concordando com Baitello & Marcovino (2003) O. conferta foi considerada como sinônimo de O. mosenii. No caso dos espécimes coletados em Santa Teresa, as nervuras central, laterais e reticulação são inconspícuas e principalmente pela cúpula do fruto ter margem simples, estes espécimes foram identificados como pertencentes a O. complicata.

10.7 Ocotea cryptocarpa Baitello, Acta Bot. Bras. 15(3): 446. 2001.

Árvores até 20 m. Catáfilos densamente estrigosos. Râmulos robustos, glabrescentes. Folhas alternas ou ligeiramente agrupadas no ápice dos râmulos; lâmina  $4,0-11,3 \times 1,9-4,6$  cm, coriácea,

obovada ou oblongo-obovada; ápice arredondado ou emarginado; base atenuada, revoluta; face adaxial glabra, nítida ou não, nervura central plana, nervuras laterais salientes, reticulação laxa, saliente; face abaxial glabrescente a curto-puberulenta, nervura central obscura, nervuras laterais 6 – 10 pares, salientes, reticulação laxa, saliente. Pecíolo 0,5 – 1,1 cm longo, robusto, glabrescente a curto-puberulento. **Inflorescências** axilares, subterminais, 3,5 – 7,3 cm compr., curto-adpresso-pubescentes. **Flores** bissexuadas, 4,0 – 6,0 mm diâm., curto-adpresso-pubescentes; hipanto profundo, largo a urceolado, internamente glabro; tépalas subovaladas, finamente papilosas entremeadas de tricomas esparsos internamente; filetes dos estames dos verticilos I e II curtos, pouco mais estreitos que as anteras, esparso pilosos no dorso, anteras ovaladas ou arredondado-retangulares, papilosas, ápice agudo ou truncado; filetes dos estames do verticilo III curtos, anteras retangulares; estaminódios do verticilo IV subsagitados; pistilo glabro, 2,0 cm compr., ovário globoso-elíptico, estilete mais curto ou do mesmo comprimento que o ovário, estigma capitado. **Frutos** 2,0 – 3,2 x 2,0 – 3,4 cm, globosos, lenhosos, verruculosos, costados, coroados pelos rudimentos das tépalas, como em *Cryptocarya*; pedicelo 2,0 – 2,8 cm compr., engrossado, subcônico.

Nome popular: canela.

Distribuição geográfica e ecologia: conhecida apenas pelos tipos e coletas realizadas na microrregião Santa Teresa e no município de Fundão, ES.

Fenologia: floração em janeiro, fevereiro, outubro; frutificação de janeiro a março, junho, julho, dezembro.

Usos: desconhecidos.

Material examinado: ES: Santa Maria de Jetibá, Rio Nove, terreno de L. Kollmann, alt. 850 m, *L. Kollmann & E. Bausen 1623*, 20/I/1999 (MBML, RB, UEC); idem, *L. Kollmann & E. Bausen 1625*, 20/I/1999 (MBML, RB, SPSF); idem, *V. Demuner et al. 791*, 24/II/2000 (MBML, UEC); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, *F.Z. Saiter 19*, 07/I/2004 (MBML); idem, *F.Z. Saiter 161*, 22/IX/2004 (MBML); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, alt. 650 a 800 m, *L.D. Thomaz 1149*, 13/I/1994 (MBML, MO, isótipos; SPSF, holótipo); idem, *L.D. Thomaz 1148*, 17/I/1995 (MBML, SPSF, parátipos); idem, *L.D. Thomaz 1150*, 18/I/1995 (HRCB, MO, SPSF, parátipos); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, lado direito do rio Timbuí, *W. Boone et al. 1334*, 19/VII/1989 (MBML, MO, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, trilha do lado esquerdo do Rio Timbuí, *L. Kollmann et al. 337*, 28/VI/1989 (ESA, MBML, MO); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, Trilha do Sagui, área 3, parc. 14, num. 401, alt. 750 m, *L. Kollmann et al. 1416*, 22/XII/1998 (ESA, MBML, RB); Santa Teresa, Rio Nove, *H.Q.B. Fernandes 2076*, 23/X/1986 (MBML, SPSF, UEC); Santa Teresa, valsugana Velha, Estação Biológica de Santa Lúcia, alt. 650 m, *L. Kollmann & E. Bausen 2188*, 19/III/1999 (MBML, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, Estação Biológica de Santa Lúcia, mata atlântica de encosta, ca. 800 m alt., *E. Bausen & I. Varassin 83*, 31/III/1998 (MBML, SPSF, parátipos).

Material adicional examinado: Fundão, Goipaba-áçu, terreno de Paulo Schifler, Serra Comprida, alt. 750 m, *L. Kollmann et al. 566*, 15/IX/1998 (MBML).

Ocotea cryptocarpa pode ser confundida com espécies de Beilschmiedia, no entanto, em Santa Teresa as espécies de Beilschmiedia encontradas têm folhas opostas a no máximo subopostas, enquanto que Ocotea cryptocarpa tem as folhas alternas.

O tronco é amarelado e com pontuações negras, o córtex é pouco aromático.

10.8 Ocotea daphnifolia (Meisn.) Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5: 307. 1889.

Oreodaphne daphnifolia Meisn., in DC., Prodr. 15(1): 127. 1864.

Árvores homóicas ou gimnodióicas, até 8 m. Catáfilos densamente flavo-estrigosos. Râmulos subcilíndricos, adpresso-pubérulos, lenticelados. Folhas alternas; lâmina 5,5 - 19,0 x 1,0 - 7,0 cm, cartácea, estreito-elíptica a obovado-elíptica; ápice curto-obtuso-acuminado, ou agudo; base atenuada; face adaxial glabra, lisa, nervura central promínula, nervuras laterais ligeiramente impressas, reticulação inconspícua, plana, laxa; face abaxial plissada (enrugada), com raros tricomas esparsos ou glabra, nervura central saliente, nervuras laterais 6 – 9 pares, promínulas, reticulação laxa, aberta, promínula; domácias conspícuas, fóveas não barbeladas nas axilas das nervuras laterais e fora delas. Pecíolo 0,3 – 1,0 cm, fino, glabro ou glabrescente. **Inflorescências** axilares, racemosas, paucifloras, tomentelas, mais curtas que as folhas; pedúnculo 2,6 – 4,6 cm compr.. Flores bissexuadas, tomentelas, tricomas amarelo-ferrugíneos; hipanto curto-obcônico, internamente glabro ou glabrescente; tépalas eretas, ovadas, ápice subagudo, internamente subseríceas a tomentelas, a face interna das tépalas internas com tricomas maiores que os tricomas das tépalas externas; filetes dos estames dos verticilos I e II curtos, pouco mais estreitos que as anteras, glabrescentes, anteras glabras, papilosas, ovadas a ovado-retangulares, ápice subapiculado ou truncado; filetes dos estames do verticilo III tão largos quanto as anteras, pouco mais curtos, glabros, anteras retangulares, papilosas, glabras, ápice obtuso a truncado; estaminódios do verticilo IV ausentes; pistilo glabro, ovário elíptico a subgloboso, estilete robusto, mais curto ou pouco mais longo que o ovário, estigma discóide nas flores unissexuadas femininas e clavados nas bissexuadas. Frutos ca. 1,3 – 2,5 x 0,7 – 1,2 cm, longamente ovalados a quase elípticos; cúpula  $0.3 - 0.7 \times 0.2 - 0.7 \text{ cm}$ , pateriforme; pedicelo 0.6 - 1.5 cm compr., obcônico, engrossado.

Nome popular: canela.

Distribuição geográfica e ecologia: na região Sudeste, nas matas de encostas e da planície litorânea, onde é rara (Baitello & Marcovino, 2003).

Fenologia: floresce de fevereiro a abril; frutifica de maio a setembro.

Usos: desconhecidos.

Material examinado: ES: Santa Maria de Jetibá, Belém, terreno de Paulo Seik (área 1), alt. 700 m, L. Kollmann et al. 5865, 17/XII/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Aparecidinha, terreno de L. Bringhenti, alt. 750 m, L. Kollmann et al. 1351, 16/XII/1998 (MBML, RB, SPSF); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, F. Z. Saiter 299, 15/VI/2006 (MBML); idem, alt. 650 – 800 m, L. D. Thomaz 1827, 08/XII/1992 (MBML); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, alt. 820 - 855 m, F. Z. Saiter 23, 03/II/2004 (MBML); Santa Teresa, Estrada para Lombardia, próximo ao sítio do Sr. Valter Có, R. C. Britto & L. N. Lima 101, 04/VIII/2006 (MBML); Santa Teresa, Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, alt. 800 m, L. Kollmann et al. 4697, 19/IX/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, mata acima do Country Club, W. Pizziolo 214, 19/XI/1985 (MBML, MO, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, divisa com Vanildo Bragacha, R.R. Vervloet et al. 684, 13/VIII/2002 (MBML, RB, UEC); idem, R.R. Vervloet & E. Bausen 1743, 23/I/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada para João Neiva, parte final, R.R. Vervloet et al. 1035, 24/IX/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Santa Lúcia, trilha Bonita, alt. 700 m, L. Kollmann et al. 467, 03/IX/1998 (MBML, SPSF, UEC); Santa Teresa, Reserva Biológica Augusto Ruschi, linha da divisa ao lado do cafezal do Sr. Vanildo P. das Posses, J. Rossini et al. 448, 14/VIII/2003 (MBML); Santa Teresa, Reserva Biológica Augusto Ruschi, primeira divisa à esquerda, alt. 850 m, L. Kollmann & E. Bausen 5223, 08/I/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Santo Antônio, terreno do Boza, alt. 750 m, L. Kollmann & E. Bausen 1547, 14/I/1999 (MBML, RB, UEC); idem, L. Kollmann & E. Bausen 1556, 14/I/1999 (MBML, RB, UEC); idem, L. Kollmann et al. 2056, 09/III/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Santo Antônio, terreno do Boza, alt. 850 m, L. Kollmann et al. 2544, 15/VI/1999 (MBML, RB, SPSF); idem, L. Kollmann et al. 2701, 20/VII/1999 (MBML); Santa Teresa, São Lourenço, Country Club, trilha da cachoeira, alt. 850 m, L. Kollmann et al. 1280, 15/XII/1998 (MBML, RB); Santa Teresa, Valsugana Velha, Reserva Biológica de Santa Lúcia, Trilha do Sagui, alt. 700 m, L. Kollmann et al. 1825, 04/II/1999 (MBML, RB, UEC).

Material adicional selecionado: Rio de Janeiro: "in montibus Organensibus", *F. Sellow s.n.*, s.d. (foto em B, F Neg no. 3654; síntipo de *Oreodaphne daphnifolia* Meisn.); "haut du Corcovado", *A.F.M. Glaziou 1316*, 2/VII/1867 (foto em BR-882320); local não indicado, *C. Gaudichaud-Beaupré 796*, 1835 (foto em B; síntipo de *Oreodaphne daphnifolia* Meisn.); idem, *A.F.M. Glaziou 2675*, 1868 (foto em BR-882287, 882321). Estado não indicado: local não indicado, *A.F.M. Glaziou 18461*, 1890-91 (fotos em B e BR-882316).

Ocotea daphnifolia é facilmente reconhecida pela face abaxial plissada das folhas e pelas domácias ao longo da lâmina, na face abaxial. Os ramos e tronco da árvore são bege-claros. A cúpula do fruto em material vivo é avermelhada. Juntamente com Ocotea minarum (Nees) Mez e Ocotea domatiata Mez in Taubert, desenvolve flores bissexuadas ou unissexuadas, estas sempre femininas, um caso raro de gimnodioicia.

10.9 Ocotea dispersa (Nees) Mez, Jahrb. Bot. Gart. Berlin 5: 357. 1889.

Oreodaphne dispersa Nees & Mart. ex Nees, in Linnaea 8: 43. 1833.

Árvores ou arvoretos dióicos, até 16 m. Catáfilos flavo-tomentosos. Râmulos cilíndricos ou angulosos, tomentosos no ápice, rapidamente glabrados, então acinzentados, com finíssimas estrias longitudinais, lenticelados. Folhas alternas; lâmina 5,6 - 11,2 x 1,7 - 5,2 cm, cartácea, elíptica, oblongo-elíptica ou obovada; ápice curto e abruptamente acuminado ou curto-obtuso-acuminado; base atenuada; face adaxial nítida, ou opaca, glabra, nervuras central e laterais impressas ou levemente salientes, nervura central mais larga na base, achatada, fina no ápice, reticulação laxa, inconspícua, plana; face abaxial opaca, estrigosa a glabrescente, com alguns tricomas sobre as nervuras, com diminutas pontuações glandulares, nervuras central e laterais salientes, nervuras laterais 6 - 8 pares, alternas a subtriplinervadas, reticulação densa, saliente, conspícua, margem plana ou levemente ondulada. Pecíolo até 8 mm, pubescente, canaliculado. Inflorescências axilares, racemosas, paucifloras, menores a pouco maiores que as folhas, tomentosas. Flores masculinas (Baitello & Marcovino, 2003) 2 - 4 x 2 - 3 mm, denso ou esparsamente pilosas, pedicelo curto; hipanto inconspícuo, internamente piloso; tépalas ovadas, glandulosas, face interna glabrescente, ápice obtuso; filetes dos estames dos verticilos I e II pouco mais longos que as anteras, largos, glabros, anteras pontuado-glandulosas, ovalado-retangulares, ápice obtuso a truncado, às vezes mucronado; filetes dos estames do verticilo III pouco menores que as anteras, largos, glabros, anteras ovado-retangulares a retangulares, ápice obtuso a truncado, locelos inferiores quase extrorsos, os superiores lateral-extrorsos; estaminódios do verticilo IV presentes ou nulos, pilosos; pistilódio estipitiforme ou nulo, glabro; flores femininas 3 mm; hipanto externamente e internamente tomentoso; tépalas ovadas, densamente pontuado-glandulosas, externamente glabrescentes, internamente com tufos de tricomas no ápice; filetes dos estaminódios dos verticilos I e II quase com o mesmo comprimento das anteras, anteras ovadoquadrangulares, ápice obtuso; filetes dos estaminódios do verticilo III como nos verticilos anteriores, anteras papilosas, estreito-retangulares, ápice truncado; estaminódios do verticilo IV ausentes; pistilo glabro, ovário globoso-elipsóide, estilete 1/3 do comprimento do ovário, robusto, estigma discóide. Frutos imaturos ca. 1,0 x 0,6 cm, elípticos, alongados, com vestígios de estigma; cúpula 0,5 x 0,7 cm, subemisférica, engrossada na base, tépalas persistentes.

Nome popular: canelinha

Distribuição geográfica e ecologia: Brasil, região sudeste e nos estados do Paraná e Santa Catarina. Ocorre no sub-bosque da floresta ombrófila densa montana e da planície litorânea, e vegetação ciliar do Parque Estadual da Serra do Mar (Quinet, 2002; Baitello & Marcovino, 2003).

Fenologia: coletada com flores de fevereiro a agosto e com frutos de abril a dezembro (Baitello & Marcovino, 2003).

Uso: desconhecido.

Material examinado: ES: Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, *F.Z. Saiter 273*, 25/III/2006 (MBML); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, alt. 650 - 800 m, *L.D. Thomaz 1193*, 28/IV/1995 (MBML, MO, SPSF); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, alt. 800 m, *L. Kollmann et al. 5067*, 28/XI/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Santo Antônio, terreno do Boza, alt. 850 m, *L. Kollmann et al. 2554*, 15/VI/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Reserva Biológica de São Lourenço, trilha do Caravagem, alt. 750 m, *L. Kollmann et al. 2218*, 23/III/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, Estação Biológica de Santa Lúcia, alt. 650 m, *L. Kollmann & E. Bausen 2193*, 19/III/1999 (MBML, RB, UEC).

Material adicional selecionado: Espírito Santo: Alfredo Chaves, São Bento de Urânia, *G. Hatschbach et al. 61429*, 14/I/1995 (MBML). Estado não indicado: "in sylvat. Pr. Aldea das Pedras", *L. Riedel 484*, VII/1832 (LE; holótipo e isótipo de *Mespilodaphne riedelii* Meisn.); Rio das Pedras, *F. Sellow 1381*, s.d. (foto em B; síntipo de *Oreodaphne dispersa* Nees & Mart.; holótipo de *Oreodaphne confusa* Meisn. = *O. neesiana* (Miq.) Kosterm.); local não indicado, *F. Sellow 5800*, s.d. (foto em B; síntipo de *Oreodaphne dispersa* Nees & Mart.); idem, *A.F.M. Glaziou 18441*, s.d. (foto em BR).

Os râmulos são pouco lenticelados e no material seco não têm cheiro. As folhas geralmente estão comidas, provavelmente por algum inseto. Depois de secas a face abaxial das folhas apresenta, com freqüência, tom castanho escuro e a face adaxial castanho claro. A cúpula do fruto no material vivo é avermelhada.

10.10 Ocotea divaricata (Nees) Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5: 385. 1889.

Camphoromoea divaricata Nees, Syst. Laurin., p.467. 1836.

**Árvores** dióicas, até 18 m. **Catáfilos** estrigosos a tomentosos, tricomas acinzentados ou dourados. **Râmulos** angulosos, estriados, glabrescentes. **Folhas** alternas; lâmina 3,5 – 12,9 x 1,9 – 6,6 cm, subtriplinervada, membranácea a cartácea, largo-elíptica a obovada; ápice acuminado a obtuso-acuminado; base cuneada a aguda; face adaxial glabra, nervuras central e laterais subsulcadas, reticulação laxa, promínula; face abaxial densamente pontuado-glandulosa, glabrescente com tricomas esparsos sobre as nervuras e nas axilas basais, nervura central saliente, nervuras laterais 3 – 5 pares, reticulação laxa, promínula, peninérveas, eucamptódromas. Pecíolo 5,0 – 1,8 cm, canaliculado, enegrecido, glabro. **Inflorescências** axilares, paniculadas, pouco mais curtas que as folhas, pauci a submultifloras, divaricadas, glabras; pedúnculo 0,4 – 2,0 cm longo. **Flores** masculinas ca. 2,1 x 2,0 mm, glabrescentes, pontuado-glandulosas; hipanto conspícuo, obcônico, densotomentoso internamente; tépalas papilosas, ovadas a suborbiculares, ápice obtuso, as internas com tufo de tricomas no ápice da face interna, glabrescentes no restante; filetes dos estames dos verticilos I e II muito curtos,

ca. 1/4 a 1/5 do comprimento das anteras, pilosos, anteras pontuado-glandulosas, largo a estreitamente ovado-triangulares, ápice obtuso, apiculado, pilosas entre os locelos inferiores; filetes dos estames do verticilo III curtos, envoltos pelas glândulas basais, anteras largo a estreito-retangulares, pontuado-glandulosas, ápice truncado a arredondado, tufo de tricomas entre os locelos, os locelos superiores introrsos, os inferiores lateral-extrorsos; estaminódios do verticilo IV ausentes; pistilódio presente ou ausente; flores femininas glabrescentes, estaminódios semelhantes aos estames das flores masculinas, reduzidos, ovário ca. 1,2 x 0,9 mm, pontuado-glanduloso, globoso a elipsóide, robusto, estilete muito curto, estigma discóide, trilobado. **Frutos** 0,7 – 2,0 x 2,0 – 2,5 cm, globosos a largo-elípticos; cúpula pateriforme, rasa; pedicelo ca. 1,2 cm, obcônico, pouco engrossado.

Nome popular: canela-segueira, canela-amarela, canela-preta, caneleira (Quinet, 2002).

Distribuição geográfica e ecologia: ocorre da Bahia a São Paulo, nas florestas ombrófilas da encosta atlântica e na floresta estacional semidecidual do Vale do Paraíba (Baitello & Marcovino, 2003).

Fenologia: florescimento em abril, maio, julho a dezembro; frutificação em junho, agosto, outubro.

Usos: desconhecido.

Material examinado: ES: Santa Teresa, Aparecidinha, terreno de Luis Bringhente, V. Demuner et al. 1091, 25/V/2000 (MBML, RB, UEC); idem, alt. 800 m, L. Kollmann et al. 2579, 16/VI/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, L.D. Thomaz 1176, 09/III/1993 (HRCB, MO); idem, Trilha Bonita, V. Demuner et al. 195, 27/X/1999 (MBML, RB, SPSF); Santa Teresa, Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, alt. 800 m, L. Kollmann et al. 4641, 19/IX/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Mata Fria, W.P. Lopes et al. 738, 19/V/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Mata Fria, terreno de Clério Loss, lado esquerdo, V. Demuner & E. Bausen 525, 13/I/2000 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, divisa com Henrique Bonfim, Trilha da Chapada, R.R. Vervloet et al. 641, 01/VIII/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, divisa com a Tracomal, alt. 850 m, L. Kollmann et al. 5143, 06/XII/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada para Goiapaba-açu, parte mediana, R.R. Vervloet et al. 2295, 22/IV/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada da Tracomal, parte final, beira de estrada, R.R. Vervloet & E. Bausen 166, 24/IV/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada para João Neiva, parte inicial, R.R. Vervloet & W. Pizziolo 2425, 14/V/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, trilha da Cachoeira, R.R. Vervloet et al. 273, 23/V/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada principal, próximo à sede nova, J. Rossini et al. 528, 02/IX/2003 (BHCB, MBML); Santa Teresa, Reserva Municipal de São Lourenço, W. P. Lopes et al. 710, 18/V/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Rio Saltinho, terreno de Tranhago, L. Kollmann et al. 4476, 04/IX/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Santo Antônio, terreno do Boza, alt. 750 m, L. Kollmann & E. Bausen 1551, 14/I/1999 (MBML, SPSF); Santa Teresa, São Lourenço, Mata Fria, terreno de Clério Loss, alt. 750 m, L. Kollmann et al. 182, 08/VII/1998 (MBML, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Mata Fria, terreno de Clério Loss, alt. 700 m, L. Kollmann et al. 756, 14/X/1998 (MBML, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Mata Fria, terreno de Clério Loss, alt. 750 m, L. Kollmann et al. 2624, 17/VI/1999 (MBML, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, Pousada Passárgada (Alberto Chiffer, FP3), V. Demuner et al. 1385, 12/IX/2000 (MBML, RB, UEC); idem, V. Demuner et al. 1390, 12/IX/2000 (MBML, RB).

Material adicional selecionado: Espírito Santo: Córrego São José II, Ibatiba, *G. Hatschbach & J.M. Silva 48613*, 4/XII/1984 (foto em BR); Linhares, Reserva Florestal CVRD, est. Caingá, ant. 234, lado esquerdo, km 0,260, *D.A. Folli 89*, 2/VIII/1979 (UEC); Providência, Conceição do Castelo, *G. Hatschbach & A.C. Cervi 51338*, 20/VIII/1987 (foto em BR). Rio de Janeiro: "in umbr. sylvaticis pr. Mandiocca", *L. Riedel 129*, VIII-IX/1823 (LE; foto NY 354920; holó e isótipos de *Camphoromoea zizyphoides* Meisn.); "Lagoa de Freitas", *L. Riedel 105*, s.d. (foto em NY 354921; isótipo de *Camphoromoea zizyphoides* var. *major* Meisn.); "circa Tejuco et Mandiocca", *L. Riedel s.n.*, IX/1823 (foto em B; foto em NY 354917; isossíntipo de *Camphoromoea rhamnoides* Meisn.); Rio de Janeiro, *A.F.M. Glaziou 11471*, s.d. (foto em B); idem, *A.F.M. Glaziou 1214*, s.d. (foto em B); "Serra de Jacarepaguá", *A.F.M. Glaziou 6714*, s.d. (foto em B; F Neg. No. 22077); local desconhecido, *A.F.M. Glaziou 3093*, s.d. (foto em BR). São Paulo: "in sylvis montanis P. SP", *L. Riedel s.n.*, s.d. (foto em NY 354918). Estado não indicado: local desconhecido, *A.F.M. Glaziou 12129*, s.d. (foto em BR); idem, *A.F.M. Glaziou 18447*, s.d. (foto em BR); idem, *Schott [Pohl] 5597*, s.d. (foto em NY 354919; provável isossíntipo de *Camphoromoea rhamnoides* Meisn.).

As pontuações glândulosas na face abaxial das folhas são vermelhas e brancas. Em algumas lâminas predominam as pontuações brancas em outras as vermelhas. O tronco tem a casca cinza-esbranquiçada e o córtex é aromático.

#### 10.11 Ocotea domatiata Mez in Taubert, Bot. Jahrb. Syst. 17: 520. 1893

Árvores homóicas ou gimnodióicas, até 28 m. Catáfilos densamente estrigulosos. Râmulos angulosos, densamente adpresso-pubérulos. Folhas alternas; lâmina 6,6 -13,2 x 2,4 - 5,8 cm, estreitoobovada, elíptica, ou obovado-elíptica, cartácea; ápice agudo-arredondado a curto-obtuso-acuminado; base atenuada; face adaxial glabra, nítida, nervura central larga na base, saliente, nervuras laterais promínulas, reticulação saliente, subdensa, buladas sobre as domácias conspícuas; face abaxial papilosa, esparso-estrigosa, nervura central impressa, nervuras laterais finas, 6 - 9 pares, reticulação subdensa, promínula; domácias conspícuas, fóveas barbeladas. Pecíolo 0,9 - 2,6 cm, achatado dorsoventralmente, robusto, subcanaliculado, estriguloso. Inflorescências axilares e subterminais, multifloras, robustas, mais curtas que as folhas, tomentelas; pedúnculo 1,7 - 3,3 cm. Flores bissexuadas, 3 – 4 mm, seríceo-tomentelas; tépalas largo-ovadas, suboblongas, densamente tomentelas, rugoso-glandulosas na margem, ápice agudo-arredondado; hipanto curto, internamente glabro; filetes dos estames dos verticilos I e II mais curtos que as anteras, finos, curtamente-tomentosos, anteras retangulares, ápice obtuso-arredondado, truncado, pontuado-glandulosas, tricomas esparsos na base; filetes dos estames do verticilo III curto-tomentosos, pouco mais curtos que as anteras, anteras estreitamente ovado-retangulares, ápice truncado, locelos superiores laterais, os inferiores lateralextrorsos; estaminódios do verticilo IV conspícuos ou ausentes, estipitados, ápice piramidado, tomentoso; pistilo glabro, ovário globoso-elíptico, estilete longo, delgado, estigma subdiscóide. **Frutos** 2,0 - 2,1 x 1,4 - 1,6 cm, oblongo-elípticos; cúpula 0,7 - 0,8 x 0,6 - 0,9 cm, pateliforme, rasa; pedicelo 1,0 cm, obcônico.

Nome popular: desconhecido.

Distribuição geográfica e ecologia: Rio de Janeiro e Espírito Santo. Na Floresta Pluvial Atlântica Montana (Quinet, 2002).

Fenologia: floresce em março; frutos em julho, setembro e outubro.

Usos: desconhecidos.

Material examinado: ES: Santa Leopoldina, Rio Nove, *H.Q.B. Fernandes* 2068, 21/X/1986 (MBML, SPSF); Santa Maria de Jetibá, Caramuru, sítio Jetibá, propriedade de Ademival Adeodato, ca. 20°05'S e 40°42'W, alt. ca. 800 m, *H.Q.B. Fernandes et al.* 3303, 18/III/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, alt. 650 - 800 m, *L.D. Thomaz* 1208, 29/IX/1992 (MBML, SPSF); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, alt. 650 m, *L. Kollmann et al.* 5638, 12/III/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, alt. 800 m, *L. Kollmann & E. Bausen* 4707, 25/IX/2001 (MBML, RB, UEC).

Material adicional selecionado: Rio de Janeiro: "in monte Alto Macahé", *A.F.M. Glaziou 19805*, 1891/92 (foto em B, F Neg. No. 3655; holótipo de *Ocotea domatiata* Mez in Taubert).

Rohwer (1986) considerou *O. domatiata* como sinônimo de *Ocotea minarum* (Nees) Mez. Quinet (2002) propôs a revalidação de *O. domatiata*, pois, embora, ambas assemelhem-se muito quanto aos caracteres vegetativos e florais, *O. domatiata* tem 5 – 6 pares de nervuras laterais; frutos subglobosos a ovóides; cúpula pateliforme margem ondulada, sem tépalas persistentes; pedicelo oblongo ou clavado; enquanto que *O. minarum* tem 8 – 11 pares de nervuras laterais (Baitello & Marcovino, 2003); frutos sempre oblongos; cúpula pequena, plana, tépalas posteriormente caducas; pedicelo cilíndrico ou clavado. Neste trabalho consideraram-se ambas as espécies distintas, sendo assim, mesmo que o número de nervuras laterais seja intermediário entre as duas espécies, os frutos dos materiais coletados em Santa Teresa assemelham-se mais aqueles descritos por Quinet (2002) como sendo *O. domatiata*, e assim foram identificados. As folhas ficam escurecidas no material seco. As papilas presentes na face abaxial das folhas são vermelhas e brancas.

#### 10.12 Ocotea elegans Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5: 253. 1889.

Árvores de 5 a 20 m. **Râmulos** adpresso-pubérulos, cilíndricos. **Catáfilos** densamente flavotomentosos. **Folhas** alternas; lâmina 4,0 – 10,2 x 1,4 – 5,0 cm, peninervada, raramente subtriplinervada, cartáceo-coriácea, elíptica a subovada; ápice curto-acuminado a acuminado; base atenuada, ou cuneada; face adaxial glabrescente a glabra, nervura central promínula a impressa, nervuras laterais promínulas, reticulação densa, freqüentemente inconspícua, plana a promínula, às vezes axilas buladas sobre as domácias; face abaxial

glabrescente a glabra, nítida, nervura central saliente, nervuras laterais 5 – 10 pares, salientes, reticulação densa, promínula, às vezes inconspícua; domácias, se presentes, foveoladas e barbeladas. Pecíolo 0,4 –1,5 cm, fino, enegrecido, glabrescente, canaliculado. **Inflorescências** subterminais, agrupadas no ápice dos râmulos ao redor de catáfilos, subcorimbosa-racemosas, paucifloras, mais curtas que as folhas, amarelo-tomentosas a glabrescentes. **Flores** bissexuadas, ca. 5,0 x 5,0 mm, curtamente amarelo-tomentosas a glabras; hipanto curto, evidente, obcônico, externamente glabro a amarelo-tomentoso, internamente tomentoso; tépalas ovadas a estreito-elípticas, duas vezes o comprimento dos estames, ápice agudo a obtuso; filetes dos estames dos verticilos I e II mais curtos que as anteras, pilosos, anteras ovadas a orbiculares, papilosas na margem, ápice agudo a obtuso-arredondado; filetes dos estames do verticilo III curtos, largos, pilosos, anteras retangulares a obovadas, papilosas, locelos lateral-extrorsos, ápice obtuso a truncado; estaminódios do verticilo IV estipitados ou ausentes, pilosos; pistilo glabro, ovário elíptico, estilete igual ou pouco menor que o ovário, estigma obtuso, ou discóide. **Frutos** 1,3 – 1,7 x 0,8 – 1,3 cm, subglobosos; cúpula obcônica a sub-hemisférica, margem simples.

Nome popular: canela, canela-amarela, canela-broto, canela-parda, canela-preta, canela-ferro, canelinha (Coe-Teixeira, 1980; Baitello & Marcovino, 2003).

Distribuição geográfica e ecologia: na região Sudeste do Brasil, nas florestas ombrófilas densa montana, alto-montana e da planície litorânea, e na floresta estacional semidecidual montana do interior (Baitello & Marcovino, 2003).

Fenologia: floresce de abril a dezembro; frutifica de outubro a março.

Usos: desconhecidos.

Material examinado: ES: Fundão, Goiapaba-açu, alt. 880 m, L. Kollmann et al. 216, 15/VII/1998 (MBML, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, Aparecidinha, terreno de L. Bringhenti, alt. 750 m, L. Kollmann et al. 695, 06/X/1998 (ESA, MBML, RB, SPSF); idem, L. Kollmann et al. 1347, 16/XII/1998 (MBML, RB, SPSF); Santa Teresa, Aparecidinha, terreno de L. Bringhenti, alt. 800 m, L. Kollmann et al. 2602, 16/VI/1999 (MBML, RB, UEC); idem, V. Demuner et al. 233, 03/XI/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, Trilha Bonita, L. Kollmann et al. 466, 03/IX/1998 (MBML, RB, SPSF, UEC); idem, V. Demuner et al. 194, 27/X/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, mata do Museu de Biologia Mello Leitão, E. Bausen 143, 19/V/2000 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, alt. 800 m, L. Kollmann et al. 4575, 18/IX/2001 (MBML, RB, UEC); idem, L. Kollmann et al. 4768, 26/IX/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada para Goiapaba-açu, R.R. Vervloet & W. Pizziolo 2524, 29/V/2003 (MBML, UEC); Santa Teresa, São Antônio, terreno do Boza, alt. 850 m, L. Kollmann et al. 2550, 15/VI/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa. São Lourenço, Mata Fria, terreno de Clério Loss, alt. 750 m, L. Kollmann et al. 489, 09/IX/1998 (MBML, RB, SPSF, UEC); idem, V. Demuner & E. Bausen 307, 09/XII/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, sítio da cachoeira (Lídio), V. Demuner et al. 1508, 25/X/2000 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, Estação Biológica de Santa Lúcia, alt. 650 m, L. Kollmann & E. Bausen 2192, 19/III/1999 (MBML, RB, SPSF).

Material adicional selecionado: Rio de Janeiro: aldeia de S. Pedro, W. Schwacke 3168, IX/1881 (foto em B); local não indicado, A.F.M. Glaziou 12121, s.d. (foto em B; síntipo); idem, A.F.M. Glaziou 12133, s.d. (fotos em B, F Neg. No. 3652; BR-881332, 881365; síntipo). Estado não indicado: local não indicado, A.F.M. Glaziou

17192, 1888 (fotos em B e BR-881299; síntipo); idem, A.F.M. Glaziou 18431, s.d. (foto em BR-881368); idem, A.F.M. Glaziou 19791, s.d. (foto em BR-881335).

Ocotea elegans pode ser confundida com O. indecora. No entanto, O. indecora tem os catáfilos glabrescentes. Enquanto que em O. elegans os catáfilos são densamente tomentosos. Segundo Baitello & Marcovino (2003) não está suficientemente claro se as espécies são distintas. Assim como Baitello & Marcovino (2003), neste trabalho O. elegans e O. indecora foram consideradas espécies distintas. Pode ainda ser confundida com Ocotea sp.1. Alguns espécimes de O. elegans têm morfologia das folhas, filotaxia e tipo de indumento das partes reprodutivas muito parecidos com esta última. No entanto, O. elegans têm flores menores e cúpula dos frutos com margem simples. Em Ocotea sp.1 as flores são maiores, ca. 1 cm, e o fruto tem cúpula claramente duplo marginada.

10.13 Ocotea glauca (Nees) Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5: 362. 1889.

Oreodaphne glauca Nees & Mart. ex Nees, in Linnaea 8: 42. 1833.

Árvores dióicas, 6 m. Catáfilos tomentosos. Râmulos glabros, cilíndricos, lenticelados. Folhas alternas; lâmina 7,1 – 15,8 x 1,8 – 4,7 cm, oblongo-elíptica, subovada, cartácea; ápice curto a longo acuminado; base cuneada; face adaxial glabra, nervura central plana a promínula, nervuras laterais promínulas, tênues, reticulação densa e saliente; face abaxial glabra, nervura central saliente, nervuras laterais 7 – 10 pares, salientes, nervuras interlaterais conspícuas, reticulação densa e saliente. Pecíolo 0,6 - 1,0 cm, glabrescente nas lâminas jovens, glabro nas adultas, canaliculado, fino. Inflorescências axilares, mais curtas que as folhas, paucifloras, estrigosas, tricomas amarelo-acinzentados; pedúnculo até 7 mm. Flores masculinas (Mez, 1889) 2 mm, glabrescentes; hipanto muito curto; tépalas ovadas, ápice ligeiramente agudo; filetes glabros, ½ - 1/3 mais curtos que as anteras; filetes do verticilo III com aprox. o mesmo comp. das anteras; par de glândulas basais pequenas, globosas, sésseis; anteras retangulares, ápice obtuso; estaminódios do verticilo IV e pistilódio ausentes; flores femininas 2 – 4 mm; hipanto externamente denso-estrigoso, internamente estrigoso, obcônico; tépalas papilosas, externamente esparso-estrigosas, internamente glabras, ou com tufos de poucos tricomas no ápice; filetes dos estaminódios dos verticilos I e II tomentosos na base, pouco menores que as anteras, anteras quadráticas, ou ovado-retangulares, ápice truncado a agudo-arredondado; filetes dos estaminódios do verticilo III curtos, largos, anteras ovado-triangulares, ápice truncado; estaminódios do verticilo IV ausentes; pistilo glabro, ovário globosoelipsóide, estilete com aproximadamente o mesmo comprimento do ovário, estigma discóide, papiloso. Frutos imaturos com cúpula hemisférica, tépalas persistentes.

Nome popular: desconhecido.

Distribuição geográfica e ecologia: Brasil oriental, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Fenologia: floresce em janeiro; frutifica em julho.

Usos: desconhecido

Material examinado: Espírito Santo: Santa Teresa, cabeceira do Rio Bonito, terreno da Aeronáutica, Radar, alt. 1030 m, *L. Kollmann et al. 3870*, 12/VI/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, divisa com propriedade de Vanildo Bragacha, *R.R. Vervloet & E. Bausen 1737*, 23/I/2003 (MBML, RB, UEC).

Material adicional selecionado: Brasil: local não indicado, *F. Sellow 434*, s.d. (foto em B; holótipo? de *Oreodaphne glauca* Nees & Mart. ex Nees); "*Brasilia meridionalis*", Sa. da Piedade, *F. Sellow c397*, s.d. (foto em B; holótipo de *Oreodaphne sellowii* Meisn.).

Os ramos ligeiramente nítidos, cinzas e lenticelados, e a inflorescência pauciflora, racemiforme, com indumento pardo-amarelado contrastando com a epiderme escura das flores, são características relativamente uniformes nessa espécie.

#### 10.14 Ocotea glaziovii Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5: 281. 1889.

Árvores dióicas, até 30 m. Catáfilos estrigulosos. Râmulos subcilíndricos a angulosos, adpresso-pubérulos. Folhas alternas; lâmina 5,2 - 20,2 x 2,4 - 6,9 cm, castanho-pálido quando seca, cartáceo-coriácea, elíptica, lanceolada a oblanceolada, ou obovada; ápice obtuso-acuminado; base atenuada, ou cuneada; face adaxial glabra, ligeiramente nítida, nervuras central e laterais ligeiramente impressas a salientes, conspícuas, reticulação densa, foveolada-areolada; face abaxial glabra a glabrescente, papilosa, nervura central fortemente saliente, nervuras laterais 6 - 12 pares, salientes, reticulação promínula, densa. Pecíolo 0,5 - 1,3 cm, glabro, pubérulo, subcanaliculado. Inflorescências axilares, apicais, paucifloras a submultifloras, paniculadas, menores ou subiguais as folhas, tomentosas; pedúnculo 0,6 -2,4 cm. Flores masculinas esparso-seríceas ou pubérulas; hipanto curto, internamente tomentoso; tépalas mais ou menos subiguais, internamente glabras ou então com um fio de tricomas dispostos em arco, largamente ovaladas, ou elípticas, ápice agudo, micropapilosas na margem; filetes dos estames dos verticilos I e II com aproximadamente ½ do comprimento das anteras, glabros, ou glabrescentes, anteras retangulares, ápice curto-obtuso-acuminado a truncado, com poucas micropapilas, locelos ocupando toda a antera; filetes dos estames do verticilo III com aproximadamente ½ do comprimento das anteras, anteras retangulares, com poucas micropapilas, ápice truncado, locelos superiores lateral-introrsos, os inferiores extrorsos; estaminódios do verticilo IV filiformes, tomentosos; pistilódio triangular filiforme, piloso nas arestas, com estigma discóide; flores femininas (Baitello & Marcovino, 2003) com hipanto curto-obcônico, internamente glabro, ovário globoso-elíptico, glabro, estilete robusto, pouco mais curto que o ovário, esparsamente piloso ou glabro, estigma capitado. **Frutos** globosos, 0,9 - 1,1 x 0,8 - 1,1 cm; cúpula rasa, pateriforme, tépalas persistentes; pedicelo obcônico, curto; cúpula e pedicelo glabros.

Nome popular: canela, canela-amarela.

Distribuição geográfica e ecologia: Brasil, regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Na floresta ombrófila densa montana do Parque Estadual da Serra do Mar, da Serra da Mantiqueira e do Planalto Atlântico, associada ou não à vegetação ciliar (Baitello & Marcovino, 2003).

Fenologia: floração de março a julho; frutificação de agosto a dezembro.

Usos: presença do alcalóide glaziovina nas folhas, do grupo das aporfinas, psicofármaco de ação hipotensora (Moraes & Oliveira, 2007).

Material examinado: Espírito Santo: Santa Maria de Jetibá, Belém, terreno de Paulo Seik, aproximadamente 700 m, L. Kollmann & M.V.S. Berger 6219, 17/VI/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Maria de Jetibá, Rio Nove, 19°59'S, 40°39'W, alt. 850 m, sítio L. Kollmann, L. Kollmann & E. Bausen 59, 8/XI/1990 (MBML, SPSF); Santa Maria de Jetibá, Rio Nove, terreno de L. Kollmann, alt. 850 m, L. Kollmann et al. 2461, 13/IV/1999 (ESA, MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Aparecidinha, terreno de L. Bringhenti, alt. 800m, L. Kollmann et al. 2575, 16/VI/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Aparecidinha, terreno do Bringhenti, V. Demuner et al. 234, 03/XI/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Country Club, alt. 750 m, W.P. Lopes 658, 06/V/1999 (MBML, UEC); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, alt. 650 - 800 m, L.D. Thomaz 1169, 14/IV/1993 (MBML, MO, SPSF); Santa Teresa, Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, alt. 800 m, L. Kollmann et al. 4628, 18/IX/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Lombardia, sítio do Boza, alt. 750 m, L. Kollmann et al. 424, 25/VIII/1998 (MBML, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, divisa de Goiapaba-acu a esquerda, alt. 800 m, L. Kollmann et al. 4980, 07/XI/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Reserva Biológica de Santa Lúcia, trilha Bonita, W.P. Lopes et al. 667, 12/V/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Reserva Municipal de São Lourenco, W.P. Lopes et al. 711, 18/V/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Santo Antônio, terreno do Boza, alt. 850 m, L. Kollmann et al. 2354, 31/III/1999 (MBML, UEC); idem, L. Kollmann et al. 2545, 15/VI/1999 (MBML, RB, UEC); idem, L. Kollmann et al. 2531, 27/IV/1999 (MBML, RB, UEC); idem, L. Kollmann et al. 2705, 20/VII/1999 (MBML, RB, UEC); idem, L. Kollmann et al. 742, 07/X/1998 (MBML, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Reserva Biológica de São Lourenço, alt. 700 m, L. Kollmann et al. 603, 22/IX/1998 (MBML, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, terreno do Boza, V. Demuner et al. 171, 26/X/1999 (MBML, RB, UEC).

Material adicional selecionado: Rio de Janeiro: local não indicado, *A.F.M. Glaziou 9571*, 1879 (foto em B, BR; isossíntipo), *A.F.M. Glaziou 12126*, s.d. (foto em B, F Neg. No. 3660, BR; isossíntipo), *A.F.M. Glaziou 12134*, s.d. (foto em B, BR; isossíntipo), *A.F.M. Glaziou 13152*, s.d. (foto em B; isossíntipo). São Paulo: rod. Caraguatatuba-Paraibuna, no alto da serra, em mata secundária, *H.F. Leitão Filho 1161*, 12/V/1971 (UEC).

Os râmulos no material seco não têm cheiro. As folhas de *Ocotea glaziovii* freqüentemente apresentam cavidades na face abaxial que ficam buladas na face adaxial, provavelmente provocadas por algum tipo de inseto galhador. As nervuras de ordem inferior são bastante semelhantes, conferindo à reticulação um aspecto uniforme. *Ocotea lancifolia* (Schott.) Mez s.l. sensu Rohwer (1986) assemelha-se vegetativamente a *O. glaziovii*.

No entanto, a cúpula dos frutos em *O. lancifolia* tem margem dupla, enquanto que *O. glaziovii* tem a cúpula com margem simples.

10.15 Ocotea indecora (Schott) Mez, Jahrb. Bot. Gart. Berlin 5: 249. 1889.

Persea indecora Schott. in Spreng. Cur. Post. p. 405.

Árvores até 11 m. Catáfilos glabrescentes, tricomas adpressos. Râmulos glabros, nítidos, fissurados, cilíndricos. Folhas alternas; lâmina 5,5 - 12,2 x 1,4 - 3,8 cm, obovada, cartácea; ápice acuminado; base cuneada; face adaxial glabra, lisa, nítida, nervura central impressa, nervuras laterais sulcadas, reticulação densa, promínula; face abaxial glabra, nítida, nervura central saliente, nervuras laterais 8 - 11 pares, salientes, finas, mais ou menos conspícuas, reticulação mais ou menos densa, saliente; margem subplana, ondulada. Pecíolo 0,6 - 1,0 cm, enegrecido, subcanaliculado, glabro. Inflorescências racemosas, subterminais, no ápice dos râmulos, fasciculadas ao redor de catáfilos, paucifloras, mais curtas que as folhas, glabras. Flores bissexuadas, 4 – 5 mm diâm., pediceladas, externamente glabras, pontuado-glandulosas; hipanto conspícuo, profundo, obcônico, esparso-estrigoso internamente; tépalas ovadas, ápice ligeiramente obtuso; filetes dos estames dos verticilos I e II estreitos, pouco mais curtos, iguais, ou mais longos que as anteras, tomentosos a glabrescentes, anteras subretangulares a orbiculares, papilosas, conectivo conspícuo, ápice quase agudo a obtuso; filetes dos estames do verticilo III curtos, largos, glabrescentes, anteras ovadas, ápice truncado a arredondado, locelos inferiores quase extrorsos a extrorsos, os superiores laterais; estaminódios do verticilo IV filiformes, tomentosos; pistilo glabro, ovário obovado-elípsóide, estilete fino, quase tão longo quanto o ovário, estigma curto-discóide. Frutos ca. 1,0 x 0,7 cm, elípticos; cúpula hemisférica, lenticelada, margem simples, tépalas e estames subpersistentes; pedicelo ca. 4 mm, estreitamente obcônico.

Nome popular: canela, canelinha, canela-cheirosa, canela-preta.

Distribuição geográfica e ecologia: Brasil, região Sudeste e Sul, com limite norte no estado de Minas Gerais e limite sul no estado do Paraná. Na floresta estacional semidecidual, na vegetação ciliar associada e na floresta pluvial atlântica (Quinet, 2002; Baitello & Marcovino, 2003).

Fenologia: coletada com flores de julho a fevereiro e com frutos de outubro a maio (Baitello & Marcovino, 2003).

Uso: as cascas da raiz e do caule são usadas na medicina popular como sudorífica, anti-reumática e anti-sifilítica (Quinet, 2002; Baitello & Marcovino, 2003). Fornece madeira pardo-clara para construção civil e marcenaria (Quinet, 2002).

Material Examinado: ES: Santa Teresa, rio Cinco de Novembro, propriedade dos irmãos Ferrari, *H.Q.B. Fernandes 2631*, 16/XI/1988 (MBML, SPSF); Santa Teresa, Várzea Alegre, ter. do Fausto (torre de telefone), *V. Demuner et al. 945*, 27/IV/2000 (MBML, RB, UEC).

Material adicional selecionado: Espírito Santo: Venda Nova do Imigrante, Mata Fria, *G. Hatschbach et al.* 61561, 16/I/1995 (MBML). Rio de Janeiro: Tinguá, *Schott 5600*, s.d. (foto em BR); Rio de Janeiro, *A.F.M. Glaziou 886*, 1867 (foto em BR); idem, *A.F.M. Glaziou 3097*, s.d. (foto em BR); idem, *A.F.M. Glaziou 14286*, s.d. (foto em B). Estado não indicado: "Brasilia", *Schott 5610*, s.d. (foto em B, isossíntipo de *Persea indecora* Schott; isossíntipo de *Mespilodaphne indecora* var. *stricta* Meisn.; foto F Neg. No. 19273); local não indicado, *A.F.M. Glaziou 14206*, 1883 (foto em BR); idem, *A.F.M. Glaziou 18438* (foto em BR).

O. indecora é muito semelhante a O. elegans, no entanto os catáfilos são glabrescentes em O. indecora e densamente pilosos em O. elegans, soma-se a isso o fato de O. indecora não apresentar domácia nas axilas das nervuras laterais na face abaxial das folhas, enquanto que O. elegans geralmente apresenta domácias barbeladas nas axilas de pelo menos algumas folhas.

10.16 Ocotea lancifolia (Schott) Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5: 289. 1889.

Persea lancifolia Schott in Spreng., Cur. Post., p.405. 1827.

Árvores dióicas, de 7 a 17 m. Catáfilos estrigosos. Folhas alternas; lâmina 7,3 – 11,6 x 2,4 – 6,0 cm, cartácea, elíptica; ápice obtuso-acuminado; base cuneada, atenuada, ligeiramente revoluta; face adaxial glabra, nítida ou não, nervura central plana a pouco impressa, nervuras laterais planas, reticulação densa, plana; face abaxial glabra ou glabrescente, com tricomas curtos, retos, adpressos, às vezes esbranquiçadas, papilosa, papilas avermelhadas, nervura central saliente, nervuras laterais 4 – 7 pares, salientes, reticulação densa, saliente, conspícua. Pecíolo 0,8 – 1,2 cm, esparso-estriguloso a glabro, subcanaliculado a canaliculado. Inflorescências paniculadas, com flores aglomeradas nas partes distais das inflorescências, mais curtas que as folhas, densamente estrigosas; pedúnculo curto. Flores masculinas 4 - 6 mm diâm, estrigosas; hipanto obcônico, internamente estrigoso; tépalas largo-ovaladas, ápice agudo, estrigulosas externa e internamente, margem papilosa; filetes dos estames dos verticilos I e II com aproximadamente ½ do comp. das anteras, com poucas pontuações-glandulosas, glabros, ou com poucos tricomas na face abaxial, anteras ovado-retangulares, esparso-pontuado-glandulosas, ápice arredondado a truncado; filetes dos estames do verticilo III com ½ do comp. das anteras ou pouco mais curtos que estas, com poucos tricomas na face adaxial, anteras ovado-retangulares, esparso-pontuado-glandulosas, ápice truncado, locelos superiores laterais, os inferiores subextrorsos;

estaminódios do verticilo IV ausentes; pistilódio estipitiforme ou sub-botuliforme, tomentoso; flores femininas não vistas. **Frutos**  $0.9 - 1.4 \times 0.9 - 1.3$  cm, globosos; cúpula curto-cuneiforme, ou discóide, pouco lenticelada, margem engrossada, dupla, plana ou ondulada, com tépalas subpersistentes, reflexas; pedicelo obcônico, estriguloso.

Nomes populares: canela-sabão.

Distribuição geográfica: Paraguai e Brasil, da Bahia e Goiás até Paraná, no cerrado e matas de galeria, principalmente em altitudes de 800 a 1.600 m (Moraes & Oliveira, 2007).

Fenologia: floração em janeiro a julho, setembro; frutificação de agosto a novembro (Moraes & Oliveira, 2007).

Uso: desconhecidos.

Material examinado: ES: Santa Leopoldina, rio do Norte, ribeirão Timbuí, Cachoeira do Cravo, alt. 600 m, L. Kollmann et al. 391, 18/VIII/1998 (MBML, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, Alto Piaba, alt. 750 m, L. Kollmann et al. 322, 6/VIII/1998 (MBML, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, L.D. Thomaz 1237, 2/VI/1993 (HRCB); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, trilha da preguiça, R.R. Vervloet et al. 1794, 6/II/2003 (MBML, RB, UEC). Material adicional selecionado: Espírito Santo: Alfredo Chaves, São Bento de Urânia, G. Hatschbach et al. 69094, 16/V/1999 (MBML). Minas Gerais: Caldas, A.F. Regnell I-397bis, 1867 (BR, foto NY; isótipo de Oreodaphne glaberrima var. angustifolia Meisner); "in sylvis propr St. João d'El Rey", L. Riedel 169, VI/1824 (foto NY; isosintipo de Oreodaphne regeliana Meisner); Serra do Cabral, Joaquim Felício, G. Hatschbach et al. 64814, 15/IV/1996 (BR). Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, R.J.B. Houllet s.n., 1842 (BR 876762; isosintipo de Ocotea martiana Mez); local não indicado, A.F.M. Glaziou 2669, 1868 (foto em B, BR; isosintipo de Ocotea martiana Mez); idem, A.F.M. Glaziou 6666, s.d. (foto em B; isosintipo de Ocotea martiana Mez); idem, A.F.M. Glaziou 13151, 1883 (foto em B, BR; isosintipo de Ocotea martiana Mez); idem, A.F.M. Glaziou 17188, 1888 (foto em BR; isosintipo de Ocotea martiana Mez); idem, J.E. Pohl 5604, s.d. (foto em BR, F Neg. No. 6585 e NY; isosintipo de Oreodaphne martiana var. opaca Meisner). São Paulo: Itirapina, A.C. Brade 7250, 13/V/1914 (SP; holotipo de *Ocotea bradei* Coe-Teixeira); local não indicado, *P.W. Lund 721*, XI/1833 (foto em NY; isosintipo de *Oreodaphne regeliana* Meisner). Estado não indicado: "in ripa fluminis, Rio das Mortes Pequeno dicti", F. Sellow 1367, 1819 (B; sintipo de Oreodaphne thymelaeoides Nees & Martius ex Nees); "Fazenda do Cari", J.E. Pohl 2717, s.d. (foto em NY; isotipo de Oreodaphne glaberrima Meisner). Local não indicado: A.C.V. Schott s.n. (no. 42 em Herb. Spreng.), s.d. (foto em B; holótipo de Persea lancifolia Schott); ibid., A.C.V. Schott s.n. (no. 44 em Herb. Spreng.), s.d. (foto em B; holótipo de Persea angustifolia Schott); ibid., M. Vauthier 400, s.d. (foto em NY; isosintipo de Ocotea lanceolata var. genuina Hassler).

De acordo com Rohwer (1986) *Ocotea lancifolia* s.l. é uma das espécies mais variáveis dentro do gênero e ao mesmo tempo bem coletada. A forma das folhas varia de quase orbicular a estreito-lanceolada, com comprimento geralmente de 5 – 8 cm (Moraes & Oliveira, 2007). Os espécimes coletados em Santa Teresa assemelham-se a *Ocotea silvestris* Vattimo-Gil, sendo difícil fazer distinção entre as duas espécies. No entanto, as duas espécies podem ser distinguidas, pois *Ocotea lancifolia* apresenta o pedicelo na cúpula dos frutos não engrossado e folhas castanho-claras a ligeiramente

escurecidas, enquanto que em *Ocotea silvestris* o pedicelo na cúpula dos frutos é engrossado e as folhas são freqüentemente enegrecidas quando secas.

## 10.17 Ocotea longifolia Kunth, Nov. Gen. Sp. 2: 131. 1818.

Árvores dióicas, até 20 m. Catáfilos densamente estrigosos. Râmulos angulosos, glabrescentes, tricomas curtos e adpressos. Folhas alternas; lâmina 8,0 - 19,7 x 2,3 - 9,1 cm, elíptica, obovada, cartáceo-coriácea; ápice curto-obtuso-acuminado, ou agudo; base atenuada, revoluta; face adaxial glabra, nítida, nervura central sulcada na base, plana no ápice, nervuras laterais ligeiramente salientes, reticulação densa, promínula; face abaxial papilosa, denso-estrigulosa, nervura central larga, fortemente saliente, nervuras laterais salientes, 9 - 12 pares, reticulação densa, saliente; margem engrossada. Pecíolo 0,9 - 1,7 cm, robusto, canaliculado, denso-estriguloso no sulco do canalículo, glabrescente no restante. Inflorescências (A. M. de Carvalho et al. 3790) maiores que as folhas, paniculadas, com brácteas foliáceas; pedúnculo achatado. Flores (A. M. de Carvalho et al. 3790) masculinas estrigosas; hipanto internamente estrigoso a glabrescente; tépalas subiguais, ovadas, as externas mais largas, glabrescentes na face interna, pontuado-glandulosas, ápice agudo-arredondado; filetes dos estames dos verticilos I e II pouco menores que as anteras, glabros, pontuado-glandulosos, anteras ovado-retangulares, pontuado-glandulosas, ápice truncado, ou agudo-arredondado; filetes dos estames do verticilo III pouco maiores que as anteras, glabros, pontuado-glandulosos, anteras estreitoretangulares, pontuado-glandulosas, ápice agudo, locelos superiores latrorsos, os inferiores lateralextrosos; estaminódios do verticilo IV ausentes; pistilódio estipitiforme, glabro, pontuado-glanduloso, estigma discóide; flores femininas não vistas. Frutos imaturos com a cúpula envolvendo ca. ¾ do fruto; cúpula hemisférica, tépalas persistentes ainda; pedúnculo glabrescente, pedicelo esparso-piloso. Material examinado: Espírito Santo: Santa Leopoldina, Santa Lúcia, terreno de Bepi Mass, alt. 450m, L. Kollmann et al. 4065, 28/VI/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Maria de Jetibá, Caramuru, sítio Jetibá,

Material examinado: Espírito Santo: Santa Leopoldina, Santa Lúcia, terreno de Bepi Mass, alt. 450m, *L. Kollmann et al. 4065*, 28/VI/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Maria de Jetibá, Caramuru, sítio Jetibá, propriedade de Ademival e Gildo Adeodato, *L. Kollmann & M.V.S. Berger 6240*, 24/VI/2003 (MBML, UEC); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, alt. 650 - 800 m, *L.D. Thomaz 1195*, 28/IV/1995 (MBML, MO, SPSF); Santa Teresa, Rio Saltinho, *L. Kollmann & E. Bausen 4293*, 9/VIII/2001 (MBML, RB, UEC).

Material adicional selecionado: "São Paulo de Olivença, near Palmares", *Krukoff's 7th 8589*, 11/IX-26/X/1936 (foto em BR). Bahia: Vitória da Conquista, Ramal a 15 Km na estrada de Vitória da Conquista à Ilhéus, Mata de Cipó, *André M. de Carvalho et al. 3790*, 19/II/1992 (MBML). Espírito Santo: Domingos Martins, Alto do Galo, *G. Hatschbach et al. 57965*, 11/X/1992 (MBML). Peru: "Urwälder des oberen Maynas", *Poeppig 2069*, s.d. (foto em B, isótipo de *Oreodaphne grandifolia* Nees). Local não indicado: *A.F.M. Glaziou 11455*, s.d. (foto em B).

Ocotea longifolia pode ser reconhecida no campo por apresentar ramos pentagonais, folhas grandes, quando comparadas às outras lauráceas, e nervuras amareladas. A casca do tronco é acinzentada ou de cor bege e o córtex tem apenas um cheiro fraco.

10.18 Ocotea magnilimba Kosterm., J. Sci. Res. Indonesia 1: 142. 1952.

Arvoretas a árvores dióicas, 3 a 12 m. Catáfilos tomentosos. Râmulos cilíndricos, glabros, lenticelados. Folhas alternas; lâmina 13 - 26,0 x 4,6 - 10,5 cm, elíptica, cartácea; ápice curto-obtusoacuminado; base aguda a arredondada; face adaxial glabra, nervura central promínula a plana, larga na base, achatada, nervuras laterais promínulas a subimersas, reticulação laxa, às vezes subdensa, saliente; face abaxial glabra, nervura central fortemente saliente, nervuras laterais 7 - 10 pares, salientes, reticulação laxa, saliente. Pecíolo 0,8 – 1,6 cm comp., subcanaliculado, a margem da folha formando um discreto canalículo, glabro. Inflorescências racemosas, às vezes com racemo-dicasial, muito menor que as folhas, até 7 cm comp., tomentosa, terminal ou na axila das folhas terminais, com brácteas na base do pedúnculo; pedúnculo curto. Flores masculinas tomentosas; pedicelo 2-4 mm, tomentoso; hipanto inconspícuo, internamente tomentoso; tépalas largo-ovadas, ápice agudo, internamente tomentosa, algumas com tufos de tricomas, micropapilosas na margem; filetes dos verticilos I, II e III pouco mais estreitos que as anteras, laminares, glabros; anteras dos verticilos I e II pontuado-glandulosas, quadráticas a subespatuladas, ápice truncado; anteras do verticilo III pontudo-glandulosas, ápice truncado, locelos superiores laterais, os inferiores lateral-introrsos; estaminódios do verticilo IV ausentes; pistilódio ausente; flores femininas de pistilo glabro, ovário elipsóide, atenuado para o estilete, estilete com aproximadamente o mesmo comprimento do ovário, estigma discóide. Frutos 1,4 – 1,8 x 0,9 – 1,2 cm, elipsóide, com estigma remanescente; cúpula hemisférica, lenticelada, às vezes com remanescentes de tépalas, margem simples; pedicelo obcônico.

Nome popular: desconhecido.

Distribuição geográfica e ecologia: Amazonas (?); Bahia e Espírito Santo.

Fenologia: floresce de dezembro a abril; frutifica de abril a novembro.

Usos: desconhecido.

Material examinado: ES: Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, W. A. Hoffmann 159, 19/VI/1984 (MBML); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, alt. 650 - 800 m, L. D. Thomaz 1189, 7/III/1995 (MBML, HRCB, SPSF); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, trilha do Palmiteiro, V. Demuner et al. 53, 30/IX/1999 (MBML, RB); Santa Teresa, Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, alt. 800 m, L. Kollmann et al. 4585, 18/IX/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, R. R. Vervloet et al. 2197, 10/IV/2003 (MBML, RB, UEC); idem, alt. 800 m, L. Kollmann & E.

Bausen 4864, 16/X/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, divisa de Goiapaba-açu à esquerda, alt. 800 m, L. Kollmann et al. 4973, 07/XI/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Estrada de Goiapaba-açu, alt. 800 m, L. Kollmann et al. 4907, 24/X/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada para Goiapaba-açu., R. R. Vervloet & W. Pizziolo 2522, 29/V/2003 (MBML, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada partindo da Casa de Pedra, R.R. Vervloet et al. 1520, 11/XII/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Trilha da Cachoeira, sede nova, R. R. Vervloet & W. Pizziolo 2506, 27/V/2003 (MBML, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, trilha da Preguiça, R.R. Vervloet et al. 1782, 06/II/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Reserva Biológica Augusto Ruschi, próximo ao terreno do Sr. Henrique Bonfim, J. Rossini et al. 365, 10/VII/2003 (MBML, UEC); Santa Teresa, Reserva Biológica de Santa Lúcia, Trilha Bonita, W. P. Lopes et al. 669, 12/V/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Reserva Biológica Augusto Ruschi, trilha da Preguiça, J. Rossini et al. 419, 12/VIII/2003 (BHCB, MBML, RB); Santa Teresa, Valsugana Velha, Estação Biológica de Santa Lúcia, alt. 650 m, L. Kollmann & E. Bausen 2194, 19/III/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, Estação Biológica de Santa Lúcia (Pinguela), alt. 650 m., L. Kollmann & E. Bausen 2185, 19/III/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, Estação Biológica de Santa Lúcia, Trilha Bonita, alt. 650 m, L. Kollmann et al. 2092, 10/III/1999 (MBML, RB, UEC).

Material adicional selecionado: Estado não indicado (Bahia): "in sylv. p. Esperança", *L. Riedel 773*, V/1832 (LE, holótipo e isótipo de *Oreodaphne macrophylla* Meisn.).

O. magnilimba são freqüentemente arvoretas pequenas, com folhas grandes, râmulos lenticelados e sempre com inflorescências muito mais curtas que as folhas. Alguns espécimes com folhas menores e mais estreitas podem parecer-se com Ocotea glauca (Nees) Mez as duas espécies podem ser distinguidas, pois Ocotea magnilimba tem inflorescências tomentosas e com brácteas na base do pedúnculo, enquanto que O. glauca tem inflorescências estrigosas e sem brácteas na base do pedúnculo.

10.19 *Ocotea nitida* (Meisn.) Rohwer, Mitt. Inst. Allg. Bot. Hamburg 20: 160. 1986.

Aydendron nitidum Meisn., in DC., Prodr. 15(1): 95. 1864.

Árvores dióicas, até 15 m. Catáfilos estrigulosos. Râmulos angulosos, lenticelados, indumento estriguloso. Folhas alternas; lâmina 6,3 - 16,6 x 1,3 - 5,6 cm, elíptica a oblongo-elíptica a lanceolada, cartácea a cartáceo-coriácea; ápice obtuso-acuminado; base cuneada a atenuada; face adaxial amarelo-esverdeada quando seca, glabra, nítida a quase opaca, nervura central impressa a quase plana, nervuras laterais planas a ligeiramente salientes, reticulação densa, plana, tênue; face abaxial marrom-esverdeada, densamente micropapilosa, esparsamente curto-estrigulosas, nervura central fortemente saliente, esparso-estrigulosa a glabrescente, nervuras laterais salientes, 8 - 12 pares, um tanto arqueadas, fundindo-se perto da margem, reticulação sublaxa, ligeiramente saliente, tênue;

broquidódromas; margem revoluta a subplana, engrossada. Pecíolo 0,4 - 1,1 cm; curto-estrigoso a glabrescente, subcanaliculado, enegrecido. **Inflorescências** paniculadas, robustas, axilares, laterais ou subterminais, densamente estrigoso-tomentelas; pedúnculo 1,4 - 3,6 cm. **Flores** masculinas amareloclaras, denso-estrigosas; hipanto curto, internamente tomentoso; tépalas ovadas, ápice agudo, face interna adpresso-pubérulas, rugoso-glandulosas na margem; filetes dos estames dos verticilos I e II curtos, tomentosos, anteras oblongo-ovadas, tomentosas, papilosas, ápice arredondado ou emarginado; filetes dos estames do verticilo III mais curtos que as anteras e pouco mais estreitos, esparsotomentosos, anteras estreito-retangulares, papilosas, ápice truncado, locelos inferiores extrorsos, os superiores laterais; estaminódios do verticilo IV ausentes; pistilódio estreito, estilete longo, com linhas longitudinais de tricomas, estigma subcapitado; flores femininas com hipanto suburceolado, internamente glabro; ovário globoso, estilete pouco mais curto a pouco maior que o ovário, com linhas longitudinais de tricomas, estigma capitado. **Frutos** 1,3 x 0,8 cm, elipsóides; cúpula com base crassa, subinfundibuliforme, duplo-marginada.

Nome popular: louro

Distribuição geográfica e ecologia: Brasil, na região nordeste; e nos estados de Rondônia, Minas Gerais, Goiás, Amazonas (Moraes & Oliveira, 2007) e Espírito Santo.

Fenologia: floresce em setembro, novembro, dezembro e janeiro (Moraes & Oliveira, 2007); frutifica de maio a julho e setembro

Usos: desconhecido.

Material examinado: ES: Santa Maria de Jetibá, Belém, terreno de Paulo Seik, *L. Kollmann & M. V. S. Berger 6290*, 25/IX/2003 (MBML, RB); Santa Maria de Jetibá, Belém, terreno de Paulo Seik, aproximadamente 700 m, *L. Kollmann & M. V. S. Berger 6221*, 17/VI/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Maria de Jetibá, Belém, terreno de Paulo Seik (área 1), alt. 700 m, *L. Kollmann et al. 5863*, 17/XII/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Maria de Jetibá, Caramuru, sítio Jetibá, propriedade de Ademival e Gildo Adeodato, *L. Kollmann & M.V.S. Berger 6160*, 30/IV/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada de Alto Goiapaba-açu, alt. 850 m, *L. Kollmann & E. Bausen 5286*, 10/I/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Reserva Biológica Augusto Ruschi, parte final da estrada, para Goiapaba-açu, *R.R. Vervloet & W. Pizziolo 2525*, 29/V/2003 (MBML, UEC); idem, *J. Rossini et al. 375*, 15/VII/2003 (MBML, RB, UEC).

Material adicional examinado: Ceará: Serra do Araripe, *G. Gardner 1831*, VIII-XI/1838 (foto em NY; isótipo de *Aydendron nitidum* Meisn.); Serra do Araripe, *G. Gardner 1832*, IX/1838 (foto em NY; isossíntipo de *Oreodpahne pallida* Meisn.); "Serra do Araripe, W villa do Crato", *G. Gardner 1992*, 1839 (F Neg. No. 3700, foto em NY; isossíntipo de *Oreodaphne pallida* Meisn.)

Em Santa Teresa *O. nitida* distingui-se das demais espécies de Lauraceae por apresentar os catáfilos subglobosos com tricomas vermelho claros, râmulos, em geral, fortemente angulosos, cinzas, com lenticelas castanhas e folhas, no material seco, com a face adaxial freqüentemente verde-pálidas, as vezes com pontuações negras na epiderme.

A espécie é muito semelhante e facilmente confundida com *O. canaliculata* (Rich.) Mez, mesmo quando a reticulação das folhas na face abaxial for, como regra, bastante apertada em *O. canaliculata* e sublaxa em *O. nitida*. O caráter distintivo advém dos frutos: como em *O. cujumary* Mart. mas diferente das outras espécies desse complexo, a cúpula é claramente duplo-marginada.

O. nitida diferencia-se de O. cujumary, pois O. nitida apresenta segundo Rohwer (1986) tricomas vermelho claros, enquanto O. cujumary tricomas vermelho escuros, embora ele cite o tipo de Oreodaphne macrothyrsus Meisn. (Spruce Nectandra 4, no. 1187 in P), espécime com tricomas amarelados, como provável sinônimo de O. cujumary. O. nitida diferencia-se de O. cujumary pelas inflorescências, em geral, menores que 15 cm, enquanto que O. cujumary apresenta inflorescências, geralmente, maiores que 20 cm. O caráter mais importante que distinguiria as duas espécies seria a cúpula do fruto que em ambas as espécies apresenta margem dupla, no entanto, em O. nitida a margem dupla é menos desenvolvida que em O. cujumary. Porém, o material L. Kollmann et al. 6160 proveniente de Santa Maria de Jetibá, apresenta cúpula do fruto com margem dupla bem desenvolvida. Sendo assim, o que nos levou a identificar estes espécimes como O. nitida, além da combinação dos caracteres acima referidos, foi a citação na descrição de Aydendron nitidum Meisn. no DC., Prod. 15 (1): 95 (1864) - táxon posteriormente combinado por Rohwer (1986) – que a cúpula do fruto em O. nitida apresenta fissuras no seu bordo, não encontradas em O. cujumary.

10.20 Ocotea odorata (Meisn.) Mez, Jahrb. Bot. Gart. Berlin 5: 255. 1889.

Oreodaphne odorata Meisn., in DC. Prodr. 15(1): 116. 1864.

Árvores até 15 m. Râmulos angulosos, pilosos. Catáfilos pilosos. Folhas alternas, enegrecidas quando secas; lâmina 6,7 – 13,0 x 2,4 – 4,7 cm, obovado-elíptica, cartácea; ápice curto-obtuso-acuminado, base cuneada, ligeiramente revoluta; face adaxial esparso-pubescente, tricomas agrupados principalmente sobre as nervuras, nervura central larga na base, promínula a plana, coberta por tricomas, nervuras laterais, planas a ligeiramente sulcadas, interlaterais conspícuas, reticulação pouco saliente, tênue, laxa; face abaxial pubescente, tricomas agrupados principalmente sobre as nervuras, nervura central saliente, nervuras laterais 9 - 10 pares, reticulação densa, saliente; domácias foveoladas, discretamente barbeladas, não restritas às axilas das nervuras basais. Pecíolo 0,8 – 1,0 cm comp., ferrugíneo-piloso, subcanaliculado. Inflorescências subterminais e axilares, robustas, submultifloras, mais curtas que as folhas, pilosas; pedúnculo até 2,4 cm, robusto. Flores bissexuadas, 3 – 4 mm, pubérulas; tépalas largamente ovadas, as internas com a face interna tomentosa, rugoso-glandulosas, ápice obtuso; hipanto curto, obcônico, internamente glabro; filetes dos estames dos verticilos I e II curtos, pilosos, anteras ovado a ovado-triangulares, ápice obtuso, tricomas esparsos na base; filetes dos estames do verticilo III pilosos, mais curtos que as anteras, anteras estreitamente ovado-retangulares, ápice obtuso-arredondado a truncado, locelos superiores laterais, os inferiores lateral-extrorsos; estaminódios do verticilo IV

ausentes; pistilo com raros tricomas, esparsos, ovário globoso-elíptico, estilete longo, robusto, estigma capitado, papiloso. **Frutos** não vistos.

Nome popular: Louro Branco (ex Riedel!).

Distribuição geográfica e ecologia: Estado não indicado (Bahia): "in sylv. p. Esperança", e Espírito Santo: Santa Teresa.

Fenologia: flores em maio e junho.

Usos: desconhecido.

Material examinado: ES: Santa Teresa, Aparecidinha, terreno de L. Bringhenti, alt. 800 m., *L. Kollmann et al.* 2576, 16/VI/1999 (MBML, RB, SPSF, UEC).

Material adicional selecionado: Estado não indicado (Bahia): "in sylv. p. Esperança", *L. Riedel 778*, V/1822 (LE, holótipo e 2 isótipos de *Oreodaphne odorata* Meisner; B, isótipo).

Ocotea odorata distingui-se das outras Ocotea de Santa Teresa, por apresentar as folhas escurecidas quando secas e densos tricomas eretos nas partes vegetativas e reprodutivas.

10.21 Ocotea odorifera (Vell.) Rohwer, Mitt. Inst. All. Bot. Hamburg 20: 111. 1986.

Laurus odorifera Vell., Fl. Flumin. 4: 164. 1825.

Árvores até 25 m. Catáfilos glabros, ou glabrescentes. Râmulos glabros, nítidos, estriados, e fissurados. Folhas subverticiladas; lâmina 8,2 – 12,4 x 2,3 – 5,0 cm, elíptica, ou subobovada; ápice curto-obtuso-acuminado; base cuneada; coriácea, face adaxial glabra, nítida, nervura central plana a promínula, obscura, nervuras laterais promínulas, obscuras, reticulação densa, plana, inconspícua, face abaxial glabra, nítida, nervura central fortemente saliente, robusta, enegrecida, nervuras laterais 9 – 14 pares, promínulas, reticulação densa, plana. Pecíolo 0,5 – 1,1 cm, glabro ou esparso-puberulento, enegrecido, robusto, canaliculado. Inflorescências racemosas a paniculadas, subterminais, agrupadas ao redor de catáfilos, submultifloras, mais curtas que as folhas, glabras; pedúnculo ca. 4 cm. Flores bissexuadas, 5 -7 mm diâm., glabras; pedicelo 4 – 7 mm; hipanto obcônico, profundo, evidente, glabro internamente; tépalas oblongas, esparsamente estrigosas e papilosas na face interna, margem ciliada; filetes dos estames dos verticilos I e II mais curtos que as anteras, conspícuos, com tricomas ou papilas esparsas, anteras subfoliáceas, elípticas ou ovadas, conectivo expandido ou não, densamente papilosas, face adaxial com tricomas curtos e esparsos, ápice obtuso ou obtuso-arredondado; filetes dos estames do verticilo III iguais ou mais curtos que as anteras, largos, com tricomas e papilas esparsas, anteras ovado-retangulares, papilosas, ápice subtruncado, locelos laterais a lateral-extrosos; estaminódios do verticilo IV

liguliformes ou ausentes; pistilo glabro, ovário obovado-elíptico, atenuado para o ápice, estilete curto, robusto, estigma subdiscóide. **Frutos** (Baitello & Marcovino, 2003) 2,2 – 2,8 x 1,0 – 1,3 cm, elipsóide, glabro; cúpula 0,9 – 1,4 x 1,1 – 1,4 cm, hemisférica, coriácea, lenticelada, margem simples; pedicelo curto, pouco engrossado.

Nome popular: canela-parda, canela-sassafrás, canelinha-cheirosa, casca-preciosa, sassafrás-brasileiro. Distribuição geográfica e ecologia: Brasil, regiões Nordeste (sul da Bahia), Sudeste e Sul. Na Floresta Pluvial Atlântica Montana e Baixo-Montana (Quinet, 2002; Baitello & Marcovino, 2003).

Fenologia: Floresce em fevereiro e entre junho e novembro; frutifica em maio e de julho a dezembro (Quinet, 2002; Baitello & Marcovino, 2003).

Usos: (Baitello & Marcovino, 2003) Espécie de alto valor econômico, pois dela se extrai o óleo-de-sassafrás, usado principalmente no isolamento do safrol e sua conversão em heliotropina (piperonal). Substâncias derivadas do safrol, como piperonal e ácido-piperonílico, são usadas, respectivamente, em perfumaria e como sinergéticos em inseticidas; e, ainda, em muitas preparações técnicas, sabões, desinfetantes e desodorizantes. Na medicina popular, raiz, casca, caule e folhas são utilizadas como sudorífico, anti-reumático, anti-sifilítico e diurético (Vattimo-Gil 1979).

Material examinado: Espírito Santo: Santa Teresa, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada principal, próximo a sede nova, *J. Rossini et al. 524*, 02/IX/2003 (MBML, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, Estação biológica de Santa Lúcia, Margem direita do rio Timbuí, *S. V. Pereira & S. R. Cardoso 55*, 6/II/1991 (MBML, RB, UEC).

Material adicional selecionado: Brasil: Minas Gerais: "circa Mandiocca", L. Riedel 1867, (LE, Holótipo de Mespilodaphne pretiosa var. longifolia Meisn.).

Ocotea odorifera distingue-se das outras Ocotea Aubl. de Santa Teresa pela combinação de folhas subverticiladas, agrupadas no ápice dos râmulos, gemas apicais robustas e por apresentar as partes vegetativas com cheiro muito forte. A presença ou ausência de indumentos nos catáfilos é uma das características usadas para distinguir espécies do grupo de O. indecora (Schott) Mez. O material S.V. Pereira & S.R. Cardoso 55 apresenta catáfilos com esparsos tricomas e anteras com conectivo não expandido, características que diferem das O. odorifera típicas, com gemas apicais glabras e anteras com conectivo expandido, no entanto, as demais características vegetativas e reprodutivas estão dentro dos limites de variação da espécie. Foi observado que, em Santa Teresa, o mesmo indivíduo pode apresentar catáfilos glabros ou esparso-estrigulosos.

10.22 Ocotea pluridomatiata A. Quinet, Rodriguésia 59(2): 339. 2008.

Árvores dióicas, até 25 m. Catáfilos estrigosos a tomentosos, tricomas dourados ou acinzentados. **Râmulos** subcilíndricos, glabrescentes, tricomas adpressos. **Folhas** alternas; lâmina 3,7 – 8,1 x 1,6 - 3,0 cm, na maioria das vezes escurecida quando seca, elíptica a largo-elíptica, cartáceomembranácea; ápice longo-obtuso-acuminado; base atenuada; face adaxial glabrescente, com raros tricomas sobre as nervuras, nervura central sulcada, nervuras laterais promínulas, tênues, reticulação laxa, promínula, face abaxial papilosa, coberta por tricomas diminutos, retos, eretos, nervura central saliente, rubrescentes, nervuras laterais 5 - 9 pares, salientes, tênues, reticulação laxa, saliente; domácias conspícuas na axila das nervuras, barbeladas; margem revoluta. Pecíolo 0,9 - 1,2 cm, esparso-setoso, subcanaliculado, delgado. Inflorescências axilares, esparso-setosas, multifloras, menores que as folhas. Flores masculinas 2 - 3 mm, esparso-pubérulas; hipanto subnulo, internamente denso-tomentoso; tépalas ovadas, ápice agudo, margem papilosa; filetes dos estames dos verticilos I e II longos, pouco maiores que as anteras, pilosos, anteras ovado-retangulares, ápice agudo, ou truncado, filetes dos estames do verticilo III 1½ maiores que as anteras, pilosos, anteras estreito-retangulares, ápice agudo, locelos superiores laterais, os inferiores lateral-extrorsos; estaminódios do verticilo IV ausentes; pistilódio reduzido, filiforme, glabro; flores femininas com pistilo glabro, ovário globoso, estilete muito curto, estigma discóide. Frutos ca. 0,7 x 0,7 cm, globosos; cúpula 0,4 cm diâm, trompetiforme, rasa.

Nome popular: canela.

Distribuição geográfica e ecologia: Espécie conhecida apenas em Santa Teresa.

Fenologia: Floresce de março a maio; frutifica de maio a setembro.

Usos: desconhecido.

Material examinado: ES: Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, alt. 650 – 800 m, *L.D. Thomaz 1168*, 20/IV/1995 (MBML, HRCB, RB, SPSF, parátipos); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, Trilha do Sagüi (subida para A3 demarcada por Luciana), *V. Demuner et al. 11*, 22/IX/1999 (MBML, RB, SPSF, UEC, parátipos); Santa Teresa, Reserva Biológica de Santa Lúcia, parte baixa da cachoeira do rio Timbuí, *W. P. Lopes et al. 621*, 05/V/1999 (holótipo RB, isótipos MBML, UEC); Santa Teresa, Reserva Biológica de Santa Lúcia, Trilha Bonita, *W.P. Lopes et al. 671*, 12/V/1999 (MBML, UEC); Santa Teresa, Santo Antônio, terreno do Boza, alt. 850 m, *L. Kollmann et al. 2350*, 31/III/1999 (ICN, MBML, RB, UEC, parátipos); Santa Teresa, São Lourenço, Estação Biológica da Caixa d'água, alt. 700 m, *L. Kollmann et al. 2475*, 14/IV/1999 (ICN, MBML, RB, UEC, parátipos).

A espécie é facilmente reconhecida pelas muitas domácias barbeladas presentes na axila das nervuras secundárias na face abaxial das folhas.

10.23 Ocotea polyantha (Nees) Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5: 346. 1889.

Oreodaphne polyantha Nees & Mart. ex Nees, in Linnaea 8:44. 1833.

Árvores dióicas, 15 m. Catáfilos tomentosos. Râmulos cilíndricos, lisos, pubérulos. Folhas alternas; lâmina 4,5 - 7,2 x 1,9 - 3,3 cm, estreito a largamente elíptica, cartácea, com manchas mais claras sobre a epiderme escura; ápice curto a longo acuminado; base cuneada; face adaxial glabra, ou com tricomas diminutos sobre as nervuras, nervura central promínula, nervuras laterais promínulas a planas, reticulação subdensa e promínula; face abaxial puberulenta a glabrescente, papilosa, nervura central saliente, nervuras laterais 4 – 6 pares, salientes, reticulação densa e promínula; domácias barbeladas na axila das nervuras. Pecíolo 0,6 – 1,2 cm, semi-cilíndrico, densamente puberulento na face abaxial e esparsamente puberulento na face adaxial. Inflorescências puberulentas, paniculadas, axilares, agrupadas no ápice dos râmulos, com aproximadamente o mesmo comprimento das folhas, multifloras; pedúnculo até 2,1 cm, curtamente lanoso. Flores masculinas ca. 3,5 x 3 mm, esparsamente curto-lanosas, castanho-avermelhadas; pedicelo ca. 1 mm; hipanto curto, obcônico, esparsamente curto-lanoso na face externa, tomentoso na interna; tépalas glabrescentes na face externa e tomentosas na interna, estreito-ovadas, ápice agudo; filetes dos estames dos verticilos I e II tomentosos, do mesmo comprimento ou pouco mais curtos que as anteras, anteras suborbiculares a ovado-triangulares, ápice obtuso a emarginado; filetes dos estames do verticilo III tomentosos, curtos, anteras subretangulares, locelos superiores introrsos, os inferiores lateral-extrorsos, ápice obtuso a truncado; estaminódios do verticilo IV tomentosos, filiformes; pistilódio ausente ou residual; flores femininas desconhecidas. Frutos desconhecidos. Nome popular: desconhecido.

rome popular, desconnecteo.

Distribuição geográfica e ecologia: Rio de Janeiro, São Paulo (Meisn., 1889) e Espírito Santo. Na floresta ombrófila.

Fenologia: Flores entre maio e julho (Meisn., 1889) e setembro.

Usos: desconhecidos.

Material examinado: ES: Santa Teresa, Valsugana Velha, Estação Biológica de Santa Lúcia, ca. 19°58'S, 40°32'W, alt. 600 - 900 m, *E. Bausen & M.F. dos Santos 23*, 24/IX/1991 (MBML, MO, RB, SPSF, UEC).

Material adicional examinado: "Campos-Vittoria", F. Sellow172, s.d. (foto em B, síntipo de Oreodaphne polyantha Nees & Mart. ex Nees); local indeterminado, F. Sellow 312, s.d. (foto em B, sintipo de Oreodaphne polyantha Nees e Mart. ex Nees); local indeterminado, F. Sellow 431, s.d. (foto em B, sintipo de Oreodaphne polyantha Nees ex Nees); Rio de Janeiro: "in umbrosis sylvaticis", L. Riedel 488, s.d. (foto em B, isótipo Oreodaphne polyantha var. ferruginosa Nees).

Ocotea polyantha assemelha-se a Ocotea corymbosa (Meisn.) Mez. No entanto, os tricomas na face abaxial das folhas são eretos em O. polyantha e adpressos em O. corymbosa. O. polyantha ainda tem número menor de nervuras laterais (4 - 6 pares x 5 - 9 pares em O. corymbosa) e com ângulo de divergência mais agudo que O. corymbosa. Pode ainda ser confundida com Ocotea divaricata (Nees) Mez ou O. laxa (Nees) Mez, mas nestas duas as inflorescências são glabras e os filetes dos estames são muito curtos.

10.24 *Ocotea puberula* (Rich.) Nees, Syst. laur.: 472. 1836.

Laurus puberula Rich., in Act. Soc. Hist. Nat. Paris 1: 108. 1792.

Árvores dióicas, até 18 m. Catáfilos geralmente tomentosos com tricomas ascendentes, ás vezes pubérulos com tricomas ondulados ascendentes. Râmulos subcilíndricos, denso a esparsamente pubescentes. Folhas alternas; lâmina 5,4 – 10, 5 x 2,0 – 3,5 cm, cartáceo-membranácea a cartáceo-coriácea, estreito-elíptica, sublanceolada, às vezes bulada; ápice obtuso-acuminado; base atenuada, às vezes cuneada; face adaxial esparsopubérula, com tricomas eretos e ondulados principalmente sobre as nervuras central e laterais, nítida ou não, nervura central impressa ou sulcada, nervuras laterais impressas ou sulcadas, reticulação subdensa a sublaxa; face abaxial esparso-pubérula, com tricomas eretos e ondulados, papilosa, nervura central saliente, nervuras laterais 6 – 8 pares, salientes, reticulação subdensa a sublaxa, saliente; margem revoluta ou não. Pecíolo 0,7 – 1,3 cm, denso a esparsamente piloso, subcanaliculado. **Inflorescências** axilares, paniculadas, densamente pilosas a glabrescentes, menores que as folhas; pedúnculo curto. Flores masculinas esparso-pubérulas; hipanto inconspícuo, curto obcônico, internamente tomentoso; tépalas subiguais, ovadas, ápice agudo a obtuso, seríceas na face interna, ou tricomas só na base; filetes dos estames dos verticilos I e II delgados, pilosos, com aproximadamente o mesmo comprimento das anteras, anteras ovado-retangulares a sub-retangulares, ápice agudo; filetes dos estames do verticilo III pouco menores que as anteras, mais largos que os filetes dos verticilos I e II, pilosos, anteras estreito-retangulares, ápice obtuso-arredondado; estaminódios do verticilo IV ausentes; pistilódio glabro, estipitiforme, estigma bem diferenciado; flores femininas glabras; tépalas internamente seríceas na base da face interna; hipanto internamente glabro; pistilo glabro, ovário elipsóide a subgloboso, atenuado para o estilete, estilete pouco mais curto que o ovário, estigma discóide; estaminódios semelhantes aos das flores masculinas apenas menos desenvolvidos. Frutos ca. 1,4 x 1,6 cm, globosos; cúpula trompetiforme, rasa, margem ondulada, tépalas subpersistentes.

Nome popular: canela-babosa, canela-branca, canela-coté, canela-gosmenta, canela-guaicá, guaicá, canela-parda, canela-de-corvo, canela-sebo, canela-pimenta, louro-abacate, louro-bacato, louro-pimenta, louro-vermelho, inhumirim (Quinet, 2002; Baitello & Marcovino, 2003; Moraes & Oliveira, 2007).

Distribuição geográfica e ecologia: É registrada nas Guianas Francesa e Inglesa, Argentina, Suriname, Panamá, Paraguai, Peru, Colômbia, México e Brasil, em todas as regiões. Na floresta estacional semidecidual, floresta ombrófila densa montana e submontana, na restinga arbórea, mata ciliar, cerrado e mata de araucária, com ou sem *Podocarpus*. É uma espécie considerada generalista em termos de hábitat, sendo encontrada nas mais variadas fisionomias (Baitello & Marcovino, 2003).

Fenologia: flores de abril a setembro; frutos de setembro a março (Baitello & Marcovino, 2003; Moraes & Oliveira, 2007). Não raro, flores e frutos presentes à mesma época (Baitello & Marcovino, 2003).

Usos: Madeira usada para diversos fins, na construção civil, marcenaria (Moraes & Oliveira, 2007). Usada também para fabrico de pasta para papel (Quinet, 2002).

Material examinado: ES: Santa Maria de Jetibá, Rio Nove, terreno de L. Kollmann, alt. 850 m, L. Kollmann et al. 2469, 13/IV/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Aparecidinha, terreno do Bringhenti, V. Demuner et al. 225, 03/XI/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, mata do Banestes, V. Demuner & E. Bausen 5, 16/IX/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, alt. 800 m, L. Kollmann & E. Bausen 4804, 04/X/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, divisa em frente à sede velha, alt. 850 m, L. Kollmann et al. 5574, 19/II/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, divisa de Goiapabaaçu à esquerda, alt. 800 m, L. Kollmann et al. 4998, 07/XI/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada de Lombardia, alt. 800 m, L. Kollmann & E. Bausen 5028, 27/XI/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada para João Neiva, parte mediana final, R. R. Vervloet et al. 2467, 21/V/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, picada após marco 82, R. R. Vervloet & W. Pizziolo 2337, 06/V/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, trilha da Cachoeira, R. R. Vervloet et al. 264, 15/V/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, trilha da Cachoeira, sede nova, R. R. Vervloet & W. Pizziolo 2512, 27/V/2003 (MBML, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, trilha do Medani, alt. 800 m, L. Kollmann & E. Bausen 4923, 25/XI/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Estação Biológica da Caixa d'Água, alt. 700 m, L. Kollmann et al. 2490, 14/IV/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Estação Biológica de São Lourenço, trilha do Caravagem, L. Kollmann & E. Bausen 4368, 21/VIII/2001 (MBML, RB, UEC).

Nos espécimes masculinos os tricomas na face abaxial das folhas podem ser longos ou curtos, já nos espécimes femininos os tricomas são freqüentemente mais curtos.

## 10.25 Ocotea silvestris Vattimo-Gil, Arch. Jard. Bot. Rio de Janeiro 16: 43. 1959.

Árvores dióicas, de 6 a 16 m. Catáfilos densamente flavo-tomentosos a flavo-estrigosos. Râmulos cilíndricos, tomentosos. Folhas alternas; lâmina  $3.5 - 9.0 \times 1.5 - 4.0 \text{ cm}$ , cartáceo-coriácea, elíptica, suboblonga, às vezes obovada; ápice curto-obtuso-acuminado, às vezes arredondado; base atenuada ou cuneada, ligeiramente

revoluta; face adaxial glabra, nervura central sulcada, nervuras laterais planas ou sulcadas, reticulação densa, promínula; face abaxial glabrescente nas lâminas jovens, tricomas retos e adpressos, glabra nas adultas, com inúmeras papilas esbranquicadas entremeadas por pontuações avermelhadas, epiderme às vezes glauca, nervura central saliente, nervuras laterais 4 - 8 pares, salientes, reticulação densa, saliente. Pecíolo 4 - 10 mm comp., subcanaliculado, esparso-estrigoso nas lâminas jovens, glabrescente nas adultas. **Inflorescências** axilares, denso a esparso-tomentosas, paucifloras, paniculadas, mais curtas que as folhas; bractéolas subpersistentes; pedúnculo até 15 mm. Flores masculinas ca. 4 mm diâm., seríceo-tomentosas; hipanto evidente, obcônico, internamente piloso a glabrescente; pedicelo engrossado; tépalas ovadas, ápice agudo, face interna tomentosa a esparsamente tomentosa, ou pubérula, pontuado-glandulosa; filetes dos estames do verticilo I e II iguais ou mais longos que as anteras, glabros, anteras subretangulares, ou ovado-triangulares, glabras, pouco pontuado-glandulosas, ápice obtuso a truncado; filetes dos estames do verticilo III glabros, tão longos quanto as anteras, anteras ovadas a retangulares, pouco pontuado-glandulosas, ápice obtuso a truncado, locelos lateral-extrorsos; estaminódios do verticilo IV conspícuos, estipitiformes a ausentes; pistilódio robusto, estipitiforme, estilete seríceo ou esparsamente seríceo, estigma discóide; flores femininas com estaminódios semelhantes aos estames das flores masculinas, com poucos tricomas; hipanto internamente glabrescente; ovário globoso-elíptico, glabro, estilete quase tão longo quanto o ovário, glabro ou com tricomas esparsos no ápice, estigma discóide. Frutos ca. 1,0 x 1,0 cm, globosos a subelípticos, pruinosos glaucos; cúpula discóide, ou raso-cuneiforme, verrucosa, margem dupla, plana a ligeiramente ondulada, tépalas subpersistentes, reflexas; pedicelo verrucoso, engrossado, formando um pescoço entre o pedicelo e a raque da infrutescência.

Nome popular: canela-copaíba, canela-preta.

Distribuição geográfica e ecologia: Brasil, regiões Sudeste e Sul. Na floresta ombrófila densa montana do Planalto Atlântico e da planície litorânea e na floresta estacional semidecidual (Baitello & Marcovino, 2003).

Fenologia: floresce, especialmente, de janeiro a junho; frutifica entre fevereiro e abril e entre maio e outubro (Quinet, 2002; Baitello & Marcovino, 2003).

Usos: desconhecido.

Material examinado: Espírito Santo: Santa Teresa, Aparecidinha, terreno de L. Bringhenti, alt. 750 m, *L. Kollmann et al. 1750*, 28/I/1999 (MBML, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, cabeceira do 25 de Julho, propriedade de Furlani, pesque-pague, alt. 850 m, *L. Kollmann et al. 2149*, 11/III/1999 (MBML, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, *R.R. Vervloet et al. 2258*, 17/IV/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Santo Antônio, terreno do Boza, *L. Kollmann et al. 3805*, 31/V/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Santo Antônio, terreno do Boza, alt. 750 m, *L. Kollmann et al. 2048*, 09/III/1999 (MBML, RB, SPSF, UEC).

Ocotea silvestris é muito semelhante à Ocotea lancifolia sensu Rohwer (1986). Esta última apresenta uma circunscrição bastante ampla, abrangendo uma grande variação morfológica. Na maioria

das vezes, as folhas de *O. silvestris*, no material seco, apresenta coloração castanho-escura. Verificar chave das espécies de *Ocotea* e comentários em *O. lancifolia* (Schott) Mez, uma vez que as espécies são muito parecidas e podem ser confundidas.

10.26 Ocotea spectabilis (Meisn.) Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5: 372. 1889.

Oreodaphne spectabilis Meisn., in DC., Prodr. 15(1): 119. 1864.

Árvores dióicas, até 10 m. Catáfilos tomentosos. Râmulos delgados, cilíndricos, glabros ou glabrescentes, cinéreo-brúneos, com ápice minutamente flávido-tomentelos. Folhas alternas; lâmina 9,7 - 14,1 x 2,8 - 3,5 cm, oblongo-lanceolada, cartácea; ápice caudado, ou apiculado; base aguda a atenuada, às vezes cuneada; face adaxial glabra, nervura central impressa, nervuras laterais promínulas, reticulação densa, saliente, a plana, inconspícua; face abaxial nítida, ou opaca, microscopicamente papilosa, glabra ou com raros tricomas, pouco mais densos sobre a nervura central, tricomas finos e curtos, nervura central fortemente saliente, robusta, nervuras laterais 5 - 9 pares, salientes, reticulação densa, saliente. Pecíolo 1,0 - 1,9 cm, fino, esparso-tomentelo a glabrescente, canaliculado. Inflorescências axilares, glabras, paucifloras; pedúnculo 2,4 cm. Flores masculinas 2,3 x 2,4 mm, glabras; pedicelo 2 – 5 mm; hipanto inconspícuo, internamente piloso; tépalas estreitamente ovadas, face interna densamente papilosa, ápice agudo; filetes dos estames dos verticilos I e II muito curtos, cerca de 1/5 do comprimento das anteras ou menores, largos, glabros, anteras ovado-retangulares ou quadrangulares, papilosas, ápice obtuso a truncado; filetes dos estames do verticilo III curtos, largos, pilosos, anteras elípticas a ovado-retangulares, ápice truncado na maioria das vezes, raro obtuso, papilosas, locelos inferiores subextrorsos, os superiores laterais a subintrorsos; estaminódios do verticilo IV ausentes; pistilódio estipitiforme, glabro, diminuto e papiloso; flores femininas com pistilo glabro, ovário globoso-elipsóide, estilete curto, robusto, estigma discóide, pouco mais largo que o estilete. Frutos ca. 1,0 x 1,0 cm, globoso-elipsóides; cúpula rasa, trompetiforme, margem simples, envolvendo apenas a base dos frutos maduros; pedicelo delgado.

Nome popular: canela, canela-amarela, canela-baraúna, canela-braúna, canela-mescla, canela-preta, caneleiro, louro-preto, ayui-hu (em Guarani) (Moraes & Oliveira, 2007).

Distribuição geográfica e ecologia: ocorre nos estados da Bahia, Goiás, Espírito Santo e Minas Gerais (Moraes & Oliveira, 2007).

Fenologia: floresce de agosto a novembro; frutifica em março, abril, outubro.

Usos: madeira utilizada em marcenaria e construções em geral. Considerada como tônico devido à característica adstringente tanto da casca quanto da raiz (Moraes & Oliveira, 2007).

Material examinado: ES: Santa Maria de Jetibá, Caramuru, sítio Jetibá, propriedade de Ademival e Gildo Adeodato, *L. Kollmann & M.V.S. Berger 6153*, 30/IV/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Mata Fria, terreno de Clério Loss, lado esquerdo, *V. Demuner & E. Bausen 519*, 13/I/2000 (MBML, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada para Goiapaba-açu, parte final, *R.R. Vervloet & E. Bausen 1607*, 7/I/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Pedra da Paulista, *V. Demuner & E. Bausen 757*, 17/II/2000 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Santo Antônio, terreno do Boza, alt. 750 m, *L. Kollmann & E. Bausen 1493*, 7/I/1999 (MBML, RB, SPSF, UEC); idem, *L. Kollmann & E. Bausen 1500*, 7/I/1999 (MBML, RB, SPSF, UEC); idem, *L. Kollmann & E. Bausen 1514*, 7/I/1999 (MBML, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Mata Fria, terreno de Clério Loss, alt. 750 m, *L. Kollmann et al. 813*, 28/X/1998 (MBML, RB, SPSF, UEC); idem, *L. Kollmann et al. 822*, 28/X/1998 (MBML, RB, UEC); idem, *L. Kollmann et al. 829*, 28/X/1998 (MBML, RB, UEC).

Material adicional selecionado: Goiás: local não indicado, *J.E. Pohl s.n.*, 1819 (foto em BR 876133). Minas Gerais: Lagoa Santa, *J.E.B. Warming 1018*, 16/V/1864 (foto em NY). Estado incerto: "Prov. Goiás et Sebastianopol.", ("ad urbem Goyaz, ad Rio Icquetey et ad Cavalcante", fide Mez), *J.E. Pohl 2605*, s.d. (F Neg. No. 19277, foto fragm. em NY; isossíntipo de *Oreodaphne spectabilis* Meisn.); "Goiás et Minas Gerais: ad fl. Maranhão (Tocantins) et Jequetay", *J.E. Pohl 2374*, s.d. (fotos em BR, F Neg. No. 19277 e NY; isossíntipo de *Oreodaphne maranhana* Meisn.). Local não indicado: *A.F.M. Glaziou 7814*, s.d. (foto em BR); *A.F.M. Glaziou 12137*, s.d. (foto em BR); *A.F.M. Glaziou 18442*, s.d. (foto em BR); *J.E. Pohl s.n.*, s.d. (foto em BR 876326; provável isossíntipo de *Oreodaphne spectabilis* Meisn.).

Pode ser confundida com *O. venulosa* (Nees) Baitello. Ver comentários em *O. venulosa*. Rohwer (1986) faz distinção entre *Ocotea spectabilis* s.l. e *O. spectabilis s. str.*, com a primeira englobando a segunda mais *Ocotea diospyrifolia*. Aqui empregou-se a circunscrição de *Ocotea spectabilis* s. str..

10.27 Ocotea spixiana (Nees) Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5: 260. 1889.

Oreodaphne spixiana Nees, Syst. Laurin., p.382. 1836.

**Árvores** dióicas, de 6 a 20 m. **Catáfilos** densamente ferrugíneo-lanosos. **Râmulos** subcilíndricos a angulosos em direção ao ápice, ferrugíneo-lanosos, logo glabrados, brúneos. **Folhas** alternas; lâmina 5,2 – 15,9 x 2,4 – 8,7 cm, lanosa, coriácea, obovada a elíptica a elíptico-lanceolada; ápice agudo ou curto-acuminado, obtuso-acuminado ou obtuso; base cuneada; face adaxial nítida, glabra a glabrescente na lâmina e glabrescente a lanosa na nervura central, nervuras central, laterais e reticulação sulcadas; face abaxial papilosa, lanosa, principalmente sobre as nervuras ferrugíneas e aréolas, nervura central saliente, nervuras laterais 5 – 8 pares, salientes, reticulação densa, saliente; peninérveas, broquidódromas; margem espessada, sub-plana a levemente revoluta. Pecíolo 0,8 – 1,9 x

0,16 – 0,26 cm, geralmente longo, achatado e espessado, subcanaliculado, densamente lanoso. **Inflorescências** axilares, laterais e terminais, racemosas ou paniculadas, rufo-lanosas, submultifloras a multifloras. **Flores** masculinas, ca. 8 mm; hipanto subnulo, internamente piloso; tépalas subiguais, patentes, geralmente ovadas, ápice agudo ou obtuso, faces externa e interna densamente lanosas, tricomas castanho-amarelados a ferrugíneos; filetes dos estames dos verticilos I e II finos e longos, lanosos, locelos superiores menores que os inferiores, anteras geralmente ovais, ápice truncado, emarginado ou obtuso, papilosas; filetes dos estames do verticilo III como nos verticilos anteriores, locelos latrorsos, anteras geralmente oblongas a sub-retangulares, mais estreitas que as dos verticilos I e II, ápice geralmente emarginado ou truncado; estaminódios do verticilo IV pequenos, estipitiformes, densamente lanosos; pistilódio densamente tomentoso, ovário bastante alongado, densamente tomentoso exceto na base estipitada, estilete quase do mesmo diâmetro que o ovário, estigma crateriforme, glabro; flores femininas não vistas. **Frutos** 1,4 – 2,2 x 1,1 – 1,8 cm, elipsóides; cúpula rasa, infundibuliforme, estreitando-se para o pedicelo espesso e estriado, tépalas bastante persistentes. Nome popular: canela, canela-preta, canelão, louro, quiabeiro, cabo-de-machado (Moraes & Oliveira, 2007).

Distribuição geográfica e ecologia: no Brasil ocorre nos estados da Bahia, DF, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Espírito Santo. Na floresta pluvial atlântica, montana e baixo-montana, floresta mesófila e cerrado (Moraes & Oliveira, 2007).

Fenologia: floresce de março a maio; frutifica de agosto a novembro (Moraes & Oliveira, 2007).

Usos: madeira indicada para construção civil, como vigas, caibros e ripas, tábuas para paredes divisórias, marcos de portas, para o fabrico de móveis e esquadrias, carrocerias, para compensados, etc. As flores são apícolas, os frutos alimentos para avifauna e mastofauna (Moraes & Oliveira, 2007; Baitello *com. pess.*).

Material examinado: Espírito Santo: Santa Maria de Jetibá, terreno de Paulo Seik, alt. 700 m, *L. Kollmann 6261 & M. V. S. Berger*, 19/VIII/2003 (MBML); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, alt. 800 m, *L. Kollmann & E. Bausen 4706*, 25/IX/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada para João Neiva, parte inicial, *R.R. Vervloet & W. Pizziolo 2441*, 14/V/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Trilha da Divisa, lado esquerdo da antiga sede, *R.R. Vervloet et al. 65*, 03/IV/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Santo Antônio, terreno do Boza, alt. 750 m, *L. Kollmann et al. 2045*, 09/III/1999 (MBML, RB, UEC); idem, *L. Kollmann et al. 2160*, 16/III/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Mata Fria, terreno de Clério Loss, lado direito, alt. 800 m, *L. Kollmann et al. 2633*, 17/VI/1999 (MBML, RB, UEC).

Material adicional selecionado: Goiás: Cabeceira do Gama, *A.F.M. Glaziou* 22066, 1894 (foto em BR); local não indicado, *A.F.M. Glaziou* 22064, s.d. (foto em BR); idem, *A.F.M. Glaziou* 22065, s.d. (foto em BR, RB). Minas Gerais: "habitat in sylvis capões, locis montanis, Serro Frio", *C.F.P. von Martius s.n.*, s.d. (F Neg. No. 6587; holótipo de *Oreodaphne spixiana* Nees).

Os tricomas ferrugíneos, eretos, ondulados a subcrespos, encontrados nos ramos, folhas, flores e até frutos, distinguem *Ocotea spixiana* das outras espécies do gênero, com exceção de *O. curucutuensis* Baitello, que apresenta tricomas semelhantes aos tricomas de *O. spixiana*. No entanto, em *O. curucutuensis* além da folha mais rígida, do pecíolo mais robusto, o fruto é de 2 a 4 vezes maior que em *O. spixiana*, além de ser totalmente recoberto por indumento. As flores de *O. spixiana* são uma das maiores do gênero, podendo ser confundidas com as flores de *Nectandra*. No entanto, as espécies de *Nectandra* não apresentam os filetes dos estames densamente indumentados e com pelo menos cerca da metade do comprimento das anteras. Ainda, estas características do androceu assemelham-se à de muitas espécies de *Persea*, subgen. *Eriodaphne* Nees. Porém, em *Persea* as tépalas das flores são fortemente desiguais, o que não ocorre em *Ocotea*, que apresenta tépalas iguais a subiguais. Apesar de a espécie ser uma das mais freqüentemente coletadas, boa parte das coleções apresenta apenas frutos imaturos em que, nesse estágio, a cúpula ainda encobre o fruto completamente.

10.28 Ocotea teleiandra (Meisn.) Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5: 382. 1889.

Oreodaphne teleiandra Meisn., in DC., Prodr. 15(1): 138. 1864.

Árvores dióicas, ca. 4,5 m. Catáfilos glabrescentes. Râmulos glabros, subcilíndricos, rubrescentes. Folhas alternas; lâmina 3,6 - 7,4 x 1,0 - 2,4 cm, obovado-elíptica; ápice longo-obtuso-acuminado; base atenuada; face adaxial glabra, nervura central saliente, nervuras laterais planas a promínulas, reticulação laxa, promínula ou plana; face abaxial glabra, nervura central promínula, nervuras laterais 7 – 8 pares, reticulação laxa, promínula. Pecíolo 0,4 – 1,0 cm, glabro, fino, subcanaliculado. **Inflorescências** nas axilas de brácteas apicais ou intercaladas entre as folhas apicais e basais, paucifloras, mais curtas que as folhas, glabrescentes ou glabras. Flores (Baitello & Marcovino, 2003) masculinas 2 – 3 x 1,5 – 2 mm, glabrescentes; pedicelo 2 – 5 mm; hipanto inconspícuo, tomentoso internamente; tépalas estreitamente ovadas, face interna densamente papilosa, ápice agudo; filetes dos estames dos verticilos I e II muito curtos, ca. ¼ do comprimento das anteras ou menores, largos, tomentosos ou glabros, anteras ovado-retangulares a quadráticas, ápice obtuso a truncado; filetes dos estames do verticilo III largos, anteras elípticas a ovado-retangulares, ápice levemente emarginado, locelos inferiores laterais a subextrorsos, os superiores laterais a subintrorsos; estaminódios ausentes; pistilódio 0,7 – 0,9 mm, estipitiforme, glabro; flores femininas glabras, pistilo ca. 2 mm, ovário elipsóide a obovado-elipsóide, estilete curto, robusto, estigma largo, 2 – 3 lobado. Frutos (Baitello & Marcovino, 2003) 2 – 3 x 1 – 1,7 cm, elipsóides a ovalados; cúpula 5 - 8 x 10 - 13 mm, rasa, trompetiforme, margem lisa; pedicelo 1 - 2 cm, afunilado.

Nome popular: canela-amarela, canela-jacu, canela-limão, canela-limbosa, canela-pimenta, canela-preta, canela-fedida, canela-da-folha-miúda, imbuia (Baitello & Marcovino, 2003).

Distribuição geográfica: Regiões Sudeste e Sul. No sub-bosque da floresta ombrófia densa da encosta atlântica e vegetação ciliar (Baitello & Marcovino, 2003).

Fenologia: Floração e frutificação irregulares com flores coletadas de agosto a janeiro e frutos de fevereiro a setembro, concentrando-se entre julho e setembro (Baitello & Marcovino, 2003).

Usos: desconhecido

Material examinado: Espírito Santo: Santa Teresa, mata acima do Country Club, *H.Q.B. Fernandes 1649*, 19/XI/1985 (MBML, MO, RB, SPSF, UEC).

O. teleiandra assemelha-se vegetativamente a O. sp. 8, no entanto, O. teleiandra não apresenta domácias na face abaxial das folhas e a venação das folhas é broquidódroma, enquanto que O. sp. 8 tem venação peninérvea. Pode ainda ser confundida com O. venulosa diferindo desta por apresentar folhas cartáceas, reticulação mais laxa e menos robusta.

10.29 Ocotea aff. velutina (Nees) Rohwer, Mitt. Inst. All. Bot. Hamburg 20: 172. 1986.

Oreodaphne velutina Nees, Syst. Laurin., p.336. 1836.

Árvores dióicas, ca. 14 m. Catáfilos tomentosos. Râmulos angulosos, densamente adpressopubérulos. Folhas alternas; lâmina 6,2 - 10,5 x 2,6 - 4,0 cm, largo-elíptica, coriácea; ápice obtusoacuminado; base atenuada; face adaxial glabrescente ou com tricomas principalmente sobre as nervuras, nervura central plana achatada e larga na base, afinando-se e tornando-se impressa no ápice, nervuras laterais conspícuas, ligeiramente impressas a salientes, bem arqueadas, formando um ângulo agudo de aproximadamente 30° com a nervura central, reticulação subdensa, saliente; face abaxial densamente estrigosa, tricomas claros, nervura central saliente, nervuras laterais 3 - 5 pares, robustas, amarelo-estrigosas, nervuras interlaterais evidentes, reticulação pouco mais clara que o restante da lâmina, saliente. Pecíolo 0,8 – 1,0 cm, subcanaliculado, glabrescente. **Inflorescências** paniculadas, axilares, terminais, ou subterminais, mais curtas que as folhas, multifloras, tomentosas; pedúnculo até 9 mm, robusto. Flores masculinas 4 – 6 mm, densamente subvilosas; pedicelo até 3 mm, crasso; hipanto subnulo, internamente denso-viloso; tépalas ovais, internamente esparso-tomentosas, ápice agudo, papilosas, principalmente na margem; filetes dos estames dos verticilos I e II conspícuos, ca. 1/3 a ½ do comprimento das anteras, pilosos a glabrescentes na base, anteras ovado-quadrangulares, pouco papilosas, ápice obtuso a truncado; filetes dos estames do verticilo III pouco mais curtos a pouco mais longos que as anteras, pilosos, glândulas basais quase concrescidas, anteras quase retangulares, ápice truncado a pouco emarginado, locelos superiores laterais, os inferiores lateral-extrorsos; estaminódios do verticilo IV filiformes, pilosos, ou ausentes; pistilódio estipitiforme, com raros tricomas no estilete, estilete curto, estigma capitado; flores femininas (Baitello & Marcovino, 2003) vilosas; ovário globoso, glabro, estilete pouco mais curto que o ovário, bem diferenciado, estigma capitado. **Frutos** (Baitello & Marcovino, 2003)  $1,0-1,4 \times 0,7-1,1$  cm, globoso-elípticos a elípticos, lustrosos; cúpula  $6-8 \times 2-3$  mm, quase cônica, rasa, pilosa, lustrosa, ligeiramente hexalobada; pedicelo 5 mm, obcônico, engrossado, piloso.

Nome popular: canelão, canelão-amarelo.

Distribuição geográfica e ecologia: Brasil, regiões Nordeste a Sudeste (Bahia até São Paulo). Na floresta estacional semidecidual, cerradão, mata ciliar, rara no cerrado (Baitello & Marcovino, 2003). Fenologia: Coletada com flores entre abril e julho e com frutos entre maio e outubro.

Uso: fornece madeira de excelente qualidade para diversos fins (Baitello & Marcovino, 2003).

Material examinado: Espírito Santo: Santa Teresa, Santo Antônio, terreno do Boza, *V. Demuner et al. 1464*, 24/X/2000 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, alt. 650 - 800 m, *L.D. Thomaz 1218*, 22/VI/1993 (MBML, SPSF); Santa Teresa, Morro da Estação Repetidora de TV, *W. Pizziolo 201*, 14/XI/1985 (MBML, MO, SPSF).

Material adicional selecionado: Bahia: "Jacobin", *Blanchet 2554*, 1853 (fotos em B, BR, isótipo de *Oreodaphne jacobinae* Meisn.); Serra de Jacobina, *Blanchet 3736*, s.d. (foto em BR, isossíntipo de *Oreodaphne blanchetii* Meisn.); local não indicado, *Blanchet 3738*, s.d. (foto em BR, isossíntipo de *Oreodaphne blanchetii* Meisn.). Minas Gerais: Caldas, *A.F. Regnell III-82*, VI/1866 (foto em BR); local não indicado, *Widgren 388*, 1845 (foto em BR). Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, *A.F.M. Glaziou 15361*, s.d. (foto em B). Estado não indicado: local não indicado, *A.F.M. Glaziou 19784*, 1891-92 (foto em B).

Os espécimes aqui referidos foram classificados como *O*. aff. *velutina*, pois, embora vegetativamente muito semelhantes à *O*. *velutina*, têm inflorescências com flores conspicuamente pediceladas, o que difere das *O*. *velutina* típicas, que apresentam flores congestas nas inflorescências.

10.30 Ocotea venulosa (Nees) Baitello, Fl. Fanerog. Estado São Paulo 3: 208. 2003.

Camphoromoea venulosa Nees, Syst. Laurin., p.469. 1836.

**Árvores** dióicas, até 14 m. **Catáfilos** tomentosos, tricomas acinzentados. **Râmulos** subcilíndricos, glabrescentes. **Folhas** alternas; lâmina 4,2 – 10,2 x 1,8 – 4,8 cm, largo oblongo-elíptica, elíptica, ou subobovada, cartáceo-coriácea; ápice curto a longo acuminado; base curto-atenuada; face adaxial glabra, nervura central ligeiramente impressa, nervuras laterais salientes, reticulação densa, fortemente saliente, robusta; face abaxial

glabra, densamente papilosa, nervura central saliente, nervuras laterais 5 – 7 pares, salientes a planas, reticulação densa, saliente, robusta. Pecíolo 0,9 – 1,6 cm. **Inflorescências** laterais, axilares ou subterminais, glabrescentes a glabras, maiores que as folhas, submultifloras a multifloras; pedúnculo até 3,5 cm. **Flores** masculinas 3 - 4 mm de diâmetro, glabras; hipanto internamente denso-tomentoso; tépalas ovadas, carnosas, ápice agudo, margem e ápice esparsamente papiloso; filetes dos estames dos verticilos I e II muito curtos, ca. 1/5 do comprimento das anteras a subnulos, anteras ovado-quadráticas a transverso-elípticas, ápice obtuso a truncado; filetes dos estames do verticilo III curtos, anteras ovado-retangulares, locelos superiores laterais, os inferiores lateral-extrorsos; estaminódios do verticilo IV ausentes; pistilódio glabro, filiforme; flores femininas como as masculinas, estaminódios como nas flores masculinas, reduzidos; pistilo glabro, ovário elipsóide, atenuado para o estilete muito curto, estigma tri-lobado. **Frutos** imaturos ca. 6 x 7 mm; cúpula hemisférica, margem simples, hexalobada; pedicelo afunilado.

Nome popular: desconhecido.

Distribuição geográfica e ecologia: No estado de São Paulo. Na floresta ombrófila densa alto-montana, montana; e da planície litorânea e áreas campestres ao sul do município de São Paulo (Baitello & Marcovino, 2003). E no Estado do Espírito Santo, em Santa Teresa na floresta ombrófila densa montana.

Fenologia: flores entre dezembro e março e frutos entre março e junho.

Usos: desconhecido.

Material examinado: Espírito Santo: Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, alt. 600 – 850 m, *L.D. Thomaz 1170*, 10/III/1993 (HRCB, MBML, SPSF); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Goiapaba-açu, Boeirão, linha de divisa, marco 53 a 52, Picada, *R.R. Vervloet et al*. 2307, 29/IV/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Santo Antônio, terreno do Boza, alt. 750 m, *L. Kollmann et al*. 1875, 09/II/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, Estação Biológica de Santa Lúcia, trilha do Sagüi, alt. 700 m, *L. Kollmann et al*. 2297, 30/III/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, Reserva Biológica de Santa Lúcia, trilha do Sagui, alt. 700 m, *L. Kollmann et al*. 1822, 04/II/1999 (MBML, RB, UEC).

O. venulosa assemelha-se a O. spectabilis, sendo muito difícil fazer distinção entre as duas espécies. O. venulosa tem folhas geralmente mais largas e reticulação mais robusta em ambas as faces. A cúpula do fruto é sub-hemisférica e de margem hexalobada em O. venulosa, enquanto que em O. spectabilis a cúpula é trompetiforme, rasa, de margem inteira. O. venulosa pode ainda ser confundida com O. teleiandra, no entanto, O. venulosa tem a folha cartáceo-coriácea, reticulação densa e robusta, ao passo que O. teleiandra tem a folhas mais cartáceas, reticulação laxa e tênue.

## 10.31 *Ocotea* sp. 1

Árvores 5 - 12 m. Catáfilos cinza ou flavo-estrigosos. Râmulos subangulosos. Folhas alternas a subopostas no ápice dos râmulos; lâmina 6,4 - 13,0 x 2,5 - 4,1 cm, elíptica a suboblonga, ou quase obovada, cartáceo-coriácea a coriácea; ápice longo-obtuso-acuminado a caudado; base aguda ou cuneada; face adaxial nítida, glabra, nervura central saliente no ápice, nervuras laterais pouco salientes. praticamente retas, reticulação subdensa, saliente; face abaxial esparso-curto-tomentosa, principalmente sobre a nervura central, nítida, papilosa, nervura central saliente, obscura, nervuras laterais salientes, 7 - 10 pares, reticulação subdensa, saliente, conspícua. Pecíolo 0,5 - 1,1 cm, canaliculado, enegrecido, esparsamente curto-tomentoso a glabro. Inflorescências racemosas a paniculadas, nas axilas de folhas e catáfilos subterminais, ou laterais, paucifloras, mais curtas que as folhas, esparso-seríceo-tomentelas; pedúnculo 1,8 - 4,5 cm, anguloso. Flores bissexuadas, grandes, ca. 8 x 6 mm; hipanto suburceolado, externa e internamente denso-seríceo, tricomas cinza-esverdeados; tépalas patentes, com poucas papilas externamente, internamente papilosas, glabrescentes, estreitamente ovadas, suboblongas, as externas mais largas, margem revoluta; filetes dos estames dos verticilos I e II muito curtos, pilosos, anteras quase orbiculares, glabras, papilosas, principalmente no ápice, ápice obtuso a truncado; filetes dos estames do verticilo III pouco mais curtos que as anteras, pilosos, anteras subretangulares, glabras, papilosas, ápice truncado, locelos superiores lateral-extrorsos, os inferiores extrorsos, encobertos pelas glândulas basais, pediceladas, grandes; estaminódios do verticilo IV subsagitados, pilosos; pistilo glabro, ovário subobovado, estilete pouco menor que o ovário, estigma discóide, trilobado. Frutos 2 - 5 x 1 - 3 cm; cúpula 1,5 - 4,0 x 1,5 - 5,0 cm, campanulada, hexalobada, margem dupla.

Nome popular: desconhecido.

Distribuição geográfica e ecologia: Espírito Santo; Santa Teresa.

Fenologia: flores em novembro e dezembro; frutos em julho.

Usos: desconhecido.

Material examinado: Espírito Santo: Santa Teresa, São Lourenço, Country Club, *V. Demuner et al. 334*, 16/XII/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Reserva Biológica da Caixa D'água, alt. 700 m, *L. Kollmann et al. 1070*, 24/XI/1998 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Mata Fria, terreno de Clério Loss, valão à direita do asfalto, alt. 750 m, *L. Kollmann et al. 1171*, 2/XII/1998 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Santo Antônio, terreno do Boza, alt. 750 m, *L. Kollmann & E. Bausen 1557*, 14/I/1999 (MBML); idem, alt. 850 m, *L. Kollmann et al. 2557*, 15/VI/1999 (MBML, RB, UEC).

Espécie do grupo de *Ocotea indecora*, proposto por Rohwer (1986). Assemelha-se com *O. complicata* (Meisn.) Mez e *O. elegans* Mez, das quais diferem por apresentar flores maiores e frutos com margem dupla. Como algumas espécies do grupo de *O. indecora*, *O.* sp.1 possui cúpula dos frutos com margem dupla. No entanto, a cúpula é bem coriácea, com as margens muito conspícuas, lembrando a cúpula dos frutos de *Licaria bahiana* Kurz. As flores são grandes, com tépalas patentes e papilosas como ocorre em espécies de *Nectandra*, no entanto tanto as tépalas como os estames são menos papilosos do que os encontrados em *Nectandra*. *O. sp.1* ainda assemelha-se vegetativamente a *Ocotea catharinensis* Mez, distinguindo-se por não apresentar domácias nas folhas e por ter inflorescências estritamente apicais, e frutos com margem dupla; e *Ocotea oppositifolia* S. Yasuda, da qual diferencia-se por não apresentar domácias nas folhas e ter a cúpula do fruto com margem dupla muito mais conspícua que *O. oppositifolia*.

## 10.32 *Ocotea* sp. 2

Arvoretas ca. 6 m. Catáfilos tomentosos. Râmulos jovens tomentosos, logo tornando-se glabros, mais ou menos rugosos. Folhas alternas; lâmina 4,1 - 12,1 x 1,4 - 3,9 cm, estreito-elíptica, sublanceolada, ou subovada, cartácea; ápice curto-acuminado, ou agudo; base cuneada; face adaxial das lâminas jovens estrigosas, as adultas glabras, nítidas, nervura central saliente, bulada na axila das nervuras, principalmente na metade inferior da folha, nervuras laterais planas, tênues, reticulação densa, plana; face abaxial esparso-puberulenta nas lâminas jovens, glabra nas adultas, densamente papilosas, nervura central saliente, nervuras laterais 8 – 10 pares, planas, tênues, reticulação densa, saliente; domácias foveoladas e barbeladas. Pecíolo 0,5 – 1,5 cm, puberulento nas folhas jovens, glabro nas adultas, subcanaliculado. **Inflorescências** laterais, estrigosas; pedúnculo até 3,8 cm. Flores bissexuadas; pedicelo curto, tomentoso; hipanto obcônico, internamente denso-tomentoso; tépalas largo ovado-oblongas, papilosas, principalmente no ápice e nas margens da face interna, ápice agudoarredondado, face interna tomentosa a esparso-tomentosa; filetes dos estames dos verticilos I e II pouco menores que as anteras, densamente tomentosos, anteras quadráticas, glandulosas, ápice truncado, papilas entre os locelos; filetes dos estames do verticilo III como nos verticilos I e II, anteras estreito-retangulares, tão largos quanto os filetes, glandulosas, ápice truncado, locelos inferiores lateral-extrorsos, os superiores laterais; estaminódios do verticilo IV bem desenvolvidos, piramidados, ou subsagitados, densamente tomentosos, glandulosos, alcançando o limite inferior dos locelos superiores dos estames do verticilo II; pistilo botuliforme, com raros tricomas, ovário glanduloso, atenuado para o estilete, estigma discóide. Frutos imaturos 7 x 9 mm, elipsóides; cúpula sub-hemisférica, lenticelada; pedicelo 4 mm.

Nome popular: desconhecido.

Distribuição geográfica e ecologia: Espírito Santo; Santa Teresa.

Fenologia: Flores em junho; frutos fevereiro, maio e junho.

Usos: desconhecido.

Material examinado: Espírito Santo: Santa Teresa, Pedra Alegre, torre de telefone, *V. Demuner et al. 1167*, 20/VI/2000 (MBML, RB, UEC); idem, *V. Demuner et al. 1169*, 20/VI/2000 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Pedra da Onça, *V. Demuner et al. 1066*, 16/V/2000 (MBML, UEC); idem, *V. Demuner & E. Bausen 664*, 1/II/2000 (MBML, RB, UEC).

#### 10.33 *Ocotea* sp. 3

Árvores dióicas, até 15 m. Catáfilos estrigulosos. Râmulos angulosos, glabrescentes, rubrescentes, com densas manchas claras. Folhas alternas; lâmina 10,0 – 20,5 x 4,1 – 8,0 cm, elíptica, oblongo-elíptica, cartácea; ápice curto-acuminado, ou agudo-arredondado; base cuneada; face adaxial glabra, nervura central sulcada, nervuras laterais impressas, reticulação sublaxa, plana a imersa; face abaxial glabra, papilosa, nervura central saliente, nervuras laterais 8 – 9 pares, salientes, reticulação densa, saliente. Pecíolo 1,2 – 1,9 cm, puberulento a glabrescente, subcanaliculado. Inflorescências axilares, subterminais, paniculadas, puberulentas, pouco menores que as folhas. Flores masculinas 3 - 4 mm de diâmetro; hipanto externamente puberulento, internamente tomentoso; tépalas membranáceas, ovadas, externa e internamente glabrescentes, ápice obtuso; filetes dos estames dos verticilos I e II pouco menores que as anteras, tomentosos, anteras quadráticas a subretangulares, ápice obtuso; filetes dos estames do verticilo III como nos verticilos anteriores, anteras retangulares, ápice obtuso, locelos superiores laterais, os inferiores extrorsos; estaminódios do verticilo IV ausentes; pistilódio glabro, estipitiforme, estigma discóide; flores femininas não vistas. Frutos 1,6 – 1,8 x 2,1 – 2,3 cm, globosos; cúpula obcônica, rasa, rugosa; pedicelo engrossado.

Nome popular: desconhecido.

Distribuição geográfica e ecologia: Espírito Santo; Santa Teresa.

Fenologia: Flores janeiro; frutos fevereiro, março, abril, maio, setembro e novembro.

Usos: desconhecido.

Material examinado: Espírito Santo: Santa Maria Jetibá, terreno de Reginaldo Berger, Km 6,5, estrada de Garrafão, Baixada próxima ao rio, *L. Kollmann & M. V. S. Berger 6081*, 03/IV/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Est. Biol. de Sta. Lúcia (mata atlântica de encosta 650 - 800 m de altitude), *L. D. Thomaz 1185*, 22/III/1994 (HRCB, MBML, MO, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, *R. R. Vervloet et al. 1366*, 05/XI/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Goiapaba-açu, Boeirão, linha de divisa, marco 53 a 52, Picada, *R. R. Vervloet et al. 2303*, 29/IV/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Trilha da Educação Ambiental, *R. R. Vervloet et al. 1810*, 12/II/2003 (MBML, RB, UEC);

Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, trilha da divisa, casa da pedra, lado esquerdo, R. R. Vervloet et al. 1005, 19/IX/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Penha, Estação Biológica

Santa Lúcia, do lado da estrada Fundão-Santa Teresa, L. Kollmann et al. 3775, 30/V/2001 (MBML, RB, UEC);

Santa Teresa, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Estrada de Nova Lombardia, alt. 800 m, L. Kollmann & E. Bausen 5414, 30/I/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Santo Antônio, Terreno do Boza, L. Kollmann et al.

3804, 31/V/2001 (MBML, UEC). Citar Vervloet 2491.

Ocotea sp. nov. a ser descrita pelo Dr. Alexandre Quinet (aquinet@jbrj.gov.br).

O material L. Kollmann & E. Bausen 5414 foi indicado por Quinet como pertencente ao morfotipo que

neste trabalho foi considerado como Ocotea sp. 8. No entanto, como este material apresenta folhas com face

abaxial glabra e ramos rubrescentes optou-se por alocá-lo em *Ocotea* sp. 3, uma vez que O. sp. 8 tem folhas

com face abaxial densamente adpresso-pubérulas e ramos amarelados.

10.34 *Ocotea* sp. 4

Árvores dióicas, até 15 m. Catáfilos estrigosos. Râmulos subcilíndricos, nítidos, esparsamente

adpresso-pubérulos. Folhas alternas; lâmina 8,1 - 18,0 x 2,7 - 7,0 cm, elíptica, subobovada, cartácea; ápice

curto-obtuso-acuminado; base cuneada; face adaxial glabra, nervura central sulcada, nervuras laterais

promínulas, reticulação subdensa, saliente; face abaxial esparso-estrigosa a glabrescente, nervura central

saliente, nervuras laterais 6 - 7 pares, salientes, reticulação densa, saliente. Pecíolo 0,6 - 1,0 cm, esparso-

pubérulo, subcanaliculado, enegrecido. Inflorescências laterais, esparso-estrigulosas, pouco maiores que as

folhas, multifloras. Flores masculinas, 4 – 5 mm de diâmetro, estrigosas ou esparso-estrigosas; hipanto

obcônico, internamente esparso-estrigoso; tépalas largo-ovadas, internamente curto-estrigosas, pontuado-

glandulosas; filetes dos estames dos verticilos I e II pouco menores que as anteras, anteras subretangulares ou

estreito-oblongo-elípticas, pontuado-glandulosas, ápice obtuso a agudo-arredondado, base às vezes com

projeções laterais, tornando-as cordadas, quando sem as projeções, base truncada ou breve cuneada; filetes dos

estames do verticilo III pouco menores a pouco maiores que as anteras, anteras retangulares, ápice truncado,

locelos superiores laterais a lateral-introrsos, os inferiores lateral-extrorsos a laterais; estaminódios do verticilo

IV filiformes, glabros; pistilódio com tricomas esparsos e curtos, estigma, papiloso. Frutos  $1.3 - 1.5 \times 1.1 - 1.2$ 

cm, globoso-elipsóides; cúpula trompetiforme, rasa, margem engrossada, rugosa; pedicelo engrossado.

Nome popular: desconhecido.

Distribuição geográfica e ecologia: Espírito Santo; Santa Teresa.

Fenologia: Flores outubro; frutos fevereiro, março e abril.

Usos: desconhecido.

123

Material examinado: Espírito Santo: Santa Maria de Jetibá, terreno de Reginaldo Berger, *L. Kollmann & M. V. S. Berger 6044*, 13/III/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Maria Jetibá, terreno de Reginaldo Berger, Km 6,5, estrada de Garrafão, trilha dos Monos, *L. Kollmann & M. V. S. Berger 6096*, 15/IV/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, *R. R. Vervloet et al. 1204*, 09/X/2002 (BHCB, MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada Marlene, *R. R. Vervloet et al. 1767*, 05/II/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, trilha da Tronqueira, *R. R. Vervloet et al. 1169*, 08/X/2002 (MBML, RB, UEC).

Ocotea sp. nov. a ser descrita pelo Dr. A. Quinet (aquinet@jbrj.gov.br).

## 10.35 *Ocotea* sp. 5

Árvores dióicas, 15m. Catáfilos estrigosos. Râmulos subcilíndricos, ou cilíndricos, glabrescentes. Folhas alternas; lâmina 7,7 – 12,5 x 2,7 – 5,1 cm, elíptica, subobovada, cartácea a cartáceo-coriácea; ápice curto-obtuso-acuminado; base cuneada; face adaxial glabra, nervura central sulcada a plana, nervuras laterais sulcadas a planas, reticulação subdensa, sulcada a plana; face abaxial glabra ou com raros tricomas sobre as nervuras, papilosa, nervura central saliente, nervuras laterais 7 – 9 pares, promínulas, reticulação densa, promínula. Pecíolo 0,7 – 1,2 cm, glabro, semicilíndrico. Inflorescências curtas, axilares, paucifloras, densamente tomentosas. Flores masculinas não vistas; flores femininas 3 – 4 mm diâm., tomentosas; hipanto internamente esparso-tomentoso a glabro; tépalas ovadas, ápice obtuso, pontuado-glandulosas, internamente esparso-tomentosas; filetes dos estaminódios dos verticilos I e II com aproximadamente o mesmo comprimento que as anteras, tomentosos, anteras ovadas, papilosas, ápice obtuso; filetes dos estaminódios do verticilo IV filiformes, tomentosos; pistilo glabro, ovário elipsóide, estilete do mesmo comprimento do ovário, estigma discóide. Frutos não vistos.

Nome popular: desconhecido.

Distribuição geográfica e ecologia: Espírito Santo; Santa Teresa.

Fenologia: Flores novembro; frutos março e julho.

Usos: desconhecido.

Material examinado: Espírito Santo: Santa Teresa, Reserva Biológica de Santa Lúcia, divisa a direita depois da Trilha Bonita, alt. 750 m, *L. Kollmann et al. 1104*, 25/XI/1998 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, estação Biológica de Santa Lúcia, Trilha do Sagüi, alt. 800 m, *L. Kollmann et al. 2311*, 30/III/1999 (MBML, RB, UEC); idem, *L. Kollmann et al. 2312*, 30/III/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, lado direito do rio Timbuí, *W. Boone et al. 1330*, 19/VII/1989 (MBML, RB, SPSF, UEC).

## 10.36 *Ocotea* sp. 6

Árvores dióicas, 6 m. Catáfilos tomentosos. Râmulos subcilíndricos, densamente estrigosos a glabrescentes. Folhas alternas; lâmina  $3.9 - 8.5 \times 1.8 - 3.3 \text{ cm}$ , elíptica, cartáceo-coriacea; ápice curto a longo-obtuso-acuminado; base cuneada; face adaxial pouco nítida, glabra ou com tricomas esparsos na nervura central e adjacências, nervuras central e laterais salientes, reticulação laxa a subdensa, saliente, conspícua; face abaxial esparso-estrigulosa, com tricomas agrupados principalmente próximos à nervura central, nervura central saliente, rubiginosa, nervuras laterais 8 -11 pares, finas, promínulas, reticulação densa, conspícua; margem pouco revoluta. Pecíolo 0,6 - 1,0 cm, subcanaliculado, enegrecido ou rubiginoso, esparso-tomentoso. **Inflorescências** subterminais, axilares, estreitas, multifloras, tomentosas, mais longas ou mais curtas que as folhas; pedúnculo até 1,1 cm. Flores masculinas 3 x 3 mm, esparso-tomentelas; pedicelo ca. 3 mm; hipanto curto, obcônico, internamente denso-tomentoso; tépalas ovaladas, ápice obtuso, margem subpapilosa; filetes dos estames dos verticilos I e II bem delimitados, ca. 1/3 a ½ do comprimento das anteras, esparso-tomentosos no dorso, mais ou menos laminares, anteras ovado-retangulares, densamente pontuado-glandulosas, ápice truncado a subemarginado; filetes dos estames do verticilo III tão largos quanto às anteras, anteras ovado-triangulares, densamente pontuado-glandulosas, ápice emarginado, locelos superiores laterais, os inferiores grandes, extrorsos; estaminódios do verticilo IV filiformes, tomentosos; pistilódio glabro, densamente pontuado-glanduloso, estipitiforme, estigma discóide; flores femininas não vistas. Frutos 0,8 - 0,9 x 0,8 - 0,9 cm, globosos; cúpula 4 - 5 mm, crateriforme, hexalobada; pedicelo 3 - 5 mm, fino.

Nome popular: desconhecido.

Distribuição geográfica e ecologia: Espírito Santo; Santa Teresa.

Fenologia: flores em maio; frutifica de maio a agosto.

Usos: desconhecido.

Material examinado: ES: Santa Teresa, Reserva Biológica de Santa Lúcia, parte baixa da cachoeira do rio Timbuí, W. P. Lopes et al. 634, 05/V/1999 (MBML, RB, UEC); idem, W.P. Lopes et al. 637, 05/V/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, Estação Biológica de Santa Lúcia. (divisa da porteira), L. Kollmann & E. Bausen 4239, 02/VIII/2001 (MBML, RB, UEC).

## 10.37 *Ocotea* sp. 7

Arvoretas ca. 8 m. Catáfilos densamente pilosos. Râmulos subcilíndricos, densamente pilosos. Folhas alternas; lâmina 7,2 - 11,2 x 1,5 - 2,9 cm, estreito-elíptica ou lanceolada, subcoriácea; ápice curto a longo-acuminado, caudado; base cuneada; face adaxial pilosa nas lâminas jovens e glabrescentes nas adultas, nervura central promínula, densamente pilosa, nervuras laterais ligeiramente salientes a planas, reticulação densa, plana, difícil de observar devido aos tricomas; face abaxial pilosa, mais acentuada sobre a nervura central, saliente, nervuras laterais 7 - 11 pares, salientes, reticulação densa, promínula, às vezes inconspícua, nervuras interlaterais evidentes. Pecíolo até 1,2 cm, densamente piloso nas folhas jovens e glabrescente nas adultas. Inflorescências sub-racemosas, paucifloras, agrupadas no ápice dos ramos, densamente amarelo-pilosas, mais curtas que as folhas; pedúnculo 1 – 3 cm, robusto. Flores bissexuadas, pediceladas, esparso-pilosas; hipanto suburceolado, internamente denso-tomentoso; tépalas estreitamente ovadas, ápice agudo, face interna esparso-pilosa a glabrescente; filetes dos estames dos verticilos I e II estreitos, esparso-pilosos, com aproximadamente o mesmo comprimento das anteras, anteras oblongas, pontuado-glandulosas, ápice agudo; filetes dos estames do verticilo III densamente pilosos, com aproximadamente o mesmo comprimento das anteras, anteras estreito-retangulares, pontuado-glandulosas, ápice agudo-arredondado, locelos inferiores lateral-extrorsos, os superiores laterais; estaminódios do verticilo IV densamente pilosos, clavados, ápice glabrescente, com aproximadamente o mesmo comprimento dos filetes dos estames do verticilo II; pistilo glabro, pontuado-glanduloso, estreito-elíptico, ovário atenuado para o estilete, estilete com o mesmo comprimento do ovário, estigma subdiscóide. Frutos imaturos ca. 1,0 x 0,8 cm, elipsóides; cúpula 0,9 x 1,2 cm, sub-hemisférica, alargada na base, internamente pilosa, externamente glabra; pedicelo 4 mm, glabro.

Nome popular: desconhecido

Distribuição geográfica e ecologia: Espírito Santo; Santa Teresa.

Fenologia: Floresce em março; frutifica maio e agosto.

Usos: desconhecido.

Material Examinado: Espírito Santo: Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, trilha do túmulo, *L. Kollmann & M. Sobral 6778*, 29/VI/2004 (MBML, RB); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Casa da Pedra, lado direito, *R.R. Vervloet et al. 778*, 28/VIII/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Penha, Reserva Biológica Santa Lúcia, do lado da estrada Fundão-Santa Teresa, *L. Kollmann et al. 3760*, 30/V/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Santo Antônio, Terreno do Boza, alt. 850 m, *L. Kollmann et al. 2342*, 31/III/1999 (MBML, RB, UEC).

## 10.38 *Ocotea* sp. 8

Arvoretas dióicas, até 7 m. Catáfilos pilosos. Râmulos delgados, cilíndricos, densamente pilosos. Folhas alternas; lâmina  $3.2 - 6.3 \times 1.1 - 2.3 \text{ cm}$ , elíptica a subobovada; ápice longo-acuminado; base atenuada, cuneada; face adaxial glabra, nervura central sulcada, nervuras laterais impressas, reticulação laxa, promínula, face abaxial glabrescente, densamente papilosa, nervura central saliente, nervuras laterais 2 – 4 pares, salientes, reticulação laxa, saliente; domácias barbeladas na axila das nervuras. Pecíolo 0,5 - 1,0 cm, glabrescente, canaliculado, fino. Inflorescências, até 5 cm, apicais, ou subapicais, na axila de brácteas foliáceas, racemosas, pilosas, paucifloras, no máximo 6 flores por inflorescência; pedúnculo até 1,5 cm. Flores masculinas esparsoadpresso-pubérulas; hipanto subnulo, internamente denso-tomentoso; tépalas glabrescentes, estreito-ovadas, ou oblongo-ovadas, ápice agudo; filetes dos estames dos verticilos I e II mais longos que as anteras, pilosos na base, anteras quadráticas, pontuado-glandulosas, ápice truncado, filetes dos estames do verticilo III como nos verticilos anteriores, anteras estreito-retângulres, ápice truncado; estaminódios do verticilo IV e pistilódio ausentes; flores femininas glabrescentes, tricomas curtos e adpressos, estaminódios semelhantes aos das flores masculinas apenas reduzidos; ovário globoso, estilete aprox. ½ do comp. do ovário, robusto, estigma discóide. Frutos não vistos.

Nome popular: desconhecidos.

Distribuição geográfica e ecologia: Espírito Santo; Santa Teresa.

Fenologia: Floração em outubro e novembro.

Usos: desconhecido.

Material examinado: ES: Santa Maria de Jetibá, Belém, ter. de Paulo Seick, L. Kollmann et al. 7097, 17/X/2004 (MBML); Santa Teresa, Penha, Fazenda Tabajaras, W. Pizziolo 242, 25/XI/1985 (MBML, RB).

## 10.39 *Ocotea* sp. 9

Árvores dióicas, até 18 m. Catáfilos densamente estrigosos, tricomas acinzentados. Râmulos angulosos, frequentemente amarelados, adpresso-pubérulos a glabrescentes. Folhas alternas a subopostas; lâmina 7,1 – 24,0 x 3,9 – 9,8 cm, elíptica, cartácea; ápice curto a longo-acuminado; base cuneada; face adaxial glabra, nítida, nervura central plana a subsulcada, nervuras laterais planas, reticulação sublaxa, plana, inconspícua; face abaxial densamente adpresso-pubérula, nervura central saliente, nervuras laterais 7 – 8 pares, salientes, reticulação subdensa, promínula. Pecíolo 1,0 – 2,1 cm, esparsamente adpresso-pubérulo a glabrescente.

Inflorescências axilares, subterminais, adpresso-pubérulas, mais curtas a pouco mais longas que as folhas, paucifloras a submultifloras. Flores masculinas 3 – 4 mm de diâmetro; hipanto externa e internamente tomentoso; tépalas externa e internamente esparso-tomentosas, ovadas, ápice agudo; filetes dos estames dos verticilos I e II pouco menores que as anteras, tomentosos, anteras quadráticas, ápice emarginado; filetes dos estames do verticilo III como nos verticilos anteriores, anteras quadráticas a sub-retangulares, ápice obtuso; estaminódios do verticilo IV ausentes; pistilódio glabro, estipitiforme, estigma discóide; flores femininas de pistilo glabro, ovário globoso-elipsóide, estilete curto, robusto, estigma discóide. Frutos imaturos ca. 1 x 1 cm, globosos, com remanescente de estigma; cúpula trompetiforme, rasa, rugosa, coriácea, lenticelada, com remanescentes de tépalas; pedicelo engrossado.

Nome popular: desconhecido.

Distribuição geográfica e ecologia: Espírito Santo; Santa Teresa.

Fenologia: Flores em janeiro e fevereiro; frutos em abril e maio.

Usos: desconhecido.

Material examinado: ES: Santa Maria de Jetibá, Rio Nove, terreno de L. Kollmann, alt. 850 m, L. Kollmann et al. 2466, 13/IV/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, cabeceira do rio Bonito, Radar, alt. 950 m, L. Kollmann & E. Bausen 5420, 31/II/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Dois pinheiros, terreno do Banestes, alt. 650 m. L. Kollmann et al. 1769, 02/II/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada para Goiapaba-açu, parte final, R. R. Vervloet & E. Bausen 2154, 08/IV/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, trilha da cachoeira, R. R. Vervloet et al. 263, 15/V/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada de Alto Goiapaba-açu, alt. 850 m, L. Kollmann & E. Bausen 5310, 10/I/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Country Club, alt. 750 m, L. Kollmann et al. 2001, 22/II/1999 (MBML, RB, UEC); idem, W. P. Lopes et al. 663, 06/V/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Reserva biológica de São Lourenço, trilha do Caravagem, alt. 750 m, L. Kollmann et al. 1804, 03/II/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Santo Antônio, terreno do Boza, alt. 750 m, L. Kollmann et al. 1861, 09/II/1999 (MBML, RB, UEC).

Espécie nova a ser descrita pelo Dr. A. Quinet e Dr. J. B. Baitello (aquinet@jbrj.gov.br; baitello@if.sp.gov.br).

#### 11. Persea Mill., Gard. Dict. ed. 4. 1754.

Árvores ou arbustos. Folhas simples, alternas a subopostas, cartáceas a coriáceas, sem papilas na epiderme abaxial, peninérveas. Pecíolo curto e dilatado. Inflorescências tirso-paniculadas, multifloras, subterminais ou axilares. Flores bissexuadas, sésseis a subsésseis ou pediceladas; hipanto curto, achatado; tépalas (6) subiguais a desiguais, as externas menores que as internas, as bases podendo se apresentar sutilmente unidas, androceu com 9 ou 6 estames férteis; estames dos verticilos I, II e III com filetes maiores que as anteras, bi ou tetralocelares, locelos superiores bem desenvolvidos ou vestigiais e inferiores sempre bem desenvolvidos; estames dos verticilos I e II introrsos ou com os locelos inferiores latrorsos; estames do verticilo III extrorsos ou com os locelos inferiores latrorsos, ou estéreis, com um par de glândulas estipitadas ou subsésseis na base; estaminódios do verticilo IV, sagitados, com ou sem um tufo de tricomas terminais, sempre menores que os outros estames; pistilo pubescente ou glabro, ovário globoso, subgloboso ou elipsóide, estilete alongado, maior que o ovário. **Frutos** com formas e tamanhos variados, sendo geralmente globosos a piriformes; cúpula com tépalas geralmente persistentes, quando persistentes, tépalas patentes ou reflexas. (Baitello, 2003; Moraes & Oliveira, 2007).

Gênero com cerca de 200 espécies na América tropical e subtropical e Ásia, ausente na África e Austrália. Kopp (1966) na última revisão das espécies americanas de *Persea* dividiu o gênero em dois subgêneros: *Persea* – com tépalas iguais, decíduas no fruto, anteras tetralocelares e glândulas do verticilo III estipitadas; e *Eriodaphne* – com tépalas desiguais, persistentes no fruto, anteras tetralocelares ou raro somente verticilo III com anteras bilocelares ou, mais raramente, com todos os verticilos bilocelares, e glândulas basais do verticilo III sésseis. No Brasil, as 19 espécies conhecidas pertencem ao subgênero *Eriodaphne*. Para o estado do Espírito Santo são reconhecidas 4 espécies, a partir dos materiais acessados.

## CHAVE DAS ESPÉCIES DE PERSEA

1. Tricomas da face abaxial das folhas eretos.
2. Tricomas ferrugíneo-vilosos
2. Tricomas amarelo-acinzentados, subvilosos
1. Tricomas da face abaxial das folhas adpressos.
3. Face abaxial glabrescente, tricomas principalmente sobre as nervuras,
curtos
3. Face abaxial tomentosa, tricomas distribuídos por toda a folha.
4. Folhas lanceoladas, até 4 vezes mais longas que largas,
ápice agudo-arredondado
<b>4.</b> Folhas elípticas até 3 vezes mais longas que largas, ápice acuminado

#### 11.1 *Persea alba* Nees & Mart., Linnaea 8: 51, 1833.

Árvores até 12 m. Catáfilos densamente tomentosos. Râmulos delgados, angulosos, densamente castanho-seríceos. Folhas alternas; lâmina 5,0 - 13,0 x 1,0 - 3,0 cm, cartácea, linear-lanceolada, linear-elíptica ou linear-oblonga; ápice agudo a subacuminado, ou subobtuso, às vezes apiculado; base cuneada; face adaxial opaca, serícea a glabrescente, tricomas esparsos sobre a nervura central, nervura central sulcada a impressa, nervuras laterais subsulcadas, reticulação densa, sulcada; face abaxial esbranquiçada, densamente serícea a glabrescente, nervura central fortemente saliente, nervuras laterais 6 – 13 pares, promínulas, reticulação plana, inconspícua. Pecíolo 0,7 - 2,0 cm, canaliculado, claro-seríceo-tomentoso a glabro. **Inflorescências** axilares, paniculadas, paucifloras, pardo-seríceo-tomentosas, pouco mais longas que as folhas; pedúnculo 3,0 - 7,0 cm. Flores bissexuadas, até 8,0 mm compr., seríceas, subsésseis; hipanto subnulo, seríceo internamente; tépalas externas ca. 3.0 - 5.0 mm, ovadas, glabras ou glabrescentes na face interna; tépalas internas ca. 4.0 - 6.0 mm, estreito-ovadas a lanceoladas, subseríceas, tricomas da margem suberetos; estames dos verticilos I e II tetralocelares, introrsos, anteras estreito-oblongo-ovadas, 1.5 - 1.8 mm, filetes 2.0 - 3.0 mm, pilosos no dorso, glabrescentes no ventre; estames do verticilo III tetralocelares, lateral-extrorsos, anteras estreito-retangulares, 1,0 - 1,5 mm, filetes 2,0 - 3,0 mm, pilosos no ventre, glabros no dorso; estaminódios do verticilo IV sagitados, ápice agudo, pilosos; pistilo glabro, ca. 3,5 mm, ovário subgloboso, estilete fino e longo, estigma subdiscóide. Frutos (Baitello, 2003) 1,2 – 1,8 x 0,8 – 1,1 cm, globoso-elípticos, assentados sobre pedicelos curtos, ca. 5,0 mm, claroseríceos, coroados pelas tépalas persistentes, mas logo decíduas, perdendo a metade superior.

Nome popular: canela.

Distribuição geográfica e ecologia: ocorre nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil. Em matas de galeria e na floresta atlântica (Baitello, 2003).

Fenologia: floresce de dezembro a abril; frutifica de outubro a janeiro (Baitello, 2003).

Usos: desconhecido.

Material examinado: Espírito Santo: Santa Maria de Jetibá, Rio das Pedras, terreno de Paulo Kuzanki (área 2), alt. 700 m, *L. Kollmann et al.* 5934, 20/I/2003 (MBML, RB, UEC).

Material adicional selecionado: Rio de Janeiro: local não indicado, *A.F.M. Glaziou 3096*, s.d., (foto em BR-876458, 876702). Estado não indicado: local não indicado, *A.F.M. Glaziou 820*, s.d. (foto em BR-876669); idem, *A.F.M. Glaziou 22043*, s.d. (foto em BR-876425).

## 11.2 Persea caesia Meisn., Prodr. (DC) 15(1): 44 (1864).

Árvores até 18 m. Catáfilos pubérulos, tricomas ondulados, ascendentes. Râmulos cilíndricos, esparsamente estrigulosos. Folhas alternas; lâmina 11,5 – 26,0 x 5,3 – 12,0 cm, cartácea, elíptica; ápice acuminado; base cuneada; face adaxial glabra, nítida, nervuras central e laterais ligeiramente impressas, reticulação densa, plana, inconspícuas; face abaxial densamente estrigosa, nervura central saliente, nervuras laterais 6 - 10 pares, salientes, nervuras interlaterais conspícuas, reticulação densa, plana. Pecíolo 2,7 – 5,2 cm, canaliculado, delgado, esparso-estrigoso. **Inflorescências** axilares, paniculadas, multifloras, menores que as folhas, ca. 9.3 cm compr.; pedúnculo ausente. Flores bissexuadas, 6.0 - 8.0mm compr.; pedicelos 1,0 - 2,0 mm, denso-estrigosos, tricomas castanhos; hipanto subnulo, densamente tomentoso; tépalas externas 1,5 x 3,0 mm, largo-ovadas, densamente castanho-estrigosas externamente, glabras internamente; tépalas internas 5,5 – 6,0 mm compr., oblongo-ovadas, castanhoestrigosas externamente, pilosas internamente, tricomas retos, adpressos; estames dos verticilos I e II tetralocelares, introrsos, anteras estreito-ovadas, ápice obtuso-arredondado, filetes densamente tomentosos; estames do verticilo III estaminodiais, tomentosos, biglandulares, glândulas subsésseis; estaminódios do verticilo IV estreito-sagitados; pistilo esparso-piloso, ovário globoso, estilete delgado, estigma triangular-peltado. Frutos  $1,2-1,4 \times 1,2-1,6$  cm, globosos; cúpula  $0,5-0,9 \times 0,3-0,5$  cm, engrossada, estrigosas, tépalas persistentes; pedicelo 0,6 – 1,1 cm, cilíndrico, estrigoso.

Nome popular: canela.

Distribuição geográfica e ecologia: no sudeste do Brasil, na floresta atlântica (Kopp, 1966).

Fenologia: floresce de dezembro a janeiro, e em maio; frutificação de fevereiro a maio.

Usos: desconhecido.

Material examinado: Espírito Santo: Santa Maria de Jetibá, Belém, terreno de Paulo Seik, alt. 700 m, *L. Kollmann et al. 5877*, 17/XII/2002 (MBML, RB, UEC); idem, *L. Kollmann et al. 5892*, 14/I/2003 (MBML, RB, UEC); idem, *L. Kollmann & M. V. S. Berger 6056*, 18/III/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada para Goiapaba-açu, parte final, alt. 810 m, *R. R. Vervloet & E. Bausen 1615*, 07/I/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, linha de divisa, lado esquerdo, seguindo córrego, *R. R. Vervloet & E. Bausen 2018*, 20/III/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, linha de divisa, lado esquerdo da casa de pedra, *R. R. Vervloet & E. Bausen 2077*, 27/III/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, marco 53, Goiapaba-açu, linha da divisa, *R. R. Vervloet et al. 2124*, 03/IV/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Trilha da Cachoeira, partindo da nova sede, *R. R. Vervloet & E. Bausen 1966*, 11/III/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Trilha da Divisa, saída para Goiapaba-Açu, lado esquerdo, *R. R. Vervloet et al. 1872*, 20/II/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova

Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Trilha da Educação Ambiental, *R. R. Vervloet et al.* 1797, 12/II/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Santo Antônio, terreno do Boza, *L. Kollmann et al.* 3797, 31/V/2001 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, Reserva Biológica de Santa Lúcia, Trilha do Sagui, alt. 750 m, *L. Kollmann et al.* 2301, 30/III/1999 (MBML, RB, UEC).

11.3 Persea major (Meisn.) L.E. Kopp, Mem. New York Bot. Gard. 14(1): 37. 1966

*Persea pyrifolia var. β major* Meisn., in DC. Prodr. 15(1): 49. 1864.

Árvores até 25m. Catáfilos tomentosos. Râmulos delgados, castanho-estrigosos. Folhas alternas a subopostas; lâmina 5,0 – 17,5 x 3,0 – 8,0 cm, cartácea a coriácea, elíptica, oblongo-elíptica a obovada; ápice agudo, obtuso a arredondado; base arredondada, truncada, ou cordada; face adaxial glabrescente, ou glabra, nítida, nervuras central e laterais impressas, reticulação densa, saliente; face abaxial com tricomas longos, finos, ascendentes a eretos, esparsos, nervura central saliente, nervuras laterais 6 – 11 pares salientes, tanto a nervura central quanto as nervuras laterais escuras na base e mais claras na margem. Pecíolo 1,5 – 4,0 cm longo, tomentoso a esparso-curto-tomentoso ou glabrescente. Inflorescências axilares, paniculadas, mais curtas que as folhas; pedúnculo 4,0 – 11,0 cm, esparsoferrugíneo-tomentoso. Flores (Kopp, 1966) bissexuadas, (5-) 7 – 8 mm de comp.; tépalas externas 1,8 - 2,7 mm de comp., 1,6 - 2,2 mm de largura, lanosas externamente, glabras internamente, tépalas internas (4,5-) 5,5 – 7,5 mm de comp., 2 – 2,5 mm de largura, oblongo-elípticas, lanosas em ambas as faces; estames ca. 4,5 mm de comp., anteras ca. 1 mm de comp., filetes ca. 3,5 mm, filetes dos verticilos I e II lanosos, anteras oblongas a oblongo-ovadas, tetralocelares; filetes do verticilo III lanosos, biglandulosos, anteras oblongas, tetralocelares, predominantemente latrorsas, às vezes locelos superiores latrorsos e inferiores extrosos; estaminódios do verticilo IV sagitados, lanosos; pistilo glabro, ovário subgloboso, estilete ca. 2.2 – 3 mm de comp., estigma peltado, decorrente. Frutos 1,2 – 1,4 x 1,3 – 1,6 cm, globosos, atros ou arroxeados, tépalas bastante persistentes; pedicelo obcônico, 0,5 – 1,0 cm, denso-estriguloso ou glabrescente.

Nome popular: abacate-do-mato, abacate-bravo, canela-rosa, canela sants, massaranduba (Kopp, 1966). Distribuição geográfica e ecologia: Região Sudeste, ca. 800 m alt. (Kopp, 1966).

Fenologia: flores em novembro-dezembro; frutos em junho e setembro.

Usos: desconhecido.

Material examinado: Espírito Santo: Santa Teresa, Pedra Alegre (torre de telefone), *V. Demuner et al.* 1183, 20/VI/2000 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Santa Teresa, Dois Pinheiros, mata do Banestes,

alt. 650 m, L. Kollmann et al. 2642, 22/VI/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, Trilha Indaiá-açu, R.R. Vervloet et al. 915, 18/II/2002 (MBML, RB, UEC). Material adicional examinado: Estado não indicado: Formiga, J.E. Pohl 438a, s.d. (foto em NY-355847; isossíntipo de *Persea pyrifolia* Nees & Mart. var. *major* Meisn. e lectótipo de *Persea major* (Mesin.) L.E. Kopp).

#### 11.4 Persea rufotomentosa Nees & Mart., Syst. Laurin. 153. 1836.

Árvores até 12m. Catáfilos densamente lanosos. Râmulos angulosos, com densos tricomas ferrugíneos, eretos e ondulados. Folhas alternas,  $\pm$  congestas; lâmina  $11.0 - 21 \times 3.0 - 8.5 \text{ cm}$ , coriácea, lanceolado-elíptica a oblongo-elíptica; ápice curto-acuminado; base cuneada; face adaxial glabrescente, nítida, levemente bulada, nervuras principal e laterais impressas, nervuras interlaterais ± conspícuas, reticulação densa, plana; face abaxial com densos tricomas ferrugíneos, eretos e ondulados, nervura central saliente, nervuras laterais 7 - 11 pares, salientes, reticulação densa, promínula, encoberta pelos tricomas. Pecíolo 2,5 - 5,0 cm longo, estriado, com indumento semelhante ao dos râmulos. Inflorescências axilares, subterminais, multifloras, tirsóideas, subsésseis a sésseis, ca. ½ - ¾ do compr. das folhas; pedúnculo 0.5 - 1.25 cm compr., rufo-lanoso. Flores bissexuadas, 5.0 - 7.0 mm; pedicelos 3,0 mm; hipanto subnulo, densamente viloso; tépalas externas 2,0 mm compr., largo-ovadas, rufo-lanosas externamente, glabras internamente; tépalas internas 4,0 - 5,5 mm compr., elípticas, densamente rufo-lanosas na face externa, esparsamente rufo-lanosas na face interna; estames dos verticilos I e II tetralocelares, introrsos, anteras largo-oblongas a ovadas, filetes esparso-lanosos; estames do verticilo III bi ou tetralocelares, com os locelos superiores laterais e os inferiores extrorsos, filetes esparso-lanosos, com par de glândulas subsésseis; estaminódios do verticilo IV largo-sagitados, densamente lanosos; pistilo glabro ou ocasionalmente com poucos tricomas lanados, ovário globoso, estilete curto, estigma peltado. Frutos (Kopp, 1966) globosos e apiculados, tépalas persistentes e patentes; pedicelos ca. 5,0 mm compr..

Nome popular: canela.

Distribuição geográfica e ecologia: Minas Gerais, Rio de Janeiro (Kopp, 1966) e Espírito Santo.

Fenologia: floresce de janeiro a março, e em agosto.

Usos: desconhecido.

Material examinado: Espírito Santo: Santa Maria de Jetibá, Rio Nove, terreno de L. Kollmann, alt. 850 m, L. Kollmann & E. Bausen 1628, 20/I/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, linha de divisa, lado esquerdo da casa de pedra, R. R. Vervloet & E. Bausen 2081, 27/III/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Reserva Biológica Augusto Ruschi, primeira divisa à esquerda, alt. 850 m, L.

Kollmann & E. Bausen 5211, 08/I/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valão de São Lourenço, Estação Biológica da Caixa D´Água, H.Q.B Fernandes & E. Bausen 2409, 9/III/1988 (MBML, MO, SPSF).

Material adicional selecionado: Minas Gerais: "Montanis Serro Frio, in sylvis capões et in Tabuleiro", *C.F.P. von Martius s.n.*, s.d. (F Neg. No. 6582; holótipo). Estado não indicado: local não indicado, *A.F.M. Glaziou 19779*, s.d. (foto em BR-868614).

## 11.5 *Persea* sp. 1

Árvores até 13 m. Catáfilos estrigosos. Râmulos angulosos, esparso-estrigulosos, rubrescentes. Folhas alternas a subverticiladas; lâmina  $6.1 - 12.5 \times 1.2 - 4.7 \text{ cm}$ , elíptica a subobovada, subcoriácea; ápice curto-acuminado; base cuneada; face adaxial glabra, nítida, nervura central sulcada, nervuras laterais promínulas, reticulação densa, saliente; face abaxial esparso-estrigosa a glabrescente, freqüentemente avermelhada, papilosa, nervura central saliente, nervuras laterais 7 - 8 pares, salientes, reticulação densa, saliente. Pecíolo 1.0 - 2.7 cm, esparso-puberulento a glabro, canaliculado. Inflorescências laterais. Flores não vistas. Frutos imaturos  $1.1 - 1.3 \times 1.3 - 1.4$  cm, globosos; cúpula obcônica, rasa, tépalas persistentes; pedicelo engrossado.

Nome popular: desconhecido.

Distribuição geográfica e ecologia: Espírito Santo; Santa Teresa.

Fenologia: Frutos em janeiro, abril, julho e setembro.

Usos: desconhecido.

Material examinado: ES: Santa Teresa, Estação biológica de Santa Lúcia, Trilha do Palmiteiro, *V. Demuner et al. 64*, 30/IX/1999 (MBML, RB, UEC); idem, *V. Demuner & E. Bausen 627*, 27/I/2000 (MBML, RB, UEC); idem, *V. Demuner et al. 74*, 30/IX/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Estação biológica de Santa Lúcia, Trilha do Sagüi, subida para A3 demarcada p/ Luciana, *V. Demuner et al. 19*, 22/IX/1999 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, Goiapaba-açu, linha da divisa, marco 53 a 55, *R. R. Vervloet & E. Bausen 2172*, 09/IV/2003 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Penha, Sítio do Zurlo, alt. 800 m, *L. Kollmann et al. 203*, 09/VII/1998 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Valsugana Velha, estação Biológica de Santa Lúcia, 19'58'S, 40'32'W. 700 – 850 m/s.m, encosta à margem esquerda do rio Timbuí, *H. Q. Boudet Fernandes et al. 2877*, 31/IX/1989 (MBML, RB, SPSF, UEC).

## 12. Phyllostemonodaphne Kosterm., Recueil Trav. Bot. Néerl. 33: 754. 1936.

Árvores. Folhas alternas, peninérveas, sem papilas na face abaxial das folhas. Inflorescências botrióides, paucifloras. Flores bissexuadas, trimeras; hipanto urceolado, não comprimido abaixo das tépalas; tépalas 9, eretas, esparso-glandulosas, as mais internas de origem estaminodial. Androceu com 6 estames férteis, filetes tão longos ou pouco maiores que as anteras, pouco mais delgados que as anteras, todos providos de par de

glândulas, anteras bilocelares: I verticilo estaminodial transformada no verticilo mais interno de tépalas; II verticilo com 3 estames, anteras introrsas, III verticilo com 3 estames, par de glândulas na base dos filetes, reduzidos, nunca fusionados, anteras extrorsas; IV verticilo estaminodial presente, reduzido, com 3 estaminódios, ou ausente. **Frutos** bacáceos, sobre cúpula rasa, de margem dupla, tépalas persistentes (Rohwer, 1988, 1993a).

Phyllostemonodaphne é um gênero monotípico representado por P. geminiflora (Mez) Kosterm.. Ocorre nos Estados de Minas Gerais, Espírito Santo e principalmente no Rio de Janeiro na Floresta Pluvial Atlântica (Rohwer, 1988).

12.1 Phyllostemonodaphne geminiflora (Mez) Kosterm., Recueil Trav. Bot. Néerl. 33: 754. 1936.

Acrodiclidium geminiflorum Mez, Jahrb. Königl. Bot. Gart. Berlin 5:84. 1889.

Árvores até 11 m. Catáfilos estrigosos. Râmulos estrigulosos no ápice, tornando-se glabros, mais ou menos angulosos no ápice, com pequenos sulcos longitudinais, lenticelados. Folhas alternas; lâmina 6,7 – 10,1 x 2,6 – 3,6 cm, elíptica, cartácea; ápice obtuso-acuminado; base aguda ou atenuada; face adaxial glabra, nervura central subimpressa ou promínula, obscura, nervuras laterais planas, tênues, reticulação densa, plana; face abaxial glabrescente, tricomas retos, adpressos, nítida, nervura central saliente, obscura, nervuras laterais 6 - 9 pares, salientes, reticulação densa, saliente. Pecíolo 0,5 - 0,7 cm, esparso-estrigoso, subcanaliculado, enegrecido. **Inflorescências** axilares, ou inseridas abaixo de um botão vegetativo, glabrescentes, 2 - 3 cm com 3 a 5 flores; pedúnculo 0,8 - 1,8 cm. Flores bissexuadas, 3-4 mm diâm; pedicelo 7 – 9 mm, glabrescente; hipanto internamente glabro; tépalas 9, glabras, ou com raros tricomas na face externa, tricomas muito curtos, adpressos, largo-ovadas, ápice agudo, as 3 mais internas de origem estaminodial, também largo-ovadas, com raros tricomas esparsos, esparso-glandulosas; estames férteis 6, bilocelados, filetes largos, glabros, com aproximadamente o mesmo comprimento das anteras, todos com glândulas, anteras mais ou menos sub-hemisféricas, ou transverso-elípticas, as 3 externas introrsas, as 3 internas extrorsas; pistilo glabro, ovário elíptico, atenuado para o estilete, estilete pouco menor que o ovário, estigma subdiscóide; ovário incluído até a metade no hipanto. Frutos não vistos.

Nome popular: desconhecido

Distribuição geográfica e ecologia: Ocorre nos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo, principalmente na Floresta Pluvial Atlântica (Rohwer, 1988).

Fenologia: Flores em dezembro.

Usos: desconhecido.

Material examinado: ES: Santa Maria de Jetibá, Belém, terreno de Paulo Seik (área 1), alt. 700 m, *L. Kollmann et al.* 5965, 30/I/2003 (MBML, RB); Santa Teresa, Mata do Banestes, *V. Demuner et al.* 422, 27/XII/1999 (MBML, RB, UEC).

Material adicional examinado: Estado não indicado: local não indicado, *Pohl s.n.*, s.d. (foto em BR-868696).

Podem apresentar às vezes estames não desenvolvidos (estéreis); quando presentes, estes são filiformes e tomentosos.

## 13. Rhodostemonodaphne Rohwer & Kubitzki, Bot. Jahrb. Syst. 107: 135. 1985.

Árvores dióicas, de 10 – 30(-45) m. Folhas alternas espiraladas, subopostas, ou subverticiladas; lâminas, geralmente, elípticas, predominantemente eucamptodromas. Inflorescências com eixo determinado e ramos de segunda ordem cimosos. Brácteas e bractéolas na maioria das vezes caducas Flores unissexuadas; hipanto predominantemente conspícuo e obcônico, subnulo em algumas espécies, ou globoso, e freqüentemente constrito na inserção das tépalas; tépalas (6) iguais a subiguais; estames férteis 9; filetes dos verticilos I, II e III curtos a ausentes, anteras dos verticilos I e II orbiculares a ovadas, tetralocelares, locelos introrsos dispostos em arco fechado, ou anteras estreito-elípticas, então somente os locelos superiores introrsos; estames do verticilo III tetralocelares, locelos inferiores extrorsos, na maioria das espécies, locelos superiores extrorsos ou latrorsos estaminódios do verticilo IV geralmente ausentes; pistilódio nas flores masculinas as vezes bem desenvolvidos, mas sem óvulos, mais comumente residual filiforme a ausente; flores femininas, com ovário ovóide ou globoso. Frutos com ou sem tépalas remanescentes na cúpula (Baitello, 2003; Madriñan, 2004).

Gênero proposto por Rohwer & Kubitzki (1985) é restrito à região tropical, que se estende desde a Costa Rica até Brasil e Peru, com 41 espécies, 15 brasileiras, das quais duas ocorrem no estado do Espírito Santo (Madriñan, 2004).

## 13.1 Rhodostemonodaphne macrocalyx (Meisn.) Rohwer ex Madriñán, Fl. Neotr. 92: 46. 2004.

Goeppertia macrocalyx Meisn., in DC. Prodr. 15(1): 147. 1864.

**Árvores** dióicas, até 15 m. **Catáfilos** densamente pilosos. **Râmulos** cilíndricos, amareloesverdeados a nigrescentes. **Folhas** alternas; lâmina 5,0 – 20,0 x 2,0 – 8,0 cm, cartácea, largo a estreitamente elíptica, raro ovada ou obovada; ápice acuminado, agudo ou arredondado; base aguda a cuneada; face adaxial nítida, esparso-pilosa a glabrescente, indumento mais denso sobre as nervuras maiores, nervuras central e laterais impressas ou salientes, reticulação densa, saliente; face abaxial papilosa, denso a esparsamente pilosa, nervura central robusta, nervuras laterais 4 – 9 pares, salientes, arqueadas, reticulação densa, fortemente saliente; margem plana. Pecíolo 1,1 – 3,0 x 0,14 – 0,24 cm, delgado, achatado adaxialmente, amarelo-piloso a glabrescente. **Inflorescências** axilares, paniculadas, divaricadas, multifloras, verde-amareladas ou cinza-esverdeadas, pilosas. **Flores** masculinas 4,0 x 3,0 mm, curto-pilosas; pedicelo 2,0 – 5,6 x 0,8 mm; hipanto obcônico, internamente velutino; tépalas patentes, elípticas a ovadas, ápice subagudo, face interna tomentosa; filetes dos estames dos verticilos I e II mais largos e pouco mais longos que as anteras, velutinos, anteras glabras, rosadas a avermelhadas, estreito-elípticas ou estreito-ovadas, curvadas para dentro, ápice obtuso a truncado; filetes dos estames do verticilo III como nos verticilos anteriores, anteras oblongas, ligeiramente curvadas para fora, colunares, locelos inferiores extrorsos, os superiores latrorsos, glândulas basais volumosas, pediceladas; estaminódios do verticilo IV e pistilódio ausentes; flores femininas de hipanto profundo, largo, tricomas longos, retos, adpressos; pistilo glabro, ovário globoso-elíptico, estilete curto e robusto, estigma discóide. **Frutos** ca. 2,3 x 1,4 – 1,7 cm, elipsóides; cúpula ca. 5,0 – 13,0 x 5,0 mm, pateriforme; pedicelo ca. 10,0 – 18,0 x 3,0 mm, obcônico, engrossado.

Nome popular: canela-batallia, canela-cedro (Madriñan, 2004).

Distribuição geográfica e ecologia: ocorre da Bahia até o Paraná, na floresta pluvial atlântica de encosta. Distribui-se na planície, ao nível do mar, até 800 m, nas montanhas adjacentes, podendo alcançar 1.500 m na Serra da Mantiqueira (Madriñan, 2004).

Fenologia: floresce de dezembro a abril, e em setembro em populações mais ao norte de sua distribuição; frutifica em abril, junho, julho, agosto, novembro (Madriñan, 2004).

Usos: desconhecido.

Material examinado: Espírito Santo: Santa Teresa, Dois Pinheiros, mata do Banestes, alt. 750 m, *L. Kollmann et al. 155*, 31/VI/1998 (MBML, SPSF, UEC); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, lado esquerdo do Rio Timbuí, *W. Boone et al. 1316*, 12/VII/1989 (MBML, RB, SPSF, UEC); Santa Teresa, Estação Biológica de Santa Lúcia, Trilha do Palmiteiro, *V. Demuner et al. 70*, 30/IX/1999 (MBML, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, estrada da Tracomal, parte final, beira de estrada, *R.R. Vervloet & E. Bausen 172*, 24/IV/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Nova Lombardia, Reserva Biológica Augusto Ruschi, trilha da divisa, estrada para João Neiva, lado direito, *R.R. Vervloet et al. 355*, 11/VI/2002 (MBML, RB, UEC); Santa Teresa, Santo Antônio, terreno do Boza, chapada, alt. 750 m, *L. Kollmann & E. Bausen 1560*, 14/I/1999 (MBML, UEC); idem, *L. Kollmann et al. 1870*, 09/III/1999 (MBML, UEC); idem, *L. Kollmann et al. 2060*, 09/III/1999 (MBML, UEC); idem, *L. Kollmann et al. 2060*, 09/III/1999 (MBML, UEC); idem, *L. Kollmann et al. 2082*, 09/III/1999 (MBML, UEC); Santa Teresa, São Lourenço, Country Club, alt. 750 m, *L. Kollmann et al. 1987*, 22/II/1999 (MBML, UEC); Santa Teresa, Valão de São Lourenço, Mata Fria, terreno de Clério Loss, alt. 750 m, *L. Kollmann et al. 1991*, 23/II/1999 (MBML, RB, UEC); idem, *L. Kollmann et al. 2007*, 23/II/1999 (MBML, UEC).

Material adicional selecionado: Rio de Janeiro: Petrópolis, *A.F.M. Glaziou 822*, 1867 (foto em BR); idem, *A.F.M. Glaziou 12119*, 2/II/1880 (foto em BR); idem, *A.F.M. Glaziou 12128*, 20/IV/1880 (foto em BR); Rio de Janeiro, *A.F.M. Glaziou 824*, 1867 (foto em BR); idem, *A.F.M. Glaziou 1290*, 1867 (foto em BR); Serra de Macaé, *A.F.M. Glaziou 18454*, s.d. (foto em BR). Estado não indicado: local não indicado, *F. Sellow s.n.*, s.d. (foto em B, F Neg No. 3678; holótipo de *Goeppertia? macrocalyx* Meisn. e *Ocotea macrocalyx* (Meisn.) Mez); Bahia: "prope Esperança", *L. Riedel 770*, s.d. (LE, foto em NY-354876).

Ver comentários em Endlicheria paniculata (Spreng.) J. F. Macbr.

## 14. Williamodendron Kubitzki & H. G. Richter, Bot. Jahrb. Syst. 109(1): 50. 1987.

Árvores. Râmulos geralmente com cicatrizes foliares conspícuas. Folhas em geral congestas no ápice dos ramos, largas, obovadas, as vezes elípticas e com pecíolos longos. Inflorescências axilares, piramidais, paniculadas. Flores bissexuadas; tépalas (6) desiguais a subiguais, tépalas externas maiores ou menores que as internas; estames 3, 4-locelados, opostos às tépalas externas, locelos dispostos na porção apical das anteras aplanadas, estaminódios 3, alternos aos estames; ovário glabro, elípsóide, piramidal. Frutos drupáceos, globosos, tépalas geralmente persistentes (Kubitzki & Richter, 1987; van der Werff, 1987, 1991).

O gênero é composto por 3 espécies. É encontrado na Costa Rica, norte da Colômbia e Brasil na Amazônia e Mata Atlântica (van der Werff, 1991).

#### 14.1 Williamodendron cinnamomeum van der Werff, Novon 1: 6. 1991.

**Árvores** até 20 m. **Râmulos** subcilíndricos. **Folhas** agrupadas no ápice dos râmulos, ou alternas; lâmina 6,5 – 28 x 2,6 – 11,4 cm; obovada, cartácea; ápice agudo-arredondado; base cuneada ou atenuada; face adaxial nítida, glabra, ou glabrescente, tricomas eretos principalmente sobre a nervura central, nervura central sulcada, nervuras laterais, planas a impressas, reticulação saliente; face abaxial geralmente castanho-clara, densamente pilosa, tricomas eretos e ondulados, nervura central fortemente saliente, nervuras laterais 9 – 13 pares, salientes, reticulação densa, saliente. Pecíolo 2 – 5 cm, plano na face adaxial, com indumento semelhante ao dos râmulos. **Inflorescências** axilares, até 5 cm comp., paniculadas, marrom-tomentelas, especialmente próximo da base, as flores dispostas isoladamente ou em cimas ao longo dos râmulos laterais; flores subtendidas por uma bráctea lanceolada, pubescente de ca. 0,7 mm comp., e duas bractéolas, cada com ca. 0,4 mm comp.; pedicelo até 1,4 mm comp., glabro ou glabrescente. **Flores** bissexuadas, glabras, verdes, 1 x 2 mm; tépalas 6, glabras, incurvadas ou quase eretas, largo-ovadas, ca. 1 mm comp., as externas levemente maiores que as internas; estames 3, quadrilocelados, opostos às tépalas mais externas, com os locelos apicais sobre o

ápice achatado das anteras; estaminódios 3, densamente pubescentes, opostos às tépalas mais internas; pistilo em flor jovem com 0,7 mm comp., ovário glabro, depresso-globoso, estilete curto; hipanto pubescente internamente. **Frutos** ca. 3 x 3 cm, drupas, ± globosos, com tépalas diminutas persistentes na base, mas não formando uma cúpula distinta.

Nome popular: Canela-limão, Tapinhoã.

Distribuição geográfica e ecologia: ES: Restrito ao município de Santa Teresa.

Fenologia: flores em março; frutos em outubro

Usos: desconhecido.

Material examinado: Espírito Santo: Santa Teresa, Penha, propriedade do Senhor Alberto Shepa, *H.Q.B. Fernandes & E. Bausen 2392*, 2/III/1988 (MBML, MO, holótipo); Santa Teresa, Santa Lúcia (propriedade de Pedro Coli), *H.Q.B. Fernandes & E. Bausen 2399*, 7/III/1988 (MBML, MO, parátipo); idem, *H.Q.B. Fernandes & E. Bausen 2401*, 7/III/1988 (MBML, parátipo); Santa Teresa, Valsugana Velha, Estação Biológica de Santa Lúcia, *H.Q.B. Fernandes 2600*, 6/10/1988 (MBML, MO, SPSF; parátipo); Santa Teresa, Valsugana Velha, Estação Biológica de Santa Lúcia, *H.Q.B. Fernandes et al. 2601*, 6/10/1988 (MBML, MO; parátipo); Santa Teresa, Valsugana Velha, Santa Lúcia, 19°58'S, 40°32'W, alt. 550-800 m, floresta pluvial baixo-montana, bacia do rio Timbuí, *H.Q.B. Fernandes et al. 3038*, 12/XI/1990 (MBML, MO).

Williamodendron cinnamomeum diferencia-se de Mezilaurus aff. itauba pelos muitos tricomas eretos e ondulados na face abaxial das folhas enquanto que em M. aff. itauba os tricomas são poucos, curtos, retos e adpressos.

No fim da estação seca, as árvores de *Williamodendron* estão totalmente sem folhas. As folhas começam a rebrotar no começo da estação chuvosa.

# Índice dos coletores

163 Cinnamomum sp. 1

Assis, André Moreira de	Demuner (cont.)
900 Ocotea catharinensis	171 Ocotea glaziovii
700 Ocotca catharmensis	171 Octobea graziovii 173 Licaria sp. 1
Bausen, Elias	191 Ocotea aciphylla
17 Nectandra oppositifolia	192 Ocotea brachybotra
23 Ocotea polyantha	194 Ocotea elegans
28 Cryptocarya velloziana	195 Ocotea divaricata
68 Endlicheria paniculata	221 Ocotea catharinensis
83 Ocotea cryptocarpa	225 Ocotea puberula
94 Beilschmiedia taubertiana	233 Ocotea elegans
125 Endlicheria paniculata	234 Ocotea glaziovii
143 Ocotea elegans	276 Licaria sp. 1
143 Octica cicgans	284 Licaria sp. 1
Berger, ?	307 Ocotea elegans
6044 Ocotea sp. 4	316 Licaria sp. 1
0044 Осоки зр. 4	333 Ocotea catharinensis
Boone, Wilson	334 Ocotea sp. 1
354 Nectandra oppositifolia	422 Phyllostemonodaphne geminiflora
1038 Endlicheria paniculata	434 Licaria sp. 1
1316 Rhodostemonodaphne macrocalyx	444 Endlicheria paniculata
1330 Ocotea sp. 5	510 Ocotea catharinensis
1334 Ocotea cryptocarpa	519 Ocotea spectabilis
1334 Ocolca cryptocarpa	525 Ocotea divaricata
Britto, Rogério	533 Endlicheria paniculata
101 Ocotea daphnifolia	539 Endlicheria paniculata
101 Ocotea dapininona	606 Ocotea aciphylla
Cruz, Thadeu Antônio	627 Persea sp. 1
39 Cinnamomum estrellensis	664 Ocotea sp. 2
3) Chinamoniani estrenensis	757 Ocotea spectabilis
Demuner, Valdir	781 Cryptocarya wiedensis
2 Ocotea aciphylla	791 Ocotea cryptocarpa
5 Ocotea puberula	903 Aniba firmula
6 Ocotea aciphylla	945 Ocotea indecora
11 Ocotea pluridomatiata	964 Licaria bahiana
19 Persea sp. 1	969 Ocotea catharinensis
51 Endlicheria paniculata	1050 Ocotea complicata
53 Ocotea magnilimba	1066 Ocotea sp. 2
55 Cryptocarya velloziana	1091 Ocotea divaricata
63 Ocotea aciphylla	1113 Ocotea aciphylla
64 Persea sp. 1	1149 Cinnamomum riedelianum
69 Ocotea argentea	1167 Ocotea sp. 2
70 Rhodostemonodaphne macrocalyx	1169 Ocotea sp. 2
74 Persea sp. 1	1183 Persea major
154 Licaria sp. 1	1231 Ocotea aff. bicolor
159 Aiouea saligna	1245 Ocotea aciphylla
15) I Houca ballglia	1275 Ocolca acipityita

1245 Ocotea aciphylla 1352 Ocotea aciphylla

## Demuner (cont.)

1376 Cinnamomum riedelianum

1381 Ocotea aciphylla

1385 Ocotea divaricata

1390 Ocotea divaricata

1439 Endlicheria paniculata

1446 Cinnamomum riedelianum

1454 Licaria sp. 1

1464 Ocotea aff. velutina

1489 Licaria sp. 1

1496 Cinnamomum sp. 1

1499 Ocotea catharinensis

1508 Ocotea elegans

1586 Nectandra grandiflora

## Fernandes, Hélio Queiroz Boudet

1649 Ocotea teleiandra

2076 Ocotea cryptocarpa

2068 Ocotea domatiata

2392 Williamodendron cinnamomeum

2399 Williamodendron cinnamomeum

2401 Williamodendron cinnamomeum

2409 Persea rufotomentosa

2418 Cryptocarya aschersoniana

2600 Williamodendron cinnamomeum

2601 Williamodendron cinnamomeum

2602 Cryptocarya aschersoniana

2631 Ocotea indecora

2877 Persea sp. 1

3038 Williamodendron cinnamomeum

3303 Ocotea domatiata

## Fontana, André Paviotti

478 Endlicheria paniculata

## Hoffmann, Wilson Alberto

159 Ocotea magnilimba

179 Endlicheria paniculata

#### Kollmann, Ludovic Jean Charles

59 Ocotea glaziovii

155 Rhodostemonodaphne macrocalyx

182 Ocotea divaricata

203 Persea sp. 1

205 Ocotea catharinensis

210 Ocotea aciphylla

216 Ocotea elegans

220 Ocotea catharinensis

266 Cryptocarya wiedensis

269 Cryptocarva wiedensis

285 Beilschmiedia linharensis

291 Ocotea catharinensis

322 Ocotea lancifolia

#### Kollmann (cont.)

337 Ocotea cryptocarpa

391 Ocotea lancifolia

407 Ocotea cryptocarpa

410 Ocotea catharinensis

424 Ocotea glaziovii

464 Cinnamomum riedelianum

465 Ocotea aciphylla

466 Ocotea elegans

467 Ocotea daphnifolia

468 Ocotea aciphylla

489 Ocotea elegans

573 Ocotea catharinensis

603 Ocotea glaziovii

625 Aniba firmula

695 Ocotea elegans

734 Licaria sp. 1

739 Licaria sp. 1

742 Ocotea glaziovii

756 Ocotea divaricata

809 Licaria sp. 1

813 Ocotea spectabilis

815 Cryptocarya saligna

822 Ocotea spectabilis

829 Ocotea spectabilis

830 Licaria sp. 1

1034 Licaria sp. 1

1070 Ocotea sp. 1

1088 Ocotea aciphylla

1102 Ocotea aciphylla

1104 Ocotea sp. 5

1109 Licaria sp. 1

1115 Beilschmiedia linharensis

1116 Ocotea catharinensis

1171 Ocotea sp. 1

1258 Beilschmiedia linharensis

1280 Ocotea daphnifolia

1285 Ocotea catharinensis

1289 Ocotea catharinensis

1347 Ocotea elegans

1351 Ocotea daphnifolia

1366 Aniba firmula

1387 Cinnamomum glaziovii

1410 Ocotea catharinensis

1416 Ocotea cryptocarpa

1493 Ocotea spectabilis

1500 Ocotea spectabilis

1501 Endlicheria paniculata

1514 Ocotea spectabilis

1540 Nectandra oppositifolia

1547 Ocotea daphnifolia

1551 Ocotea divaricata

1556 Ocotea daphnifolia

Kollmann (cont.) Kollmann (cont.) 1557 Ocotea sp. 1 2192 Ocotea elegans 1560 Rhodostemonodaphne macrocalyx 2193 Ocotea dispersa 1599 Aniba firmula 2194 Ocotea magnilimba 1623 Ocotea cryptocarpa 2201 Aniba firmula 2207 Aniba firmula 1625 Ocotea cryptocarpa 1628 Persea rufotomentosa 2218 Ocotea dispersa 1711 Cinnamomum glaziovii 2232 Cinnamomum estrellensis 1735 Beilschmiedia taubertiana 2234 Cinnamomum glaziovii 2271 Nectandra oppositifolia 1746 Licaria bahiana 2278 Cinnamomum glaziovii 1750 Ocotea silvestris 1762 Cinnamomum estrellensis 2287a Endlicheria paniculata 1769 Ocotea sp. 9 2295 Aniba firmula 1770 Cinnamomum estrellensis 2297 Ocotea venulosa 1781 Cinnamomum estrellensis 2301 Persea caesia 2305 Aniba firmula 1804 Ocotea sp. 9 1822 Ocotea venulosa 2311 Ocotea sp. 5 2312 Ocotea sp. 5 1825 Ocotea daphnifolia 1840 Cryptocarya aschersoniana 2342 Ocotea sp. 7 1861 Ocotea sp. 9 2350 Ocotea pluridomatiata 2354 Ocotea glaziovii 1870 Rhodostemonodaphne macrocalyx 1875 Ocotea venulosa 2393 Beilschmiedia taubertiana 1918 Beilschmiedia linharensis 2394 Beilschmiedia taubertiana 1930 Ocotea complicata 2425 Aniba firmula 1939 Aniba firmula 2466 Ocotea sp. 9 1964 Endlicheria paniculata 2469 Ocotea puberula 1975 Ocotea catharinensis 2475 Ocotea pluridomatiata 1977 Ocotea catharinensis 2452 Ocotea catharinensis 1978 Endlicheria paniculata 2461 Ocotea glaziovii 1987 Rhodostemonodaphne macrocalyx 2464 Cryptocarya wiedensis 1991 Rhodostemonodaphne macrocalyx 2490 Ocotea puberula 2531 Ocotea glaziovii 1993 Endlicheria paniculata 2000 Cinnamomum sp. 2 2544 Ocotea daphnifolia 2001 Ocotea sp. 9 2545 Ocotea glaziovii 2007 Rhodostemonodaphne macrocalyx 2550 Ocotea elegans 2554 Ocotea dispersa 2008 Licaria bahiana 2557 Ocotea sp. 1 2013 Cryptocarya saligna 2030 Endlicheria paniculata 2573 Aiouea saligna 2041 Endlicheria paniculata 2575 Ocotea glaziovii 2045 Ocotea spixiana 2576 Ocotea odorata 2048 Ocotea silvestris 2579 Ocotea divaricata 2056 Ocotea daphnifolia 2581 Ocotea catharinensis 2057 Rhodostemonodaphne macrocalyx 2588 Ocotea catharinensis 2060 Rhodostemonodaphne macrocalyx 2589 Cinnamomum riedelianum 2081 Nectandra oppositifolia 2593 Ocotea catharinensis 2082 Rhodostemonodaphne macrocalyx 2602 Ocotea elegans 2092 Ocotea magnilimba 2624 Ocotea divaricata 2093 Beilschmiedia taubertiana 2633 Ocotea spixiana 2642 Persea major 2149 Ocotea silvestris 2160 Ocotea spixiana 2652 Endlicheria paniculata 2169 Beilschmiedia linharensis 2695 Aiouea laevis 2700 Ocotea aciphylla 2185 Ocotea magnilimba

2188 Ocotea cryptocarpa

2701 Ocotea daphnifolia

Kollmann (cont.) 2705 Ocotea glaziovii 2714 Ocotea aciphylla 2719 Cinnamomum riedelianum 3091 Nectandra oppositifolia 3565 Nectandra membranacea 3746 Endlicheria paniculata 3760 Ocotea sp. 7 3775 Ocotea sp. 3 3791 Nectandra oppositifolia 3797 Persea caesia 3804 Ocotea sp. 3 3805 Ocotea silvestris 3861 Nectandra membranacea 3870 Ocotea glauca 4065 Ocotea longifolia 4169 Ocotea aff. bicolor 4186 Cryptocarya micrantha 4239 Ocotea sp. 6 4245 Ocotea aciphylla 4293 Ocotea longifolia 4361 Endlicheria paniculata 4368 Ocotea puberula 4371 Endlicheria paniculata 4386 Ocotea aff. bicolor 4413 Cryptocarya riedeliana 4476 Ocotea divaricata 4567 Nectandra oppositifolia 4575 Ocotea elegans 4585 Ocotea magnilimba 4607 Ocotea argentea 4628 Ocotea glaziovii 4691 Ocotea divaricata 4693 Nectandra membranacea 4697 Ocotea daphnifolia 4706 Ocotea spixiana 4707 Ocotea domatiata 4762 Nectandra oppositifolia 4768 Ocotea elegans 4804 Ocotea puberula 4835 Licaria sp. 1 4864 Ocotea magnilimba 4880 Nectandra psammophila 4907 Ocotea magnilimba 4923 Ocotea puberula 4939 Licaria sp. 1 4946 Licaria sp. 1

4973 Ocotea magnilimba

4980 Ocotea glaziovii

4998 Ocotea puberula

5028 Ocotea puberula 5067 Ocotea dispersa 5102 Licaria sp. 1

Kollmann (cont.) 5143 Ocotea divaricata 5157 Ocotea aff. bicolor 5177 Licaria sp. 1 5181 Licaria sp. 1 5211 Persea rufotomentosa 5223 Ocotea daphnifolia 5229 Licaria sp. 1 5232 Cinnamomum sp. 2 5250 Endlicheria paniculata 5286 Ocotea nitida 5310 Ocotea sp. 9 5368 Endlicheria paniculata 5385 Endlicheria paniculata 5414 Ocotea sp. 3 5420 Ocotea sp. 9 5501 Endlicheria paniculata 5554 Nectandra psammophila 5574 Ocotea puberula 5638 Ocotea domatiata 5730 Nectandra nitidula 5863 Ocotea nitida 5865 Ocotea daphnifolia 5877 Persea caesia 5892 Persea caesia 5895 Endlicheria paniculata 5906 Endlicheria paniculata 5934 Persea Alba 5965 Phyllostemonodaphne geminiflora 6000 Endlicheria paniculata 6056 Persea caesia 6081 Ocotea sp. 3 6096 Ocotea sp. 4 6149 Nectandra oppositifolia 6153 Ocotea spectabilis 6160 Ocotea nitida 6219 Ocotea glaziovii 6221 Ocotea nitida 6240 Ocotea longifolia 6261 Ocotea spixiana 6290 Ocotea nitida 6778 Ocotea sp. 7 6905 Cinnamomum riedelianum 6925 Cinnamomum riedelianum 7097 Ocotea sp. 8 7279 Endlicheria paniculata 7378 Endlicheria paniculata 8369 Endlicheria paniculata 8429 Endlicheria paniculata 8542 Endlicheria paniculata

#### Lopes, Waldemar

- 607 Aniba firmula
- 621 Ocotea pluridomatiata
- 634 Ocotea sp. 6
- 637 Ocotea sp. 6
- 650 Ocotea catharinensis
- 658 Ocotea glaziovii
- 662 Cinnamomum sp. 2
- 663 Ocotea sp. 9
- 667 Ocotea glaziovii
- 669 Ocotea magnilimba
- 671 Ocotea pluridomatiata
- 676 Cryptocarya velloziana
- 710 Ocotea divaricata
- 711 Ocotea glaziovii
- 738 Ocotea divaricata
- 761 Aniba firmula

#### Pereira, Silvana V.

55 Ocotea odorifera

#### Pizziolo,?

- 201 Ocotea aff. velutina
- 214 Ocotea daphnifolia
- 242 Ocotea sp. 8
- 356 Ocotea catharinensis

#### Rossini, Josiene

- 351 Licaria sp. 1
- 365 Ocotea magnilimba
- 368 Endlicheria paniculata
- 375 Ocotea nitida
- 384 Cinnamomum sp. 2
- 419 Ocotea magnilimba
- 448 Ocotea daphnifolia
- 524 Ocotea odorifera
- 528 Ocotea divaricata

## Saiter, Felipe Zamborlini

- 19 Ocotea cryptocarpa
- 23 Ocotea daphnifolia
- 161 Ocotea cryptocarpa
- 273 Ocotea dispersa
- 299 Ocotea daphnifolia

#### Thomaz, Luciana Dias

- 1148 Ocotea cryptocarpa
- 1149 Ocotea cryptocarpa
- 1150 Ocotea cryptocarpa
- 1154 Ocotea catharinensis
- 1168 Ocotea pluridomatiata
- 1169 Ocotea glaziovii
- 1170 Ocotea venulosa

#### Thomaz, (cont.)

- 1175 Ocotea aff. bicolor
- 1176 Ocotea divaricata
- 1181 Cinnamomum riedelianum
- 1185 Ocotea sp. 3
- 1189 Ocotea magnilimba
- 1193 Ocotea dispersa
- 1195 Ocotea longifolia
- 1201 Ocotea brachybotra
- 1208 Ocotea domatiata
- 1218 Ocotea aff. velutina
- 1237 Ocotea lancifolia
- 1529 Nectandra nitidula
- 1530 Mezilaurus aff. itauba
- 1531 Endlicheria paniculata
- 1571 Mezilaurus aff. itauba
- 1572 Mezilaurus aff. itauba
- 1573? Mezilaurus aff. itauba
- 1772 Ocotea aciphylla
- 1774 Ocotea aciphylla
- 1827 Ocotea daphnifolia

## Vervloet, Roxísio

- 65 Ocotea spixiana
- 166 Ocotea divaricata
- 172 Rhodostemonodaphne macrocalyx
- 199 Beilschmiedia fluminensis
- 247 Cinnamomum sp. 2
- 263 Ocotea sp. 9
- 264 Ocotea puberula
- 273 Ocotea divaricata
- 320 Cinnamomum sp. 2
- 355 Rhodostemonodaphne macrocalyx
- 641 Ocotea divaricata
- 684 Ocotea daphnifolia
- 715 Beilschmiedia fluminensis
- 718 Beilschmiedia fluminensis
- 732 Cryptocarya saligna
- 778 Ocotea sp. 7
- 915 Persea major
- 1005 Ocotea sp. 3
- 1035 Ocotea daphnifolia
- 1060 Licaria sp. 1
- 1160 Ocotea aciphylla
- 1169 Ocotea sp. 4
- 1204 Ocotea sp. 4
- 1265 Licaria sp. 1
- 1280 Ocotea aciphylla
- 1317 Licaria sp. 1
- 1341 Licaria sp. 1
- 1366 Ocotea sp. 3
- 1396 Licaria sp. 1
- 1430 Licaria sp. 1

Vervloet (cont.)

1451 Licaria sp. 1

1520 Ocotea magnilimba

1605 Endlicheria paniculata

1607 Ocotea spectabilis

1615 Persea caesia

1709 Endlicheria paniculata

1737 Ocotea glauca

1743 Ocotea daphnifolia

1767 Ocotea sp. 4

1771 Endlicheria paniculata

1789 Ocotea magnilimba

1794 Ocotea lancifolia

1797 Persea caesia

1810 Ocotea sp. 3

1825 Endlicheria paniculata

1845 Beilschmiedia fluminensis

1872 Persea caesia

1966 Persea caesia

1967 Licaria sp. 1

2016 Beilschmiedia fluminensis

2018 Persea caesia

2077 Persea caesia

2081 Persea rufotomentosa

2085 Nectandra psammophila

2124 Persea caesia

2154 Ocotea sp. 9

2165 Cinnamomum sp. 2

2172 Persea sp. 1

2177 Beilschmiedia fluminensis

2197 Ocotea magnilimba

2258 Ocotea silvestris

2292 Nectandra oppositifolia

2295 Ocotea divaricata

2303 Ocotea sp. 3

2307 Ocotea venulosa

2326 Beilschmiedia fluminensis

2337 Ocotea puberula

2402 Nectandra oppositifolia

2425 Ocotea divaricata

2441 Ocotea spixiana

2467 Ocotea puberula

2506 Ocotea magnilimba

2512 Ocotea puberula

2522 Ocotea magnilimba

2524 Ocotea elegans

2525 Ocotea nitida

1702 Endlicheria paniculata

Vervloet (cont.)

1620 Cinnamomum sp. 2

1702 Endlicheria paniculata

## Lista de materiais coletados em Santa Teresa não examinados neste trabalho

#### Bausen, Elias

13 Beilschmiedia

14 Ocotea divaricata

27 Ocotea divaricata

38 Ocotea spixiana

#### Boone, Wilson

368 Ocotea magnilimba

803 Rhodostemonodaphne macrocalyx

1327 Persea caesia

1335 Ocotea aciphylla

#### Demuner, Valdir

14 Ocotea aciphylla

136 Beilschmiedia

421 Ocotea diospyrifolia

517 Ocotea diospyrifolia

2596 Ocotea divaricata

## Fernandes, Hélio Queiroz Boudet

1404 Ocotea odorifera

2065 Persea caesia

2419 Ocotea spixiana

2423 Ocotea spixiana

2631 Ocotea indecora

2950 Aniba firmula

3046 Persea caesia

3047 Ocotea divaricata

3283 Ocotea diospyrifolia

3287 Rhodostemonodaphne macrocalyx

3296 Ocotea diospyrifolia

#### **Hoffmann**, Wilson Alberto

178 Rhodostemonodaphne macrocalyx

#### **Kollmann.** Ludovic Jean Charles

157 Persea rufotomentosa

194 Beilschmiedia

294 Beilschmiedia

530 Ocotea diospyrifolia

570 Beilschmiedia

604 Endlicheria paniculata

675 Endlicheria paniculata

706 Aniba firmula

## Kollmann, (cont.)

723 Beilschmiedia

768 Endlicheria paniculata

854 Licaria sp. 1

855 Licaria sp. 1

1031 Beilschmiedia

1045 Licaria sp. 1

1080 Endlicheria paniculata

1152 Ocotea indecora

1626 Beilschmiedia

1630 Aniba firmula

2013 Cryptocarya saligna

2076 Beilschmiedia

2260 Ocotea magnilimba

2509 Ocotea diospyrifolia

2696 Beilschmiedia

3404 Rhodostemonodaphne macrocalyx

5649 Beilschmiedia

6750 Ocotea puberula

7183 Ocotea diospyrifolia

7787 Licaria sp. 1

7811 Persea rufotomentosa

7821 Ocotea divaricata

7865 Ocotea aciphylla

8739 Ocotea magnilimba

9043 Nectandra oppositifolia

9072 Ocotea puberula

#### Lopes, Waldemar

661 Ocotea spixiana

#### Pizziolo,?

280 Endlicheria paniculata

335 Ocotea aciphylla

373 Ocotea divaricata

## Rossini, Josiene

451 Ocotea daphnifolia

524 Ocotea odorifera

## Saiter, Felipe Zamborlini

25 Ocotea teleiandra

## Thomaz, Luciana Dias

- 1158 Beilschmiedia
- 1160 Ocotea teleiandra
- 1163 Beilschmiedia
- 1174 Ocotea divaricata
- 1183 Ocotea catharinensis
- 1188 Ocotea spixiana
- 1202 Ocotea spixiana
- 1217 Ocotea teleiandra
- 1246 Beilschmiedia
- 1253 Ocotea daphnifolia
- 1257 Ocotea odorifera
- 1527 Nectandra oppositifolia
- 1528 Persea caesia
- 1532 Ocotea silvestris
- 1533 Ocotea divaricata
- 1540 Ocotea indecora
- 1630 Aniba firmula
- 1773 Ocotea aciphylla
- 1775 Ocotea aciphylla
- 1776 Ocotea aciphylla
- 1777 Ocotea aciphylla
- 1778 Aniba firmula
- 1816 Nectandra oppositifolia

## Vervloet, Roxísio

1870 Beilschmiedia

## Vimercat,?

283 Licaria sp. 1

1534 Ocotea divaricata

# Referências Bibliográficas

- APG II. 2003. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG II. **Botanical Journal of the Linnean Society**, 141: 399-436.
- Baitello, J. B. 2003. Lauraceae. *In*: Wanderley, M. G. L.; Shepherd, G. J.; Giulietti, A. M. & Melhem, T. S. **Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo**. São Paulo: Fapesp: RiMa, v.3. p.149-223.
- Baitello, J. B. & Esteves, R. 2003. Lauraceae. *In*: Wanderley, M. G. L.; Shepherd, G. J.; Giulietti, A. M. & Melhem, T. S. **Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo**. São Paulo: Fapesp: RiMa, v.3. p.149-223.
- Baitello, J. B. & Marcovino, J. R. 2003. Lauraceae. *In*: Wanderley, M. G. L.; Shepherd, G. J.; Giulietti, A. M. & Melhem, T. S. **Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo**. São Paulo: Fapesp: RiMa, v.3. p.149-223.
- Brasil. 1983. Departamento Nacional de Produção Mineral. Projeto RADAM. v. 32. Folhas SF23/24. Rio de Janeiro/Vitória, Rio de Janeiro.
- Brummitt, R.K. & Powell, C.E. 1992. **Authors of Plant Names**. Kew: Royal Botanic Gardens, 732p.
- Chanderbali, A. 2004. Lauraceae: Endlicheria. Flora Neotropica Monograph 91: 1-1143.
- Chanderbali, A.; van der Werff, H & Renner, S. 2001. Phylogeny and historical Biogeography of Lauraceae: Evidence from the chloroplast and nuclear genomes. **Annals of the Missouri Botanical Garden** 88: 104-134.
- Coe-Teixeira, B. 1980. Lauráceas do gênero *Ocotea*, do estado de São Paulo. **Rodriguésia** 32(52): 55-190.
- Conservation International do Brasil; Fundação Biodiversitas; Fundação SOS Mata Atlântica; Instituto de Pesquisas Ecológicas (Ipê); Secretária do Meio Ambiente do Estado de São Paulo & SEMAD/ Instituto Estadual de Florestas MG. 2000. **Avaliação e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da Mata Atlântica e Campos Sulinos**. Brasilia: MMA/SBF. 40p.
- Dean, W. 1996. A ferro e fogo: A história e devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras. 484p.
- Fagetter, C. 1987. Leaf cuticles (phytoglyphs) of selected Lauraceae. *In* Metcalfe, C.R. **Anatomy of the dicotyledons. Magnoliales, Illiciales and Laurales** 2. ed. New York: Oxford University Press. v.3. 224p.

- Fundação SOS Mata Atlântica. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Instituto Socioambiental. 1998. Atlas da evolução dos remanescentes florestais e ecossistemas associados no Domínio da Mata Atlântica no período de 1990-1995. São Paulo.
- Fundação SOS Mata Atlântica & Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). 2002. Atlas da evolução dos remanescentes florestais da Mata Atlântica e ecossistemas associados no Domínio da Mata Atlântica no período de 1995-2000. São Paulo.
- Galindo-Leal, C. & Câmara, I. G. 2005. Status do *hotspot* Mata Atlântica: uma síntese. *In*: Galindo-Leal, C. & Câmara, I. G. **Mata Atlântica biodiversidade, ameaças e perspectivas**. MG: Belo Horizonte: Conservation International. 471p.
- Guedes-Bruni, R. R.; Pessoa, S. V. A. & Kurtz, B. C. 1997. Florística e estrutura do componente arbustivo-arbóreo de um trecho preservado de Floresta Atlântica na Reserva Macaé de Cima. *In*: Lima, H. C. de & Guedes-Bruni, R. R. Serra de Macaé de Cima: Diversidade Florística e Conservação em Mata Atlântica. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, p. 127-146.
- Harris, J.G. & Harris, M.W. 2004. **Plant Identification Terminology: an illustrated glossary**. 2. ed. USA: Spring Lake Publishing. 216p.
- Heo, K.; van der Werff, H.; Tobe, H. 1998. Embryology and relationships of Lauraceae (Laurales) **Botanical Journal of the Linnean Society**, 126: 195-322.
- Hueck, K. 1972. **As florestas da América do Sul. Ecologia, composição e importância econômica**. São Paulo: Polígono, Editora Universidade de Brasília. 466p.
- IBAMA, 2000. Unidades de Conservação. Disponível em http://www.ibama.gov.br Capturado em: 21 de ago de 2002.
- IBGE, 1998. **Censo Agropecuário 1995-1996.** Número 17. Espírito Santo. Rio de Janeiro apud Mendes, S. L. & Padovan, M. P. 2000. A Estação Biológica de Santa Lúcia, Santa Teresa ES. **Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão** (Nova Série) 11/12: 7-34.
- Instituto de Pesquisas da Mata Atlântica (IPEMA). 2005. Conservação da Mata Atlântica no Espírito Santo: Cobertura Florestal e Unidades de Conservação (Programa Centros para a Conservação da Biodiversidade Conservação Internacional do Brasil)/IPEMA. ES: Vitória. IPEMA. 152p.
- Judd, W.S.; Campbell, C.S.; Kellog, E.A.; Stevens, P.F. & Donoghue, M.J. 2009. **Sistemática vegetal: um enfoque filogenético**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed. 632 p.
- Kopp, L.E. 1966. A taxonomic revision of the genus *Persea* in the western hemisphere (Perseae-Lauraceae). **Memoirs of the New York Botanical Garden** 14 (1): 1-120.
- Kostermans, A.J.G.H. 1937. Revision of the Lauraceae II: the genera *Endlicheria*, *Cryptocarya* (american species) and *Licaria*. **Recueil des Travaux Botaniques Néerlandais**. 34(2): 500-609.

- Kostermans, A.J.G.H. 1938. Revision of the Lauraceae III: the genera *Aiouea, Systemonodaphne, Urbanodendron, Mezilaurus*; additions and corrections to *Licaria* and *Cryptocarya*. **Recueil des Travaux Botaniques Néerlandais**. 35(1): 56-129.
- Kostermans, A.J.G.H. 1952. A historical survey of Lauraceae. **Journal of Scientific Research Indonésia** 1: 83-95, 113-127, 141-159.
- Kubitzki, K., Renner, S. 1982. Lauraceae 1: *Aniba* and *Aiouea*. **Flora Neotropica Monograph** 31: 1-125.
- Kubitzki, K. & Richter, H.G. 1987. Williamodendron Kubitzki & Richter, a new genus of neotropical Lauraceae. Botanische Jahrbücher für Pflazengeschichte und Pflanzengeographie 109(1): 49-58.
- Kurtz, B. C. & Araújo, D. S. D. de. 2000. Composição florística e estrutura do estrato arbóreo de um trecho de Mata Atlântica situado na Estação Ecológica Estadual do Paraíso, município de Cachoeiras do Macacu, Rio de Janeiro. **Rodriguésia** 51(78/115): 69-112.
- Kurz, H. 2000. Revision der Gattung *Licaria* (Lauraceae). **Mitteilungen aus dem Institut für allgemeine Botanik in Hamburg** (28/29): 89-221.
- Lordello, A.L.L. & Yoshida, M. 1997. Neolignans from leaves of *Ocotea catharinensis* Mez. **Phytochemistry** 46(4): 741-744 apud Baitello, J. B. 2003. Lauraceae. *In*: Wanderley, M. G. L.; Shepherd, G. J.; Giulietti, A. M. & Melhem, T. S. **Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo**. São Paulo: Fapesp: RiMa, v.3. p.149-223.
- Lorea-Hernández, F. G. 1996. A systematic revision of the Neotropical species of *Cinnamomum* Schaeffer (Lauraceae). Tese de Doutorado. Saint Louis: University of Missouri-Saint Louis.
- Lorea-Hernández, F.G. 2003. Lauraceae. *In*: Wanderley, M. G. L.; Shepherd, G. J.; Giulietti, A. M. & Melhem, T. S. **Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo**. São Paulo: Fapesp: RiMa, v.3. p.149-223.
- Madriñan, S. 2004. Lauraceae: Rhodostemonodaphne. Flora Neotropica Monograph 92: 1-102.
- Mendes, S. L. & Padovan, M. P. 2000. A Estação Biológica de Santa Lúcia, Santa Teresa ES. **Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão** (Nova Série) 11/12: 7-34.
- Mez, C. 1889. Lauraceae Americanae monographice descripsit. **Jahrbuch des Königlichen botanischen Gartens und des botanischen Museums zu Berlin** 5: 1-556.
- MMA. 2002. Projeto de Consolidação da APA e do Parque Goiapaba-Açu. Prefeitura Municipal de Fundão/ Fundo Nacional do Meio Ambiente apud Instituto de Pesquisas da Mata Atlântica (IPEMA). 2005. Conservação da Mata Atlântica no Espírito Santo: Cobertura Florestal e Unidades de Conservação (Programa Centros para a Conservação da Biodiversidade Conservação Internacional do Brasil)/IPEMA. ES: Vitória. IPEMA. 152p.

- Moraes, P.L.R. de. 2005. Lectotypification of names of Brazilian species of *Cryptocarya* (Lauraceae). **Taxon** 54(3): 789-795.
- Moraes, P. L. R. de. 2007. Taxonomy of *Cryptocarya* species of Brazil. **ABC Taxa** 3: 1-191.
- Moraes, P.L.R de; Oliveira, J.M.B; Rizzo, J.A. 2007. Lauraceae Juss. *In Rizzo*, J.A. **Flora dos Estados de Goiás e Tocantins Coleção Rizzo**. Goiânia: Vieira. v.33. 154p.
- Mori, S. A.; Boom, B. M.; Carvalho A. M.; Santos, T. S. 1983. Southern Bahian moist Forest. **The Botanical Review** 49(2): 155-232.
- Myers, N.; Mittermeier, R. A.; Mittermeier, C. G.; Fonseca, G. A. B. & Kent, J. 2000. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature** 403: 853-858.
- Nishida, S. 1999. Revision of *Beilschmiedia* (Lauraceae) in the Neotropics. **Annals of the Missouri Botanical Garden** 86: 657-701.
- Oliveira-Filho, A. T. & Fontes, M. A. L. 2000. Patterns of floristic differentiation among Atlantic forests in southeastern Brazil and the influence of climate. **Biotropica** 32(4b): 793-810.
- Quinet, A. & Andreata, R. H. P. 2002. Lauraceae Jussieu na Reserva Ecológica de Macaé de Cima, município de Nova Friburgo, Rio de Janeiro, Brasil. **Rodriguésia** 53(82): 59-121.
- Quinet, A. 2005. Sinopse taxonômica da família Lauraceae no estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Acta botanica brasilica**. 19(3): 563 572.
- Quinet, A. & Andreata, R. H. P. 2002. Lauraceae Jussieu na Reserva Ecológica de Macaé de Cima, município de Nova Friburgo, Rio de Janeiro, Brasil. **Rodriguésia** 53(82): 59-121.
- Rizzini, C. T. 1979. **Tratado de Fitogeografia do Brasil**. São Paulo: HUCITEC/Ed. USP. v.2. 374p.
- Rohwer, J.G. 1986. Prodromus einer Monographie der Gattung *Ocotea* Aubl. (Lauraceae) sensu lato. **Mitteilungen aus dem Institut für allgemeine Botanik in Hamburg** 20: 1-278.
- Rohwer, J.G. 1988. The genera *Dicypellium, Phyllostemonodaphne, Systemonodaphne* and *Urbanodendron* (Lauraceae). **Botanische Jahrbücher für Pflazengeschichte und Pflanzengeographie** 110: 157 171.
- Rohwer, J.G. 1993a. Lauraceae. *In*: Kubitzki, K.; Rohwer, J.G. & Bittrich, V. **The families and genera of vascular plants. Flowering plants. Dicotyledons**. Berlin: Springer-Verlag. v.2. p.366-391.
- Rohwer, J. G. 1993b. Lauraceae: Nectandra. Flora Neotropica Monograph 60: 1-332.
- Rohwer, J. G. 2000. Toward a phylogenetic classification of the Lauraceae: Evidence from *matK* Sequences. **Systematic Botany** 25(1): 60-71.

- Rohwer, J.G. & Kubitzki, K. 1985. Entwicklungslinien im *Ocotea*-Komplex (Lauraceae). **Botanische Jahrbücher für Pflazengeschichte und Pflanzengeographie** 107: 129-135.
- Ruschi, A. 1950. Fitogeografia do Estado do Espírito Santo. **Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão** (Série Botânica) 1: 1-353.
- Ruschi, A. 1973. Orchidáceas do Estado do Espírito Santo. **Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão** (Série Botânica) 6: 1-42.
- Sobral, M. 2007. A evolução do conhecimento taxonômico das angiospermas no Brasil (1990 2006) e um estudo de caso: a família Myrtaceae no município de Santa Teresa, Espírito Santo. Tese de doutorado. Minas Gerais, Belo Horizonte: UFMG.
- Tabacow, J. 1992. Proposta de Zoneamento Ambiental para o município de Santa Teresa.
   Monografia de Especialização. Vitória: ES apud Mendes, S. L. & Padovan, M. P. 2000. A
   Estação Biológica de Santa Lúcia, Santa Teresa ES. Boletim do Museu de Biologia Mello
   Leitão (Nova Série) 11/12: 7-34.
- Thomaz, L. D. & Monteiro, R. 1997. Composição Florística da Mata Atlântica de encosta da Estação Biológica de Santa Lúcia, município de Santa Teresa-ES. **Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão** (Nova Série) 7: 3-48.
- Vattimo-Gil, I. 1979. Contribuição ao conhecimento da distribuição geográfica das Lauraceae. V. **Rodriguésia** 31(49): 6-8.
- van der Werff, H. 1987. A revision of *Mezilaurus* (Lauraceae). **Annals of the Missouri Botanical Garden** 74: 153-182.
- van der Werff, H. 1991. A new species of Williamodendron (Lauraceae) from southern Brazil. **Novon** 1(1): 6-8.
- van der Werff, H. & Richter, H. G. 1996. Toward an improved classification of Lauraceae. **Annals of the Missouri Botanical Garden** 83: 409-418.
- van der Werff, H. 2001. New taxa and combinations in *Ocotea* (Lauraceae) from Central America. **Novon** 11(4): 501-511.
- van der Werff, H. 2002a. Three new species of *Ocotea* (Lauraceae) from southern Mexico. **Brittonia** 54(3): 145-153.
- van der Werff, H. 2002b. A synopsis of *Persea* (Lauraceae) in Central America. **Novon** 12(4): 575-586.
- van der Werff, H. 2003. New taxa of Lauraceae from South America. Novon 13(3): 337-357.
- van der Werff, H. 2005. New species of *Ocotea* (Lauraceae) from Northern Peru and Ecuador. **Novon** 15(2): 368-378.

- Veloso, H. P. 1992. Sistema fitogeográfico. *In*: IBGE. **Manual técnico da vegetação brasileira**. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 123p.
- Weber, J. Z. 1981. A taxonomic revision of *Cassytha* (Lauraceae) in Australia. **Journal of the Adelaide Botanic Gardens** 3(3): 187-262.

# Ilustrações



Figura 4. Aiouea laevis (Mart.) Kosterm. (Kollmann 2695)

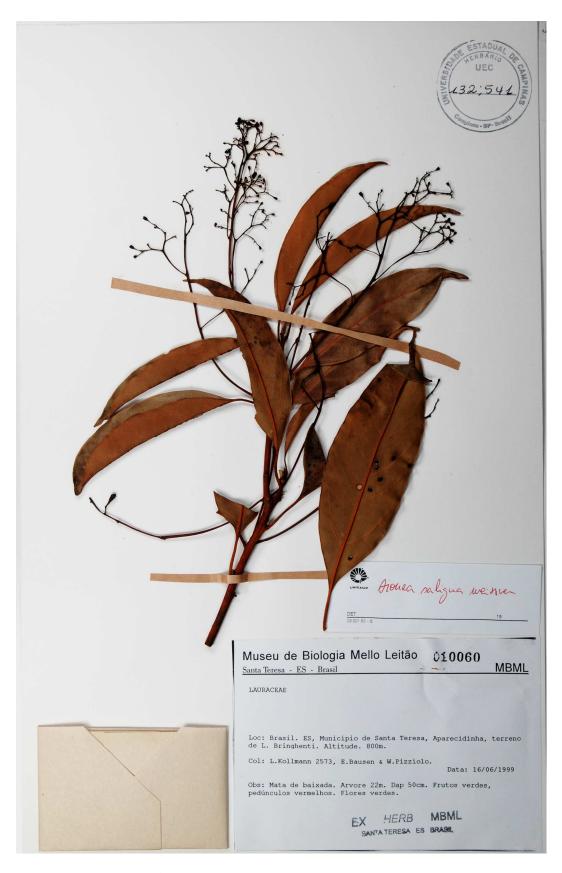


Figura 5. Aiouea saligna Meisn. (Kollmann 2573)

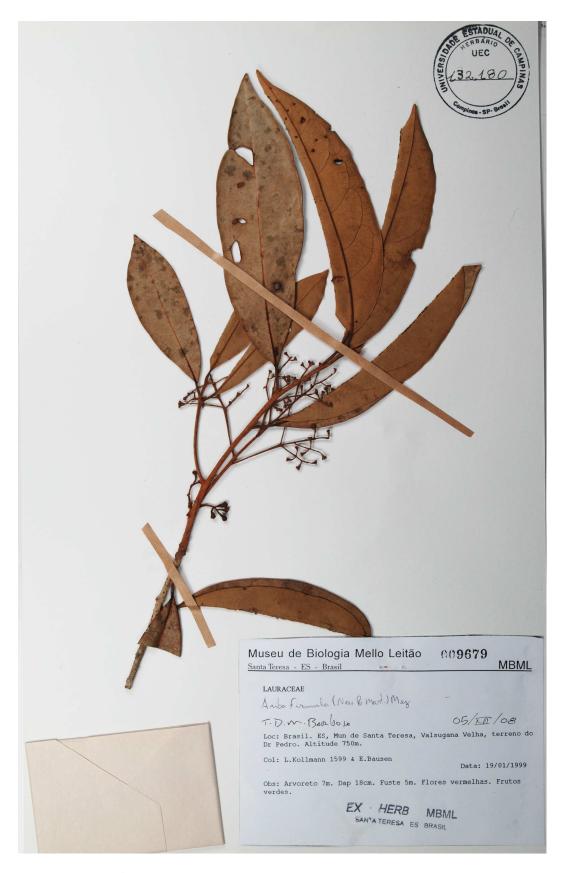


Figura 6. Aniba firmula (Nees & Mart.) Mez (Kollmann 1599)

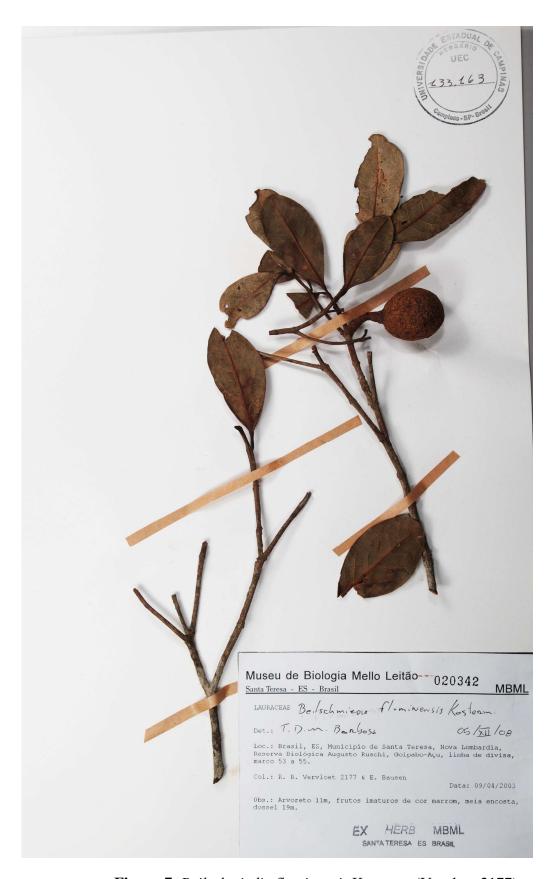


Figura 7. Beilschmiedia fluminensis Kosterm. (Vervloet 2177)



Figura 8. Beilschmiedia linharensis Sa. Nishida & van der Werff (Kollmann 285)



Figura 9. Beilschmiedia taubertiana (Schwacke & Mez) Kosterm. (Kollmann 2093)



Figura 10. Cinnamomum estrellensis (Meisn.) Kosterm. (Kollmann 1781)

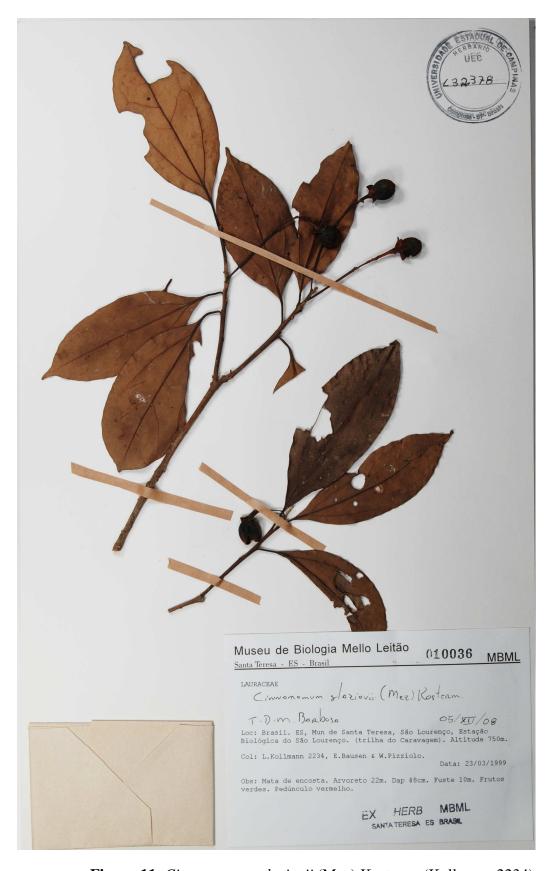


Figura 11. Cinnamomum glaziovii (Mez) Kosterm. (Kollmann 2234)



Figura 12. Cinnamomum riedelianum Kosterm. (Kollmann 2719)

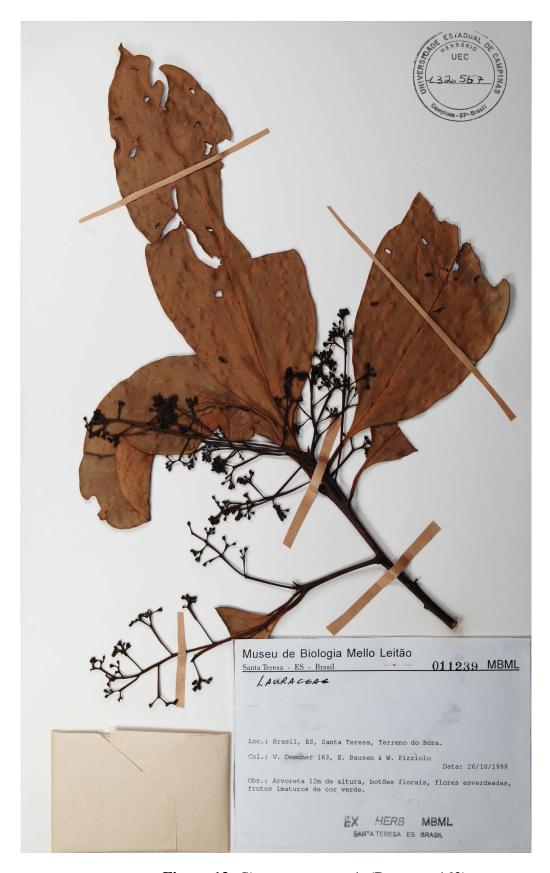


Figura 13. Cinnamomum sp. 1. (Demuner 163)



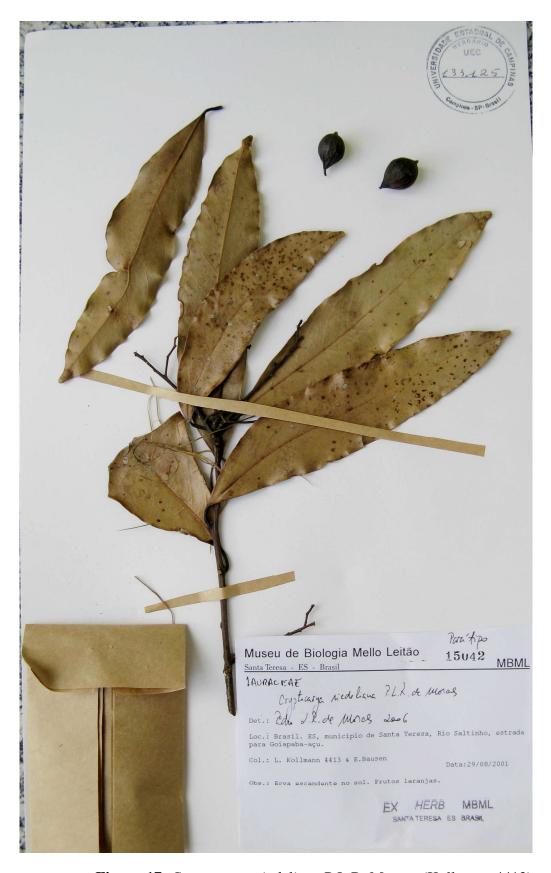
**Figura 14.** Cinnamomum sp. 2 (Kollmann 2000)



**Figura 15.** Cryptocarya aschersoniana Mez (Kollmann 1840)



Figura 16. Cryptocarya micrantha Meisn. (Kollmann 4186)



**Figura 17.** Cryptocarya riedeliana P.L.R. Moraes (Kollmann 4413)

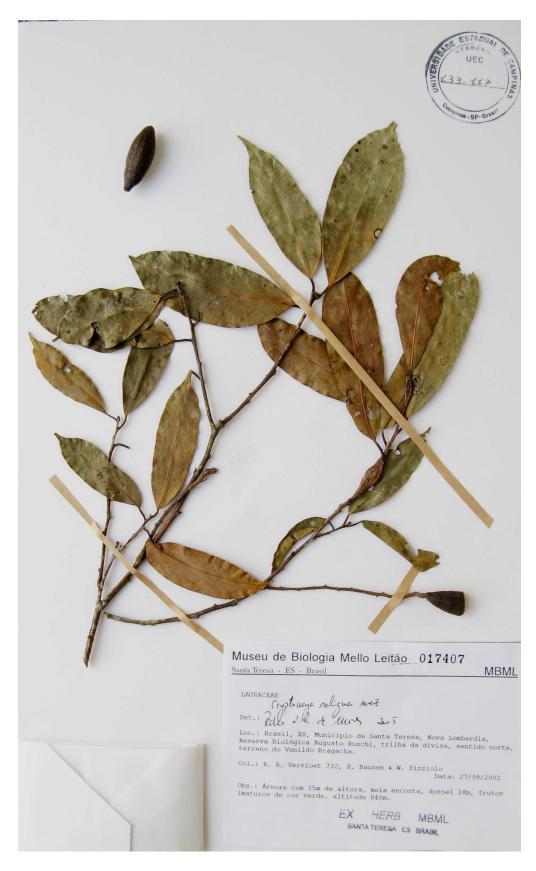


Figura 18. Cryptocarya saligna Mez (Vervloet 732)



Figura 19. Cryptocarya wiedensis P.L.R. Moraes (Kollmann 2464)



Figura 20. Cryptocarya velloziana P.L.R. Moraes



Figura 21. Endlicheria paniculata (Spreng.) J.F. Macbr. (Vervloet 1702)



Figura 22. Licaria bahiana Kurz (Kollmann 1746)

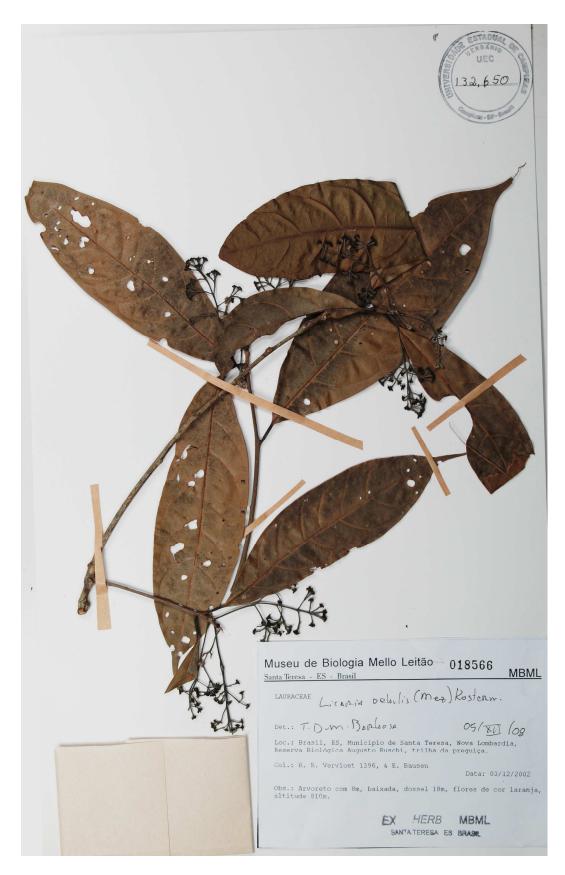


Figura 23. Licaria sp. 1 (Vervloet 1396)



Figura 24. Mezilaurus aff. itauba (Meisn.) Taubert ex Mez (Thomaz 1530)



Figura 25. Nectandra grandiflora Nees & Mart. (Demuner 1586)



Figura 26. Nectandra membranacea (Sw.) Griseb (Kollmann 3565)



Figura 27. Nectandra nitidula Nees (Kollmann 5730)

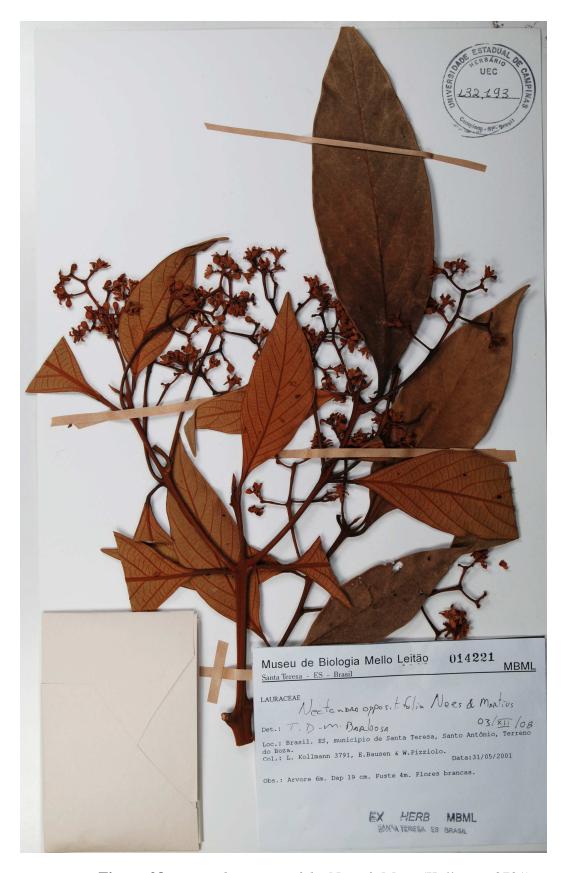


Figura 28. Nectandra oppositifolia Nees & Mart. (Kollmann 3791)

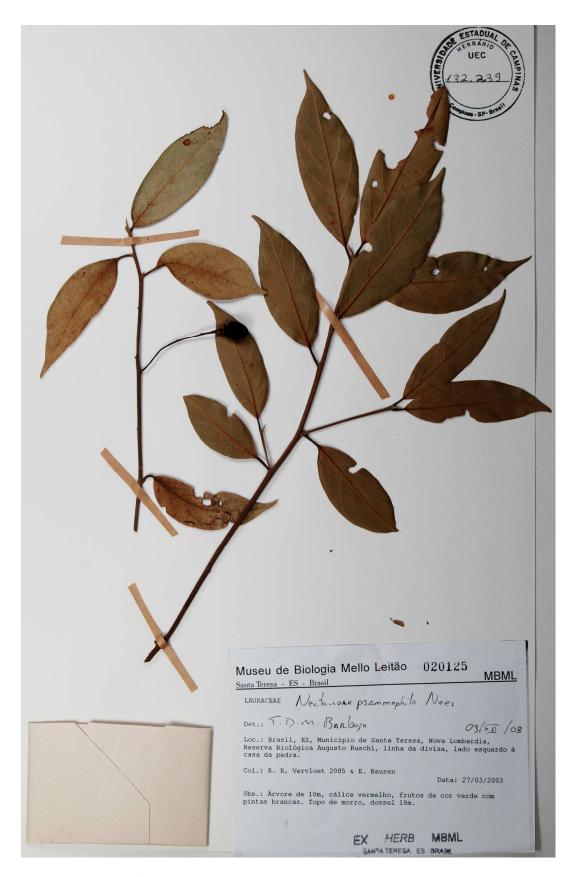


Figura 29. Nectandra psammophila Nees (Vervloet 2085)

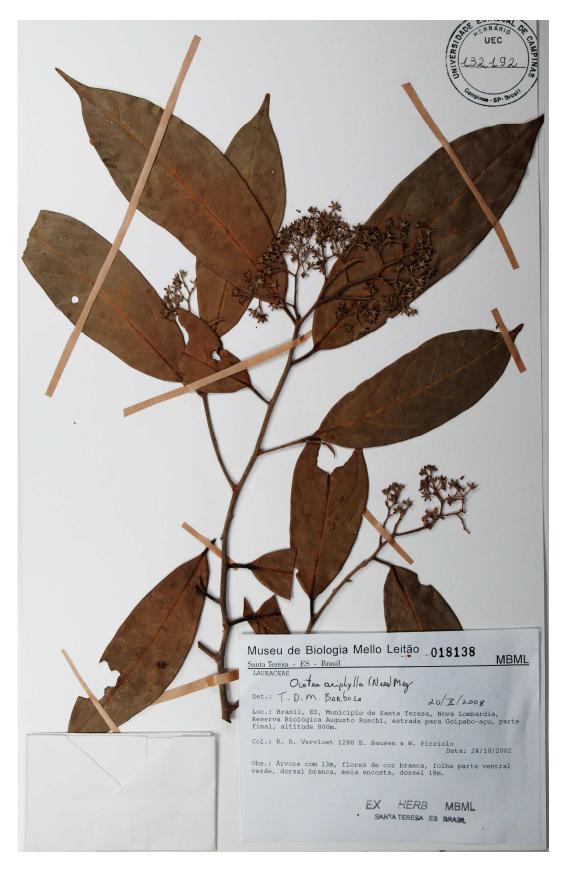


Figura 30. Ocotea aciphylla (Nees) Mez (Vervloet 1280)

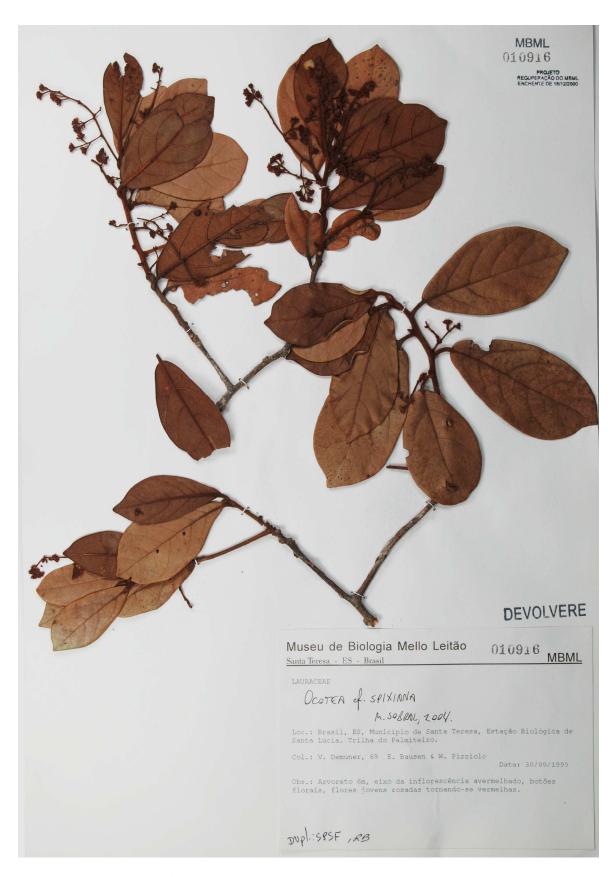


Figura 31. Ocotea argentea Mez (Demuner 69)

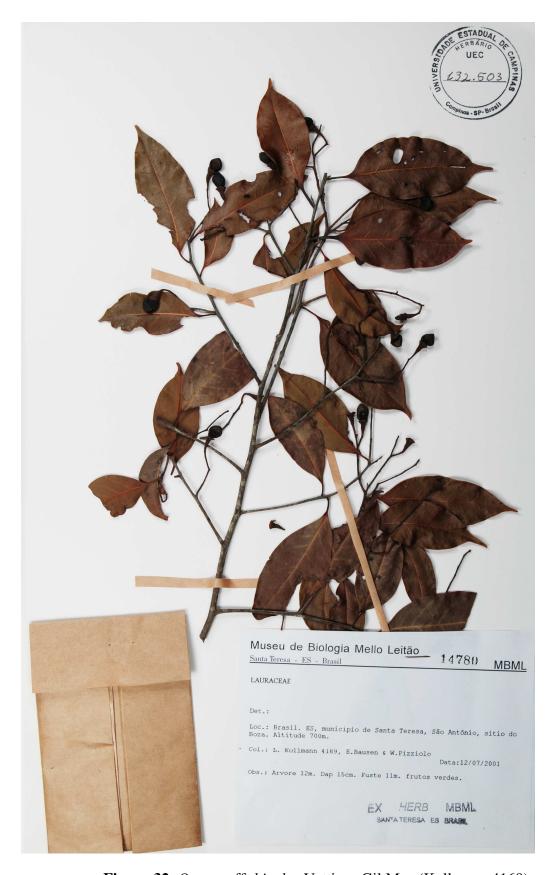


Figura 32. Ocotea aff. bicolor Vattimo-Gil Mez (Kollmann 4169)



Figura 33. Ocotea brachybotra (Meisn.) Mez (Thomaz 1201)



Figura 34. Ocotea catharinensis Mez (Demuner 510)



Figura 35. Ocotea complicata (Meisn.) Mez (Kollmann 1930)



Figura 36. Ocotea cryptocarpa Baitello (Thomaz 1150)



Figura 37. Ocotea daphnifolia (Meisn.) Mez (Kollmann 1556)



Figura 38. Ocotea dispersa (Nees & Mart.) Mez (Kollmann 5067)



Figura 39. Ocotea divaricata (Nees) Mez (Vervloet 166)



Figura 40. Ocotea domatiata Mez (Kollmann 5638)



Figura 41. Ocotea elegans Mez (Kollmann 4768)



Figura 42. Ocotea glauca (Nees) Mez (Vervloet 1737)

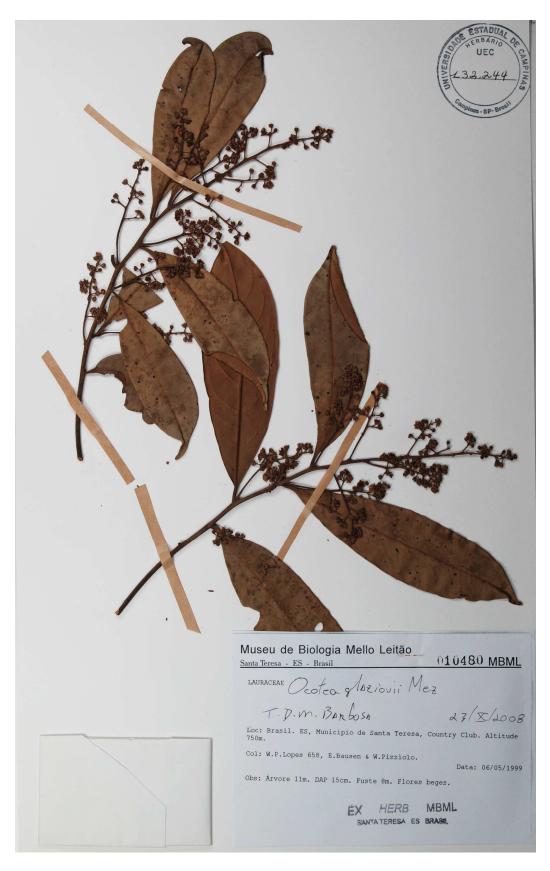


Figura 43. Ocotea glaziovii Mez (Lopes 658)



Figura 44. Ocotea indecora (Schott) Mez (Demuner 945)



Figura 45. Ocotea lancifolia (Schott) Mez (Vervloet 1794)



Figura 46. Ocotea longifolia H.B.K. (Kollmann 6240)



Figura 47. Ocotea magnilimba Kosterm. (Vervloet 1520)

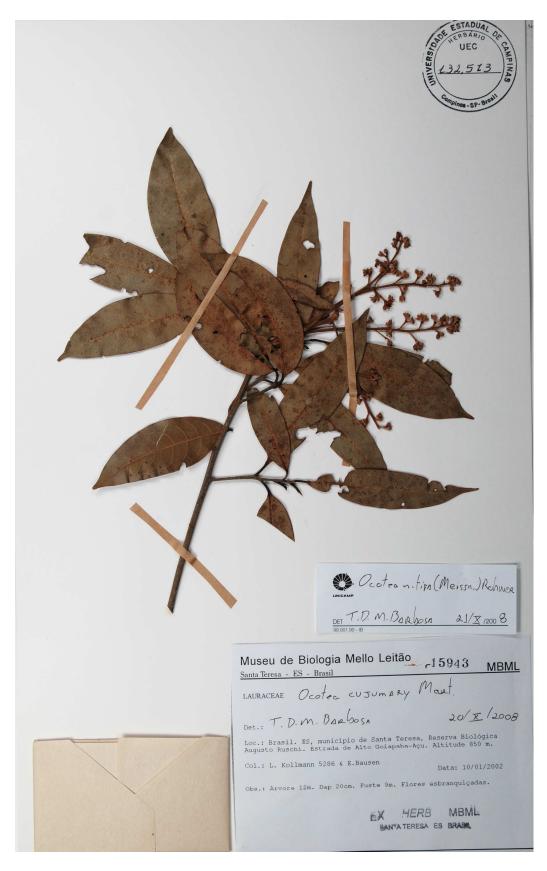


Figura 48. Ocotea nitida (Meisn.) Rohwer (Kollmann 5286)

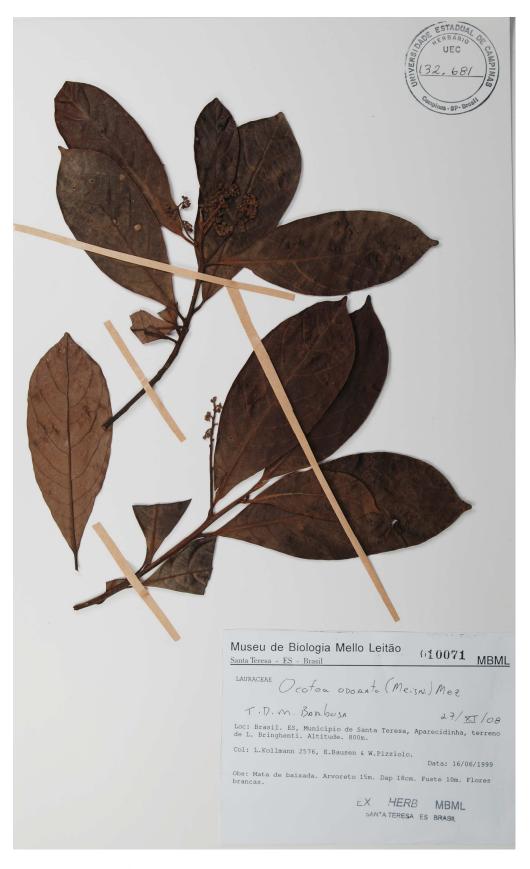


Figura 49. Ocotea odorata (Meisn.) Mez (Kollmann 2576)



Figura 50. Ocotea odorifera (Vell.) Rohwer (Pereira 55)



Figura 51. Ocotea pluridomatiata Quinet (Lopes 621)



Figura 52. Ocotea polyantha (Nees) Mez (Bausen 23)



Figura 53. Ocotea puberula (Rich.) Nees (Kollmann 2469)



Figura 54. Ocotea silvestris Vattimo-Gil (Kollmann 2048)

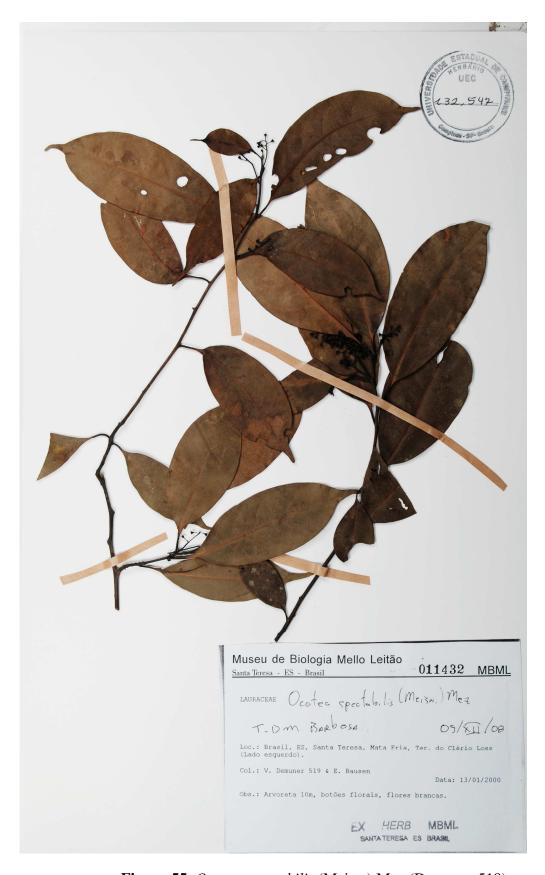


Figura 55. Ocotea spectabilis (Meisn.) Mez (Demuner 519)



Figura 56. Ocotea spixiana (Nees) Mez (Vervloet 2441)



Figura 57. Ocotea teleiandra (Meisn.) Mez (Fernandes 1649)



Figura 58. Ocotea aff. velutina (Nees) Rohwer (Demuner 1464)



Figura 59. Ocotea venulosa (Nees) Baitello (Kollmann 1875)



**Figura 60.** *Ocotea* sp. 1 (Demuner 334)



**Figura 61.** *Ocotea* sp. 2 (Demuner 1169)



**Figura 62.** *Ocotea* sp. 3 (Vervloet 1810)



**Figura 63.** *Ocotea* sp. 4 (Vervloet 1169)



**Figura 64.** *Ocotea* sp. 5 (Boone 1330)



**Figura 65.** *Ocotea* sp. 6 (Lopes 634)

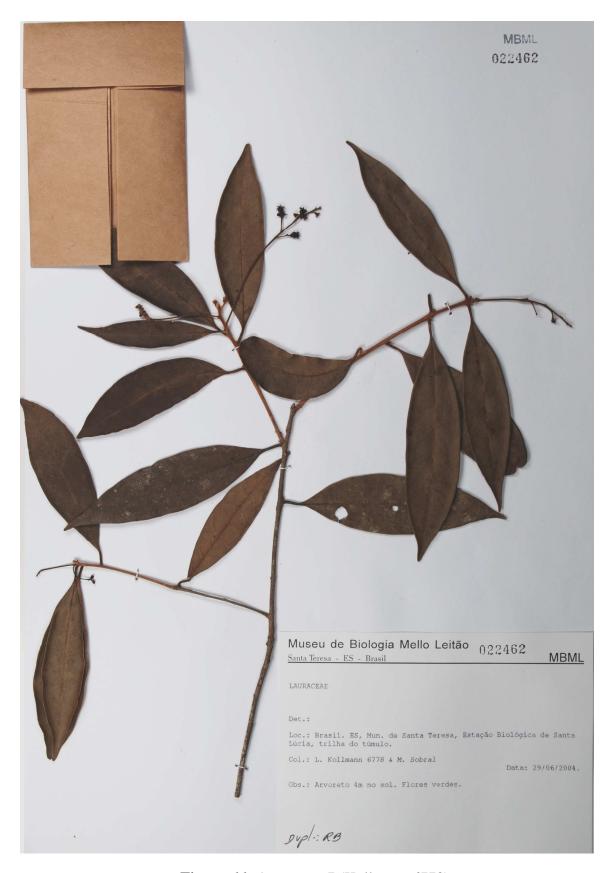
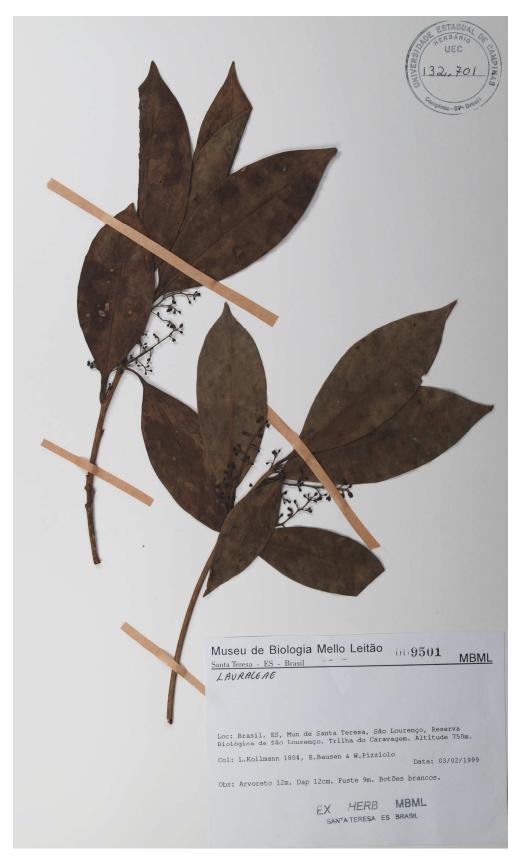


Figura 66. Ocotea sp. 7 (Kollmann 6778)



**Figura 67.** *Ocotea* sp. 8 (Kollmann 7097)



**Figura 68.** *Ocotea* sp. 9 (Kollmann 1804)



Figura 69. Persea alba Nees & Mart. (Kollmann 5934)



Figura 70. Persea caesia Meisn. (Vervloet 1615)



Figura 71. Persea major (Nees) L.E. Kopp (Vervloet 915)



Figura 72. Persea rufotomentosa Nees & Mart. (Vervloet 2081)



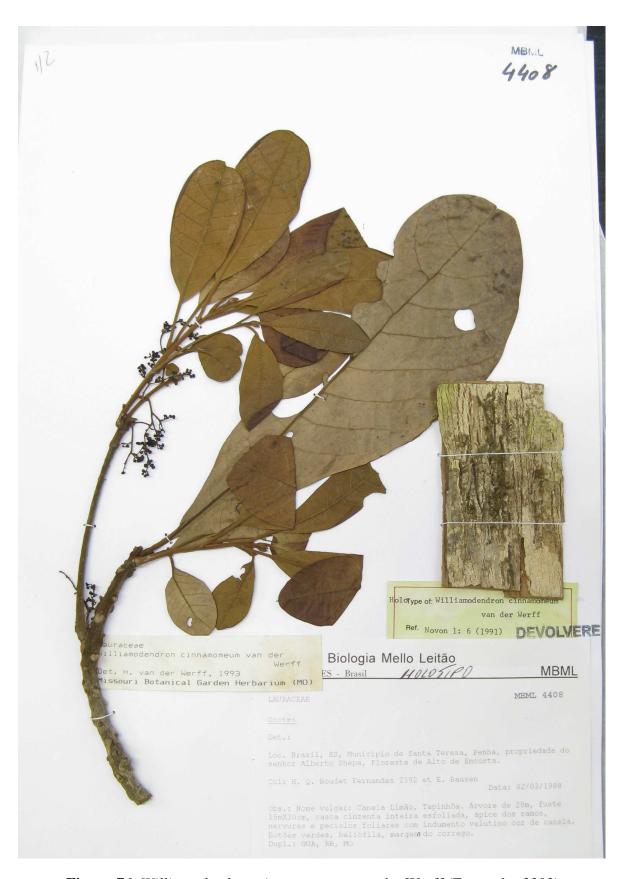
**Figura 73.** *Persea* sp. (Demuner 64)



**Figura 74.** *Phyllostemonodaphne geminiflora* (Mez) Kosterm. (Demuner 422)



**Figura 75.** *Rhodostemonodaphne macrocalyx* (Meisn.) Rohwer ex Madriñan (Kollmann 2057)



**Figura 76.** Williamodendron cinnamomeum van der Werff (Fernandes 2392)